



**FARÓIS DA EDUCAÇÃO E OS DESAFIOS
DA FORMAÇÃO DE LEITORES NO MARANHÃO**



CRISTIANE DIAS MARTINS DA COSTA

**FARÓIS DA EDUCAÇÃO E OS DESAFIOS DA FORMAÇÃO DE LEITORES NO
MARANHÃO**

Trabalho final de doutorado apresentado ao Programa de Pós-graduação em Educação: Conhecimento e Inclusão Social da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais.

Orientadora: Profa. Dra. Aparecida Paiva

Linha de pesquisa: Educação e Linguagem

Belo Horizonte

2013

COSTA, Cristiane Dias Martins da.

216 f., enc.: il.

Faróis da Educação e os desafios da formação de leitores no Maranhão [manuscrito] / Cristiane Dias Martins da Costa – 2013.

Orientadora: Aparecida Paiva

Tese (doutorado) – Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Educação.

Bibliografia: f. 178 - 188

1. Farol da Educação - 2. Formação de Leitores - 3. Mediação da Leitura – Teses

I. Paiva. Aparecida. II. Universidade Federal de Minas Gerais. Faculdade de Educação. III. Doutora.

Tese intitulada: “FARÓIS DA EDUCAÇÃO E OS DESAFIOS DA FORMAÇÃO DE LEITORES NO MARANHÃO”, de autoria da doutoranda Cristiane Dias Martins da Costa, analisada pela banca examinadora constituída pelos seguintes professores:

Prof^ª. Dr^ª. Aparecida Paiva – FaE/UFMG – Orientadora

Prof^ª. Dr^ª. Isabel Ibarra Cabrera – UFMA

Prof. Dr. Hércules Toledo Corrêa – UFOP

Prof^ª. Dr^ª. Maria Zélia Versiani Machado – FaE/UFMG

Prof^ª. Dr^ª. Maria Lúcia Castanheira – FaE/UFMG

Prof^ª. Dr^ª. Paula Cristina de Almeida Rodrigues – Estácio de Sá – Suplente

Prof^ª. Dr^ª. Francisca Izabel Pereira Maciel – FaE/UFMG – Suplente

Belo Horizonte, 30 de julho de 2013

RESUMO

Esta pesquisa investiga práticas de leitura e formação de leitores no contexto de espaços públicos de leitura designados “Faróis da Educação”. Esses espaços são resultantes do projeto “Farol da Educação: uma alternativa para as bibliotecas escolares”, e foram implantados pelo estado do Maranhão, a partir do ano 1997. O projeto foi inspirado na experiência “Farol do Saber”, desenvolvida pela cidade de Curitiba, no estado do Paraná. O objetivo principal do estudo foi lançar luz sobre essa experiência em curso, em uma perspectiva analítica e crítica, problematizando o papel desses espaços na formação de leitores. Os seis Faróis da Educação da Unidade Regional de Codó compõem o *corpus* deste trabalho, sendo que o Farol do município de Codó foi escolhido para a verticalização do estudo. A pesquisa está alicerçada em dois procedimentos metodológicos: na abordagem quantitativa, por meio de mapeamento realizado nos seis Faróis da Educação; e na abordagem qualitativa, através da identificação e análise das práticas de leitura de seis leitores assíduos do Farol da Educação de Codó. O apoio teórico da investigação ancora-se em estudiosos do campo da leitura e da formação de leitores, e nos estudos sobre bibliotecas públicas e escolares. Através da pesquisa, constatou-se a importância dos “Faróis da Educação” para a realidade maranhense, onde eles existem e funcionam, sendo que, em alguns casos, eles constituem o único espaço de leitura da cidade. Entretanto, diante dos dados levantados nos Faróis investigados, ressalta-se a necessidade de um maior acompanhamento dos mesmos, além de maior apoio financeiro e mais recursos humanos, para que se possa melhorar a estrutura física, o acervo, a capacitação dos profissionais que neles atuam, possibilitando, assim, oferecer, além do apoio à pesquisa escolar, atividades que proporcionem a formação de leitores.

Palavras chaves: Farol da Educação, Formação de Leitores, Mediação da Leitura

ABSTRACT

This research investigates reading practices and development of readers in the context of specific public places for reading, named *Faróis da Educação* (Lighthouses of Education), which resulted from the project *Farol da Educação: uma alternativa para as bibliotecas escolares* (Lighthouses of Education: an alternative to school libraries). The implementation of *Faróis da Educação* started in 1997 and was carried out by the government of Maranhão, a northeastern state of Brazil. The Project was based on another initiative, the so-called *Faróis do Saber* (Lighthouses of knowledge), developed in Curitiba, the capital of Brazilian southern state of Paraná. The main purpose of the study is to shed light on this ongoing program in Maranhão, from an analytical and critical perspective, and questioning the role of these spaces in the development of readers. Six *Faróis da Educação* located in the Regional Unit of Codó, in Maranhão, constitute the *corpus* of the research; among them, the *Farol* in the municipality of Codó was chosen for a deeper study. The research is grounded in two methodological procedures: quantitative approach, by mapping the six *Faróis da Educação*; and qualitative approach, by identifying and analyzing reading practices of six assiduous readers at *Farol* of Codó. Theoretical support came from scholars in the field of reading and development of readers, and from studies on public and school libraries. This research has corroborated the importance of *Faróis da Educação* to the context where they exist and operate; in some cases, they are the only reading spaces in town. However, taking into account data found about the *Faróis*, it becomes clear that they need more attention and monitoring, greater financial support and more human resources, so that it becomes possible to: improve their physical structure and their collection, and offer professional training to their employees. This way, they will be able to – besides giving support to school research – offer activities that provide development of readers.

Keywords: Farol da Educação (Lighthouse of Education); development of readers; reading mediation

**DEDICO ESTE TRABALHO A TODOS E A TODAS QUE
ACREDITAM NO PODER DA LEITURA E DÃO LUZES PARA OS
FARÓIS DA EDUCAÇÃO DO MARANHÃO.**

AGRADECIMENTOS

Muito especialmente, desejo agradecer a minha orientadora, Aparecida Paiva, pela sua disponibilidade, atenção dispensada, paciência, dedicação, profissionalismo e amizade. O seu reencontro durante o caminho foi de extrema importância para o meu processo. Muito Obrigada!,

Ao meu amado companheiro, José Carlos Aragão, pelo apoio incondicional. Obrigada pelo companheirismo, amizade e pelo amor construído. Agradeço às suas minuciosas leituras que contribuíram de forma esclarecedora e encantadora com este trabalho. Obrigada por me acolher na sua família! Agradeço também o carinho recebido pelos seus filhos Maísa, Júnior, Lenora e Ezio, e por toda sua família.

Aos meus queridos pais, Márcia e Antônio, pelo amor eterno. Obrigada por acreditarem nos meus sonhos e por sempre estarem ao meu lado. Foi graça a vocês que cheguei até aqui!

Aos meus irmãos Luciana, Bruno e Mauro pelo carinho sempre presente, amo muito vocês!. Lu, obrigada pela linda e sincera amizade.

À minha vovó amada, peço desculpas pela ausência ao longo desses três anos que estou no Maranhão. E ao meu querido vovô, tenho a dizer que sinto muito, muito mesmo, a sua falta.

Aos meus tios e primas que me acompanharam durante esta longa jornada.

Aos amigos e familiares, Augusto, Henrique, Nara, Débora, Livia, Vivi e Ana pela amizade e compreensão nas ausências. Acrescento um carinho especial aos amigos Gustavo, Rafa, Bruna, Aline, Herbert, Gabriela, Bill, Bob e Fernanda que através do “WhatsApp” nos mantivemos em contato.

Às queridas amigas, que sempre estiveram ao meu lado, Bruna, Kênya, Iara e em especial a Mariana que fez da nossa distância um detalhe a parte.

Às colegas e amigas da UFMG, Fernanda, Daniela, Elaine, Paula, Crisley, Juliana, Flávia, Ana Paula e Marta que me acompanham desde a graduação/mestrado. Obrigada pelo apoio!

À Sandra e toda sua família pela amizade e o acolhimento no Maranhão. Agradeço o carinho dos seus filhos Soraia, Seane e Ricardo.

Aos amigos Isabel e Ricley e suas amadas filhas, Marina e Beatriz. Agradeço todo apoio e a amizade.

A todos os professores e funcionários da UFMG que tanto contribuíram com a minha formação acadêmica, em especial a Rose e a Dani da pós-graduação.

A toda equipe da UFMA, Campus Codó, que tanto contribuiu para o meu crescimento pessoal, profissional e acadêmico. Agradeço aos técnicos administrativos, funcionários da limpeza e da segurança.

Aos companheiros de trabalho Alex, Rodrigo, Paulo, Clara, Joelma, Inaldo, Jascira, Suly, Maria da Guia, Anne, Flávio, Ana, Marcella, Tatiana, Luciano, Leonardo, Wallace, Rosivaldo e, em especial as amigas Ilka e Elisângela, estendendo à sua mãe Nazaré, obrigada pela amizade.

Aos discentes da UFMA do Campus Codó pela compreensão durante as ausências, principalmente aos bolsistas dos projetos de extensão desenvolvidos.

A todas as pessoas que me concederam entrevistas. Sem suas contribuições esta pesquisa ficaria inviável. Assim sintam incluídos todos os funcionários entrevistados do Farol de Codó, Farol de Coroatá, Farol de Timbiras, Farol de Peritoró, Farol de São Mateus, além das pessoas que trabalharam e trabalham na equipe gestora do projeto Farol da Educação em São Luís.

Aos/as professores/as da banca examinadora, Hércules Toledo, Francisca Maciel e Paula Cristina, em particular às professoras Isabel Ibarra, Zélia Versiani que tanto contribuíram durante o exame de qualificação, fazendo reflexões acerca do objeto pesquisado, e à professora Maria Lúcia Castanheira pela oportunidade de entrar no programa de pós-graduação e acreditar no meu potencial.

À Juliana Galvão e a Márcia Guimarães pelo trabalho de revisão.

À todas as pessoas que estiveram ao meu lado apoiando, incentivando e acreditando em mim, que agora não faço justiça citando seus nomes, recebam meu sincero muito obrigada!

À fé que me permite alçar voos incalculáveis.

“O que é uma biblioteca sem leitores? Um depósito tão inútil quanto um livro à espera de seu leitor. Uma alma morta visto que separada do corpo e afastada dessa unidade tão vigorosamente descrita por Descartes. Aqui como um navio sem passageiros e para sempre atracado, que acaba por se desintegrar sob os esforços conjugados da água, do vento, do sal e da fauna marinha...”

LISTA DE GRÁFICOS

GRÁFICO 1 - Escolas públicas de Codó.....	70
GRÁFICO 2 - Escolas particulares de Codó.....	70
GRÁFICO 3 - Escolas públicas de Timbiras.....	74
GRÁFICO 4 - Escolas particulares de Timbiras.....	74
GRÁFICO 5 - Escolas públicas de Coroatá.....	77
GRÁFICO 6 - Escolas particulares de Coroatá.....	77
GRÁFICO 7 - Escolas públicas de Peritoró.....	80
GRÁFICO 8 - Escolas públicas de São Mateus.....	82
GRÁFICO 9 - Escolas particulares de São Mateus.....	82
GRÁFICO 10 - Escolas públicas de Alto Alegre.....	85
GRÁFICO 11 - Estatísticas de frequência dos Faróis.....	106
GRÁFICO 12 - Frequência anual de visitantes por Farol.....	107
GRÁFICO 13 - Estatísticas de consulta dos Faróis nos anos de 2011 e 2012.....	108
GRÁFICO 14 - Estatísticas de consulta dos Faróis em 2012.....	109
GRÁFICO 15 - Formação dos auxiliares dos Faróis em 2012.....	114
GRÁFICO 16 - Formação dos auxiliares dos Faróis em 2013.....	114
GRÁFICO 17 - Participação pelos funcionários dos Faróis em atividades de capacitação	115
GRÁFICO 18 - Tempo de serviço dos auxiliares dos Faróis.....	116
GRÁFICO 19 – Quem mais influenciou os leitores a ler (%).....	146
GRÁFICO 20 – Lugares onde costumam ler livros (%).....	151
GRÁFICO 21 – Gêneros que costumam ler (%).....	153

LISTA DE TABELAS

TABELA 1 - Municípios brasileiros com pelo menos uma biblioteca pública municipal...	45
TABELA 2 - Relação das escolas e dos espaços de leitura do município de Codó.....	69
TABELA 3 - Relação das escolas e dos espaços de leitura do município de Timbiras.....	73

TABELA 4 - Relação das escolas e dos espaços de leitura do município de Coroatá.....	76
TABELA 5 - Relação das escolas e dos espaços de leitura do município de Peritoró.....	79
TABELA 6 - Relação das escolas e dos espaços de leitura do município de São Mateus...	82
TABELA 7 - Relação das escolas e dos espaços de leitura do município de Alto Alegre...	84
TABELA 8 - Relação de cores com os gêneros textuais.....	103
TABELA 9 - Horário de funcionamento e relação dos funcionários dos Farol.....	112
TABELA 10 – Dados sobre as aquisições do Farol, a partir dos cadernos de registro.....	139
TABELA 11 – Estatística de consultas do Farol de Codó.....	141

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

FOTO 1 - Casas do km17 na estrada para Codó.....	17
FOTO 2 - Farol Alto Alegre.....	17
FOTO 3 - Escola Família Agrícola Irmã Rita Loren Wicklein.....	52
FOTO 4 - Centro de Formação por Alternância Ana Moreira.....	52
FOTO 5 - Escola Municipal Ananias Murad.....	53
FOTO 6 - Centro Educacional Colares Moreira.....	53
FOTO 7 - Escola Municipal Pica Pau.....	54
FOTO 8 - Escola Municipal Raimundo Gomes.....	54
FOTO 9 - Unidade Integrada Renê Bayma.....	56
FOTO 10 - Escola Municipal São José.....	56
FOTO 11 - Jardim Comunitário Santa Rita.....	57
FOTO 12 - Escola Municipal Osalina Zaidann.....	57
FOTO 13 - Creche Casulo.....	57
FOTO 14 - Escola Municipal Edison Lobão.....	57
FOTO 15 - Escola Municipal São Tarcísio.....	57
FOTO 16 – Escola Municipal Maria Alice Machado.....	57
FOTO 17 - Escola Municipal Padre José de Freitas.....	58
FOTO 18 - Escola Municipal Sagrado Coração de Jesus.....	58

FOTO 19 - Biblioteca Pública de Codó.....	71
FOTO 20 - Sala de Informática da Biblioteca Pública de Codó.....	71
FOTO 21 - Sala de Literatura Infantil da Biblioteca Pública de Codó.....	71
FOTO 22 - Sala de Estudo da Biblioteca Pública de Codó.....	71
FOTO 23 - Indústria de Conhecimento de Codó.....	71
FOTO 24 - Espaço de Estudo e Pesquisa da Indústria de Conhecimento de Codó.....	71
FOTO 25 - Espaço de Informática da Indústria de Conhecimento de Codó.....	72
FOTO 26 - Espaço da Literatura Infantil da Indústria de Conhecimento de Codó.....	72
FOTO 27 - Farol de Educação de Codó.....	73
FOTO 28 - Espaço interno do Farol de Codó.....	73
FOTO 29 - Farol de Educação de Timbiras.....	75
FOTO 30 - Espaço interno do Farol de Timbiras.....	75
FOTO 31 - Biblioteca Pública de Coroatá.....	78
FOTO 32 - Espaço interno da Biblioteca Pública de Coroatá.....	78
FOTO 33 - Farol da Educação de Coroatá.....	79
FOTO 34 - Espaço interno do Farol de Coroatá.....	79
FOTO 35 - Farol da Educação de Peritoró.....	80
FOTO 36 - Espaço interno do Farol de Peritoró.....	80
FOTO 37 - Biblioteca Pública de Peritoró.....	81
FOTO 38 - Farol da Educação de São Mateus.....	83
FOTO 39 - Espaço interno do Farol de São Mateus.....	83
FOTO 40 - Biblioteca Pública de São Mateus.....	84
FOTO 41 - Espaço interno da Biblioteca Pública de São Mateus.....	84
FOTO 42 - Biblioteca Pública de Alto Alegre.....	86
FOTO 43 - Espaço interno da Biblioteca Pública de Alto Alegre.....	86
FOTO 44 e 45 - Farol da Educação de Alto Alegre em 2011.....	86
FOTO 46 - Farol da Educação de Alto Alegre em 2013.....	87
FOTO 47 - Espaço interno do Farol de Alto Alegre.....	87
FOTO 48 - Farol de Alexandria.....	89
FOTO 49 - Farol do Saber.....	89
FOTO 50 - Farol da Educação.....	89

FOTO 51 - Farol do Saber de Curitiba.....	92
FOTO 52 - Espaço interno do Farol do Saber.....	92
FOTO 53 - Cantinho da leitura do Farol do Saber.....	92
FOTO 54 - Farol do Saber.....	92
FOTO 55 - Espaço interno do Farol (1º piso).....	92
FOTO 56 - Espaço interno do Farol (2º piso).....	92
FOTO 57 - Farol do Bosque do Alemão.....	93
FOTO 58 - Farol da Praça do Japão.....	93
FOTO 59 - Farol da Mesquita Iman Ali ibn Abi Tálib.....	93
FOTO 60 - Farol Coroatá.....	101
FOTO 61 - Farol de Peritoró.....	101
FOTO 62 - Farol de Timbiras.....	101
FOTO 63 - Farol de Codó.....	101
FOTO 64 - Farol de São Mateus (1º piso).....	101
FOTO 65 - Farol de São Mateus (2º piso).....	101
FIGURA 1 – Circuito do livro nos Faróis da Educação.....	133
FOTO 66 - Placa de inauguração do Farol de Codó.....	134
FOTO 67 - Fachada do Farol de Codó.....	136
FOTO 68 - Fachada do Farol de São Mateus.....	136
FOTO 69 - Espaço interno do Farol (1º piso).....	137
FOTO 70 - Visão geral do Farol (2º piso).....	137
FIGURA 2 - Planta baixa do Farol de Educação de Codó.....	138
FOTOS 71 e 72 – Estantes do Farol de Codó.....	140
FOTO 73 – Sala de leitura da escola municipal Governador Archer.....	142
FOTO 74 – Espaço interno da sala de leitura da escola municipal Governador Archer.....	142
FOTO 75 – Biblioteca móvel no chão da garagem da profª. Ana Cláudia.....	158
FOTOS 76, 77 E 78– Estantes e caixas de livros distribuídas pela casa da profª. Ana Cláudia.....	158
FOTOS 79 e 80 – Atividade realizada com os livros de poesia pela profª. Ana Cláudia no Farol.....	163

LISTA DE SIGLAS

ABRELIVROS - Associação Brasileira de Editores de Livros
CBL - Câmara Brasileira do Livro
CEALE - Centro de Alfabetização, Leitura e Escrita
CIBRAZEN - Companhia Brasileira de Armazenamento
CNA - Confederação Nacional da Agricultura
CSLLL - Câmara Setorial do Livro e Leitura
EJA - Educação de Jovens e Adultos
ENEM - Exame Nacional do Ensino Médio
FAE - Faculdade de Educação
FAPEMA - Fundação de Amparo à Pesquisa e Desenvolvimento Científico do Maranhão
FBN - Fundação Biblioteca Nacional
FNDE - Fundo Nacional para o Desenvolvimento da Educação
FNLIJ - Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil
GPELL - Grupo de Pesquisa do Letramento Literário
IBBY - International Board on Books for Young People
IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
IBOPE - Instituto Brasileiro de Opinião Pública e Estatística
IDEB - Índice de Desenvolvimento do Ensino Básico
IDH - Índice de Desenvolvimento Humano
IFMA - Instituto Federal do Maranhão
INEP - Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira
INL - Instituto Nacional do Livro
LIBES - Literatura Brasileira em Biblioteca Escolar
MEC - Ministério da Educação
MINC - Ministério da Cultura
ONU - Organização das Nações Unidas
OSCIP - Organização Social e Civil de Interesse Público
PISA - Programme for International Student Assessment
PNBE - Programa Nacional de Biblioteca da Escola
PNLL - Programa Nacional do Livro da Leitura
PROLER - Programa Nacional de Incentivo à Leitura
SEDUC - Secretaria de Estado da Educação
SESI - Serviço Social da Indústria
SINFRA - Secretaria de Estado de Infraestrutura
SNEL - Sindicato Nacional de Editores de Livros
UFMA - Universidade Federal do Maranhão
UFMG - Universidade Federal de Minas Gerais
UNESCO - United Nations Educational, Scientific and Cultural Organization
URE - Unidade Regional de Educação

SUMÁRIO

FAROL DA EDUCAÇÃO: INÍCIO DE UMA CONVERSA.....	17
CAPÍTULO 1 – APONTAMENTOS INICIAIS SOBRE BIBLIOTECAS COMO ESPAÇOS PÚBLICOS DE LEITURA.....	35
CAPÍTULO 2 – LEITURA DOS FARÓIS.....	63
2.1 ALINHAVANDO OS PONTOS DA PESQUISA.....	63
2.2 CENÁRIOS DA PESQUISA.....	68
2.2.1 CODÓ.....	68
2.2.2 TIMBIRAS.....	73
2.2.3 COROATÁ.....	76
2.2.4 PERITORÓ.....	79
2.2.5 SÃO MATEUS.....	81
2.2.6 ALTO ALEGRE DO MARANHÃO.....	84
2.3 FAROL DO SABER.....	89
CAPÍTULO 3 – PRÁTICAS DE LEITURA OU LEITURA DAS PRÁTICAS?.....	98
3.1 FARÓIS DA EDUCAÇÃO.....	98
3.2 INFRAESTRUTURA	100
3.3 LEITORES.....	105
3.4 MEDIADORES.....	110
3.5 LEITURA DAS PRÁTICAS.....	117
3.5.1 LEITURA ESCOLARIZADA.....	118
3.5.2 LEITURA INFORMATIVA.....	121
3.5.3 LEITURA LITERÁRIA.....	123
3.6 FORMAÇÃO DE LEITORES.....	130

CAPÍTULO 4 - LUZES NO FAROL.....	134
4.1 O FAROL PROFESSORA CARMEM PALÁCIO LAGO.....	134
4.2 LEITORES ASSÍDUOS: OS PIOLHOS DE FAROL	143
4.3 A PROFESSORA MEDIADORA.....	157
REVISITANTO A PAISAGEM: FARÓIS DA EDUCAÇÃO.....	168
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	178
ANEXOS	
1 - ROTEIRO ENTREVISTA SUPERVISORES FARÓIS.....	189
2 - ROTEIRO ENTREVISTA AUXILIARES FARÓIS.....	193
3 - FORMULÁRIO ESCOLAS PÚBLICAS DE CODÓ COM BIBLIOTECA E/OU SALA DE LEITURA.....	196
4 - FORMULÁRIO ESCOLAS PÚBLICAS DE CODÓ SEM BIBLIOTECA E/OU SALA DE LEITURA.....	200
5 - ROTEIRO ENTREVISTA LEITORES DE CODÓ.....	204
6 – ROTEIRO ENTREVISTA PROFESSORA DE CODÓ.....	205
7 - ROTEIRO ENTREVISTA COORDENAÇÃO DOS FARÓIS.....	207
8 – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE ESCLARECIDO DOS/AS PARTICIPANTES DA PESQUISA.	216

FAROL CODOENSE

Um Farol é um lugar
Onde expiram e
Inspiram palavras.

Palavras tão doces, palavras
Amargas palavras, palavras
Sempre palavras...

Farol que me cedes,
Farol que me doa,
Livros tão mágicos
Em que me fazes
Uma pessoa tão boa.

Aqui no Maranhão,
Aqui em Codó,
Farol da Educação
Meu amor maior.

Ana Vitória
(aluna do IFMA de Codó)

FAROL DA EDUCAÇÃO: INÍCIO DA CONVERSA

As bibliotecas Farol da Educação, no Maranhão, sempre atraíram o meu olhar e a minha atenção. Acredito que a sua estrutura física foi o primeiro motivo para isso, pois ao longo da viagem de 290 km (São Luís – Codó), onde várias cidades são cortadas pela BR 135 e pela BR 316, e a paisagem predominante é de casas simples – feitas de palha ou tijolos aparentes –, de repente se pode visualizar um farol (literalmente) de cores fortes, que se destaca da paisagem local. É realmente algo extraordinário, que prende o olhar de qualquer recém-chegado ao estado.



Foto 1 - Casas do km17 na estrada para Codó¹



Foto 2 - Farol Alto Alegre

O segundo fator instigante foi descobrir que se tratava de uma biblioteca. Nesse instante, várias questões foram levantadas: a ideia de construir um farol estaria relacionada à intenção de iluminar a comunidade através da leitura? Quem realizou o projeto? Em quantas cidades os faróis estariam presentes? Por que não se observava movimento de pessoas perto dos faróis? Como funcionavam? Quem eram os seus leitores e seus mediadores?

Para realizar essa investigação, que tem como objeto de estudo a formação de leitores, foi relevante a minha trajetória como estudante do curso de Pedagogia² e como professora, pois essas experiências sempre me despertaram diversas indagações sobre a importância da mediação para a formação de leitores. Além disso, a minha inserção no programa de Pós-Graduação da Faculdade de Educação da UFMG possibilitou a minha participação no Grupo de Pesquisa do Letramento Literário (GPELL) do Centro de Alfabetização, Leitura e Escrita – CEALE. Nesse grupo, diversas temáticas sobre a formação de leitores literários estão sendo

¹Todas as fotos deste trabalho foram feitas pela pesquisadora Cristiane Dias Martins da Costa e/ou pelo pesquisador José Carlos Aragão Silva.

²Concluí minha Graduação em Pedagogia no final do primeiro semestre do ano de 2006, na Universidade Federal de Minas Gerais – UFMG.

estudadas, pesquisadas, o que fez com que, pelo oitavo ano consecutivo (2006 a 2013), o GPELL realizasse a avaliação e a seleção dos livros de literatura que foram distribuídos pelo MEC através do Programa Nacional Biblioteca da Escola³ (PNBE). Com efeito, todas essas atividades já realizadas justificam e ampliam o meu interesse pela temática desta pesquisa.

Pode-se dizer que esta investigação é, de certo modo, uma continuidade do estudo que desenvolvi no Mestrado⁴ sobre a presença e a análise dos livros premiados pela Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil (FNLIJ),⁵ na categoria⁶ criança, nas bibliotecas escolares da Rede Municipal de Belo Horizonte, nesse mesmo programa de Pós-Graduação da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais. O *corpus* daquela pesquisa foi composto por 49 livros⁷ literários premiados nos anos de 1974 a 2006⁸, que foram destinados, segundo a FNLIJ, para as crianças. A pesquisa de Mestrado foi alicerçada em dois procedimentos de análise: primeiro, foi realizado o mapeamento da presença dos livros premiados para as crianças nas bibliotecas escolares da Rede Municipal de Belo Horizonte, por meio da aplicação de um formulário⁹ aos profissionais responsáveis pelas bibliotecas; em seguida, foi feita a análise desses livros, segundo o critério de avaliação do PNBE.

Considerando, portanto, essa trajetória inicial pelos meandros da leitura e da literatura, a investigação que realizo no Doutorado dá prosseguimento às questões que me acompanham desde a pesquisa monográfica. Ressalta-se que tais inquietações se voltam neste momento para a realidade do estado do Maranhão, tendo em vista o meu ingresso como professora

³ O Programa Nacional Biblioteca da Escola – PNBE 2008 – distribuiu obras literárias para constituir acervos de bibliotecas de instituições de Educação Infantil e escolas que oferecem as séries/anos iniciais do Ensino Fundamental da rede pública cadastradas no Censo Escolar.

⁴ A dissertação de Mestrado intitulada *Literatura premiada entra na escola? A presença e análise dos livros premiados pela FNLIJ, na categoria criança, em bibliotecas escolares da Rede Municipal de Belo Horizonte* foi defendida em junho de 2009.

⁵ A Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil (FNLIJ) é uma instituição sem fins lucrativos, criada em 1968. Promove a leitura e divulga os livros de boa qualidade para crianças e jovens. É a seção brasileira do *International Board on Books for Young People* (IBBY), uma associação internacional de Literatura Infantil e Juvenil existente em 70 países.

⁶ Hoje a FNLIJ conta com dezoito categorias.

⁷ Os títulos se encontram na página da FNLIJ: www.fnlij.org.br. Acesso em 24/5/2012.

⁸ A premiação realizada pela FNLIJ ocorre anualmente. Entretanto, em 2002, a FNLIJ criou o *Hors Concours* para cada prêmio, a fim de estimular novos escritores e ilustradores. Ele ocorre quando o mais votado na categoria já ganhou pelo menos três vezes o Prêmio FNLIJ, por seu escritor ou ilustrador. Por isso, a presença de mais de um livro por ano.

⁹ O formulário, elaborado coletivamente, contemplou pesquisas na linha de Educação e Linguagem, em função da convergência de temáticas e do interesse de realizar um estudo abrangendo toda a Rede Municipal de Belo Horizonte. *A produção literária para jovens: recepção e usos dos acervos do PNBE/2006 por professores nos anos finais do Ensino Fundamental da Rede Municipal de Belo Horizonte*, de Bruna Lidianne Marques da Silva; *Programa Nacional Biblioteca da Escola – Uma análise da chegada dos acervos do PNBE/2005 nas escolas da rede municipal de Belo Horizonte*, de Daniela Freitas Brito Montuani; *Biblioteca Escolar: práticas de leituras literárias e suas mediações*, de Elaine Maria da Cunha Moraes. Todas essas pesquisas de Mestrado estão inseridas no Programa de Pós-Graduação da Faculdade de Educação – FaE/UFMG.

assistente na Universidade Federal do Maranhão (UFMA), em outubro de 2010. Dadas as primeiras impressões sobre a realidade que me cerca nessa Unidade da Federação, as quais apontam a situação precária das bibliotecas públicas, senti-me instigada a realizar alguns questionamentos sobre a temática que me acompanha há alguns anos. As escolas públicas do Maranhão possuem bibliotecas? Quais são os espaços destinados à leitura, para a comunidade? Que práticas de letramento literário são construídas nas bibliotecas? Quem são os profissionais que atuam nas bibliotecas? Os responsáveis pela mediação da leitura são leitores?

Fiquei, então, instigada a verificar informações referentes às bibliotecas escolares do estado do Maranhão. Foi observado, de acordo com os dados do Censo 2010, que o número de bibliotecas escolares maranhenses está muito aquém do almejado, que é uma biblioteca por escola. Entretanto, menos de 10% por cento das escolas públicas do Maranhão possuem bibliotecas – do total de 13.036 escolas públicas, somente 1.159 possuem bibliotecas, ou seja, apenas 8,9% (Censo 2010).

Em termos de dimensão territorial, o Maranhão é o segundo maior estado da Região Nordeste e o oitavo do Brasil. Quanto ao Produto Interno Bruto, é o quarto estado mais rico da Região Nordeste e o décimo sexto mais rico do Brasil. Entretanto, de acordo com o censo 2010, o Maranhão é também o estado mais empobrecido¹⁰ do país, com 25,7% dos seus 6,5 milhões de habitantes abaixo da linha da miséria.

De acordo com os dados divulgados pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) em 2009, o Maranhão possui o maior número de crianças, entre oito e nove anos de idade, analfabetas no país. Ainda segundo esse instituto, quase 40% das crianças do estado nessa faixa etária não sabem ler e escrever; a média nacional é de 11,5 %. Os dados do IBGE, porém, não oferecem um diagnóstico completo da situação, pois se baseiam somente nas informações de pais que foram indagados se seus filhos sabiam ler e escrever um bilhete simples.

Em 2006, os alunos do Maranhão obtiveram a quarta pior nota na prova de Língua Portuguesa do Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM). Em 2007, obtiveram a sétima pior nota. Esse resultado foi mantido na avaliação de 2008. Na redação, os alunos se saíram um pouco melhor, apresentando a sexta pior nota em 2006, e tendo subido seis posições em 2007.

¹⁰ O termo empobrecido é o mais adequado para ser utilizado, tendo em vista que o estado é rico em diversidade cultural, ambiental, entre outras, além de ter um enorme potencial agrícola e contar com uma população trabalhadora e criativa que, dados o descaso e o controle político de uma família que domina há mais de quarenta anos o poder político no estado, sobrevive abaixo da linha da pobreza (SILVA, 2009a).

Os dados divulgados pelo Ministério da Educação a respeito do ENEM de 2010 demonstraram também que os estados com maior número de escolas na "zona de rebaixamento" são o Maranhão e o Espírito Santo. Das dez escolas com piores índices no ENEM, cinco são escolas públicas do Maranhão. Em último lugar de todo o Brasil, aparece o Centro de Ensino Aquiles Lisboa, no município de São Domingos do Azeitão, que fica na região sul do Maranhão. A escola com pior desempenho do país obteve 383,71 pontos no Exame.

Em relação às bibliotecas, o estado do Maranhão confirma os dados do IBGE. De acordo com a Pesquisa de Informações Básicas Municipais, de 1999, o Brasil é constituído de raras e precárias bibliotecas. Notadamente, dos 5.506 municípios que havia no país em 1999, em quase um quarto (20%) não havia uma só biblioteca pública. Em mais de dois terços dos municípios (68,5%), havia apenas uma biblioteca pública, e em um pequeno número de municípios (11%) havia mais de uma biblioteca.

Dez anos após esse levantamento do IBGE, uma pesquisa realizada pelo Instituto Brasileiro de Opinião Pública e Estatística (IBOPE) e pelo Instituto Paulo Montenegro, para a Confederação Nacional da Agricultura (CNA), constatou que mais de dois terços das escolas rurais brasileiras não contam com bibliotecas. A pesquisa foi realizada em escolas multisseriadas de dez estados brasileiros: Bahia, Distrito Federal, Minas Gerais, Mato Grosso, Pará, Pernambuco, Paraná, Rio de Janeiro, Rio Grande do Sul e Tocantins. Em cada uma das cinco regiões do Brasil foram escolhidos dois Estados: o que contava com o melhor resultado no Índice de Desenvolvimento do Ensino Básico (IDEB) e o que apresentava o pior resultado. Os dados obtidos são preocupantes; cerca de 70% das escolas rurais não têm biblioteca e somente 32% têm banheiros adequados.

Vale ressaltar que em 1992 a Secretaria de Estado da Educação do Maranhão iniciou o "Projeto de Implantação de Bibliotecas Escolares". O objetivo dessa proposta era implantar bibliotecas escolares na Rede Estadual de Ensino de forma sistêmica, assim como assegurar o funcionamento e a dinamização dessas bibliotecas de forma integrada com as escolas, a fim de contribuir efetivamente para o processo educativo. Entretanto, após dois anos de funcionamento do projeto, verificou-se que as bibliotecas não atingiram plenamente os objetivos propostos, ou seja, a biblioteca escolar continuou esquecida, sem obter avanços e, principalmente, sem despertar, ou mesmo elevar, o interesse da comunidade docente e discente. Comentando o fracasso desse projeto, Furtado (1999, p. 61) aponta os seguintes motivos:

- Falta de compromisso de administrações passadas com a continuidade das atividades já desenvolvidas pelo Projeto.
- Ausência de infraestrutura – recursos materiais, humanos e financeiros – para manutenção das bibliotecas implantadas, especialmente no interior do estado.
- Falta de sensibilidade, por parte dos auxiliares de bibliotecas, professores e diretores, a respeito da real importância da biblioteca escolar etc.

Diante desse resultado, e com base na constatação de que a Secretaria de Estado da Educação do Maranhão não teria condições de implantar e manter em funcionamento satisfatório uma biblioteca em cada escola da Rede Estadual de Ensino (FURTADO, 1999), um novo projeto foi proposto – “Bibliotecas Farol da Educação: uma alternativa para as bibliotecas escolares”.

As bibliotecas “Farol da Educação” foram concebidas com base nas minibibliotecas de bairro – “Farol do Saber” – implantadas em 1994, na cidade de Curitiba, Paraná, por intermédio da Secretaria de Educação daquele município. Em outros termos, o governo maranhense apropriou-se dessa experiência, que se revelou positiva naquela capital, e fez adaptações para adequá-la à realidade do estado.

Os Faróis da Educação começaram a ser implantadas no ano de 1997, em locais estrategicamente escolhidos, obedecendo a dois critérios básicos: primeiro, que a comunidade fosse carente de instituições de leitura; segundo, que a comunidade possuísse elevado número de escolas da Rede Estadual. Ressalta-se que é perceptível o antagonismo nos critérios estabelecidos, pois se a comunidade é carente de instituições de leitura, não é difícil que ela também seja desprovida de um elevado número de escolas públicas estaduais, tendo em vista que grande parte dos municípios do estado abriga poucas escolas dessa rede.

O Maranhão possui 117 Faróis implantados nas dezenove Unidades Regionais de Educação (URE) do estado, salientando-se que nem todos estão funcionando: doze estão em fase de conclusão, um em execução e dois com obras paradas. Na ilha que abriga a capital, São Luís, existem nove Faróis, sendo que sete deles estão localizados nos bairros da capital¹¹, um no município de São José de Ribamar e outro em Paço do Lumiar. É interessante observar que, dentre os sete faróis da capital, um está entre os muros do presídio de Pedrinha, dentro do perímetro urbano de São Luís, e que a biblioteca do bairro Cidade Operária foi fechada no ano de 2012 para uma reforma. No ano de 2013, pode-se dizer que existem 102 Faróis em

¹¹ Anjo da Guarda, Bairro de Fátima, Cidade Operária, Filipinho, Pedrinhas, Renascença e Vinhais.

funcionamento, do total de 117 existentes, e que, dos 217 municípios do Maranhão, 100 ainda não foram contemplados.

Considerando a amplitude do projeto Farol da Educação, optou-se, inicialmente, por privilegiar como objeto de análise nesta pesquisa as práticas de leitura presentes nos seis Faróis da Unidade Regional de Educação de Codó¹². A região é composta pelos seguintes municípios: Codó, Timbiras, Coroatá, Peritoró, São Mateus e Alto Alegre do Maranhão. Para entender o que são essas regionais, é preciso voltar alguns anos, pois as Gerências Regionais foram criadas pelo estado, a partir do primeiro governo de Roseana Sarney (1995-1998), com o objetivo de promover a reestruturação administrativa, a descentralização e uma propalada gestão participativa no governo do estado, que deveria resultar, se bem aplicada, no aumento do controle social das ações governamentais. Em cada uma dessas Gerências Regionais existe uma Unidade Regional de Educação (URE). Atualmente são dezenove UREs no estado¹³.

As bibliotecas “Farol da Educação” são entendidas, na concepção do seu projeto, como um espaço que deve propiciar, além de acesso à produção cultural da humanidade, informação viva e presente. O objetivo é que o Farol, em especial no interior do estado, funcione como um centro para a realização de eventos educativos, culturais e de lazer. E, para atingir esse propósito, com a efetiva utilização desse acervo, deveriam ser planejadas atividades de dinamização – direcionadas a vários segmentos da comunidade – tais como: palestras, debates, concursos, jogos, gincanas, exposições, feiras, oficinas, cursos, dramatização, desenho e pintura (Manual do auxiliar de biblioteca, 1997).

Sabe-se que para que essas atividades obtenham resultados positivos, é necessário um trabalho inicial de sensibilização junto às escolas e à comunidade em geral. Em outros termos, juntar escola e comunidade faria com que a iniciativa pudesse contar com a participação de todos, em prol das bibliotecas. Nessa perspectiva, surge a seguinte questão: Em que medida os Faróis da Educação da Unidade Regional de Codó estão exercendo a formação de leitores? Ressalto que estamos pensando a leitura como um direito humano e social de todos, ou seja, entendemos que “pensar em direitos humanos tem um pressuposto: reconhecer que aquilo que consideramos indispensável para nós é também indispensável para

¹² A escolha por essa Unidade Regional se deve à minha atuação como professora efetiva da UFMA no Campus de Codó, no curso de Licenciatura em Ciências Naturais, lecionando Fundamentos da Educação, assim como desenvolvendo projetos de extensão na área de Letramento e Ensino.

¹³ Unidade Regional de Educação de: I Açailândia, II Bacabal, III Balsas, IV Barra do Corda, V Caxias, VI Chapadinha, VII Codó, VIII Imperatriz, IX Itapecuru-Mirim, X Pedreiras, XI Pinheiro, XII Presidente Dutra, XIII Rosário, XIV São João dos Patos, XV Santa Inês, XVI Timon, XVII Viana, XVIII Zé Doca e XIX São Luís.

o próximo” (CÂNDIDO, 1995, p. 239). Assim, uma sociedade justa pressupõe que a fruição da arte e da literatura em todas as modalidades e em todos os níveis é um direito humano inalienável que contribui para o enriquecimento da compreensão do direito real à educação.

Levando em consideração a realidade do Maranhão, e verificando a amplitude das informações dos seis Faróis da URE de Codó, foi necessário verticalizar algumas indagações apenas para o Farol de Codó¹⁴, como: Quem são os leitores do Farol? Quem são os mediadores de leitura? Que livros compõem o acervo dessa biblioteca? Quais são as práticas de leitura existentes? São realizadas atividades com o intuito de formar leitores?

Diante das questões elencadas neste estudo, optou-se pelo método científico caracterizado pela escolha de procedimentos sistemáticos para descrição e explicação de uma determinada situação em estudo, sendo que tal escolha deve estar baseada em dois critérios básicos: a natureza do objeto ao qual se aplica e o objetivo que se tem em vista no estudo (FACHIN, 2001). Considerou-se, ainda, que o percurso científico, como admite Chartier (2011, p. 22) “é feito de escolhas inconscientes, de encontros imprevistos, do acaso”. Ou seja, é complexo e perigoso, pois se corre o risco “... de esquecer que os avanços intelectuais são sempre resultados de esforços coletivos, partilhados por pesquisadores que pertencem a uma mesma geração ou a uma mesma tradição...” (CHARTIER, 2011).

Nessa perspectiva, o presente trabalho se pautou na conjugação de ideias e métodos de pesquisa de autores que se debruçaram sobre o tema, inspirando-se neles para as análises de caráter qualitativo e quantitativo. A metodologia foi organizada em quatro etapas distintas: estudo exploratório sobre a presença de bibliotecas escolares no Maranhão; análise documental das bibliotecas “Farol da Educação”; análise das práticas de leitura que ocorrem em seis faróis da Unidade Regional de Educação de Codó; e, por fim, identificação de leitores codoenses frequentadores do Farol, para verificar a importância do ato de leitura e desse espaço como elementos relevantes na formação de leitores.

Embora a análise predominante aqui seja qualitativa, a utilização da abordagem quantitativa possibilitou tratar numericamente os dados, tornando os conceitos mais precisos e proporcionando mais informações sobre os fenômenos (ALVES-MAZZOTTI; GEWANDSZNAJDER, 2004). Com a abordagem qualitativa, pode-se aprofundar e/ou focar alguns dados pesquisados. De acordo com Alves-Mazzotti (2004), nessa abordagem “o pesquisador é o principal instrumento de investigação” (p.160). Complementando a assertiva,

¹⁴ A verticalização apenas para os dados relacionados ao Farol de Codó foi uma sugestão da banca de qualificação que foi acatada por esta pesquisadora, considerando que teria mais tempo para investigar o objeto, tendo em vista a mesma residir na cidade de Codó.

Lüdke e André (1986) afirmam que a pesquisa qualitativa em educação aceita a interação entre o pesquisador, como sujeito que conhece, e o fato pesquisado. Nesse propósito, não se deve esquecer que a pesquisa de campo também é relevante na obtenção de resultados que não podem ser encontrados em investigações de cunho bibliográfico.

Visando a atender os objetivos da investigação aqui proposta, foi realizada, no primeiro momento, uma análise exploratória sobre a presença de bibliotecas nas escolas públicas do Maranhão. Pretendia-se verificar, com essa atividade, quantas escolas públicas do Maranhão possuem biblioteca. De imediato, foi possível constatar que no município de Codó, sexto maior do Maranhão, apenas 5,15% das escolas públicas possuem bibliotecas escolares (Censo 2010). Após esse levantamento preliminar, foi constatada a importância da realização de uma análise documental dos Faróis da Educação do Maranhão, tendo em vista seus objetivos, uma vez que o projeto surgiu, prioritariamente, para suprir a carência de bibliotecas escolares.

Ao recortar o objeto de análise, optou-se por estabelecer o foco da pesquisa nos Faróis da Educação da Regional de Educação de Codó, obtendo uma visão macro do projeto e micro em relação aos seis municípios pesquisados. Em relação aos seis faróis da URE de Codó, pode-se dizer que foi realizado o mapeamento geral da existência e das condições dessas bibliotecas. A análise das práticas de leitura que acontecem nesses espaços – tendo a concepção de biblioteca como espaço de produção de uma cultura, construída discursivamente pelos participantes nas suas relações cotidianas – só foi possível através de entrevistas semiestruturadas com os supervisores e auxiliares dos Faróis investigados.

Para atingir esse objetivo, foi necessário elaborar e aplicar um formulário para os supervisores (anexo 1), um para os auxiliares (anexo 2) dos Faróis da Educação em questão, e um terceiro formulário para os profissionais que se disponibilizaram a responder sobre os espaços destinados à leitura nas escolas de Codó; nesse caso, uma versão do formulário foi criada para as escolas que possuem bibliotecas (anexo 3) e outra para as escolas que não possuem espaços específicos para os livros (anexo 4). A elaboração do formulário¹⁵ foi orientada por estas duas abordagens: quantitativa e qualitativa. De fato, há um amplo roteiro de entrevistas composto de questões fechadas, que permitiram um mapeamento da rede de ensino, e de questões abertas, que possibilitaram captar mais informações sobre os

¹⁵ O formulário construído foi baseado no instrumento utilizado em quatro pesquisas de Mestrado da linha de Educação e Linguagem, inclusive a minha dissertação de Mestrado, e foi reformulado para atender à pesquisa atual.

entrevistados e suas práticas. Além disso, foram realizadas, também, entrevistas com seis leitores do Farol de Codó.

Definir como os leitores assimilam suas leituras é tarefa árdua; Chartier (2001) afirma que as maneiras de ler e os processos de apropriação da leitura continuam a ser questionados, pois pouco se sabe sobre o significado da leitura na vida humana. Darnton (1990) ainda observa que os estudos realizados acerca da história do livro e da leitura puderam responder, em grande medida, perguntas como: “quem”, “o quê”, “onde” e “quando”; porém, são as práticas de leitura que auxiliam nas respostas em relação às perguntas mais difíceis sobre os “comos” e os “porquês”. Como bem expressa Chartier (2001, p. 20), “... cada leitor, a partir de suas próprias referências, individuais ou sociais, históricas ou existenciais, dá um sentido mais ou menos singular, mais ou menos partilhado, aos textos de que se apropria”.

Considerando que a apropriação da leitura está relacionada com a trajetória social e cultural de cada indivíduo, e com as suas concepções de vida, foi elaborado um roteiro para a entrevista com os leitores do Farol de Codó (anexo 5). As questões foram agrupadas em quatro blocos – informações pessoais; interesse pela leitura; dados relacionados ao Farol; e dados relacionados à comunidade local – para o formulário que se aplicou aos leitores do Farol da Educação de Codó. A escolha desses leitores se deu a partir da indicação dos auxiliares do Farol, que os consideraram pessoas assíduas nesse espaço.

A princípio, foram indicados doze leitores pelos funcionários dos dois turnos do Farol de Codó; vale salientar que a maioria dos nomes indicados estava na lista dos dois auxiliares. Através da descrição das pessoas, foi possível conhecer minimamente o perfil dos leitores: “Alex vive aqui no Farol, não sei como você ainda não o encontrou, pois é piolho de Farol”; “Jan Cleide e a Ana Vitória vinham muito no Farol depois da aula, mas este ano ainda não as vi”; “Pedro é mais velho, gosta muito de vir ao Farol”; “Alfredo é de Bacabal, mas em todas as férias vem estudar para concurso no Farol de Codó”; “Rodrigo vinha muito no Farol, mas acho que passou na faculdade, por isso não vejo mais”; “Fernando é um aluno especial, tem dia que ele dá muito trabalho aqui, ele adora desenhar e gosta de ficar no Farol”; “Álvaro é evangélico, muito ligado aos estudos, ele incentiva a leitura. Já levou uma turma para o Farol, costuma dar aula de graça para as pessoas”; “Helis Augusto já trabalhou no Farol, é muito estudioso e frequentemente vinha ao Farol”; “Adiel trabalha na biblioteca pública, gosta muito de estudar no Farol, e seu irmão Alberto também”; “Adson faz bastante pesquisa

escolar aqui, ele tem uma letra linda”; “Franciele está sempre aqui, é aluna da escola”¹⁶. Diante desses dados, e levando em consideração o tempo disponível para a realização da pesquisa, optou-se pela escolha dos leitores que eram mais acessíveis, uma vez que não havia as informações necessárias para localizar os visitantes do Farol, pois não existe uma ficha de cadastro.

As escolhas são justificadas pelos seguintes critérios: a primeira opção foi encontrar os leitores que tiveram o seu local de trabalho indicado pelos funcionários: Adiel e Helis Augusto. A seguir, o acesso ao endereço da aluna Ana Vitória permitiu o contato da mesma com a pesquisadora e, conseqüentemente, a identificação da leitora Jan Cleide, pois as duas estavam estudando juntas no IFMA. Os alunos Adson e Franciele foram localizados realizando pesquisas escolares durante uma visita ao Farol; vale acrescentar que os mesmos estavam estudando no Farol porque não haviam tido aula na escola. Dessa forma, foram identificados os seis leitores desta investigação.

Para orientar a conversa com a professora da Escola Municipal Governador Archer, que na presente pesquisa se tornou a principal mediadora do Farol da Educação, foi elaborado um roteiro de questões norteadoras (anexo 6). Além disso, foram realizadas entrevistas menos estruturadas (anexo 7), sem uma ordem rígida para as perguntas, de modo que se parecem muito com uma conversa informal, como a que foi realizada com a coordenadora das bibliotecas escolares e do projeto Farol da Educação, Cynthia Fernanda, e com a coordenadora da rede de bibliotecas responsável pelos Faróis de Curitiba, Margareth Fuchs¹⁷. Os objetivos das entrevistas foram: aprofundar o conhecimento sobre o surgimento e o histórico dos faróis; levantar os pontos considerados positivos nessa experiência; informar sobre a participação/relação desses espaços de leitura com a comunidade que os circunda e sobre as dificuldades atuais dos projetos Farol do Saber e Farol da Educação. Além disso, foram obtidas contribuições importantes para esta investigação, através de informações repassadas pela professora Cássia Furtado, participante da equipe do Farol na época da implantação do projeto no Maranhão, e da professora Maria Ivani Ribeiro Guimarães, que está desde o início do projeto acompanhando os Faróis do interior.

Cabe informar que todo esse processo metodológico¹⁸ de investigação permitiu realizar um debate sobre a questão norteadora da pesquisa: *Em que medida os Faróis da*

¹⁶ Todas as pessoas indicadas tiveram seus nomes alterados para manter o sigilo dos depoimentos, com exceção dos seis leitores selecionados que autorizaram a utilização dos seus nomes.

¹⁷ Foram feitas as devidas alterações no formulário (anexo 7) para entrevistar a coordenadora dos Faróis de Curitiba.

¹⁸ Todos os entrevistados assinaram um termo de consentimento livre esclarecido (anexo 8).

Educação do Maranhão estão exercendo a formação de leitores? Porém, antes de adentrar a pesquisa do Farol da Educação, considerou-se relevante visitar Curitiba, conhecer os seus Faróis (funcionamento, atividades, histórico etc.), verificar quem são os mediadores de leitura e quais práticas estão presentes nesses espaços, ou seja, quais são os desafios experimentados, e de que maneira os Faróis estão atuando na comunidade. Em outras palavras, a viagem até Curitiba está dentro do que se considera como possibilidade de novas relações (CRUZ NETO, 1994).

Para a realização desta investigação, alguns conceitos como “formação de leitores”, “práticas de leitura” e “mediadores de leitores” tornaram-se fundamentais. Ressalta-se que os conceitos, embora limitadores de uma experiência que se investiga, não deixam de ser “elementos-chaves para relacionar os aspectos teóricos com as consequências empíricas” (MENDONÇA, 1994, p.24) que emergem da pesquisa. Ademais um conceito “relaciona-se sempre àquilo que se quer compreender” (KOSELLECK, 1992).

Com efeito, a fundamentação teórica é a preparação do olhar científico do pesquisador para obter um maior número de informações acerca do objeto analisado. Assim, na investigação sobre as bibliotecas Farol da Educação no Maranhão, foi preciso aprimorar o olhar para ver além das aparências e se aproximar ao máximo da essência do objeto investigado. Para tanto, fez-se necessário navegar pelos caminhos literários de autores que tratam da biblioteca, da leitura e da formação de leitores.

No debate sobre a leitura e suas práticas, foi importante a incursão nas obras de Chartier (2001), Chartier e Hébrard (1995) e Darnton (1990). Para fundamentar o estudo sobre a formação de leitores e sua mediação, fizeram-se necessárias as leituras de autores como: Soares (2005, 2009), Abreu (2003), Andrade (2007), Colomber (2007) e Solé (1998), os quais foram tomados como base teórica importante na relação entre a pesquisadora e o objeto investigado. Por fim, destaca-se, entre outros, a produção de autores como Martins (1996), Silva (2003), Manguel (2006), Goulemot (2011) e Campello (2012), que discutem a história das bibliotecas desde a antiguidade até os dias atuais.

Retomando a questão da leitura e o debate em torno da mesma, torna-se importante sublinhar que nesta pesquisa foi possível observar que a leitura ainda apresenta traços de um processo historicamente determinado, que congrega e expressa os anseios da sociedade. De fato, em nossa cultura grafocêntrica, atribui-se à leitura um valor positivo, pois ela traria benefícios óbvios e indiscutíveis ao indivíduo e à sociedade, através da possibilidade de lazer, prazer, aquisição de conhecimentos, enriquecimento cultural, ampliação das condições de

convívio social e interação. Entretanto, essa é uma visão etnocêntrica, pois de acordo com Soares (2005), os reais valores atribuídos à leitura expressam uma única visão, a dos grupos que mantêm a posse e o controle dos modos de produção.

Segundo a mesma autora, pesquisas já demonstraram que, enquanto as classes dominantes veem a leitura como fruição, lazer e ampliação de conhecimentos, as classes dominadas a veem, pragmaticamente, como instrumento necessário à sobrevivência, ao acesso ao mundo do trabalho e à luta contra suas condições de vida. Assim, a alfabetização é considerada para a classe dominada como a possibilidade de acesso ao mundo da escrita nas sociedades capitalistas; porém, o discurso reproduzido nesse ambiente distancia-se da sua própria cultura e a fazem naturalizar a hegemonia do discurso dominante (SOARES, 2005).

Isso é possível e se fortalece desde muito cedo, porque o acesso à leitura e aos livros está restrito às salas de aula no Ensino Fundamental, pois são poucas as bibliotecas escolares e públicas que permitem às pessoas um convívio maior com diversos livros. Portanto, pode-se afirmar que as condições de acesso à leitura, em nossa sociedade capitalista, diferenciam as camadas populares das favorecidas.

Assim, instrumento de reprodução, mas também espaço de contradição, a leitura é, fundamentalmente, processo político. Por isso, aqueles que formam leitores – alfabetizadores, professores, bibliotecários – desempenham um papel político que poderá estar ou não comprometido com a transformação social, conforme estejam conscientes da força de reprodução e, ao mesmo tempo, do espaço de contradição presentes nas condições sociais da leitura, e tenham ou não assumido a luta contra aquela e a ocupação deste como possibilidade de conscientização e questionamento da realidade em que o leitor se insere. (SOARES, 2005, p. 28)

De fato, constata-se que, por um lado, a escola oferece a possibilidade de emancipação do indivíduo, através do domínio da escrita e da leitura, mas, por outro lado, pode exercer um domínio sobre aquele indivíduo, ao reproduzir o discurso ideológico dominante. Noutros termos, é através do ensino da leitura e da escrita, por meio da literatura e das línguas, que a escola assegura a popularização do que está escrito e consagra sua supremacia sobre as culturas orais. Pode-se dizer que a escola tende ao monoculturalismo, por meio da transmissão que continua sendo socialmente desigual, reduz a autonomia das culturas populares e converte a cultura dominante em cultura de referência, em cultura padrão.

Inegavelmente, somos sabedores que a escola a responsabilidade de iniciar a criança no processo de alfabetização e, aos poucos, de aperfeiçoar sua leitura, de modo a garantir o domínio de uma prática cuja finalidade não se esgota em si mesma. Assim, embora o processo

de alfabetização se dirija à apropriação das operações de um código – a língua escrita, com seus mecanismos de leitura e escrita, complementares entre si –, a preparação do leitor efetivo passa pela adoção de um comportamento em que a leitura deixa de ser atividade ocasional para integrar a vida do sujeito como necessidade imperiosa de que decorrem prazer e conhecimento.

Além disso, a escola e a literatura provam sua utilidade quando se tornam o espaço para o estudante refletir sobre sua condição pessoal e a do mundo que o cerca. As obras literárias são capazes de propiciar essa reflexão, por mais distantes ou diferenciadas em espaço e temporalidade que sejam. Entretanto, não se deve colocar a arte na escola com uma finalidade meramente pragmática, uma vez que a natureza e a função da literatura não são a utilidade prática.

Não obstante, ainda cabe aos mediadores de leitura diferenciar claramente leitura de literatura, domínio de mecanismo de leitura, do diálogo com o texto, que possibilita sua interpretação e compreensão, que torna possível o conhecimento de mundo e de si mesmo e, conseqüentemente, a emancipação pessoal – verdadeira natureza e função da literatura e do saber. Respeitada essa natureza da obra literária, sem esquecer o interesse do aluno na escolha dos textos, e considerando que as projeções interferem em todo e qualquer ato de leitura, o processo de comunicação literária estimula o rompimento das limitações do ensino tradicional e permite a aproximação do ensino com a realidade do aluno.

Concorda-se, portanto, que é na escola e por meio desse espaço denominado biblioteca que os alunos terão a oportunidade de conviver com suportes de leitura, adquirindo o hábito de ler e podendo, dessa maneira, incorporar essa prática em seu cotidiano. A biblioteca deve favorecer a consecução dos objetivos educacionais: transversalidade, acesso à cultura e, especialmente, ao fomento da leitura. Para tanto, precisa desempenhar funções educativas, culturais e técnicas.

Conforme Silva (1997), as funções educativas da biblioteca são: o fomento da leitura; o fomento da pesquisa; o desenvolvimento da criatividade; a educação para o lazer; o acesso à informação e a orientação para a vida. Seriam funções culturais: promover, no espaço da biblioteca, de forma interdisciplinar, diversas atividades culturais, como exposições, concursos literários, saraus literários, feiras de ciências; proporcionar informação sobre as atividades culturais externas à escola, entre outras. Seriam funções técnicas: gerenciar e organizar os recursos informacionais; explorar esses recursos e difundi-los para a comunidade escolar; facilitar o acesso a esses recursos.

De acordo com a pesquisa anteriormente realizada nas bibliotecas escolares da Rede Municipal de Belo Horizonte (COSTA, 2009), foi verificado que um dos problemas vivenciados nesses espaços está relacionado à questão de recursos humanos. Afinal, não é suficiente existir uma biblioteca com espaço e acervo, se não se conta com um profissional capacitado para dinamizá-la. Outro problema identificado nas bibliotecas é a presença de professores de “laudo médico” (afastados da regência) que não se identificam com as atividades bibliotecárias e, por isso, não se dispõem a dinamizá-las, reforçando a ideia de que esse espaço é um anexo da escola, e não parte integrante e fundamental para o seu funcionamento.

O conceito de biblioteca como um espaço de depósito de livros e apoio ao discurso do professor foi, por muito tempo, utilizado por aqueles que realizavam discussões nesse âmbito. Rompendo com essa visão, alguns autores – Silva (1997), Souza et al. (2009), Campello (2012) – demonstram que essa perspectiva de suporte é insuficiente para evidenciar o verdadeiro potencial do uso da biblioteca e para atender às novas demandas que são colocadas pelo ensino, nas quais o estudante não se configura como um mero receptor de conhecimento.

Neste trabalho, a biblioteca é considerada como um espaço coletivo, cuja função básica é a transmissão dos bens culturais às novas gerações. Torna-se, então, necessário que seja bem equipada com os mais variados gêneros textuais de boa qualidade, dos clássicos aos populares. O que caracteriza uma biblioteca é seu acervo, sua capacidade de atrair o público leitor, sua organização e serviços que atendam às expectativas dos usuários e leitores. A qualidade do acervo de uma biblioteca é estabelecida pelo atendimento às necessidades reais de leitura dos usuários, voltadas para a fruição estética, a recreação e a busca de informações e conhecimentos.

A biblioteca é um espaço que propicia às pessoas o acesso a bens materiais e simbólicos. Nesse lugar, o indivíduo tem acesso a bens culturais como quadros, livros, dicionários, instrumentos, máquinas e outros que, muitas vezes, esse mesmo indivíduo não encontra na família e no meio onde vive. Cabe a ela, então, cumprir o papel de propiciadora desses bens culturais às crianças, jovens e adultos oriundos de meios populares. “Torna-se a biblioteca um espaço de formação de leitores num sentido polissêmico, onde o sujeito tem a oportunidade de encontrar conhecimentos dos mais variados, diversão, senso estético e cultura” (MACIEL e MAIA, 2003). Assim, a biblioteca se apresenta como poder simbólico, em que se caracteriza como:

[...] poder de constituir o dado pela enunciação, de fazer ver e fazer crer, de confirmar ou de transformar a visão de mundo e, deste modo, a ação sobre o mundo, portanto o mundo; poder quase mágico que permite obter o equivalente daquilo que é obtido pela força (física ou econômica), graças ao efeito específico de mobilização, só se exerce se for reconhecido, quer dizer, ignorado como arbitrário. (BOURDIEU, 2007, p. 14)

A biblioteca nos tempos modernos passa a gozar do *status* de instituição leiga e civil, pública e aberta. Entretanto, a democratização e a socialização das bibliotecas públicas atuais são uma realidade discutível, pois elas são raras quanto ao número e quanto à sua condição, como já foi mencionado. Diante dessa realidade, que não é apenas do estado do Maranhão, percebe-se que vem aumentando no país a preocupação em fomentar, nos estudantes, o hábito pela leitura.

Segundo Brangança (2009), as primeiras tentativas de formulação de políticas públicas de Livro, Leitura e Literatura tiveram sua origem a partir da criação do Instituto Nacional do Livro (INL), que tinha como missão promover ações de fomento à edição de livros no Brasil, facilitar a importação de livros estrangeiros e incentivar a manutenção de bibliotecas públicas em todo país. O Instituto foi extinto em 1990, no governo de Fernando Collor.

Atualmente, a Fundação Biblioteca Nacional¹⁹ acumula as tarefas do INL e, através do MINC (Ministério da Cultura), foi discutida a criação, ou recriação, de um órgão específico para conduzir o Plano Nacional do Livro e da Leitura (PNLL). Algumas políticas que trazem contribuições, direta ou indiretamente, em relação ao incentivo ao livro e à leitura foram pensadas desde a criação do INL, em 1937, como: a Lei Rouanet (1986); o Programa Nacional de Incentivo à Leitura – PROLER (1992); o Programa Nacional Biblioteca da Escola – PNBE (1997); a Lei do Direito Autoral (1998); a Política Nacional do Livro (2003); a Lei do Livro ou de Desoneração Fiscal (2004); a Câmara Setorial do Livro e Leitura – CSLLL (2005); Programa Fome de Livro, substituído pelo Programa Livro Aberto (2005); Plano Nacional do Livro da Leitura – PNLL (2006); Programa Mais Cultura (2007), que desenvolve as seguintes ações específicas: implantação de bibliotecas, modernização de bibliotecas públicas e pontos de leitura. Vale acrescentar que o Maranhão foi contemplado, nesse último programa, com a criação de 69 bibliotecas públicas em 11 municípios, teve a modernização de 21 bibliotecas em quatro municípios, e teve 12 iniciativas entre pessoas jurídicas e físicas (SILVEIRA, 2010).

¹⁹ Segundo a Folha de São Paulo (11/04/2013), as Políticas de Livro e Leitura do país deixarão de ser atribuição da Fundação Biblioteca Nacional (FBN) e voltarão à estrutura do Ministério da Cultura em Brasília.

Ressalta-se que a coordenadora Cynthia Fernanda mencionou a possibilidade de tentar incluir os Faróis da Educação no Programa Nacional Biblioteca da Escola (PNBE) para receber os acervos distribuídos nacionalmente. Porém, o fato de os Faróis não estarem localizados nas dependências das escolas, como acontece com os Faróis do Saber em Curitiba, inviabiliza a adesão do projeto ao programa. O PNBE consiste na aquisição e na distribuição de obras de literatura brasileira e estrangeira, infanto-juvenis, de pesquisa, de referência, além de outros materiais de apoio a professores e alunos, como atlas, globos e mapas, para as bibliotecas escolares brasileiras. A meta do programa é democratizar o acesso a obras de literatura brasileiras e estrangeiras, infantis e juvenis, que atendem aos segmentos da Educação Básica (Educação Infantil, Ensino Fundamental e Ensino Médio); mais recentemente, passou a incluir também a Educação de Jovens e Adultos (EJA).

O PNBE é parte das políticas públicas de incentivo à leitura, e tem como objetivo a aquisição de obras literárias para compor o acervo das bibliotecas escolares do sistema público de ensino do Brasil. Lançado em 1997, esse programa faz parte de uma trajetória que reúne outras ações do governo federal na área da leitura, tais como o Programa Nacional Salas de Leitura, instituído em 1984 e transformado em Programa Nacional Salas de Leitura/Bibliotecas Escolares, em 1988; o Programa Nacional de Incentivo à Leitura (PROLER), criado pela Biblioteca Nacional em 1992; e o Pró-Leitura, também iniciado em 1992, numa iniciativa conjunta do MEC, das Secretarias de Educação dos estados, e de universidades; e o Programa Nacional Biblioteca do Professor, que funcionou de 1994 a 1997, tendo sido substituído pelo PNBE.

A partir dos desdobramentos de uma pesquisa anterior²⁰ que diagnosticou, entre outras coisas, que os livros distribuídos pelo PNBE não circulam nas escolas; que os docentes desconhecem o Programa e suas finalidades, e não se apropriam dos acervos; e que não estão atuando como mediadores de leitura, é possível afirmar, a partir dos dados coletados, que a distribuição dos livros nas escolas está consolidada. Verifica-se que as iniciativas de acompanhamento, avaliação e pesquisa dos usos e efeitos desses livros na educação são poucas e assistemáticas, mas já são suficientes para sinalizar a necessidade de uma política que avance para uma nova etapa de acompanhamento do programa e um consequente investimento na formação de mediadores de leitura (PAIVA, 2012).

A pesquisa aqui em discussão pretendeu verificar a efetivação dos objetivos do projeto Farol da Educação em relação ao subsídio às escolas públicas que não possuem

²⁰ PAIVA, Aparecida (Org.). Literatura fora da caixa: o PNBE na escola – distribuição, circulação e leitura.

bibliotecas escolares, e também ao desenvolvimento de atividades com o intuito de formar leitores. Observando o complexo contexto administrativo da realidade do Maranhão, no qual estão inseridos os Faróis da Educação, diversos questionamentos emergiram durante a investigação. De fato, após mais de dez anos de implantação do projeto Farol da Educação, levanta-se ainda a questão central desta pesquisa: *Qual é o papel do Farol da Educação na formação de leitores?*

Afinal, ao analisarmos os dados atuais do *Programme for International Student Assessment* (PISA) 2010, podemos verificar que os índices de leitura do Maranhão estão aquém do esperado, pois apesar de haverem subido 43 pontos em relação ao ano de 2006, mantêm-se como penúltimos no ranking brasileiro. A pontuação do estado em leitura é a de número 363 (último colocado). Além disso, foi a Unidade Federativa que obteve a pior pontuação no Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM) de 2010. Conforme o resultado da avaliação, o estado conseguiu apenas a pontuação 512, sendo um dos três que ficaram abaixo da média – os outros dois são Tocantins (também com 512) e Piauí (com 518).

A estrutura do texto final desta investigação é composta de quatro capítulos. Dada a pluralidade de definições aqui trabalhadas, foi necessário problematizar o conceito de espaços públicos de leitura no primeiro capítulo. Assim, foi realizado um breve mapeamento das bibliotecas públicas do Brasil, focalizando, preferencialmente, o estado do Maranhão. Além disso, foi feito um levantamento das condições das bibliotecas escolares do município de Codó, que confirmam a necessidade da efetivação das políticas públicas do livro e da leitura existentes no país.

O cenário da pesquisa é apresentado no segundo capítulo e foi desenhado a partir dos dados estatísticos dos seis municípios da URE de Codó referentes à educação e, mais especificamente, aos espaços destinados à leitura (bibliotecas/salas de leitura). Foi apresentada a construção do objeto de pesquisa: objetivos, justificativa das escolhas realizadas e se tratando da pertinência da pesquisa, foram pontuadas algumas informações do projeto Farol do Saber, de Curitiba.

No capítulo três, apresenta-se a leitura realizada nos Faróis da Educação pesquisados. Os pontos principais abordados foram a infraestrutura, os leitores, os mediadores e as práticas de leitura realizadas. Algumas discussões referentes às condições necessárias para a formação de leitores foram levadas em questão. No campo teórico, as leituras percebidas nos Faróis foram identificadas de três maneiras: leitura escolarizada, leitura informativa e leitura literária. Dentre as leituras observadas, verificou-se a predominância da leitura escolar.

Por fim, foram observadas práticas de leitura existentes no Farol de Codó, através de pessoas indicadas pelos auxiliares como leitores assíduos do espaço. Durante a verticalização para a prática de leitura em Codó, surgiu um “achado de pesquisa”, que foi o encontro com a professora mediadora que atravessou a história de leitura de cinco dos seis leitores selecionados. Esse “achado de pesquisa” possibilitou a discussão mais concreta acerca dos mediadores de leitura e da importância da mediação para a formação de leitores, e sobre as políticas públicas de leitura do Maranhão.

Uma vez feita essa trajetória, pretendeu-se chegar às políticas de manutenção, acompanhamento e avaliação dos Faróis da Educação e às políticas de formação de leitores, uma vez que os Faróis são, em alguns casos, a única possibilidade de acesso ao livro para as crianças e jovens do interior do Maranhão.

CAPÍTULO 1 - APONTAMENTOS INICIAIS SOBRE BIBLIOTECAS COMO ESPAÇOS PÚBLICOS DE LEITURA

Neste trabalho, espaço público de leitura não é considerado apenas como um lugar físico, cuja origem remonta à antiguidade grego-romana, e sim como *relação social* (BOURDIEU, 2007) capaz de conferir visibilidade ao mundo e aos seus personagens; *campo de forças* pelo qual e no qual os indivíduos se constituem em sujeitos e o mundo em significado; *espaço simbólico*, em que agentes sociais, dotados dos mais diferentes recursos, e a partir dos mais diversos lugares, disputam a hegemonia dos movimentos intersubjetivos que dão ordem à desordem do mundo.

Sendo assim, consideramos mais apropriado utilizar o termo “espaços públicos de leitura” no plural, ao nos referirmos às bibliotecas. Não existe possibilidade de considerar historicamente o surgimento das bibliotecas sem se levar em consideração o contexto sociopolítico e econômico da qual elas fizeram e fazem parte. É possível dizer que a concepção de espaços públicos de leitura vem se modificando ao longo dos séculos, a partir das mudanças nas formas de interação social e mediações sócio-tecnológicas (CONCEIÇÃO, 2010).

A forma como historicamente se construiu a ideia de biblioteca constitui uma tradição, uma herança cultural, que em parte permanece até hoje, acumulada no imaginário de nossa civilização, e que se reflete tanto no modo de organização dessa instituição, quanto em relação às práticas de leitura a ela associadas. O significado etimológico do termo *bibliothēke*²² é o de "caixa para guardar livros" que, por extensão, passou a designar o local onde se guardariam os livros de forma organizada, permitindo e facilitando o trabalho de possíveis consulentes.

As bibliotecas na Antiguidade surgem da necessidade do homem de reunir e conservar os conhecimentos de sua época, o que só foi possível a partir da invenção da escrita. Pode-se dizer que a história das bibliotecas acompanha a própria história da escrita, ou seja, os desenhos da escrita foram simplificados ao longo da história, permitindo escrever cada vez mais facilmente, e o mesmo ocorreu com os materiais ou objetos em que eram feitos os desenhos²³.

²² Do grego “βιβλιοθηκη” /*bibliothēke*/. sf. ‘biblioteca’. Fonte: CUNHA, Antônio Geraldo da. *Dicionário Etimológico Nova Fronteira da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Ed. Nova Fronteira, 1986.

²³ Segundo Zats (1991), os sumérios escreviam em pranchas de argila úmida; mais tarde, utilizaram outros materiais, como pedra e metal. A descoberta do papiro levou os egípcios a simplificar os sinais da sua escrita,

Uma característica que marca essas bibliotecas é o fato de não serem acessíveis ao público. O saber era considerado sagrado e somente os sacerdotes tinham o domínio da leitura. O tipo de matéria utilizado na época eram tabletes de argila, e rolos de papiro ou pergaminho. As primeiras bibliotecas das quais se tem informações são chamadas "minerais", pois seus acervos eram constituídos de tabletes de argila; depois vieram as bibliotecas vegetais e animais, constituídas de rolos de papiros e pergaminhos. Essas são as bibliotecas dos babilônios, assírios, egípcios, persas e chineses (MARTINS, 1996). Mais tarde, com o advento do papel, fabricado pelos árabes, começam a se formar as bibliotecas de papel e, mais tarde, as de livros propriamente ditos. Assim, a história das bibliotecas antecede a própria história do livro e vai encontrar abrigo no momento em que a humanidade começa a dominar a escrita.

Acredita-se que a biblioteca mais antiga seja a do rei Assurbanipal (século VII a.C.), cujo acervo era formado de placas de argila escritas em caracteres cuneiformes. Segundo Goulemot (2011, p. 27), as bibliotecas da Mesopotâmia Antiga obrigavam a vincular sua origem, não à leitura, mas à escrita, e, portanto, aos “livros”, placas de argila seca que serviam de suporte à escrita cuneiforme, e preservam-nos de uma interpretação demasiado anacrônica da biblioteca.

Além dessa biblioteca, é possível acrescentar as atenienses, que jamais atingiram sua amplitude, e respondiam mais a uma necessidade intelectual imediata do que a um projeto científico e político. Aristóteles utilizava os livros para o ensino e punha-os à disposição dos seus discípulos; assim, essa biblioteca adquiriu condição de semipública, visto que seu uso era reservado aos membros do Liceu (GOULEMOT, 2011).

Após o desaparecimento de Aristóteles, Ptolomeu Filadelfo propôs-se adquiri-la para a biblioteca de Alexandria, fundada antes dele por Ptolomeu Soter. Sem entrar em detalhes, de acordo com a opinião dos historiadores, os sacerdotes, os reis e os filósofos daquele tempo já possuíam bibliotecas. Eram evidentemente privadas, vinculadas estritamente à função de seus proprietários, mantidas mais ou menos secretas, nunca, é claro, abertas ao público nem mesmo exibidas, porque não se sentia necessidade disso para provar seu poder ou a extensão de seu saber. (GOULEMOT, 2011, p. 27)

A biblioteca de Alexandria representa, seguramente, a primeira verdadeiramente pública. “Não porque ela o fosse realmente, no sentido que nossa época dá ao termo, mas porque nossa memória cultural o decidiu, e através de sua história incerta e vaga, até mesmo

pois era possível escrever muito mais rapidamente no papel do que na pedra. Há relatos de bibliotecas na Antiguidade que reuniam tábuas de argila, coleções de papiros e pergaminhos.

controvertida, mitos e sonhos, regras de utilização e práticas de leitura se construíram e medos se confortaram” (GOULEMOT, 2011, p. 28). Vale considerar que, passados dez séculos de sua existência, a biblioteca de Alexandria deixou um rastro tão forte na memória dos homens que a sua lenda e o reconhecimento de sua importância como via de acesso à Antiguidade domina toda a Idade Média, o Renascimento, e persiste até a modernidade.

Outras bibliotecas também tiveram grande importância, como as judaicas, em Gaza; a de Nínive, na Mesopotâmia; e a biblioteca de Pérgamo, que foi incorporada à de Alexandria, antes de sua destruição²⁴. Citando Samaran, Martins (1996) afirma que o acesso aos livros teve uma evolução a partir dos gregos e, sem dúvida, a biblioteca de Alexandria e a de Pérgamo foram, ao mesmo tempo, conservadoras de textos profanos e órgãos difusores do pensamento. E mesmo sem saber claramente se eram reservadas somente aos eruditos ou aberta a um público mais leigo, tem-se conhecimento de que eram instituições oficiais e o seu orçamento dependia das finanças públicas ou da lista particular do soberano.

A Biblioteca Real de Alexandria, ou Antiga Biblioteca de Alexandria, foi uma das maiores bibliotecas do mundo antigo. Ela floresceu sob o patrocínio da dinastia ptolemaica no fim do século III a.C. e existiu até a Idade Média. Foi considerada um centro de estudos fundado para melhor preservar os ensinamentos de Aristóteles (MANGUEL, 2006). Até a fundação dessa biblioteca, os espaços destinados a preservar documentos legais e literários eram reservados a coleções particulares ou armazéns governamentais para consulta oficial. Dividida em áreas temáticas idealizadas por seus bibliotecários, a biblioteca de Alexandria trazia um aspecto da variedade do mundo. Era conhecida como “a coleção dos navios”, pois o rei Ptolomeu decretou que todo livro que chegasse ao porto de Alexandria fosse apreendido e copiado; havia a promessa de que o original seria devolvido; entretanto, os livros devolvidos muitas vezes eram cópias (MANGUEL, 2006, p. 30).

É interessante ressaltar que a biblioteca que seria o depósito da memória do mundo não soube conservar a memória de si mesma. Seu próprio fim tem várias versões. Segundo Júlio César, no ano 47 a.C. um incêndio espalhou-se e pôs fim à biblioteca. Historiadores sugeriram que o incêndio de César havia destruído cerca de 40 mil volumes. Outra hipótese atribui a destruição ao general muçulmano Amir Ibn Al-As, em 642. Pode-se afirmar que o fim da biblioteca permanece nebuloso quanto à sua real versão²⁵. Conforme Manguel (2006),

²⁴ Informações obtidas na Biblioteca Virtual do Governo do Estado de São Paulo: <http://www.bibliotecavirtual.sp.gov.br>. Acesso em: 10/4/2013.

²⁵ Segundo Manguel (2006), apesar das referências sucintas sobre a biblioteca de Alexandria, não há como saber o seu verdadeiro aspecto. Há a imagem da Torre de Babel, provavelmente inspirada pelo formato espiral da mesquita de Abu Dulaf. Conforme a história narrada no décimo primeiro capítulo de Gênesis, os povos da Terra,

a biblioteca de Alexandria foi reconstruída pelo governo egípcio depois de um concurso de projetos vencido pelo norueguês Snohetta. A nova biblioteca, com 32 metros de altura, uma circunferência de 160 metros e espaço suficiente para guardar mais de oito milhões de volumes, custou 220 milhões de dólares²⁶. Cabe sublinhar que a biblioteca de Pérgamo, que também gozou de uma significativa reputação por conter cerca de duzentos mil volumes, desapareceu junto com a de Alexandria e não teve o privilégio da reconstrução.

Os anos se passaram e as bibliotecas pouco evoluíram do contexto antigo à Idade Média. De fato, as bibliotecas medievais são consideradas simples prolongamentos das bibliotecas antigas, tanto na composição quanto na organização, na natureza e no funcionamento; a diferença existe apenas na sua materialidade, como afirma Martins:

Não se trata de dois “tipos” de biblioteca, mas de um mesmo tipo que sofreu modificações insignificantes decorrentes de pequenas divergências de organização social. Mais diferença existe, materialmente, na própria Antiguidade, entre as bibliotecas “minerais”, compostas de tabletes de argila, e as bibliotecas “vegetais” e “animais”, constituídas de rolos de papiro ou de pergaminho, do que entre estas últimas e os grandes depósitos de *volumen* da Idade Média; e, se variou, das mais remotas para as posteriores, a matéria de que os “livros” eram feitos, não variaram em nada o “funcionamento”, a natureza e as finalidades. (MARTINS, 1996, p. 71)

A biblioteca foi desde seu princípio até os fins da Idade Média um depósito de livros, como seu nome indica etimologicamente²⁷; em outros termos, mais um lugar onde se esconde o livro do que um lugar onde se procura socializá-lo. Notadamente, as bibliotecas gregas abrigavam coleções particulares, em sua maioria. Os antigos povos do Oriente, assírios e egípcios, parecem ter conhecido apenas as bibliotecas religiosas, onde os livros eram reservados a oficiantes ou comentadores, quase funcionários.

Durante a Idade Média, na Europa Ocidental sob o domínio político e cultural da Igreja Católica, as bibliotecas ficaram quase que invariavelmente confinadas aos mosteiros; eram as scriptoria monásticas de que nos fala Chartier (1999), cujos acervos mantinham-se

ao chegar à terra de Senaar, decidiram construir uma cidade e uma torre que chegasse aos céus. Segundo a história, a humanidade vivia à sombra crescente da torre, num mundo sem divisões linguísticas. Foi a biblioteca de Alexandria que provou o contrário, ou seja, que o universo era de uma variedade enorme, de ordem secreta. Assim, a biblioteca de Alexandria revelou uma nova concepção, que superou todas as bibliotecas existentes, em âmbito e ambição.

²⁶ A Nova Biblioteca de Alexandria foi concluída em 2002; sua reconstrução se deve à iniciativa do governo egípcio, em colaboração com a UNESCO (Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura), que pagou boa parte do custo de 220 milhões de dólares.

²⁷ Biblioteca s. f. 1. Conjunto ordenado de um número considerável de livros. 2. Edifício, sala ou salas, em que os livros são sistematicamente guardados e arrumados. 3. Coleção de obras sobre assuntos determinados. (ENCICLOPÉDIA BARSÁ UNIVERSAL, 2009, p. 868).

bem guardados de eventuais leitores laicos. Na Europa, as bibliotecas medievais constituíam lugares extremamente conservadores, e seus acervos contemplavam apenas um número muito restrito de obras, atendo-se àquelas consideradas “veneráveis” e dignas da cristandade (BATTLES, 2003).

A Idade Média foi considerada a grande época das bibliotecas ligadas às ordens religiosas e à religião. Isso aconteceu não só entre sacerdotes católicos, mas também nos centros árabes de cultura. Na época, deu-se início a três espécies de bibliotecas: as bibliotecas monacais, as bibliotecas das universidades e as bibliotecas particulares. Entre as célebres bibliotecas conventuais da Idade Média, citam-se as do Monte Atos, na Turquia; a de Saint-Gall, na Suíça; as de 13 Corbie, de Cluny e de Fleury-sur-Loire, na França; a de Fulda, na Prússia, como também a Biblioteca Vaticana (BATISTA, 2012).

A riqueza das bibliotecas dos mosteiros dependia da presença dos eruditos que se dedicavam também ao ensino²⁸ e da capacidade para pedirem emprestados manuscritos originais para copiar. Importantes bibliotecas nessa época conservaram a cultura antiga, apesar das perdas irreparáveis devidas a roedores, fogos acidentais e outras destruições. Após o século X, surgiram as bibliotecas nas escolas catedrais, que cresceram paralelamente às dos mosteiros e conventos.

Dois séculos mais tarde, a fundação das universidades que se constituíram na Europa foi considerada um grande acontecimento da era medieval, tendo sido os livros existentes destinados para suas bibliotecas. A documentação presente era, sobretudo, de caráter científico e técnico, devendo estar atualizada para atender ao seu público-alvo: estudantes, docentes e outros estabelecimentos de ensino.

Foi a partir do Renascimento que houve o declínio das bibliotecas monásticas. Assim, pode-se dizer que as bibliotecas antigas e medievais conservaram até a Renascença o seu caráter religioso, não pela matéria dos livros que continham, mas pela natureza dos seus órgãos mantenedores e administrativos. Nesse contexto, a biblioteca acompanhou a própria evolução social, através da nítida laicização, sendo considerada nos tempos modernos uma instituição leiga e civil, pública e aberta, tendo o seu fim em si mesma e respondendo a necessidades inteiramente novas (MARTINS, 1996).

Foi a partir do século XVI que as bibliotecas realmente se transformaram, tendo como característica a localização acessível, passaram a ter caráter intelectual e civil, e a democratização da informação se tornou especializada em diferentes áreas do conhecimento.

²⁸ Escolas monacais e conventuais que funcionavam nos mosteiros.

A biblioteca moderna foi considerada aquela que está direcionada principalmente para o uso do público. Não obstante, isso só ocorreu devido à difusão da imprensa, que tornou possível a produção de livros em grandes quantidades e a preços considerados acessíveis.

Chartier (1990) ressalta que a questão da invenção da imprensa como anunciadora dos tempos modernos não é isenta de ambiguidade. De um lado, a invenção atribuída a Gutenberg constitui uma revolução, já que assegura a possibilidade de reprodução de numerosos exemplares e custo inferior; entretanto, o acesso ao livro é apenas parcial, já que deixa de fora numerosos leitores, que não são virtuosos da escrita.

Considerando as ambiguidades existentes, é possível dizer que a história da biblioteca “moderna” iniciou-se na Renascença e teve como destaque algumas bibliotecas célebres de diversos países, como: a biblioteca Nacional de Paris (1661); o Museu Britânico (1753); a Biblioteca do Congresso dos Estados Unidos (1800); a Biblioteca Vaticana (1450), a Biblioteca de Berlim (1659); a Biblioteca de Moscou (1755); a Biblioteca de Buenos Aires (1810).

O início do século XVII foi marcado pela abertura da Biblioteca Nacional de Berlim, e no século seguinte surgiram as bibliotecas nacionais, como: a Biblioteca Nacional de Madrid e a Biblioteca do Museu Britânico, em Londres, que foram dotadas de manuscritos e ricas coleções de primeiras impressões e importantes doações. A Biblioteca Real da França possui mais de seis milhões de livros e 130 mil manuscritos. Nos Estados Unidos, a biblioteca do Congresso pode ser considerada a maior do mundo, com 142 milhões de itens, que incluem mais de 32 milhões de livros catalogados e outros materiais impressos em 47 línguas diferentes; 62 milhões de manuscritos, sendo a maior coleção de livros raros da América do Norte (LIBRARY OF CONGRESS, 2010²⁹).

O conceito de biblioteca como mero depósito de livros foi substituído pelo dinamismo de uma obra que é ao mesmo tempo de socialização, especialização, democratização e laicização da cultura³⁰. Ou seja, a democracia é um ideário laico por oposição ao ideário sagrado da monarquia, o que significa a ascensão do homem comum aos privilégios que antes eram reservados apenas a uma minoria. Inevitavelmente, para estender a todos os homens os benefícios do livro, foi preciso criar livros que servissem a todos, tendo sido necessária a sua especialização, com vistas a atender os interesses dos seus possíveis leitores. Já o processo de

²⁹ LIBRARY OF CONGRESS. Disponível em: <http://www.loc.gov.br>. Acesso em: 14/4/2013.

³⁰ De acordo com Martins (1996), a história da biblioteca dos fins do século XVI foi marcada por quatro características principais: laicização, democratização, especialização e socialização.

socialização pretende satisfazer as necessidades do grupo, assumindo voluntariamente o papel de um órgão dinâmico e multiforme da coletividade.

Para definir o conceito de biblioteca pública, o Congresso de Bibliotecários, promovido pela UNESCO³¹, em 1951, estabeleceu objetivos e necessidades para a criação de um espaço com o propósito de assegurar plenamente a educação popular, a fim de colocar a serviço de toda a coletividade, sem distinção de profissão, religião, raça ou classe, os conhecimentos humanos.

OBJETIVOS:

- 1 – Fornecer ao público informações, livros, material e facilidades diversas, em vista de melhor servir seus interesses e de satisfazer às suas necessidades intelectuais.
- 2 – Estimular a liberdade de expressão e favorecer uma crítica construtiva dos problemas sociais.
- 3 – Dar ao homem uma formação que lhe permita exercer uma atividade criadora no quadro da coletividade e trabalhar no aperfeiçoamento da compreensão entre os indivíduos, entre os grupos e entre as nações.
- 4 – Completar a ação dos estabelecimentos de ensino, oferecendo à população a possibilidade de continuar a se instruir. (MARTINS, 1996, p. 326)

NECESSIDADES:

- 1 – Estudar todos os aspectos da coletividade que se refiram à atividade das bibliotecas, a fim de dar aos seus trabalhos uma orientação precisa e aproveitar plenamente as suas possibilidades.
- 2 – Dispor de fundos suficientes para aplicar um programa de trabalho coerente.
- 3 – Dispor de bibliotecários profissionais, capazes de organizar serviços úteis à coletividade.
- 4 – Possuir material cuidadosamente escolhido e classificado em função das necessidades locais.
- 5 – Utilizar os meios de informação, a fim de tornar conhecidas e compreendidas do público as suas atividades. (MARTINS, 1996, p. 327)

Além disso, foi considerada tarefa essencial da biblioteca pública a de ensinar ao público a usar plenamente os livros, revelando a imensa possibilidade que é oferecida pelo simples fato de perceber que os atos, as ideias, os projetos humanos e os sonhos estão registrados em folhas impressas. Porém, para permitir a relação íntima do leitor com os livros é necessário dar a ele a liberdade de errar entre as estantes e descobrir por si mesmo alguns aspectos da riqueza e da diversidade que caracterizam o mundo dos livros.

Em relação a história das bibliotecas no Brasil, sabe-se pouco sobre a existência de desses espaços na primeira metade do século XVI. Os documentos são escassos, mas as

³¹ *United Nations Educational, Scientific and Cultural Organization*, ou seja, Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura.

pesquisas já permitem afirmar que a demanda de livros nesse período era quase insignificante e que os que estavam em solo brasileiro eram aqueles indispensáveis aos padres e magistrados no exercício de suas funções. Conforme Santos (2010), o aparecimento de livros, instituições de ensino e, posteriormente, das bibliotecas só ocorreu a partir de 1549 com a instalação do Governo Geral em Salvador. Nessa data se iniciam os primeiros passos para o sistema educacional no Brasil e, com o estabelecimento dos conventos de diversas ordens religiosas, principalmente da Companhia de Jesus, são formados os primeiros acervos no país.

A história das bibliotecas brasileiras até o início do século XIX pode ser resumida em três etapas sucessivas: bibliotecas dos conventos e particulares; fundação da Biblioteca Nacional; criação da Biblioteca Pública da Bahia. Segundo Suaiden (1980), a cronologia da criação das bibliotecas provinciais constitui um processo que tem início no século XIX e prossegue até a segunda metade do século XX. Durante todo esse período, foram desenvolvidos modelos diversos de espaços locais, de bibliotecas municipais nas cidades do interior do estado, embora em número ínfimo.

- Biblioteca Pública da Bahia. Foi a primeira criada no Brasil com esse caráter, durante a administração do governador Conde dos Arcos, em 1811. Foi inaugurada em 4 de agosto do mesmo ano.
- Biblioteca Pública da Província do Maranhão. A sua criação foi proposta na sessão de 8 de julho de 1826 da Assembleia Legislativa. Foi inaugurada e aberta ao público em 1831.
- Biblioteca Pública Provincial de Sergipe. Um projeto de lei de 1848 propõe a sua criação, que foi sancionada do dia 16 de junho do mesmo ano. Foi instalada no dia 2 de julho de 1851.
- Biblioteca Pública do Estado de Pernambuco. Foi criada em 1841 e inaugurada no dia 5 de maio de 1852.
- Biblioteca Pública Provincial de Santa Catarina. Foi criada pela lei nº 373, de 31 de maio de 1854 e inaugurada em 9 de janeiro de 1855.
- Biblioteca Pública da Província da Paraíba. Foi instalada em 1859 e recriada em 1890. Existia anteriormente uma biblioteca no Lucio Paraibano.
- Biblioteca Pública da Província do Paraná. Foi criada pela Lei nº 27, de março de 1857, e instalada no dia 25 de fevereiro de 1859.
- Biblioteca Pública do Estado de Alagoas. Foi fundada em 26 de junho de 1865.
- Biblioteca Provincial do Ceará. Foi criada em 25 de março de 1867.
- Biblioteca Provincial do Amazonas. Em 1870, foi criada uma Sala de Leitura, que na década seguinte foi reestruturada e ampliada, dando origem à Biblioteca Provincial, inaugurada no dia 25 de março de 1883.
- Biblioteca Provincial de São Pedro do Rio Grande do Sul. Foi criada pela Lei Provincial nº 724, de 4 de abril de 1871. Começou a funcionar em 21 de janeiro de 1877.
- Biblioteca do Pará. Foi fundada em 1846, anexa ao Lyceu Paraense. Passou, em 1863, ao prédio do antigo convento do Carmo, e em 1871 foi constituída como órgão público.
- Biblioteca Estadual do Rio de Janeiro. Criada em 1873.

- Biblioteca Estadual do Piauí. Criada em 1883. (SILVA, 2010, p. 8 apud SUADEN, 1980)

Alguns autores consideram a atual Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro como o primeiro estabelecimento oficial desse gênero a ser instalado no Brasil. A vinda da Família Real Portuguesa para o Brasil possibilitou a transferência da Real Biblioteca, com um acervo de 60 mil peças – entre livros, manuscritos, estampas, mapas, moedas e medalhas –, representando para o país o início de sua futura Biblioteca Nacional. Somente em março de 1811, o acervo da Biblioteca d’Ajuda, composta pela Livraria Real e pela Livraria do Infantado, partiu dentro de 230 caixotes acompanhados pelo auxiliar bibliotecário Luís Joaquim dos Santos Marrocos, ficando para trás 14 caixotes de manuscritos raros da Biblioteca Pública de Lisboa, dentre outros objetos também raros da Coroa. No mesmo ano foram embarcados mais 87 caixotes de livros, acompanhados pelo servente José Lopes Saraiva (MORAES, 1979).

A Biblioteca Nacional foi primeiramente instalada nas casas do Hospital da Ordem Terceira do Carmo, pelo decreto de 27 de junho de 1810, revogado após a constatação da inadequação e insuficiência do espaço físico. Foi, então, redirecionada para acomodar o precioso acervo também nos porões do mesmo imóvel (MARTINS, 1996). Em 1858, mudou-se para as instalações no hospital da Ordem Terceira do Carmo, onde permaneceu até 1910. Tornou-se propriedade do Estado, pelo tratado de 29 de agosto de 1825, assinado entre o Brasil e Portugal, em consequência da Independência. “Em 1988, noticiou-se que o acervo subia a 5 milhões e 200 mil livros, mais 700 mil manuscritos, 47 mil obras raras, 30 mil mapas, 50 mil partituras, 30 mil discos, 4 milhões de jornais e revistas, 1 milhão e 200 mil monografias e 20 mil rolos de microfilmes” (MARTINS, 1996, p. 364).

A segunda biblioteca pública brasileira foi fundada em 1811, em Salvador, por iniciativa particular de Pedro Gomes Ferrão Castelo Branco, com contribuições de sócios. Alguns autores consideram a biblioteca da Bahia como a primeira biblioteca pública brasileira, pois a Biblioteca Nacional só foi aberta ao público em 1914; anteriormente, era restrita apenas à família real e a poucos estudiosos que tinham autorização para acesso³².

Fundada em 1925, a Biblioteca Mário de Andrade é a segunda maior biblioteca pública do país. Superada apenas pela Biblioteca Nacional, foi resultado de doações de diversos acervos particulares e da Biblioteca Pública do Estado de São Paulo. A Biblioteca Mário de Andrade possui um dos maiores acervos do país, formado por livros, periódicos,

³² As informações foram obtidas no site <http://www.bibliotecavirtual.sp.gov.br>. Acesso em: 12/3/2013.

mapas e multimeios, e mantém uma das mais relevantes coleções públicas de periódicos da América Latina, um dos mais representativos acervos de arte de São Paulo, uma biblioteca depositária da Organização das Nações Unidas (ONU) e uma riquíssima coleção de obras raras³³.

A Biblioteca Pública do Paraná data de 1857, mas só foi instalada em prédio próprio em 1954, em Curitiba. É uma das maiores bibliotecas públicas do Brasil. Seu acervo reúne cerca de 630 mil livros, periódicos, fotografias, mapas, cartazes e materiais de multimeios e multimídia. É um órgão de regime especial, subordinado à Secretaria de Estado da Cultura, que ocupa área de 8.528,96 metros quadrados e é uma das bibliotecas públicas mais frequentadas do país, atendendo em média três mil usuários/dia e fazendo cerca de dois mil empréstimos diários de livros³⁴.

De acordo com o I Censo Nacional das Bibliotecas Públicas Municipais, divulgado pelo Ministério da Cultura em 30 de abril de 2010, Curitiba tem a melhor estatística, entre as capitais, em número de bibliotecas por cada 100 mil habitantes. Vale ressaltar que alguns analistas creditam o resultado ao projeto Farol do Saber³⁵.

Há uma dificuldade de se estabelecer uma cronologia única da criação das bibliotecas, devido à divergência de pontos de vista quanto ao critério da ordem pela construção, inauguração e/ou abertura ao público. Uma estatística mais apurada da realidade das bibliotecas públicas municipais tornou-se possível a partir da implantação do Sistema Nacional de Bibliotecas Públicas, em 1977, congregando as bibliotecas públicas estaduais e condicionando a criação de sistemas estaduais no país (RODRIGUEZ, 2012).

No início do século passado, sabia-se que das vinte e três bibliotecas públicas estaduais, treze iniciaram a implantação do Sistema Nacional de Bibliotecas Públicas, beneficiando um total de 718 municípios. Possivelmente, havia em 1980 mais do que 718 bibliotecas – supondo-se uma por município, embora o número real fosse desconhecido pelo Sistema e, portanto, as bibliotecas estariam isoladas e provavelmente em condições adversas. Segundo Sueden (1980), as bibliotecas foram criadas sem a previsão da infraestrutura

³³As informações foram obtidas no site: <http://www.prefeitura.sp.gov.br/cidade/secretarias/cultura/bma/historico/index.php?p=7653>. Acesso em: 12/3/2013.

³⁴As informações foram obtidas no site: <http://www.bpp.pr.gov.br/modules/conteúdo/conteúdo.php?conteudo=3>. Acesso em: 12/3/2013.

³⁵ Considerando o sucesso do projeto, outras cidades brasileiras construíram os seus “Faróis”, como: Ribeirão do Pinhal (1996), Boa Vista da Aparecida e Paranavaí, no Paraná, e São Luís do Maranhão (1997). Também existe um Farol do Saber no exterior, na cidade holandesa de Haia.

necessária, funcionando em locais improvisados; seus acervos eram desatualizados e compostos de doações, e elas careciam de recursos humanos adequados.

Conforme os resultados do Censo Nacional das Bibliotecas Públicas Municipais Brasileiras (2010), vários aspectos foram abordados, como: a existência de bibliotecas; o perfil e a qualificação do dirigente; as instalações e os equipamentos; o acervo e seu estado; os dias e períodos de funcionamento; o fluxo de usuários; o número e a qualificação dos funcionários; os serviços prestados ao usuário, entre outras características.

O censo foi realizado em todos os 5.565 municípios brasileiros, no período de setembro a novembro de 2009. Em 4.905 municípios, foram realizadas visitas *in loco* para a investigação sobre a existência e as condições de funcionamento de bibliotecas públicas municipais. Os 660 municípios restantes – identificados como “sem bibliotecas”, entre 2007 e 2008, pelo Sistema Nacional de Bibliotecas Públicas e atendidos pelo Programa Mais Cultura com a instalação de bibliotecas – foram pesquisados por contato telefônico. Foi verificado com o Censo que, em 2009, 79% dos municípios brasileiros possuíam ao menos uma biblioteca aberta, o que corresponde a 4.763 bibliotecas em 4.413 municípios. Em 13% dos casos, as bibliotecas ainda estavam em fase de implantação ou reabertura, e em 8% achavam-se fechadas, extintas ou nunca existiram. Considerando aquelas que estão em funcionamento, são 2,67 bibliotecas por 100 mil habitantes no país³⁶. Segue abaixo a tabela de municípios brasileiros, de acordo com o Censo:

Possui ou não Biblioteca Pública Municipal (BPM)?				
Região	Possui	Não Possui	Em implantação	Reabertura
Sul	89	8	12	1
Sudeste	92	6	1	1
Centro-Oeste	81	8	10	1
Norte	66	11	21	2
Nordeste	64	9	25	2

Tabela 1 – Municípios brasileiros com pelo menos uma biblioteca pública municipal

Considerando a diversidade por regiões, torna-se relevante levantar os dados históricos da Região Nordeste, uma vez que o estado do Maranhão é o escopo da pesquisa e situa-se dentro da mesma. Entretanto, houve certa dificuldade no levantamento de dados históricos

³⁶ As informações foram obtidas no seguinte site: <http://www.abdl.com.br/noticias/index.php?noticia=272&titulo=Primeiro%20Censo%20Nacional%20Bibliotecas%20P%20FAblicas%20Municipais>. Acesso: 14/3/2012

sobre o assunto, pois, como afirma Marinho (2008, p. 1), “Até a independência política do Brasil, a província do Maranhão tinha um comércio de livros inteiramente nulo. Ter acesso a essas materialidades através de espaços públicos promotores de leitura significa imbricar num silêncio de leitura”.

Analisando a história das bibliotecas no Maranhão, através dos registros documentais, percebe-se que, embora houvesse interesse nacional pelo funcionamento de lugares para a instrução pública, o desdobramento regional era comprometido pela disparidade entre a sociedade brasileira dominante e a dominada, pelo fato “impolítico e abominável” da escravidão; “escravidão moral que submete o homem aos outros homens”. (SCHWARZ, 2012, p.126).

Dessa forma, a criação da Biblioteca Pública na província do Maranhão, como de outras instituições educativas, só pode ser compreendida a partir de uma análise das estruturas objetivas e subjetivas, profundamente relacionadas aos interesses de uma minoria economicamente favorecida. Segundo Castro, Silva e Castellanos (2011), a criação dessas instituições fez parte de um projeto colonizador, em que o conceito de dominador/dominado esteve estreitamente relacionado a interesses específicos, externos, e muitas vezes de acordo com o interesse do Estado que via nesses espaços um modo concreto de manter a hierarquia das estruturas políticas, econômicas e sociais.

Segundo Viveiros (1960), a proposta de criação da biblioteca pública para a província do Maranhão partiu do membro do Conselho Geral da Província, Antônio Pedro da Costa Ferreiro, e foi apresentada na sessão de oito de julho de 1826 da Assembleia Legislativa. Entretanto, somente em 1829 foram tomadas medidas para concretizar a ideia, e a biblioteca foi aberta ao público em 1831, com 1.448 volumes adquiridos.

A biblioteca ocupava uma das salas da parte superior do Convento do Carmo e foi aberta com o dinheiro arrecadado da subscrição popular, além de doações de ilustres ludovicenses. As regras de funcionamento caracterizam o papel excludente dessa instituição, ao proibir as conversas em voz alta e ao exigir vestimentas adequadas para seu acesso, o que deixava claro a origem da clientela esperada. Assim, ao observar o regulamento da biblioteca, percebe-se que a mesma, como outras instituições maranhenses, era restrita aos homens brancos de bom poder aquisitivo e, principalmente, que soubessem ler e escrever, o que era privilégio de poucos em toda a província. “Serão admitidas todas as pessoas que se apresentarem decentemente vestidas, franqueando-se-lhes os livros que pedirem, pennas e tinta” (MARANHÃO, 1935).

O controle sobre as materialidades de leitura e as dificuldades para ampliar o acervo ou fazer reformas precisas na Biblioteca esbarravam na crise econômica, política e social desencadeada com a Balaiada e, principalmente, com o empobrecimento da sociedade endinheirada local, com a desvalorização do algodão maranhense no mercado internacional. Neste quadro, calavam-se os comentários sobre a Biblioteca ou qualquer apoio financeiro, físico e material à mesma. Na década de 40, continuava como um lugar sombrio, paredes escuras, estantes abarrotadas de livros que dividiam espaço com outros objetos escolares, como lousas e carteiras. Situação agravada com a instalação do museu de história natural, que também funcionava no interior da Igreja do Carmo. Sob o ponto de vista social, era de grande importância para a província possuir uma biblioteca e um museu; entretanto, nenhum dos dois tinha significado, muito pelo contrário, estavam fadados à ruína. (CASTRO, PINHEIRO, 2006, p. 41)

A partir de 1850, os recursos para a Biblioteca Pública Provincial do Maranhão ficaram estabilizados para a compra e restauros de livros e para a contratação de pessoal, em decorrência da crise política e econômica que ocorria no período. Ao expor sobre o desaparecimento gradual do acervo, Viveiros (1960) afirma que, dos 3.376 volumes, restavam no ano de 1858 apenas 1.931 em bom estado. A biblioteca apresentava condições deprimentes e não havia como ser mantida pelo estado, quando a Assembleia Legislativa Provincial aprovou a Lei nº 752, de 1º de junho de 1866, transferindo-a para o Instituto Literário Maranhense.

Em 1872, a biblioteca passou a ser tutelada pela Sociedade Onze de Agosto; porém, após a falência dessa instituição, a biblioteca foi esquecida por mais dois anos em uma das salas, sem verba e sem manutenção no ano de 1880. Para reverter a situação, o presidente da província do Maranhão transferiu o que restava do seu acervo para uma sala da Igreja da Sé, quando foi dado início ao processo de organização, pelo Sr. Augusto da Silva Fontes, nomeado para tal função. Entretanto, em 1886 os administradores da igreja pediram a sala onde a biblioteca estava instalada e, sem possibilidade de escolha, o acervo voltou para o Convento do Carmo, tendo sido definitivamente esquecido (CASTRO, SILVA, CASTELLANOS, 2011).

Moraes (1970) aponta que, no final do Império, a Biblioteca Pública Provincial perambulou como trambolho indesejável. Seus livros eram atirados em carroças, maltratados, extraviados nas suas inúmeras mudanças e/ou queimados por ordem da presidência. Em 1896, o Congresso Legislativo nomeou o Sr. José Ribeiro do Amaral como diretor, com a incumbência de criar e organizar uma biblioteca para um Estado republicano, progressista e moderno. Ao ser inaugurada a nova biblioteca em 1898, a história da antiga biblioteca foi

totalmente apagada, assim como todas as iniciativas tomadas durante o período monárquico, considerado atrasado, conservador e pouco democrático. Na visão de Viveiros (1960), a Biblioteca criada em 1829 foi extinta, e no ano de 1896 uma nova foi criada por iniciativa de Benedito Leite.

Durante os anos de 1896 e 1897, Ribeiro do Amaral estabeleceu como prioridade a organização da biblioteca, recuperando os fragmentos restantes e recebendo novas ofertas de livros, jornais e revistas. No ano seguinte, abandonou o seu cargo de diretor, devido à recusa ao seu pedido de contratação de mais um servente para o desenvolvimento dos trabalhos internos. Foi substituído, por ordem do vice-governador Alfredo Cunha Martins, por um dos maiores intelectuais da época, Antônio Lobo. Empossado como diretor em 10 de janeiro de 1898, Lobo inaugurou, nesse mesmo ano, a Biblioteca Pública do Estado do Maranhão, a qual se tornou, em 1958, a Biblioteca Benedito Leite. Iniciou-se, assim, uma nova história para essa instituição que, ao longo do tempo, passou por vários entraves, até que fosse reconhecida como um bem público, educativo e cultural³⁷.

O prédio da Biblioteca Benedito Leite possui estilo neoclássico de grandes proporções, com elementos característicos, tais como: cobertura e escadaria de acesso, cúpula central, alas semicirculares e vãos de janelas encimados por frontões. Localiza-se na Praça do Panteon, na parte mais alta e central de São Luís, em frente à Praça Deodoro. É dotada com aparelhagens de climatização e de informatização. Possui 127.000 peças em seu acervo, entre obras de arte, coleções de jornais maranhenses desde a Independência (1822), manuscritos do século XVIII, livros, revistas, jornais, fotografias, microfilmes, diários oficiais, obras raras, livros em Braille e folhetos. Conta, ainda, com um significativo acervo referente à história política do Maranhão³⁸.

A Biblioteca Pública Benedito Leite ficou fechada por mais de dois anos para a realização do projeto de preservação e modernização do seu acervo raro, através de um edital da FAPEMA (Fundação de Amparo à Pesquisa e Desenvolvimento Científico do Maranhão). Cabe ressaltar que o período previsto para a obra era de 12 meses, mas durante o tempo em que ficou fechada a biblioteca retornou para um prédio acanhado e mal-iluminado, onde por longos anos já havia estado sob a guarda da Sociedade Onze de Agosto.

³⁷ Além da Biblioteca Pública, Marques (1970), menciona a existência da Biblioteca Popular, fundada com doativos particulares, com 4.169 volumes, jornais do Império, da Europa e dos Estados Unidos, e da Biblioteca Militar, fundada pelos oficiais do 5º batalhão de infantaria para uso interno, com 700 volumes, abrangendo literatura, ciências, artes, legislação, indústria e religião. Em 1876, existiam quatro bibliotecas, totalizando 19.869 volumes.

³⁸ Informações obtidas no site: <http://www.cultura.ma.gov.br/portal/bpbl>. Acesso em: 17/4/2013.

Em maio de 2013, a governadora Roseana Sarney reinaugurou a Biblioteca Pública Benedito Leite, no Centro de São Luís. Com investimento de R\$ 7 milhões, sendo R\$ 5,5 milhões em obras civis e o restante em equipamento, a obra de recuperação total do prédio foi executada pela equipe da Secretaria de Estado de Infraestrutura (SINFRA).

O projeto de preservação teve como objetivo transcreever duzentos manuscritos, utilizando a escrita paleográfica, visando à publicação futura do Catálogo de Manuscritos da Biblioteca Pública Benedito Leite. Também se pretende realizar pesquisas sobre a biblioteca, sendo que uma tentará abordar toda a sua história, desde a sua criação (1829) e posterior abertura ao público (1831) até os dias atuais. Outra pesquisa será sobre os programas de incentivo à leitura da Benedito Leite no período de 1990 a 2013. Esses estudos serão transformados futuramente em dois livros.

Higienizar todo o acervo raro, visando à prevenção da ação de agentes poluentes e biológicos, também faz parte dos objetivos do projeto, assim como adquirir um *scanner* planetário para digitalização de documentos raros, e equipamentos de informática para armazenar de forma segura todo o conteúdo das obras digitalizadas. Deverão ser digitalizadas 5.000 obras raras, entre livros, jornais e manuscritos. No *site* da Biblioteca Pública Benedito Leite serão disponibilizadas, na íntegra, 1.000 obras raras digitalizadas, respeitando a Lei de Direitos Autorais³⁹.

Na pesquisa *Retratos da Leitura no Brasil* (2011), considerada como o mais amplo levantamento realizado até hoje no país sobre hábitos, práticas e opiniões sobre a leitura, observa-se que a difícil trajetória de implantação da Biblioteca Pública do Maranhão pode ter sido um dos motivos que justificam os baixos índices relacionados à leitura da população. Cabe aqui ressaltar que esse não é um problema somente deste estado; entretanto, este fato merece atenção em função dos indicadores que refletem a situação da Região Nordeste em relação às bibliotecas e, também, aos dados divulgados pelo Instituto Pró-livro⁴⁰, que revela que:

- Na Região Nordeste, 19% da população entrevistada afirmam não existir biblioteca por perto, 12% não sabem se existe e 68% confirmam a existência de uma biblioteca em sua cidade, enquanto que na Região Sul, 13% da população entrevistada afirmam não existir biblioteca por perto, 9% não sabem se existe e 78% confirmam a existência de uma biblioteca em sua cidade.

³⁹ Informações obtidas no site: <http://www.cultura.ma.gov.br/portal/>. Acesso em: 17/4/2013.

⁴⁰ O Instituto Pró-Livro é uma Organização Social Civil de Interesse Público (OSCIP) formada pelas principais entidades do livro no Brasil: Câmara Brasileira do Livro (CBL), Sindicato Nacional de Editores de Livros (SNEL) e Associação Brasileira de Editores de Livros (ABRELIVROS).

- Leitores frequentam bibliotecas basicamente durante a vida escolar.
- 46% dos alunos não têm esse hábito.
- Apenas 1 em cada 4 estudantes frequenta bibliotecas públicas municipais.
- Mais da metade dos frequentadores das bibliotecas são crianças e adolescentes.
- 20% dos leitores dizem que não vão a bibliotecas por causa de problemas que elas apresentam.
- 73% das 172,7 milhões de pessoas entrevistadas em 2007 afirmaram não frequentar bibliotecas; e apenas 7% afirmaram ser atendidos por bibliotecários. (INSTITUTO PRÓ-LIVRO, 2008, p. 208)

Diante desses dados, uma preocupação a mais deve recair sobre o estado do Maranhão: como superar essa esmagadora realidade da falta de bibliotecas em prazo de menos de sete anos? Tal preocupação fundamenta-se na lei aprovada no Senado, no dia 25 de maio de 2010, que obriga todas as instituições de ensino do país a terem pelo menos uma biblioteca escolar no prazo de dez anos. De autoria do Senador Cristovam Buarque, a lei também determina que as bibliotecas tenham um acervo com pelo menos um título por aluno matriculado na instituição e criem programas de incentivo à leitura. É importante sublinhar que, passados praticamente três anos da aprovação da lei, é possível questionar quais são/foram as iniciativas tomadas pelos estados, principalmente o Maranhão, para que se consiga atingir a meta no prazo definido.

Com efeito, observando as orientações para a apresentação das ementas parlamentares do orçamento para 2013 para a Educação Básica não se verifica a devida atenção à biblioteca. No próprio sumário, como se vê abaixo, os espaços destinados à leitura não foram considerados prioridades; observa-se que nas 65 páginas a palavra biblioteca só apareceu uma única vez, no item sobre a construção de um polo da Universidade Aberta do Brasil como um item financiável para a reforma e ampliação de escolas existentes.

Educação Básica

Plano de Ações Articuladas (PAR).....	8
Proinfância.....	12
Reforma, Ampliação e Construção de Novas Escolas e Polos Presenciais da Universidade Aberta do Brasil (UAB).....	16
Construção de Quadras Esportivas Escolares Cobertas e Cobertura de Quadras Esportivas Existentes.....	22
Mobiliários e Equipamentos Escolares.....	26
Educação Digital (<i>Tablets</i> , Computadores, <i>Notebooks</i> e Laboratórios ProInfo).....	34
Caminho da Escola (Ônibus, Bicicletas e Lanchas).....	40
Uniformes, Brinquedos e Materiais Escolares.....	46

Diante desse contexto, foi realizado pelo movimento Todos Pela Educação⁴¹ um levantamento, com base no Censo Escolar de 2010, que constatou que o Brasil precisa construir 130 mil bibliotecas até 2020 para cumprir a lei 12.244, que estabelece a existência de acervo de pelo menos um livro por aluno em cada instituição de ensino do país, tanto de redes públicas quanto privadas. Hoje, na rede pública, apenas 27,5% das escolas têm sala de leitura, ou seja, para equipar todas as 113.269 escolas públicas sem bibliotecas, seria necessária a construção de 34 unidades por dia.

Além dessa análise, o estudo faz a comparação com os números do Censo de 2008 e mostra que nem mesmo as escolas erguidas nos três anos seguintes (7.284 novas unidades) não contemplam o espaço. Inacreditavelmente, apenas 19,4% dessas novas instituições têm bibliotecas. Os estados mais carentes são os das regiões Norte e Nordeste, que possuem infraestrutura escolar precária, com unidades escolares que chegam a funcionar em construções sem energia elétrica e saneamento básico. Um dos estados com destaque negativo nesse aspecto é o Maranhão, que possui apenas 6% das escolas com bibliotecas na rede municipal.

Fazendo um movimento em relação às bibliotecas escolares, em contrapartida com os Faróis da Educação, uma vez que os mesmos foram construídos a partir da constatação de que o Projeto de Implantação de Bibliotecas Escolares não havia surtido efeito como já mencionado, é importante apresentar alguns dados do município de Codó em relação às suas bibliotecas escolares, tendo em vista que esses elementos podem deixar mais visível a situação do estado do Maranhão em relação à problemática investigada.

O município de Codó possui 252 escolas públicas, sendo 189 estabelecimentos rurais e 63 na zona urbana. De acordo com o Censo 2010, apenas quatro escolas dentro dos 189 estabelecimentos rurais do município possuem bibliotecas, ou seja, apenas 2,6% das escolas de Codó possuem esse espaço. Do total de 63 escolas públicas da zona urbana, apenas nove possuem bibliotecas, ou seja, somente 14,2% das escolas possuem bibliotecas escolares, e apenas três das 252 escolas públicas possuem salas de leitura. A situação melhora somente se forem levados em conta os dados das escolas privadas, pois 50% delas possuem bibliotecas.

Os dados citados a seguir são referentes ao mapeamento realizado em todos os 63 estabelecimentos urbanos de Codó e em 37 escolas da zona rural, ou seja, 20% das escolas rurais⁴², se o Censo 2010 for usado como referência. O objetivo das visitas às escolas com

⁴¹ Informações obtidas no site: <http://todospelaeducacao.org.br>. Acesso em: 23/04/2012.

⁴² A aplicação dos questionários foi realizada pelos estudantes dos cursos de Licenciatura em Ciências Naturais e Licenciatura em Informática do Campus VII da UFMA de Codó.

bibliotecas e/ou espaços destinados à leitura foi conhecer e verificar as suas condições de funcionamento; já no caso das escolas que não possuem um espaço reservado à leitura, a pretensão foi verificar o local em que se encontram os livros presentes nas escolas, levando-se em consideração a distribuição de livros de literatura pelo Governo Federal, através do Programa Nacional de Biblioteca da Escola (PNBE).

Cabe destacar que as informações aqui apresentadas trazem apenas um retrato parcial das bibliotecas escolares do município de Codó, realizado através da aplicação de um formulário aos gestores da escola, uma vez que a grande maioria delas não possui profissionais responsáveis pela biblioteca e/ou sala de leitura, ou até mesmo não possui esses espaços.

Foi observado, a partir dos dados levantados, que dentre as escolas que possuem espaço destinado para a biblioteca, grande parte delas não está funcionando de forma organizada. Algumas, apesar de possuir o espaço próprio, não possuem equipamentos, acervo, e muito menos uma pessoa responsável pelo espaço para efetivamente constituir a biblioteca. Pode-se observar *in loco* que a grande maioria dos livros expostos e armazenados em várias escolas são didáticos, e que não estão dispostos de forma adequada.

ESPAÇO PRÓPRIO DA BIBLIOTECA



Foto 3 - Escola Família Agrícola Irmã Rita
Loren Wicklein



Foto 4 - Centro de Formação por Alternância
Ana Moreira

Entretanto, em meio à precariedade das bibliotecas, foram localizadas no município escolas com esses espaços estruturados e organizados para o atendimento aos estudantes. Apesar disso, foi observada a necessidade de haver um profissional com formação adequada para exercer as funções que lhe são requeridas na biblioteca escolar. A falta desse profissional é um dos motivos que impossibilita o empréstimo dos livros e o acesso dos discentes a esse espaço fora do horário acordado com os professores.

Milanesi (1986) afirma que, se não deve existir escola sem bibliotecas, também não deve existir bibliotecas sem bibliotecários, pois sem esse profissional as normas de funcionamento, o tratamento da informação e os serviços oferecidos pela biblioteca são instituídos sem discussão e critérios adequados. Assim, a biblioteca deixa de atender satisfatoriamente às necessidades da comunidade escolar e de criar e/ou incentivar mudanças quanto ao hábito de leitura e de pesquisa.

ESPAÇO PRÓPRIO DA BIBLIOTECA



Foto 5 - Escola Municipal Ananias Murad



Foto 6 - Centro Educacional Colares Moreira

É importante ressaltar que o fato de a escola possuir um espaço com excelentes condições não garante a sua boa utilização, se o profissional-gestor daquele local não compreender as concepções e práticas que envolvem a sua boa atuação como mediador da leitura. Além disso, como afirma Montuani (2012), mesmo havendo a compreensão por parte dos auxiliares das suas atribuições relativas à formação de leitores, a falta de apoio para as demandas técnicas que fazem parte do cotidiano da biblioteca escolar dificulta o desenvolvimento de atividades promotoras da leitura nesse espaço.

Fato semelhante acontece nas salas adaptadas, onde há espaços de leitura organizados e desorganizados. Entretanto, foi observado, no que concerne ao município de Codó, que o problema maior nessa adaptação é o espaço físico da escola – em muitos casos, pode-se considerar a sala de leitura como o “espaço múltiplo”, que abriga a biblioteca, a secretaria, a sala de professores, etc. Durante as observações, foram encontrados livros e materiais diversos que são deixados amontoados, caracterizando o espaço mais como um depósito que uma biblioteca. É oportuno ressaltar que algumas bibliotecas se tornam sala de aula por falta de espaço físico na escola para tal atividade. A partir de então, se tornam salas adaptadas para realizar alguma atividade de leitura quando a sala está desocupada, o que raramente acontece, dada a precariedade de espaços construídos nas escolas do estado do Maranhão.

O espaço da biblioteca escolar também pôde ser questionado. Em grande parte das escolas esse dispositivo não existe como tal, sendo substituído por salas de leitura, “cantinhos” etc. O desenho de bibliotecas nos projetos arquitetônicos das escolas é raro, inclusive quando foram projetadas como parte do edifício escolar, e a dinâmica institucional conduz ao “reaproveitamento” das bibliotecas como salas de aula, sempre que a escola pensa em expansão de matrícula. Pensar a biblioteca escolar com características físicas que transcendam a ideia de uma sala com estantes de livros não foi o denominador comum nas escolas visitadas. Pelo contrário, muitas bibliotecas se confundiam com depósitos de livros amontoados sem nenhum critério nem organização e, muitas vezes, se encontraram os livros empacotados em suas embalagens originais. Outras se reduziam a “armariotecas”; os livros se encontravam guardados em armários trancados a chave, não estando disponíveis para consulta de alunos ou professores. Em muitas bibliotecas não existiam registros dos livros em catálogos, o que implicava desconhecimento por parte da comunidade escolar sobre a quantidade e qualidade das obras de que dispunham. (PAIVA; BERENBLUN, 2009, p. 13)

SALAS ADAPTADAS PARA BIBLIOTECAS



Foto 7 - Escola Municipal Pica Pau



Foto 8 - Escola Municipal Raimundo Gomes

É importante não deixar de mencionar que o espaço consagrado à biblioteca escolar é geralmente inferior ao necessário e não permite um funcionamento adequado ao número de alunos. A situação varia muito de escola para escola. Foi identificado um espaço maior em certos casos em que houve apropriação de salas de aula, obtendo-se assim uma dimensão mais próxima da recomendada pela UNESCO para as bibliotecas escolares⁴³. Em muitos estabelecimentos de ensino, há problemas relacionados com localização (bibliotecas afastadas dos locais por onde passa o maior número de utilizadores, em locais barulhentos, junto de cantinas, ginásios ou salas de convívio); iluminação precária ou desproporcional (insuficiência ou excesso de luz natural); e carência de isolamento térmico e acústico. A maioria das bibliotecas possui apenas um espaço em comum, não sendo possível discriminar zonas destinadas às diferentes atividades praticadas pelos utilizadores, como espaços para

⁴³ Carrol, F. L. e Beilke, P. F. *Guidelines for the Planning and Organization of School Library Resource Centers*, Paris, UNESCO, 1979.

leitura individual recreativa e para estudo, para trabalho de grupo e para consulta de documentos audiovisuais, de CD-ROM ou internet.

Os equipamentos disponíveis não foram e não são pensados para utilizações diversificadas. Na maioria dos casos, as poucas bibliotecas escolares existentes possuem apenas mesas e cadeiras idênticas às das salas de aula, que não oferecem o conforto necessário. No entanto, o maior problema relaciona-se à não realização de empréstimos de livros, justificada pelo pequeno acervo e pelas perdas existentes. Seguem esse mesmo caminho a Biblioteca Pública, o Farol da Educação e a Indústria do Conhecimento do Serviço Social da Indústria (SESI) do município de Codó, que também não realizam nenhum tipo de empréstimo.

A falta de empréstimos faz com que os leitores em potencial muitas vezes não tenham acesso aos livros, pois não possuem tempo disponível para frequentar os espaços de leitura do município de Codó e não podem levar o livro para ler em casa no horário livre. Como lembra o poeta Antonio Cícero, “Guardar uma coisa não é escondê-la ou trancá-la. Em cofre não se guarda coisa alguma. Em cofre perde-se a coisa à vista. Guardar uma coisa é olhá-la, fitá-la, mirá-la por admirá-la, isto é, iluminá-la ou ser por ela iluminado [...]”.

Segundo Werthein (CORREIO BRASILIENSE, 10 abril 2005), ex-representante da UNESCO no Brasil, calcula-se que 73% dos livros estejam concentrados nas mãos de 16% da população e, segundo dados do IBGE, 89% dos municípios não possuem bibliotecas públicas e 65% não têm livrarias nem lojas de música. As bibliotecas bem equipadas estão localizadas em zonas urbanas e no centro de cidades. Dados obtidos a partir do Censo Escolar 2004, do Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (INEP), mostram que das 53 mil bibliotecas escolares existentes em todo o país, 46 mil (86%) estão localizadas em zonas urbanas, sendo que a rede privada concentra o maior número de bibliotecas escolares (39% do total). Essas estatísticas alarmantes mostram as enormes desigualdades regionais e a desigualdade na distribuição de bens culturais. (PAIVA; BEREBLUN, 2007, p. 9)

No tocante a essa situação de que 89% dos municípios não possuem bibliotecas, foram verificados os locais onde se encontram os livros das escolas que não possuem bibliotecas ou salas de leitura, pois o fato dessas escolas não possuírem bibliotecas e/ou salas de leitura não se justifica por não haver livros, tendo em vista que o Governo Federal distribui anualmente livros para as escolas, através do Programa Nacional de Biblioteca da Escola (PNBE), como já foi mencionado. Segundo Paiva (2012), a política de distribuição de livros pelo PNBE já está consolidada; o problema, como já identificado pelo Tribunal de Contas da União e

mencionado em seu relatório de 2002, é a não utilização dos acervos distribuídos e a necessidade de formação para os mediadores.

Como já foi dito anteriormente, esse retrato parcial buscou identificar, além da ausência de bibliotecas, quais seriam os espaços destinados aos livros da escola, uma vez que não possuem um espaço próprio ou adaptado para a biblioteca. Os locais mais comuns identificados foram: estantes e armários com livros, localizados nas salas de aula, na sala da direção, na secretaria e em depósitos.

ESTANTES E ARMÁRIOS



Foto 9 - Unidade Integrada Renê Bayma



Foto 10 - Escola Municipal São José

Os livros encontrados nas escolas públicas de Codó que não possuem bibliotecas estavam geralmente em estantes desorganizados, e sem nenhum profissional responsável por eles (vide fotos acima). Já os livros acondicionados em armários apresentaram um responsável por eles, ou melhor, pela chave da porta, o que dificulta o acesso ao livro, pois os alunos não têm acesso a essa chave e os professores muitas vezes não conseguem encontrar o responsável no momento em que precisam. Alguns gestores justificam o guardar os livros no armário pelo cuidado com o livro para “durar mais tempo”. Esse é um ponto de vista questionável, uma vez que um livro sem leitor pode ser comparado “... a um navio sem passageiros que fica para sempre atracado, que acaba por se desintegrar sob os esforços conjugados da água, do tempo, do sal e da fauna marinha [...]”⁴⁴ (GOULEMOT, 2011, p.18).

De acordo com a avaliação do Tribunal de Contas da União (TCU), em 2002 já havia sido constatado que a falta de espaço próprio para guardar e utilizar o acervo distribuído pelo PNBE, tende a comprometer a qualidade do trabalho pedagógico das escolas. É necessário um apoio às escolas carentes, que apresentam deficiências que podem comprometer seriamente o

⁴⁴ Fiz uma pequena adaptação do texto de Goulemout (2011), que fez a comparação do navio com uma biblioteca sem leitores.

uso dos acervos de livros, se não receberem atenção diferenciada por parte da gerência do PNBE. As fotos abaixo ilustram a situação de diversos espaços destinados aos livros em algumas escolas do município de Codó em 2012: sala de aula, sala dos professores, sala da direção, secretaria, almoxarifado e depósito.

SALA DE AULA



Foto 11- Jardim Comunitário Santa Rita

SALA DOS PROFESSORES



Foto 12 - Escola Municipal Osalina Zaidann

SALA DA DIREÇÃO

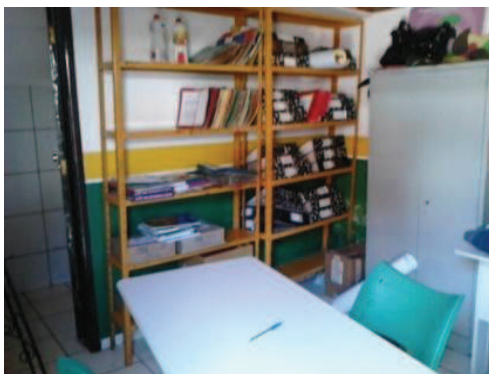


Foto 13 - Creche Casulo

SECRETARIA



Foto 14 - Escola Municipal Edison Lobão

DEPÓSITO



Foto 15 - Escola Municipal São Tarcísio

ALMOXARIFADO



Foto 16 - Escola Municipal Maria Alice Machado

Apesar de algumas escolas não possuírem bibliotecas, foi verificada a existência de alguns “cantos” da escola para atividades relacionadas à leitura, tais como: contação de histórias, dramatizações, leituras individuais e/ou coletivas, entre outras. Percebe-se que algumas atividades realizadas com a leitura foram identificadas como pontuais, partindo de atitudes particulares de alguns professores e/ou da gestão da escola. Não foram observadas atividades com os livros distribuídos pelo PNBE, pois segundo os entrevistados esses livros não estão chegando à zona rural do município de Codó. De acordo com as informações obtidas, eles ficam no depósito da prefeitura (CIBRAZEM – Companhia Brasileira de Armazenamento), e muitas vezes se perdem sem serem distribuídos nas escolas. Sobre essa situação, alguns gestores que conhecem o programa disseram não ter condições financeiras nem transporte para buscarem os livros. Apesar disso, em algumas escolas foram identificados livros do PNBE nas prateleiras, sendo que as caixas foram levadas, na maioria dos casos, em motos por seus gestores. Segundo Aparecida Paiva, coordenadora geral da avaliação pedagógica do PNBE: “Antigamente, questionava-se que os alunos da escola pública não tinham acesso aos livros. Hoje, os livros chegam às bibliotecas, mas permanecem dentro das caixas”⁴⁵.

CANTINHOS DA LEITURA



Foto 17 - Escola Municipal Padre José de Freitas



Foto 18 - Escola Municipal Sagrado Coração de Jesus

Cabe sublinhar que a precariedade das bibliotecas escolares não é apenas um problema, ou privilégio às avessas do estado do Maranhão. Conforme um estudo coordenado por Campello et al. (2012), a precariedade nas bibliotecas escolares está presente em todo o país. O *corpus* da pesquisa para tal constatação foram 18 diagnósticos⁴⁶ publicados na

⁴⁵ Entrevista à revista Carta Capital realizada no dia 13/04/2013.

⁴⁶ Dos 18 diagnósticos feitos, sete eram artigos de periódicos, cinco eram trabalhos apresentados em eventos, quatro eram dissertações de Mestrado e dois eram teses de Doutorado.

literatura da área, durante o período de 1979 a 2011, abrangendo as regiões Nordeste, Sudeste e Sul. Todos os autores pesquisados classificaram as bibliotecas escolares como: “insatisfatórias” (MADUREIRA, 1985), “precária” (QUEIROZ, 1985 & MARTINS, 1983), “deficiente” (MACIEL FILHO, 2001), “caótica” (CRUZ, 1979 & DUARTE, 1998), “grave e alarmante” (NASCIMENTO, 2007), “calamitosa” (PERUCCHI, 1999) e “lastimável” (MARTINS, 1983) (CAMPELLO et al., 2012, p. 5 e 6).

Diante dos dados apresentados até aqui, pode-se afirmar que a biblioteca passou a ser uma instituição leiga e civil, pública e aberta. Entretanto, a democratização e a socialização das bibliotecas públicas atuais constituem uma realidade discutível, pois elas ainda são raras e apresentam peculiaridades temporais, sociais, geográficas e econômicas em cada região do país.

O Brasil tem mantido a liderança mundial na aquisição e distribuição de livros (didáticos, literários, paradidáticos e técnicos) para as escolas, através de programas governamentais implementados pelo Fundo Nacional para o Desenvolvimento da Educação (FNDE). Como constata Lázaro (2009), nas avaliações nacionais e internacionais a que são submetidos os alunos, estes obtêm índices de domínio da leitura incompatíveis com o investimento feito.

Uma explicação para tal fracasso pode ser, como já citado por PAIVA (2012), o fato de os livros distribuídos muitas vezes permanecerem nas caixas fechadas, esquecidos nas prateleiras e jamais manuseados, uma vez que não há pessoas capacitadas para fazerem a mediação dos mesmos. O que se pode constatar é que os profissionais não consideram o ato de ler como um processo de significação de textos representativos de distintos gêneros textuais, entre os quais assumem importância ímpar os literários.

Vivemos num país onde os indicadores de leitura não são nada favoráveis. Por mais que estejamos avançando, os níveis de compreensão leitora ainda são baixíssimos e o número de leitores, idem. Daí o acesso ao livro e formação leitora ser um direito básico de cidadania, de inclusão social e de desenvolvimento. É nessa perspectiva que o agente de leitura deve agir. Sua ação cultural é, por excelência, uma ação social de transformação da realidade onde ele está inserido. Numa dimensão mais ampla, todo agente de leitura é um agente cultural e social. (SANTOS, 2009, p. 38)

De acordo com Silva (2003), o Brasil deve concentrar a atenção no campo das bibliotecas escolares e públicas, pois são espaços que, minimamente organizados, podem desempenhar um importante papel na elevação do nível cultural e da consciência crítica da população brasileira. Ainda segundo o autor, as informações obtidas na ou por meio da

biblioteca podem se constituir em uma inesgotável fonte de estímulo e inspiração para as iniciativas criadoras do leitor. Assim, o exercício da criatividade e do questionamento – somado à experiência de aprendizagem diversificada – permitirá a superação da mera reprodução do discurso dominante. No âmbito da escola, permite que o discente não reproduza o discurso do docente e, sim, questione e produza outros conhecimentos.

Para que isso ocorra, a biblioteca não pode ser considerada apenas um local para armazenar livros, mas um espaço que promove a disseminação da cultura. Será, portanto, por meio desse espaço denominado biblioteca que os estudantes terão a oportunidade de conviver com suportes de leitura, adquirindo a prática da leitura, e podendo, dessa maneira, incorporar esse hábito literário em seu cotidiano.

Uma pesquisa realizada para diagnosticar os impactos e as consequências da implantação de 25 bibliotecas pelo Programa Livro Aberto no Maranhão aponta as seguintes considerações: “não basta proporcionar o acesso, é fundamental o incentivo à prática da leitura e à valorização do livro e das bibliotecas como garantia para a efetivação das políticas públicas em execução” (SILVEIRA, 2010, p. 10). Além disso, o diagnóstico revelou uma necessidade profunda de formação de mão de obra especializada nas bibliotecas públicas desse estado, pois é impossível tornar uma biblioteca atuante, dinâmica e realmente aproveitável sem o intermédio de profissionais devidamente preparados e gestores que acreditem na importância social, cultural e educacional das bibliotecas.

Para que um profissional que atua nas bibliotecas consiga ser um mediador, ou seja, desempenhar bem as atribuições que a ele competem, não basta ter o hábito da leitura, é necessária uma formação que possa dar suporte teórico à sua prática. Além disso, para que a biblioteca escolar seja, de fato, parte central da escola, e não apenas um apêndice, é necessário que o profissional que nela atua participe ativamente das reuniões pedagógicas, conheça o projeto político-pedagógico e seja o fio condutor de todos os movimentos que possam fazer da biblioteca um espaço plural, aberto, onde alunos e professores possam juntos sentir o prazer da descoberta, das múltiplas leituras, da diversidade de informações e opiniões.

Considerando, desse modo, que é na escola que as crianças, principalmente das camadas menos favorecidas, podem e devem ter acesso aos livros, deve-se pensar que a biblioteca escolar precisa funcionar como um importante instrumento no despertar e na promoção do hábito da leitura, além de ser apoio fundamental no processo de ensino-aprendizagem. Segundo Campello (2012, p. 142), as pesquisas sobre biblioteca escolar são escassas; “[...] em julho de 2010, incluindo não só teses e dissertações, mas também artigos

publicados em revistas e anais de congressos, foi mostrada a existência de 68 trabalhos de pesquisa, cobrindo textos desde a década de 1970”, levantamento realizado na base de dados Literatura Brasileira em Biblioteca Escolar (LIBES).

Ressalta-se que, atualmente, já existem discussões quanto ao apoio de estudos científicos que forneçam evidências concretas de que a biblioteca tem influência na aprendizagem, pois dessa forma poderá haver a devida atenção à biblioteca escolar que, historicamente, não tem sido reconhecida na prática como um recurso de aprendizagem (CAMPELLO, 2012).

Um dos aspectos que se destaca como importante na evolução desse conceito é a concepção da biblioteca como um espaço que promove a disseminação da informação. Um espaço dinâmico que passa a integrar diversos suportes e materiais audiovisuais, cuja atuação deve estar integrada aos objetivos e propostas da instituição de ensino em que se insere, configurando-se, dessa maneira, como um laboratório de aprendizagem, como afirma Silva:

A biblioteca escolar⁴⁷ é uma instituição do sistema social que organiza materiais bibliográficos, audiovisuais e outros meios e os coloca à disposição de uma comunidade educacional. Constitui parte integrante do sistema educacional e participa de seus objetivos, metas e fins. A biblioteca escolar é um instrumento de desenvolvimento do currículo e permite o fomento da leitura e a formação de uma atitude científica, constitui um elemento que forma o indivíduo para a aprendizagem permanente, estimula a criatividade, a comunicação, facilita a recreação; apoia os docentes em sua capacitação e lhes oferece a informação necessária para a tomada de decisões na aula. Interage também com os pais de família e com outros agentes da comunidade. (SILVA, 1997, p.147)

Nesse contexto, considera-se relevante apontar a importância dos Faróis da Educação do Maranhão – que na maioria dos municípios são o único espaço destinado à leitura – como uma forma expressiva e real de ocupar o lugar da biblioteca escolar e da biblioteca pública, para que a prática da leitura aconteça nesses espaços. Não obstante, faz-se necessário, para favorecer tal propósito, que se estabeleça uma parceria entre o poder público e os profissionais que ali atuam, principalmente o bibliotecário e o professor, pois ambos são educadores e devem se preocupar em conferir aos estudantes uma escolarização de boa qualidade.

Reconhecer a importância da biblioteca para o futuro dos cidadãos é reconhecer que a distribuição equitativa da leitura é condição para uma plena democracia cultural (SOARES,

⁴⁷ Desde a mais remota antiguidade, foram os sacerdotes os responsáveis pela guarda da sabedoria e da ciência, mas terão sido os gregos os responsáveis pela expansão das bibliotecas, atribuindo-se a Aristóteles a primeira Biblioteca Escolar, considerada a mais importante, mesmo antes da de Alexandria.

2004). É necessário que os espaços públicos de leitura não se tornem apenas lugares físicos, mas permitam uma relação social capaz de conferir visibilidade ao mundo no qual os indivíduos se constituem em sujeito e o mundo em significado; em que agentes sociais, dotados dos mais diferentes recursos, e a partir dos mais diversos lugares, disputam a hegemonia dos movimentos intersubjetivos que dão ordem à desordem do mundo.

CAPÍTULO 2 – LEITURA DOS FARÓIS

Neste capítulo, será apresentada a trajetória percorrida para construir o objeto da pesquisa, seus objetivos, o *corpus* utilizado e sua pertinência no campo do estudo. Para isso, é pertinente apresentar alguns dados relacionados aos espaços de leitura dos seis municípios do estado do Maranhão pesquisados.

2.1 ALINHAVANDO OS PONTOS DE PESQUISA

Como foi mencionado anteriormente, esta pesquisa tem como objeto de estudo a formação de leitores em espaços destinados à leitura no Maranhão; neste caso específico, as bibliotecas Farol da Educação da Unidade Regional de Educação de Codó. Para realizar esta investigação, inicialmente foram observadas práticas de leitura que aconteceram em seis Faróis da Educação. O propósito foi verificar os vínculos dos Faróis com as escolas públicas; analisar se suas condições físicas e estruturais favorecem a leitura e, por fim, discutir as práticas de leitura que acontecem nesses espaços. Dessa forma, justifica-se a necessidade de responder a seguinte questão: Qual é o papel das bibliotecas Farol da Educação na formação de leitores?

Na observação das práticas de leitura desenvolvidas nos Faróis da Educação, é necessário levar em consideração a história cultural do local, pois, como esclarece Chartier (1990b), para identificar o modo como em diferentes lugares e momentos uma realidade social é construída, é importante tomar por objeto as formas e os motivos das suas representações e pensá-las como análise do trabalho de representação das classificações e das exclusões que constituem as configurações sociais e conceituais de um tempo ou de um espaço.

De acordo com Chartier (1990b), um autor pode ser lido e entendido quando se leva em consideração o contexto no qual o seu trabalho foi produzido. Tal assertiva também se aplica ao Farol da Educação. Com efeito, interpretá-lo aqui possibilita ir do discurso ao fato, questionando a ideia de fonte como mero instrumento de mediação e testemunho de uma realidade; considerando as representações como realidade de múltiplos sentidos, mesmo porque as representações do mundo social, assim construídas, embora aspirem à universalidade de um diagnóstico fundado na razão, são sempre determinadas pelos interesses do grupo que as forjam.

Atentando para o fato de que os interesses são diversos, é preciso avançar para além dos documentos “oficiais”, incluindo na investigação as fontes orais, entrevistando pessoas que estavam presentes desde o início do processo até as que estão atualmente coordenando os Faróis da Educação. Além disso, foram necessários relatos dos supervisores e auxiliares dos cinco Faróis que estavam em funcionamento, além de depoimentos dos leitores e da professora que utiliza o Farol de Codó em sua prática docente.

Para dar conta do desafio representado pelos depoimentos orais –, fontes orais – foi feito uso da metodologia da história oral. Certamente, não se trata da apropriação dessa metodologia como uma historiadora ou antropóloga, mas como uma pesquisadora das ciências humanas que concorda com Alberti (2005), quando este afirma que a história oral pode ser empregada em diversas disciplinas das ciências humanas. No entanto, vale sublinhar que “[...] nem tudo que é oral e gravado remete ao campo da história oral” (MEIHY, 2005, p.5). De fato, trata-se apenas de um documento que necessita da interpretação do pesquisador para ser história. Em outros termos, os documentos orais disponíveis carecem de interpretação para chegarem até o leitor na forma de um trabalho acerca das práticas de leitura no Maranhão. Fazer uso da metodologia da história oral cria possibilidades diversas para esta pesquisa, pois responde às necessidades de preenchimento de espaços que não são supridos pelos documentos escritos a que se teve acesso acerca dos Faróis da Educação. Até porque o que precisa ser dito no Maranhão, mesmo quando perceptível, não é expresso nos documentos escritos, mas sim verbalizado, quando o pesquisado sente confiança no pesquisador.

No primeiro momento desta investigação, foi considerado necessário entrevistar a coordenadora geral dos Faróis, Cynthia Fernanda (que concedeu uma entrevista sobre o projeto Farol da Educação em novembro de 2011), algumas bibliotecárias que atuam nessa gestão – em especial, a que se ocupa da coordenação dos Faróis do interior, Maria Ivani Ribeiro Guimarães – e, também, uma ex-bibliotecária da equipe que trabalhou no início da implantação do projeto Faróis da Educação no Maranhão, Cássia Furtado.

Durante o primeiro contato, a coordenadora geral dos Faróis do Maranhão autorizou a pesquisa nos seis faróis da URE de Codó, explicou sobre o trabalho realizado pela supervisão dos Faróis, e apresentou o “Manual dos Auxiliares”. Nessa conversa, foram observadas as dificuldades enfrentadas para assistir aos Faróis da Educação do interior, sendo um dos motivos o fato de a equipe gestora ser composta por apenas nove bibliotecárias para acompanhar mais de duas mil bibliotecas escolares e os cento e dois Faróis funcionando.

Sou responsável por todos os Faróis, os 102 Faróis e, no estado todo, uma média de 2 mil bibliotecas escolares, mas eu posso falar das 192 bibliotecas escolares que são as que nós realmente trabalhamos, que são na capital. A gente tem pouco pessoal, então a gente não tem como ir a todas essas bibliotecas escolares. Agora, nós somos responsáveis por todos os Faróis da Educação, por todos os 102 Faróis da Educação e, o que a gente faz com isso? Tem a inauguração dos Faróis, quando eu cheguei os Faróis já existiam, não foram criados por mim, e eu peguei pra administrar esses Faróis. Quando eu cheguei, a gente era responsável só pelos Faróis da Educação, depois com o secretário que passou, ele entregou as bibliotecas escolares para a gente, porque as bibliotecas escolares ficavam meio que soltas na Secretaria da Educação. Então teria que ter uma supervisão para tomar conta delas, então vieram para a gente, junto com os Faróis da Educação. E aí a gente faz a inauguração dos Faróis da Educação, que fica por conta da supervisão; nessa inauguração, a gente faz a capacitação desse pessoal que é entregue pelos municípios. É que o Farol é meio a meio, meio estado e meio município, tanto que a gente está passando agora por uma possível municipalização dos Faróis, por isso que eles estão assim... tu vai achar alguns paralisados, que não estão com todas as atividades funcionando adequadamente, é porque nessa gestão do novo secretário, ele achou, junto com a nossa secretária adjunta, que os Faróis poderiam ser municipalizados, pois os Faróis não têm nenhuma verba federal, eles são completamente estaduais, tudo que se faz no Farol é com verba do estado. Então isso dificulta um pouco, pelo número muito grande de Faróis que existem hoje no estado e que estão passando por uma situação difícil; nós, em dois anos, já tivemos cinco secretários da educação, quer dizer, teve uma paralisação aí com tudo isso⁴⁸.

Segundo a coordenadora Cynthia Fernanda, os Faróis têm como objetivo não só atender a comunidade da área escolar onde estão implantados, mas também envolver escolas da Educação Infantil, do Ensino Fundamental, do Ensino Médio – públicas ou particulares – nas demais comunidades dos bairros dos municípios sedes, realizando diversas atividades. Entretanto, muitas dessas atividades não estão sendo desenvolvidas no Farol como previsto no Manual, devido à falta de recursos humanos e financeiros. A coordenadora descreveu o que acontece, ou deveria estar acontecendo, no Farol a partir da sua inauguração.

Quanto tudo está funcionando perfeitamente, a gente faz a inauguração do Farol. A supervisão da engenharia é responsável pela feitura do Farol, passa para a gente ele pronto, a gente vai até o município, faz a capacitação dos funcionários que estão sendo cedidos pelo município, pelo prefeito. Aí, depois de feita a capacitação, o acervo vai também do estado, a gente inaugura o Farol com uma média de dois mil, dois mil e quinhentos títulos, aí se faz essa capacitação, se leva o manual, existe dentro do Farol um Manual. Existe um Manual que ensina como se trabalha com os Faróis da Educação desde a chegada do livro até as atividades de leitura, atividades culturais que acontecem durante todo o ano. A gente acompanha todas as atividades culturais, folclóricas, dia dos pais, dia das crianças, então tudo é festejado no Farol para chamar a comunidade. Na realidade, o Farol da Educação não é

⁴⁸ FERNANDA, Cynthia. Entrevista concedida a Cristiane Dias Martins da Costa. São Luís. Nov. 2011.

uma biblioteca escolar, ele fica fora dos muros da escola, essa que é a diferença no trabalho de atividades escolares e do Farol da Educação. Agora nós estamos fazendo o entrosamento das duas, levando o Farol um pouco mais para dentro da escola, trabalhando com as atividades da escola e a escola aproveita o Farol e faz as apresentações dela, tem atividades culturais. Depois disso, a gente fica acompanhando o Farol da Educação, né! Aqui também, pela supervisão de biblioteca, vai ser feita a capacitação uma vez por semestre. Isto tudo agora está meio parado, a gente faz frequentemente aqui na capital, agora no interior está meio parado por conta dessa situação de municipalização, mas o normal, mas vamos falar como se estivesse tudo normal, a gente vai duas vezes ao ano, muitas vezes o prefeito muda esses funcionários, então a gente tem que fazer essa capacitação; e aí se faz a compra de acervo também uma vez por ano, mas está parado há dois anos, né? Por conta dessa mudança muito grande que houve dos secretários, imagina cinco secretários em dois anos? Quebra muito o trabalho. E o Farol tem sofrido muito com isso, pois quando você tem verba federal o ministério não se incomoda, faz de acordo com os projetos federais, então o dinheiro vem. Para a gente não, quebra a cada secretário que vem, depende muito de como está a Secretaria no momento. Com tudo isso, a gente tem sofrido um pouquinho nos Faróis. Mas a gente continua fazendo as atividades aqui na capital, as atividades são feitas, se tu puder participar, a gente faz a semana da criança, maravilhoso! A gente também faz atividade de extensão, a gente leva o Farol da Educação até hospitais; ao hospital Nina Rodrigues, eles trabalham com deficientes. A gente vai à maternidade infantil, trabalha com crianças hospitalizadas. A gente também faz esse trabalho por fora, né. Somos parceiras de todos esses aí, trabalhamos também na feira do livro, no Proler. Então, a gente tem essa interação com várias secretarias, Secretaria da Saúde, Secretaria de Cultura, e assim é o nosso trabalho⁴⁹.

Verifica-se que um dos maiores problemas enfrentados pelos Faróis do interior é a falta de estrutura física e de pessoal qualificado. Pode-se afirmar, por outro lado, que na ilha de São Luís os trabalhos desenvolvidos nos sete faróis estão mais assistidos, tendo o acompanhamento das bibliotecárias da Secretaria de Educação. Soma-se a isso o fato de os estagiários que trabalham em São Luís serem alunos do curso de Graduação em Biblioteconomia da Universidade Federal do Maranhão, enquanto que no interior os atendimentos são realizados por funcionários cedidos pela prefeitura, e que nem sempre possuem uma formação que os aproxima da leitura. A formação esperada, segundo o Manual dos Faróis é Ensino Médio ou Graduação em cursos afins à Educação; entretanto, na prática, nem sempre é possível cumprir essas exigências.

A coordenadora apontou o interesse do estado em municipalizar os Faróis, uma vez que toda a verba destinada a eles é do estado. Um total de dois mil reais é repassado por ano, em quatro parcelas, através de uma escola madrinha. Além disso, deveria haver duas capacitações por ano com os funcionários dos Faróis. Outra verba seria destinada à compra

⁴⁹ FERNANDA, Cynthia. Entrevista citada.

anual de livros; porém, atualmente, a capacitação e a aquisição de livros não estão ocorrendo no interior do Maranhão. Conforme a coordenação, há dois anos a equipe não possui condições de realizar as capacitações nos interiores, e desde 2008 não há um repasse de verba para compras de livros. Levando em consideração as dificuldades mencionadas, a gestão atual está tentando obter apoio do Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação (FNDE) para participar do Programa Nacional Biblioteca da Escola (PNBE), que destina livros anualmente para bibliotecas escolares da rede pública de ensino.

Após autorização da coordenadora, foram realizadas visitas aos seis municípios pesquisados: Codó, Timbiras, Coroatá, Peritoró, São Mateus e Alto Alegre. Com o intuito de saber se a comunidade reconhecia o Farol da Educação, ao chegar às cidades pedia-se auxílio a diversas pessoas (crianças, homens, mulheres, idosos) para localizar o Farol. É interessante ressaltar que, com exceção de Alto Alegre, todas as pessoas indagadas reconheciam e sabiam onde ficava o Farol da Educação. No caso de Alto Alegre, é justificável a não identificação com o espaço, pois o Farol ainda não havia sido inaugurado. A partir disso, percebe-se o reconhecimento do espaço Farol da Educação pela comunidade do município, apesar de algumas pessoas não o identificarem como bibliotecas e nem saberem sobre as atividades ali realizadas.

Nas visitas aos Faróis, busquei entrevistar o supervisor/diretor e um auxiliar do espaço, além de deixar um formulário para que todos os funcionários preenchessem. Vale ressaltar que fui confundida por algumas pessoas com uma integrante da equipe gestora dos Faróis, como se observa na fala de um dos supervisores: “Eu pensei que você fosse a bibliotecária de São Luís, e até preparei as estatísticas que faço mês a mês”. Esse fato justifica a resistência, encontrada em algumas pessoas, para a participação no estudo, além de do constrangimento em relação à situação de funcionamento do Farol. Percebi, ainda, certo medo dos entrevistados em responder o formulário da pesquisa, principalmente nos Faróis em que os auxiliares são mantidos por influência política do prefeito local. Assim, para não emitir juízo de valor e nem permitir a identificação dos entrevistados, as informações obtidas a partir do contato com os profissionais dos Faróis serão analisadas globalmente.

As dificuldades encontradas durante as visitas de campo também merecem ser comentadas, uma vez que, para conseguir as informações necessárias, foi preciso fazer várias visitas aos Faróis, tendo em vista que o repasse de alguns dados dependia da autorização dos supervisores. Houve casos em que as tentativas duraram meses. Além disso, para o andamento da pesquisa eram necessários dados que seriam obtidos através da equipe gestora.

É importante salientar que, com exceção da coordenadora geral, nenhuma bibliotecária da equipe permitiu que a entrevista fosse gravada. As pessoas entrevistadas também não se posicionaram em relação à pesquisa. Foi ressaltado por elas que, para disponibilizar qualquer dado, necessitariam da autorização da coordenadora. Entretanto, com o decorrer do tempo, foi ficando mais difícil entrar em contato com a coordenadora geral dos Faróis e das bibliotecas escolares do Maranhão. Coincidia que em grande parte das tentativas telefônicas a coordenadora se encontrava em reunião; também não havia retorno, quando era pedida por e-mail a permissão para ter acesso a alguns dados arquivados. Foram necessárias muita insistência e bastante persistência para obter alguns dados básicos em relação ao projeto.

Inversamente, em Curitiba, em apenas um dia de visita à coordenadora do projeto Farol do Saber foi possível conseguir todas as informações necessárias, além dos diversos dados que estão na internet sobre as bibliotecas da cidade. A diferença no grau de dificuldade de acesso às informações se deve também ao fato de o projeto de Curitiba estar sistematizado, não passando por dificuldades estruturais e de funcionamento, como tem acontecido no Maranhão.

2.2 CENÁRIOS DA PESQUISA

O estado do Maranhão possui 217 municípios, divididos em dezenove Unidades Regionais de Educação, como já foi dito anteriormente. Neste item, serão apresentadas algumas informações referentes aos espaços destinados à leitura nos municípios da sétima Unidade Regional de Educação do Maranhão: Codó, Timbiras, Coroatá, Peritoró, São Mateus e Alto Alegre.

2.2.1 CODÓ

O município de Codó se localiza na mesorregião leste maranhense, distante 290 km da capital, São Luís, com população de 118.072 habitantes, distribuídos numa área de 4.361,32 km² (CENSO 2010). Apresenta um Índice de Desenvolvimento Humano⁵⁰ (IDH) municipal em torno de 0,558, que está abaixo da média nacional. Seu Índice de Desenvolvimento da

⁵⁰ O Índice de Desenvolvimento Humano (IDH) é uma medida resumida do progresso ao longo prazo em três dimensões básicas do desenvolvimento humano: renda, educação e saúde. Informações obtidas no site: <http://www.pnud.org.br/IDH/DH.aspx>. Acesso em 12/3/2013.

Educação Básica (IDEB) de 2009, aferido a partir da Prova Brasil⁵¹ e do Censo Escolar⁵², é de 3,4 para os anos iniciais e 3,2 para as séries finais do Ensino Fundamental. Quanto ao número de estabelecimentos de ensino da Rede Municipal, existem 54 na área urbana e 185 na área rural, totalizando 239 unidades escolares. Na Rede Estadual, possui doze estabelecimentos, sendo nove na área urbana e três na zona rural. O município conta com a presença do Instituto Federal do Maranhão (IFMA). Há 16 escolas privadas na zona urbana e duas na área rural do município, totalizando 18 estabelecimentos, como se pode observar no quadro abaixo.

Dependência Administrativa	Zona	Total de escolas	Bibliotecas	Salas de Leitura
Estadual	Urbana	9	6	0
	Rural	3	2	0
	Total	12	8	0
Federal	Urbana	0	0	0
	Rural	1	1	0
	Total	1	1	0
Municipal	Urbana	54	3	2
	Rural	185	1	1
	Total	239	4	3
Particular	Urbana	16	8	0
	Rural	2	1	0
	Total	18	9	0

Tabela 2 – Relação das escolas e dos espaços de leitura do município de Codó

Um dado alarmante é o fato de apenas quatro escolas, dentre os 189 estabelecimentos públicos rurais do município, possuírem bibliotecas, ou seja, apenas 2,1% das escolas de Codó possuem esse espaço. Além disso, como já foi mencionado, do total de 63 escolas públicas da zona urbana, apenas nove possuem bibliotecas; somente 14,2 % dessas escolas possuem bibliotecas. A situação melhora, aparentemente, se forem levados em conta os dados das escolas privadas, pois 50% delas possuem bibliotecas. Por fim, apenas três escolas públicas possuem salas de leitura, no total de 252 escolas.

⁵¹ A Prova Brasil é um instrumento de avaliação para diagnóstico, em larga escala, desenvolvido pelo Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (INEP/MEC), tem o objetivo de avaliar a qualidade do ensino oferecido pelo sistema educacional brasileiro a partir de testes oferecido sistema educacional brasileiro a partir de testes padronizados e questionários socioeconômicos. Informações obtidas no site: http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_content&id=210&Itemid=324. Acesso em 12/3/2013.

⁵² O Censo Escolar é um levantamento de dados estatístico-educacionais de âmbito nacional realizado todos anos, se trata do principal instrumento de coleta de informações da educação básica, que abrange as suas diferentes etapas e modalidades. Informações obtidas no site: <http://provabrasil.inep.gov.br/web/guest/basica-censo>. Acesso em 12/3/2014.

A realidade do município de Codó reafirma os dados apontados pelo Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (INEP), no Censo de 2004. Cerca de 30% das escolas públicas possuem biblioteca; entretanto, nas regiões Norte e Nordeste, a proporção tem uma queda para 10%. Sendo assim, das 52.932 bibliotecas escolares existentes no Brasil, 45.966 estão localizadas na área urbana, correspondendo a 86%. As demais 6.966 encontram-se na área rural. Neste contexto, pode-se afirmar, passados nove anos dos dados apontados acima, que a realidade continua parecida, pois 94% dos estabelecimentos públicos escolares de Codó não possuem ainda espaço reservado para comportar os seus livros, como demonstram os gráficos abaixo.

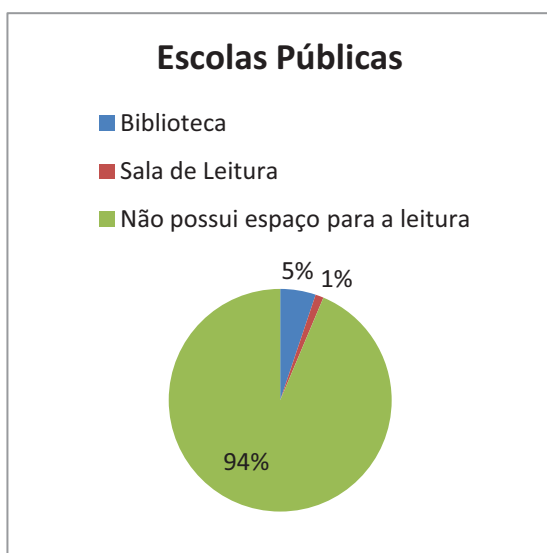


Gráfico 1 – Escolas públicas de Codó

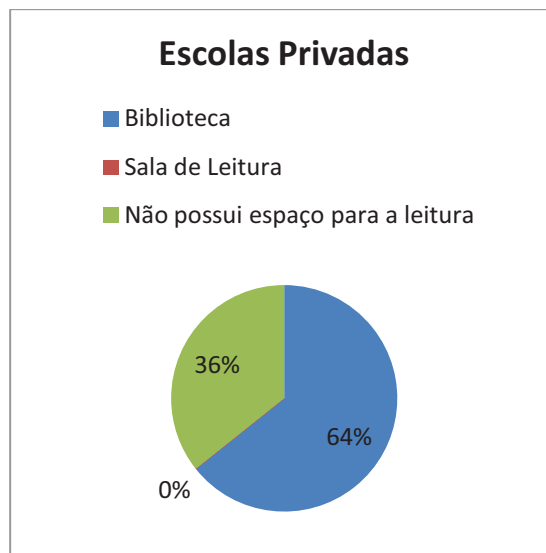


Gráfico 2 – Escolas particulares de Codó

A comunidade do município de Codó conta com três espaços destinados à leitura: a Biblioteca Pública Municipal, o Farol da Educação e a Indústria do Conhecimento. A “Biblioteca Pública Municipal Professor Fernando Carvalho” atende cerca de 1200 pessoas por mês, incluindo as que fazem pesquisas na internet. Atualmente, o acervo é de 12 mil livros, disponíveis apenas para a consulta local. Localizada no centro da cidade, a biblioteca possui um espaço reservado para a literatura infantil e outro para o laboratório de informática, que é destinado às pesquisas na internet.

A biblioteca passou por uma reforma no ano de 2011, quando o prédio recebeu nova pintura, trabalho de manutenção dos computadores, aparelhos de ar-condicionado e ventiladores. Segundo a diretoria da instituição, a Secretaria de Cultura providenciou novos livros para completar o acervo bibliotecário, pois boa parte do acervo havia desaparecido na reforma realizada durante a gestão anterior.



Foto 19 - Biblioteca Pública de Codó



Foto 20 - Sala de Informática da Biblioteca Pública de Codó



Foto 21 - Sala de Literatura Infantil da Biblioteca Pública de Codó



Foto 22 - Sala de Estudo e Pesquisa da Biblioteca Pública de Codó

As unidades Indústria do Conhecimento, do Serviço Social da Indústria (SESI), são centros multimídia, contendo biblioteca, DVDteca, CDteca, gibiteca e internet, onde os usuários têm a oportunidade de acesso à informação e à apropriação do conhecimento. Os centros multimídia são estruturados de forma a atender lacunas na promoção do acesso à informação e ao conhecimento, estimulando práticas de leitura e pesquisa.



Foto 23 - Indústria do Conhecimento de Codó



Foto 24 - Espaço de Estudo e Pesquisa da Indústria do Conhecimento de Codó

Segundo a atendente da Indústria do Conhecimento de Codó, o estabelecimento foi inaugurado em junho de 2012, sendo o público-alvo as crianças de sete a catorze anos que buscam o espaço para fazer pesquisas e leitura; os jovens, de quinze anos ou mais, procuram mais os computadores, embora ainda não haja acesso à internet (estão aguardando o envio do equipamento para instalá-la). O acervo da Indústria do Conhecimento consta de 1.494 livros para consulta local, pois também não é feito o empréstimo de livros. A média de consultas (a partir da segunda vez que o visitante busca esse espaço) ao mês é de 400 visitantes e o atendimento (a primeira visita) é de 150 a 200 pessoas.



Foto 25 - Espaço de Informática da Indústria do Conhecimento de Codó



Foto 26 - Espaço de Literatura Infantil da Indústria do Conhecimento de Codó

O Farol da Educação de Codó foi nomeado como “Professora Carmem Palácio Lago”; entretanto, não possui essa indicação na sua estrutura externa, como acontece na maioria das bibliotecas. Os entrevistados não informaram acerca dessa denominação; esse dado foi obtido através da gerência, em São Luís. A inauguração do Farol aconteceu em 2005 e quatro anos depois ele passou por uma reforma. Ainda assim, já é visível que necessita de alguns reparos. O atendimento ao público é feito – das 7 às 19 horas – por oito funcionários cedidos pela prefeitura da cidade: um diretor, três auxiliares, duas pessoas responsáveis pela limpeza e dois vigias⁵³.

⁵³ No ano de 2013, a auxiliar contratada deixou de trabalhar no Farol de Codó, ficando como atendentes os dois funcionários concursados, além do diretor.



Foto 27 - Farol da Educação de Codó



Foto 28 - Espaço interno do Farol de Codó

2.2.2 TIMBIRAS

O município de Timbiras se localiza na mesorregião leste maranhense, mais especificamente na microrregião de Codó, distante 316 km da capital, São Luís, com população de 28.007 habitantes, distribuídos numa área de 1.486,48 km² (Censo 2010). Apresenta um índice de desenvolvimento humano municipal (IDH) em torno de 0,524, que também se situa abaixo da média nacional. Seu Índice de Desenvolvimento da Educação Básica (IDEB) de 2009, aferido a partir da Prova Brasil e do Censo Escolar, é de 3,2 para as séries iniciais e 3,3 para os anos finais do Ensino Fundamental. Quanto ao número de estabelecimentos de ensino da Rede Municipal, existem 16 na área urbana e 63 na rural, totalizando 79 estabelecimentos. Na Rede Estadual, Timbiras possui apenas duas escolas na área urbana. Em relação às escolas privadas, há duas na zona urbana, conforme os dados da tabela abaixo.

Dependência Administrativa	Zona	Total de escolas	Bibliotecas	Salas de Leitura
Estadual	Urbana	2	0	0
	Rural	0	0	0
	Total	2	0	0
Municipal	Urbana	16	2	0
	Rural	63	0	0
	Total	79	2	0
Particular	Urbana	2	1	0
	Rural	0	0	0
	Total	2	1	0

Tabela 3 – Relação das escolas e dos espaços de leitura do município de Timbiras

Os dados relacionados aos espaços de leitura desse município não o distanciam da realidade de Codó e do Maranhão como um todo, apesar de esse ter o pior índice entre os municípios pesquisados, pois apenas 2,46% das escolas públicas possuem bibliotecas e nenhuma instituição escolar considera ter uma sala de leitura, conforme o Censo de 2010. O fato de Timbiras ter apenas uma escola pública com biblioteca, do total de 81 estabelecimentos, uma biblioteca em uma escola privada e nenhuma biblioteca pública faz do Farol da Educação o único espaço público de leitura destinado à comunidade. Ressalta-se que não há nenhuma biblioteca situada na zona rural, apesar de haver nessa área uma quantidade de estabelecimentos maior que na zona urbana, ou seja, o município possui 63 escolas na área rural e 18 no perímetro urbano.

Conforme os dados dos gráficos abaixo, é possível afirmar que o fato de possuir apenas duas escolas privadas, e uma delas apresentar biblioteca, cria uma imagem ilusória de que a situação das escolas privadas é melhor, pois apresenta um percentual de 50% desses estabelecimentos com espaço destinado à leitura. Mais grave ainda é observar que, das escolas públicas, 98% não possuem bibliotecas e 100% não contam com salas de leitura, de acordo com o Censo 2010.

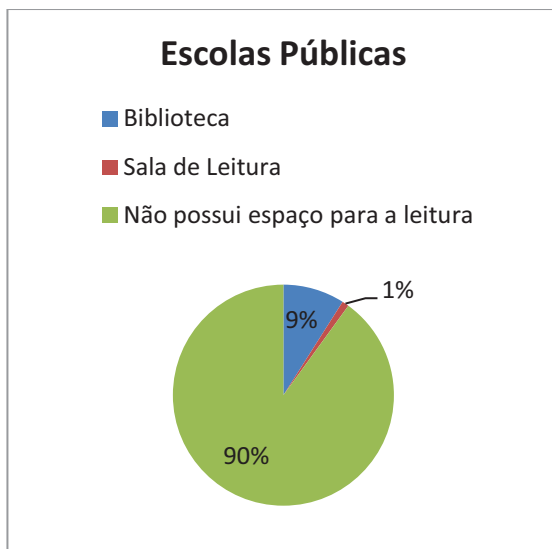


Gráfico 3 – Escolas públicas de Timbiras

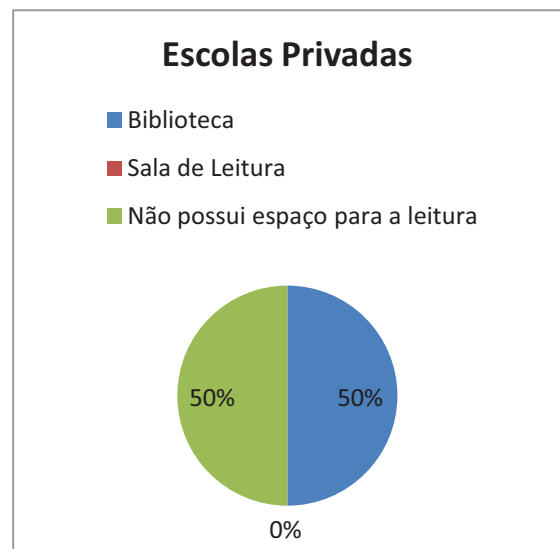


Gráfico 4 – Escolas particulares de Timbiras

O Farol da Educação de Timbiras foi nomeado como “Deputado Gastão Dias Vieira⁵⁴”, mas, como acontece no Farol de Codó, não possui essa informação na sua estrutura externa. Sua inauguração aconteceu em 2002, e até o momento da pesquisa não havia passado

⁵⁴ O projeto Farol da Educação foi implementado pelo Deputado Gastão Dias Vieira, na época em que foi secretário de educação do Maranhão.

por nenhuma reforma, havia apenas recebido uma nova pintura. Devido aos desgastes naturais, também necessita de alguns reparos para o seu melhor funcionamento. O horário de atendimento é das 8 às 12 horas e das 14 às 18 horas. Anteriormente, o Farol possuía seis funcionários cedidos pela prefeitura da cidade: um supervisor, três auxiliares, uma pessoa responsável pela limpeza e outra pela vigilância. No ano de 2013, o quadro de funcionários foi alterado para: um supervisor, quatro auxiliares, duas pessoas para limpeza e quatro vigias.

Como já foi mencionado, a cidade não possui biblioteca pública, sendo o Farol o único espaço reservado à leitura oferecido para a comunidade. Esse fato pode justificar o número elevado de visitantes a esse Farol. Entre os cinco pesquisados, Timbiras é o município que tem a porcentagem de frequentadores acima da média. Entretanto, nos três últimos meses de 2012, houve uma queda da participação da comunidade, e uma hipótese para explicar esse fato seria o processo de mudança de supervisores.



Foto 29 - Farol da Educação de Timbiras



Foto 30 - Espaço interno do Farol de Timbiras

Os dados relacionados ao acesso à leitura em Timbiras nos remetem a Silva (2003), que apresenta sua impressão de que a biblioteca escolar no Brasil parece dispensável para o processo de educação formal. Isso representa um perverso equívoco diante das reduzidas taxas de escolarização mínima obrigatória que ainda nos acompanham e das elevadas taxas de analfabetismo. No indicador do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), ano 2009, sobre analfabetismo, o Maranhão obteve o 4º pior resultado do país, com 19,1% de pessoas acima de 15 anos que não sabem ler nem escrever. A taxa caiu pouco em um ano, pois era de 19,5% em 2008. Os estados nordestinos também têm os índices mais elevados do país em analfabetismo funcional⁵⁵. O Maranhão conta, segundo o IBGE, com 31,7% de

⁵⁵ Termo utilizado para indicar pessoas que possuem a capacidade de decodificar minimamente frases, sentenças, textos curtos e números, mas não a utilizam para realizar suas práticas sociais, ou seja, elas não conseguem desenvolver a habilidade de interpretação de textos e de fazer as operações matemáticas.

peças com mais de 15 anos que são analfabetas funcionais. É o 4º pior índice do país. Os três estados com mais analfabetos funcionais são Piauí (37,5%), Alagoas (36,5%) e Paraíba (33,4%).

2.2.3 COROATÁ

O município de Coroatá se localiza na mesorregião leste maranhense, também na microrregião de Codó, distante 260 km da capital, São Luís, com população de 61.653 habitantes, distribuídos em uma área de 2.263,82 km² (Censo 2010). Apresenta um Índice de Desenvolvimento Humano (IDH) municipal em torno de 0,556 que se situa, como os demais municípios pesquisados, abaixo da média nacional. Seu Índice de Desenvolvimento da Educação Básica (IDEB) de 2009, aferido a partir da Prova Brasil e do Censo Escolar, é de 3,7 para as séries iniciais e 3,5 para os anos finais do Ensino Fundamental. Quanto ao número de estabelecimentos de ensino da Rede Municipal, existem 21 na área urbana e 87 na área rural, totalizando 108 estabelecimentos. Na Rede Estadual, o município possui 12 escolas, sendo que sete delas estão na área urbana e cinco na zona rural. Em relação às escolas particulares, possui seis na zona urbana, como pode ser constatado na tabela abaixo.

Dependência Administrativa	Zona	Total de escolas	Bibliotecas	Sala de Leituras
Estadual	Urbana	7	4	1
	Rural	5	1	0
	Total	12	5	1
Municipal	Urbana	21	5	7
	Rural	87	1	3
	Total	108	6	10
Particular	Urbana	6	3	0
	Rural	0	0	0
	Total	6	3	0

Tabela 4 – Relação das escolas e dos espaços de leitura do município de Coroatá

Em relação às bibliotecas escolares, Coroatá possui um total de 14 espaços destinados à leitura, considerando as escolas da Rede Municipal, Estadual e particular; porém, percentualmente, esse valor é ínfimo, se for levado em conta o universo de 126 escolas do município. Ao analisar separadamente bibliotecas escolares públicas e privadas, o resultado

obtido é que 9,2% das instituições da rede pública possuem esse espaço, pois nas 120 escolas públicas existentes há apenas 11 bibliotecas, segundo o Censo 2010. Na rede particular, observa-se que três escolas do total de seis estabelecimentos possuem esse espaço, apresentando a mesma porcentagem de 50% do município de Timbiras. Vale ressaltar que uma escola municipal da área urbana declarou possuir biblioteca e sala de leitura. Acrescenta-se que o fato de as escolas afirmarem possuir o espaço destinado aos livros, a biblioteca, não é garantia de funcionamento efetivo desse espaço, uma vez que a maioria não possui uma pessoa para dinamizar o seu acervo. Assim, como afirmam Mollo e Nobrega (2011, p. 8) “são pouco úteis estantes repletas de obras-primas se não estiverem organizadas por um profissional que, no mínimo, saiba encontrá-las, apresentá-las, recomendá-las a possíveis leitores, enfim, alguém capaz de dinamizar sua circulação entre os membros da comunidade escolar”. Conforme o gráfico abaixo, apenas 18% das escolas públicas do município de Coroatá apresentam bibliotecas ou salas de leitura.

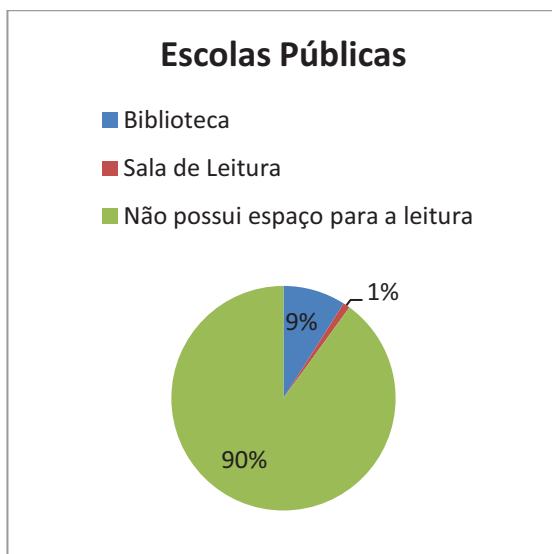


Gráfico 5 – Escolas públicas de Coroatá

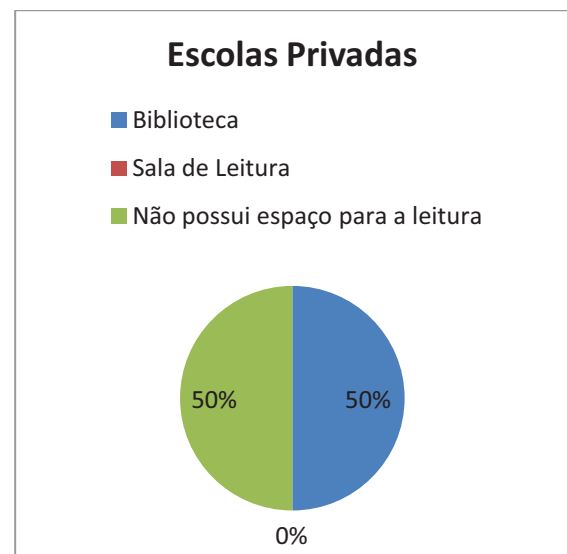


Gráfico 6 – Escolas particulares de Coroatá

De acordo com o coordenador do Farol da Educação de Coroatá, a biblioteca pública da cidade foi inaugurada efetivamente em dezembro de 2011, mas já existia nos documentos. Foi apenas depois de uma fiscalização feita pelo Governo Federal que ela passou a existir realmente. Conforme esse coordenador, seu acervo é inferior ao do Farol da Educação, que possui uma média de cinco mil livros.



Foto 31 - Biblioteca Pública de Coroatá



Foto 32 - Espaço interno da biblioteca de Coroatá

É importante destacar que, durante uma visita no primeiro semestre de 2013, foi verificado que a biblioteca pública não existia mais; o local havia sido transformado em um anexo da Escola Municipal Trisidela II. Acredita-se, a partir de depoimentos coletados, que o acervo da biblioteca pública foi destinado a uma escola do município.

O Farol da Educação de Coroatá atende à comunidade nos três turnos, das 8 às 12 horas (manhã), das 13:30 às 17:30 (tarde) e das 19 às 22 horas (noite). Possui um quadro completo de três auxiliares por turno, totalizando nove atendentes, e é interessante ressaltar que todas as atendentes são da área de educação. Há, também, uma pessoa responsável pela limpeza e um vigia por turno⁵⁶. O supervisor que se encontrava até o final de 2012 possui duas graduações: Pedagogia e História. A atual supervisora é também da área da educação (pedagogia). O Farol homenageou o padre alemão Paul Stapel, responsável por criar a primeira Escola Fazenda Esperança em Coroatá. Esse farol é considerado, pela gerência do projeto, um destaque entre os faróis do interior, por desenvolver um trabalho de reconhecimento junto à comunidade local, apesar das dificuldades enfrentadas, que são semelhantes as dos demais faróis da URE de Codó.

⁵⁶ No início de 2013, por ocasião de uma visita que fiz, foram obtidos dados segundo os quais o Farol de Coroatá estava atendendo apenas nos turnos matutino e vespertino, por falta de funcionários; apresentava-se apenas com dois auxiliares e a supervisora.



Foto 33 - Farol da Educação de Coroatá



Foto 34 - Espaço interno do Farol de Coroatá

2.2.4 PERITORÓ

O município de Peritoró se localiza na mesorregião leste maranhense, fazendo parte também da microrregião de Codó, distante 236 km da capital, São Luís, com população de 20.274 habitantes, distribuídos numa área de 747,68 km² (Censo 2010). Apresenta um Índice de Desenvolvimento Humano (IDH) municipal em torno de 0,537, que também se situa abaixo da média nacional. Seu Índice de Desenvolvimento da Educação Básica (IDEB) de 2009, aferido a partir da Prova Brasil e do Censo Escolar, é de 3,0 para as séries iniciais e 2,9 para os anos finais do Ensino Fundamental. Quanto ao número de estabelecimentos de ensino da Rede Municipal, existem nove na área urbana e 57 na área rural, totalizando 66 unidades educacionais. Na Rede Estadual, possui duas escolas na zona rural e duas na urbana, e não possui escolas particulares, como se pode observar no quadro abaixo.

Dependência Administrativa	Zona	Total de escolas	Bibliotecas	Salas de Leitura
Estadual	Urbana	2	1	0
	Rural	2	1	0
	Total	4	2	0
Municipal	Urbana	9	0	0
	Rural	57	0	0
	Total	66	0	0
Particular	Não possui nenhuma escola			

Tabela 5 – Relação das escolas e dos espaços de leitura do município de Peritoró

Os dados relacionados aos espaços de leitura do município continuam aquém do esperado, pois menos de 3% das escolas do município possuem bibliotecas. O fato de ter apenas duas bibliotecas escolares e não possuir biblioteca pública faz do Farol da Educação o

único espaço público de leitura que não está localizado em uma instituição escolar, da mesma forma que no município de Timbiras. Ressalta-se que uma biblioteca está situada na zona rural e outra na área urbana, mas um fato importante é que 97% das escolas públicas não possuem espaços destinados à leitura, como está evidenciado no gráfico abaixo.

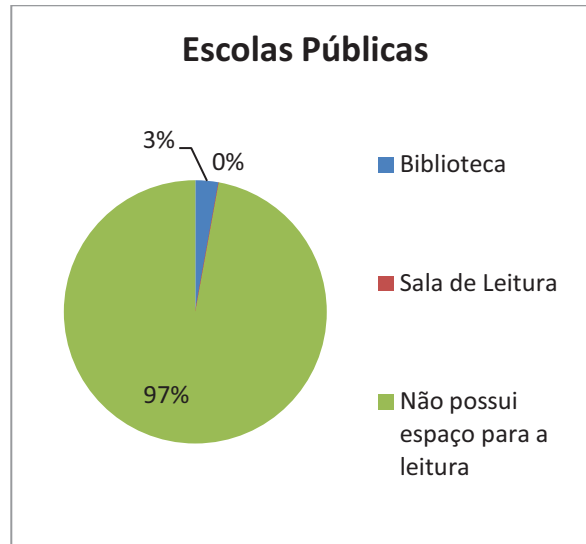


Gráfico 7 – Escolas públicas de Peritoró

O Farol da Educação de Peritoró homenageou Luiza Lima Milhomem, a mãe do prefeito que doou o terreno para a construção do Farol, colocando seu nome nesse espaço de leitura. O horário de funcionamento é das 8 às 12 horas (manhã), das 13:30 às 17:30 (tarde) e das 19 às 22 horas (noite). O estabelecimento possui dois auxiliares por turno, além de duas supervisoras. Não possui vigias, mas tem duas funcionárias destinadas à limpeza⁵⁷.



Foto 35 - Farol da Educação de Peritoró

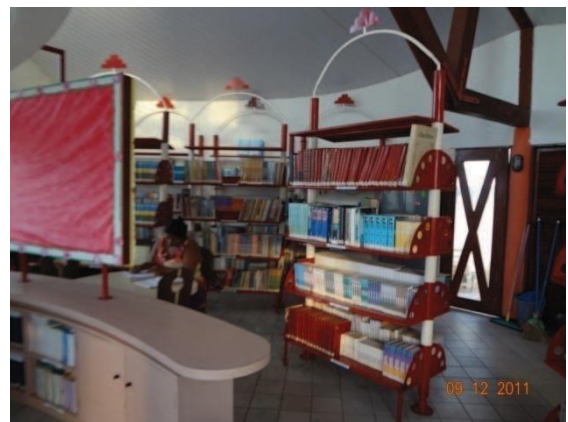


Foto 36 - Espaço interno do Farol de Peritoró

⁵⁷ Em 2013, foram obtidos dados segundo os quais o Farol contava com três funcionários da limpeza, sendo um deles cedido pelo estado, e dois vigias.

Alguns Faróis do Maranhão homenageiam prefeitos e parentes, além de pessoas relacionadas à política local, assim como os integrantes da oligarquia que domina o Maranhão, ao nomear suas bibliotecas com os nomes de: “Roseana Sarney”, “Senador João Alberto”, “Deputado Gastão Dias Vieira”, “Deputado Carlos Braide”, “José Sarney”, entre outros. Isso não foi percebido nas bibliotecas Farol do Saber em Curitiba, que têm nomes de escritores e poetas.

A biblioteca pública do município foi fechada no ano de 2012. Ela homenageava um dos maiores cantores e compositores maranhenses, João do Vale. Segundo alguns relatos, ela era pouco utilizada; há depoimentos de pessoas que afirmaram não saber da sua existência, ou até mesmo, que disseram que nunca existiu uma biblioteca pública em Peritoró.



Foto 37 - Biblioteca Pública de Peritoró

2.2.5 SÃO MATEUS

O município de São Mateus se localiza na mesorregião leste maranhense, mas compõe a microrregião do Médio Mearim, distante 188 km da capital, São Luís. Sua população é de 39.109 habitantes, distribuídos em uma área de 783,22 km² (CENSO, 2010). O Índice de Desenvolvimento Humano (IDH) municipal está em torno de 0,584, o qual se situa abaixo da média nacional. Seu Índice de Desenvolvimento da Educação Básica (IDEB) de 2009, aferido a partir da Prova Brasil e do Censo Escolar, é de 3,5 para as séries iniciais e 2,8 para os anos finais do Ensino Fundamental. Quanto ao número de escolas da rede pública de ensino, existem 53 na sua totalidade, sendo que 20 estão localizadas na área urbana e 33 na zona rural. Na Rede Estadual, o município possui apenas três escolas na área urbana; destas, duas contam com bibliotecas. Já na Rede Municipal, das 50 escolas existentes, apenas duas

apresentam bibliotecas e duas salas de leitura. Em relação às escolas particulares, São Mateus possui duas escolas na zona urbana, conforme pode ser observado na tabela abaixo.

Dependência Administrativa	Zona	Total de escolas	Bibliotecas	Salas de Leitura
Estadual	Urbana	3	2	0
	Rural	0	0	0
	Total	3	2	0
Municipal	Urbana	17	0	2
	Rural	33	2	0
	Total	50	2	2
Particular	Urbana	2	1	0
	Rural	0	0	0
	Total	2	1	0

Tabela 6 – Relação das escolas e os espaços de leitura do município de São Mateus

São Mateus possui um total de cinco bibliotecas escolares. Com relação aos espaços destinados à leitura, esse número é ampliado para sete (cinco bibliotecas e duas salas de leitura), no total de 55 escolas, incluindo a Rede Municipal, a Estadual e a particular. Ao analisar separadamente as bibliotecas escolares públicas, o resultado obtido é de 7,5% das instituições da rede pública com esse espaço (Censo 2010). Contudo, no gráfico abaixo, é possível perceber que 89% das escolas do município não possuem bibliotecas, percentual que se amplia quando se trata de salas de leitura na rede pública. Na rede particular, observa-se que somente uma escola do total de duas unidades de ensino possui biblioteca, apresentando a porcentagem de 50% das escolas privadas com esse espaço.

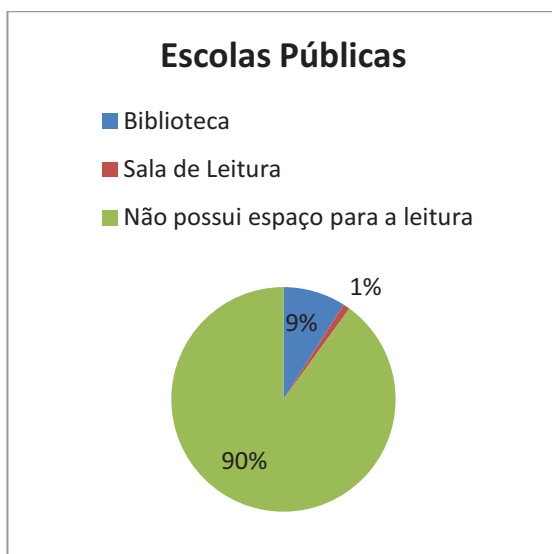


Gráfico 8 – Escolas públicas de São Mateus

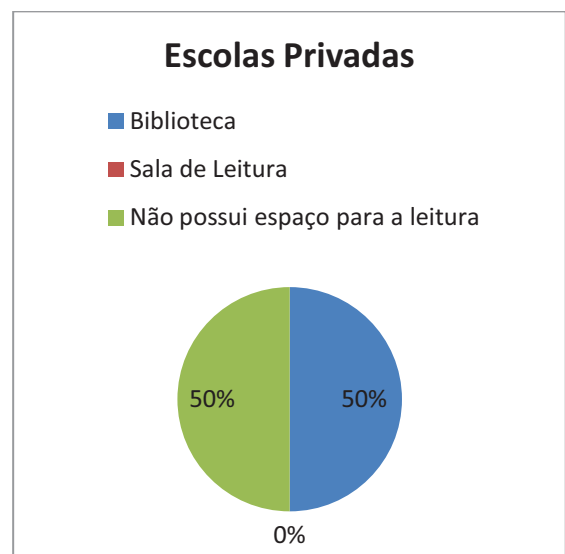


Gráfico 9 – Escolas particulares de São Mateus

O Farol da Educação de São Mateus do Maranhão, contrariando o costume de dar nomes de políticos aos estabelecimentos públicos, homenageou o escritor Machado de Assis. O seu horário de funcionamento é das 8 horas às 11:45 (manhã) e das 14 horas às 17:30 (tarde); entretanto, por várias vezes foi encontrado fechado nesse horário, por falta de funcionários. O Farol possui apenas duas auxiliares, sendo que uma delas também está ocupando o lugar de supervisora. A outra funcionária é responsável pela limpeza e foi cedida pelo estado. No farol, trabalham ainda três vigias, que fazem rodízio no período noturno. Em 2013, foi verificado que o quadro de funcionários ainda estava aquém do esperado, pois havia a presença de uma nova supervisora e apenas um auxiliar, que cumpre a função de atendente e faz a limpeza do estabelecimento.



Foto 38 - Farol da Educação de São Mateus



Foto 39 - Espaço interno do farol de São Mateus

O município de São Mateus possui uma biblioteca pública em estado precário, que funciona, há 20 anos, de segunda a sexta-feira nos horários das 7:30 às 11:30 e das 14 às 17 horas. A mesma possui quatro funcionários da prefeitura, sendo dois por turno. De acordo com uma funcionária, a biblioteca recebe uma média de 20 pessoas por dia. A atividade principal realizada ainda é a pesquisa escolar, mas há também uma grande utilização do espaço para o estudo para concursos; poucas pessoas procuram o espaço para realizar a leitura literária, segundo a entrevistada. A biblioteca oferece o serviço de empréstimo e possui um acervo de seis mil livros. É interessante mencionar que a responsável pela biblioteca declarou que alguns alunos das escolas públicas relataram se sentir mais à vontade na biblioteca pública do que no Farol da Educação.



Foto 40 - Biblioteca Pública de São Mateus



Foto 41 - Espaço interno da Biblioteca Pública de São Mateus

2.2.6 ALTO ALEGRE DO MARANHÃO

O município de Alto Alegre se localiza na mesorregião leste maranhense, também na microrregião Leste Maranhense, distante 205 km da capital, São Luís. Sua população é de 24.596 habitantes, distribuídos numa área de 420,87 km² (CENSO, 2010). Apresenta um Índice de Desenvolvimento Humano (IDH) municipal em torno de 0,538 que, como os demais pesquisados, está abaixo da média nacional. Seu Índice de Desenvolvimento da Educação Básica (IDEB) de 2009, aferido a partir da Prova Brasil e do Censo Escolar, é de 3,6 para as séries iniciais e 2,6 para os anos finais do Ensino Fundamental. Quanto ao número de estabelecimentos de ensino da Rede Municipal, existem 19 na área urbana e 71 no meio rural, totalizando 90 estabelecimentos. Na Rede Estadual, o município possui oito escolas na zona rural e duas na urbana. Não possui escolas particulares, como se pode constatar no quadro abaixo.

Dependência Administrativa	Zona	Total de escolas	Bibliotecas	Salas de Leitura
Estadual	Urbana	2	1	0
	Rural	8	1	0
	Total	10	2	0
Municipal	Urbana	19	2	1
	Rural	71	5	0
	Total	90	7	1
Particular	Não possui nenhuma escola			

Tabela 7 – Relação das escolas e dos espaços de leitura do município de Alto Alegre

Os dados relacionados aos espaços de leitura de Alto Alegre do Maranhão continuam aquém do esperado, apesar desse município apresentar o melhor índice entre os pesquisados, ou seja, quase 10% das suas escolas públicas possuem bibliotecas. O fato de possuir nove bibliotecas nas escolas públicas escolares não modifica percentualmente o valor baixo desses espaços, se considerarmos o total de 100 estabelecimentos. Afinal, 90% das escolas públicas não possuem espaços destinados à leitura, dados que, demonstrados na forma de gráfico, evidenciam ainda mais essa lamentável realidade.

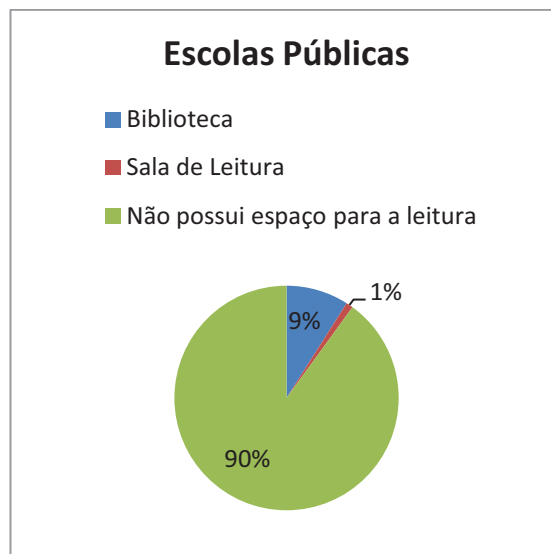


Gráfico 10 – Escolas públicas de Alto Alegre

O município possui uma biblioteca pública há sete anos em funcionamento de segunda a sexta-feira, nos horários das 7 horas às 11:30 e das 14 horas às 17:50. A biblioteca possui cinco funcionários da prefeitura: a diretora, a vice-diretora, dois vigias e uma zeladora. O acervo é de cinco mil livros e ela recebe uma média de três a cinco pessoas por dia. A entrevistada ressaltou que há períodos de até uma semana em que não aparece ninguém, e que algumas vezes o espaço é utilizado pelas escolas para realizarem alguma atividade com os alunos. O espaço da biblioteca é amplo, porém não possui ventilação, o que torna o lugar quente e inadequado para se permanecer por muito tempo. Segundo a entrevistada, os livros mais procurados são os didáticos; poucas são as pessoas que procuram os livros literários. Questionada sobre a realização de empréstimos, afirmou que não estão realizando empréstimos, pois perderam diversos livros.



Foto 42 - Biblioteca Pública de Alto Alegre



Foto 43 - Espaço interno da Biblioteca Pública de Alto Alegre

O Farol da Educação de Alto Alegre consta na planilha da equipe do projeto como “em execução”. Entretanto, os relatos apontaram que a verba da construção foi desviada pelo prefeito da gestão anterior (2004-2008) e que a atual administração não teria condições de finalizar a obra. Como se observa nas fotos abaixo, no ano de 2012 o Farol ainda se encontrava fechado por não ter sido finalizada a obra.



Fotos 44 e 45 - Farol da Educação de Alto Alegre em 2011

Entretanto, a partir de uma nova visita aos Faróis, com o intuito de atualização dos dados da pesquisa, verificou-se que no dia primeiro de janeiro de 2013, o Farol de Alto Alegre havia sido inaugurado; porém, foi constatado também que até meados do mês de maio de 2013, o Farol não estava funcionando, pois o acervo ainda não havia chegado. Entretanto, que já havia pessoas nomeadas para trabalhar no espaço; elas estavam cumprindo o seu horário, apesar de não haver livros, ou qualquer outro material no Farol, como pode ser observado na foto abaixo.



Foto 46 - Farol de Alto Alegre em 2013



Foto 47 - Espaço interno do Farol de Alto Alegre

É importante esclarecer que as informações obtidas através dos entrevistados sobre os Faróis se referem ao ano letivo de 2011, tendo sido possível verificar, durante a nova visita, em meados do primeiro semestre de 2013, diversas alterações. A principal delas diz respeito à mudança dos supervisores, devido à troca de prefeitos. Dos cinco Faróis pesquisados, quatro tiveram alterações em relação aos funcionários – foram trocados todos os supervisores e a maioria dos auxiliares. Codó foi o único Farol que manteve os seus funcionários, o que pode ser explicado pelo fato de o prefeito ter sido reeleito. Essa prática fica clara na fala de uma supervisora:

Outra coisa também que eu acho que posso estar falando para você é a questão dos auxiliares de biblioteca. Porque as formas como as pessoas são selecionadas para trabalhar aqui, geralmente são auxiliares administrativos, e aí tem determinadas funções que eu acredito que estão mudando, assim quando terminam aqueles quatro anos [mandato], aí chega novamente outra pessoa. Eu acho que deveria manter aquelas determinadas pessoas, realmente a gente tem uma funcionária que é desde que fundou, ela tem bastante experiência, teve capacitação no início, aí, quando muda assim, acaba prejudicando. Geralmente eles mudam, e não é nem questão da supervisora para estar acompanhando o Farol, porque estar mudando é muito desagradável. Eu acredito que agora eu tenho que sair para entrar outra pessoa no próximo mandato. Eu acredito que isso prejudica bastante a biblioteca. Devia ser uma pessoa que realmente tem competência, que esteja realmente atingindo os objetivos. Se ela estiver atingindo os objetivos deveria continuar, independente de questões políticas⁵⁸.

A partir de uma breve conversa com os atuais supervisores, foi possível observar as dificuldades enfrentadas por eles, uma vez que iniciam o trabalho, muitas vezes, sem nenhuma orientação ou, até mesmo, nenhuma informação sobre o espaço. No caso específico de Coroatá, o Farol que abria em três turnos, agora só funciona durante a manhã e a tarde, por

⁵⁸ Considerando a flutuação dos funcionários dos Faróis a partir de interesses políticos, optei por não nomeá-los nesta pesquisa. Entrevista realizada em 12/12/2011 com uma auxiliar de um dos Faróis pesquisados.

falta de funcionários; além disso, ficou fechado durante três meses devido à mudança da gestão. Outra dificuldade apontada foi o fato de que, até o final do mês de maio, ainda não haviam recebido nenhuma verba para fazer compra de material de limpeza e /ou expediente. Tal verba se refere aos dois mil reais ao ano (quatro parcelas de quinhentos reais) destinados ao Farol através de uma escola. Foi relatado em um Farol específico que cada funcionário estava tendo de levar o seu papel higiênico e que, muitas vezes, a limpeza estava sendo feita apenas com água.

Cabe aqui sublinhar que o propósito da pesquisa não é analisar a atuação da gestão e coordenação dos Faróis em relação aos municípios do interior – até porque, durante o levantamento dos dados, foi possível constatar a dificuldade de material humano e financeiro da equipe –, mas, sim, verificar quem são os mediadores de leitura e qual é o papel dos Faróis na formação de leitores. É possível que as dificuldades em obter informações dos Faróis pesquisados estejam diretamente relacionadas ao momento vivido pela coordenação e às condições atuais das bibliotecas. Não obstante, faz-se necessário analisar mais profundamente a questão, tendo em vista as relações históricas de dominação que se estabeleceram no Maranhão desde sua fundação e que se ressignificaram com a chamada modernização do estado, a partir do governo Sarney (COSTA, 2006).

Portanto, considerando a realidade observada, algumas questões acompanharam o percurso da pesquisa: Qual seria a real intenção de gastar milhões na construção dos Faróis, sem que houvesse qualquer investimento na formação de pessoas capacitadas, na atualização dos acervos, no planejamento e acompanhamento das atividades realizadas? Como formar leitores sem mediadores de leitura? Como formar um leitor sem ser um leitor? As respostas às indagações realizadas só foram possíveis a partir do contato estabelecido durante a pesquisa com as pessoas que trabalham nos Faróis e com a equipe gestora do projeto.

É sabido que a existência do projeto Farol da Educação do Maranhão se deve ao sucesso do projeto Farol do Saber de Curitiba. Diante desse fato, torna-se necessário conhecer um pouco mais o histórico e o funcionamento dos Faróis do Saber, que se apresentam como importantes espaços produtores de conhecimento e, principalmente, formadores de leitores. Tendo em vista realidades tão díspares, é importante apresentar o contexto do projeto Farol do Saber.

2.3 O FAROL DO SABER

A palavra “farol”, segundo o dicionário de Aurélio Buarque de Holanda, pode significar:

s.m. Torre elevada que possui no seu cimo poderoso facho de luz que serve para orientação dos navios e aviões durante a noite. Marinha. Conjunto das velas de um mastro: o farol do artimão. Projetor de luz colocado na frente de um veículo: o farol do automóvel. Fig. Aquele que esclarece, que guia.

O verbete sugere a seu leitor que através do farol haverá uma orientação, uma luz para guiá-lo em meio à escuridão. Seria esta a ideia que influenciou a concepção do Farol da Educação do Maranhão?

A inspiração para o nome e a arquitetura do prédio vieram da Biblioteca e do Farol de Alexandria. O projeto é inspirado no Farol de Alexandria⁵⁹ e na Biblioteca de Alexandria, que representa o renascimento cultural, pois aproximou os povos e iluminou a antiguidade com a luz do conhecimento.

Inspirado pela biblioteca de Alexandria, o Farol do Saber é uma rede de pequenas bibliotecas espalhadas pelos 54 bairros de Curitiba. O projeto arquitetônico do Farol do Saber é caracterizado por uma torre de farol com dez metros de altura e área construída de 88 metros quadrados. Essa mesma estrutura foi utilizada pelo estado do Maranhão, ao construir seus Faróis da Educação. Há uma semelhança com o Farol de Alexandria, como se pode observar nas imagens abaixo.



Foto 48 - Farol de Alexandria

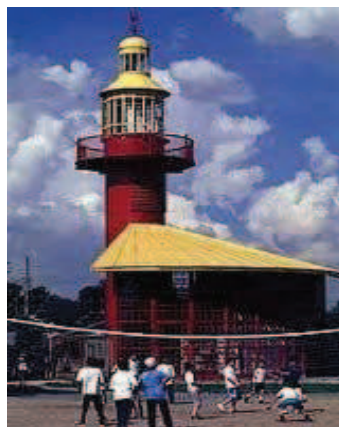


Foto 49 - Farol do Saber



Foto 50 - Farol da Educação

⁵⁹ O Farol de Alexandria (torre construída em 280 a.C.) é uma das sete maravilhas do mundo antigo; foi construído para servir de referencial para os navegantes. Ptolomeu mandou construir o Farol de Alexandria para servir de entrada no porto e para informar aos navegantes sobre a proximidade de terras. O Farol tinha lugar na Ilha de Faros e, por causa do nome da ilha, todas as construções com o mesmo objetivo, até hoje, são chamadas de farol.

O projeto Farol do Saber foi idealizado pelo engenheiro Rafael Greca de Macedo⁶⁰, entre 1993 e 1996, durante seu mandato como prefeito de Curitiba. Atualmente, Greca possui o Instituto Farol do Saber, entidade privada sediada no mesmo município, a qual leva o nome do projeto que foi marca registrada de Greca em sua passagem pela prefeitura da capital paranaense: o programa Farol do Saber, um conjunto de pequenas bibliotecas de bairros na forma do sinalizador. A Instituição Farol do Saber possui a finalidade de prestar assessorias, promover convênios e a cultura.

No ano de 1997, o projeto Farol do Saber obteve uma média de 200 mil leitores por mês na rede de Faróis do Saber. Isso significa dois milhões e 400 mil livros emprestados em um ano. Segundo Greca (2009), o Farol do Saber é diferente de uma biblioteca comum. É um ponto de referência disseminador da cultura e do saber, onde as atividades propostas se desenvolvem de maneira diferente, inovadora, a ponto de despertar o interesse e a participação voluntária de seus frequentadores.

Os Faróis do Saber surgiram como antídoto ao conhecimento "acabado", "pronto" e "certo", ao discurso de "certezas" do mestre, para se tornarem um espaço de lazer, um espaço gerador do espírito crítico e de questionamento, propiciando o acesso ao livro, à recriação do conhecimento, assim como o encontro com o mundo das artes e dos bens culturais, visando o preparo para o exercício da cidadania.⁶¹

As bibliotecas Faróis do Saber fazem, agora, parte de uma Rede de Bibliotecas Escolares, criada em 2007, que totalizam 181 espaços destinados à leitura. A Rede Municipal de Ensino (RME) de Curitiba é composta de 542 unidades, distribuídas em nove Núcleos Regionais da Educação (NRE): 179 escolas municipais, entre as quais 39 são centros de educação integral, 3 são escolas de educação especial e 137 são escolas com ensino regular; 178 centros municipais de educação infantil (CMEIs); 8 centros municipais de atendimento especializado (CMAEs); 49 unidades de educação integral vinculadas às escolas e 5 não vinculadas; 76 centros de educação infantil conveniados; 45 faróis do saber; 1 biblioteca

⁶⁰ Rafael Greca de Macedo nasceu em Curitiba, em 17 de março de 1956. É filho de Terezinha Greca de Macedo e do engenheiro Eurico Dacheux de Macedo e casado com a jornalista Margarita Pericás Sansone. É formado em Economia e Engenharia, com especialização em urbanismo. É membro concursado do Instituto de Pesquisa e Planejamento Urbano de Curitiba, Vereador, Deputado Estadual Constituinte, Prefeito de Curitiba, Deputado Federal mais votado do Brasil, Ministro de Estado do Esporte e Turismo. Recebeu inúmeras condecorações e prêmios internacionais. Entre os mais significativos, está o "Prêmio Mundial do Habitat 1996", ou "*World Habitat Award 1996*", da Organização das Nações Unidas, pelo conjunto de sua obra humanitária. Também é escritor, poeta, editor e pesquisador de História, membro da Academia Paranaense de Letras e do Instituto Histórico e Geográfico do Paraná. Presidiu a Companhia de Habitação do Paraná entre 2007 e 2010, quando assumiu mandato de deputado estadual. <http://www.rafaelgreca.org.br/blog1/?cat=5> Acesso em: 25 de fev. 2012.

⁶¹ Blog Rafael Greca: <http://www.rafaelgreca.org.br/blog1/?cat=20> . Acesso em: 13 de março de 2009.

especializada em educação e 1 biblioteca localizada na Praça do Japão. Além disso, a cidade possui 14 Casas de Leitura⁶², uma biblioteca na Estação da Leitura do Terminal Pinheirinho e o Bondinho da Leitura.

Como já foi mencionado, a cidade de Curitiba possui 45 Faróis⁶³, sendo 12 deles localizados em praças públicas e 33 em escolas. As bibliotecas Faróis do Saber estão situadas em escolas ou logradouros públicos, com acervo referencial de seis mil livros técnico-didáticos e literários. Todas as unidades dispõem da Enciclopédia Barsa, da Bíblia Sagrada, de dicionários de referência, livros de literatura infantil e juvenil, e dos 500 livros que o antropólogo e senador Darci Ribeiro considerava imprescindíveis para o conhecimento da Cultura Brasileira e Universal. Segundo a coordenadora, Margareth Fuchs, 90% dos livros dos Faróis do Saber situados nas escolas são de literatura. Além disso, diversos Faróis disponibilizam acesso gratuito à internet, como parte do Projeto Digitando o Futuro.

O primeiro Farol construído em Curitiba foi de praça; diferencia-se dos demais pelo seu acervo composto por vídeos e CD-roms, estando equipado com computadores e conectado à internet e ao geoprocessamento da prefeitura, com acesso livre e gratuito à população. A construção modular, em estrutura metálica, tem 17 metros de altura e 98 m² de área construída. Sua divisão interna é simples: o andar térreo – onde estão os livros –, um mezanino e uma escada em caracol, que conduz ao topo da torre, onde fica uma guarita, coberta por abóbada metálica e, em cima, há um galo.

⁶² As Casas de Leitura são denominadas: Augusto Stresser, Dario Vellozo, Franco Giglio, Hilda Hilst, Jamil Snege, Manoel Carlos Karam, Mario Nicolas, Miguel de Cervantes, Nair de Macedo, Osmar Lins, Paulo Leminski, Walmor Marcelino, Wilson Martins e Kozák.

⁶³ Os nomes dos faróis são, na sua grande maioria, homenagens a escritores, poetas e pensadores: Senador Accioly Filho, Albert Einstein, Antônio Callado, Antonio Machado, Padre Antonio Vieira, Aparecido Quinágua, Aristides Vinholes, Biblioteca Especializada em Educação, Biblioteca Hideo Handa, Bosque Alemão, CAIC Cândido Portinari, Castro Alves, Cecília Meireles, César Pernetta, Clarice Lispector, Dante Alighieri, Dona Pompilia, Emiliano Pernetta, Emilio de Menezes, Farol das Cidades, Fernando Amaro, Fernando Pessoa, Gibran Khalil Gibran, Gilberto Freyre, Gonçalves Dias, Guimarães Rosa, Heitor Stockler de França, Herbert José de Souza, Joaquim Nabuco, José de Alencar, Luís de Camões, Machado de Assis, Manuel Bandeira, Mario Quintana, Frei Miguel Bottacin, Pablo Neruda, Roberto Barrozo, Rocha Pombo, Rubem Braga, Samuel Chameki, São Pedro e São Paulo, Sérgio Mercer, Tasso da Silveira, Telêmaco Borba, Tom Jobim, Vinícius de Moraes e Vitor Hugo.



Foto 51 - Farol do Saber de Curitiba

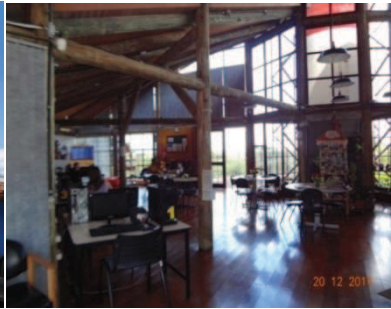


Foto 52 - Espaço interno do Farol

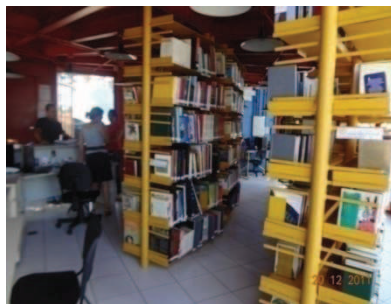


Foto 53 - Cantinho da Leitura

Os 33 faróis das escolas e nove faróis de praça seguem a mesma estrutura do farol acima, porém com um tamanho menor. São construções de 98m², moduladas em aço, com forma dinâmica e organização bem simples e prática por dentro. Há uma escada em caracol que leva ao pavimento superior, onde são disponibilizados computadores para acesso gratuito à internet. Após o próximo lance de escada, existe uma guarita em forma cilíndrica, coberta por abóbada metálica. A torre de 10 metros é coroada com a figura de um galo, que simboliza a luz, a inteligência, a mente sempre desperta e, em algumas tradições, a vigilância, a ousadia, a esperança e o renascimento.



Foto 54 - Farol do Saber

Foto – 55 Espaço interno do Farol
(1º piso)Foto 56 - Espaço interno do Farol
(2º piso)

Diferenciando-se das características físicas dos Faróis das escolas e de praça, há três bibliotecas do projeto Farol do Saber que representam outras culturas: japonesa, alemã e árabe. As bibliotecas estão localizadas na Praça do Japão, na Mesquita Imam Ali ibn Abi Tálib e no Bosque do Alemão. No interior desse bosque, existe uma trilha que conduz a uma biblioteca infantil, denominada Casa da Bruxa, ou Casa dos Contos. Ao longo do trajeto para chegar nessa casa, o visitante se depara com a narração, em partes, da história “João e Maria”. O espaço foi criado com o objetivo de despertar no público infantil o interesse pela leitura, e ali se realiza a atividade “hora do conto”, em que “bruxas e fadas” fazem uma leitura teatralizada de contos infantis (FERNANDES, 2007).



Foto 57 - Farol do Bosque do Alemão



Foto 58 - Farol da Praça do Japão



Foto 59 - Farol da Mesquita Imam Ali ibn Abi Tálib

O projeto Farol do Saber passou por algumas mudanças desde a sua implantação. Segundo Margareth Fuchs, houve uma dificuldade de integrar as bibliotecas Faróis que estão localizadas nas escolas como bibliotecas escolares. Apesar de estarem dentro do ambiente escolar, os professores não viam aqueles espaços como pertencentes à escola, e realizavam, assim, trabalhos não integrados. Pode-se dizer que apesar de estarem localizados no ambiente escolar, durante alguns anos os Faróis atenderam praticamente só à comunidade. Um dos motivos apontados para justificar a resistência dos professores é o fato de que as pessoas que trabalhavam nos Faróis não faziam parte do quadro de funcionários da escola. Além disso, muitas escolas não concordaram em ter suas salas de leitura desfeitas para deslocar os livros para o acervo dos Faróis, pois não entenderam a proposta de que eles seriam as bibliotecas das escolas.

Diante dessa dificuldade, foi feita, em 1999, a mudança na lotação dos faróis. As escolas passaram a se responsabilizar pelo pessoal que trabalharia nesses ambientes e, sendo assim, fizeram um levantamento dos professores que gostariam de trabalhar nos faróis, em um trabalho integrado com a escola. Pode-se dizer que a proposta seria de um trabalho integrado na forma de tripé: escola, farol e comunidade.

Atualmente, a Rede de Bibliotecas Escolares de Curitiba possui oito bibliotecárias e dez gestores da informação⁶⁴ para atender os nove Núcleos da Educação Municipal. Cada núcleo tem cerca de 20 bibliotecas, e cada espaço de leitura possui dois agentes de leitura para atender os três turnos (manhã, tarde e noite), além de um estagiário por turno, que é responsável pelo acesso dos visitantes à área de computadores. O funcionamento dos Faróis de praça é das 9 às 21 horas, de segunda a sábado, e os da escola atendem os três turnos, de segunda a sexta-feira. Existem 92 escolas cadastradas no Programa Comunidade da Escola,

⁶⁴ Foi realizado em 2011 um concurso para o cargo de Gestor da Informação. O requisito seria o candidato possuir Graduação em Gestão da Informação ou Biblioteconomia. A partir desse concurso, entraram para a equipe dez gestores e dois bibliotecários que complementaram a equipe, que era de seis integrantes.

que disponibilizam para a comunidade o acesso aos livros e à internet aos sábados e domingos. Nesses casos, é o agente de leitura que se responsabiliza pelos computadores.

Dez anos depois da implantação do projeto Farol do Saber, foi criada a Rede de Bibliotecas Escolares, interligando todo o sistema on-line, e, assim, possibilitando que a gerência controle empréstimos através dos relatórios. A proposta é de que uma criança leia dois livros por mês; quando não cumprem a meta, os Agentes de Leitura entram em contato para conversar com o aluno. Desde a construção dessa rede, foram realizados quatro encontros anuais de 20 horas: Mário Quintana (2008), Paulo Belinsky (2009), Tecendo Poesias (2010) e Leitura de Múltiplas Linguagens (2011).

Em relação à formação dos profissionais que trabalham nos Faróis, a gerência possibilita uma formação anual para todos os novos agentes e estagiários. No ano de 2011, a equipe conseguiu oferecer uma formação continuada para os agentes existentes, e a intenção é de que isso aconteça todo ano. Conforme afirma Margareth Fuchs: “Não adianta ter bibliotecas implantadas e acesso aos livros, se não tiver pessoas que dinamizem esta relação”⁶⁵. Além dessas capacitações, existem encontros mensais entre os Núcleos de Educação, com o intuito de compartilhar experiências. Cada núcleo possui sua dinâmica, sendo responsabilidade do bibliotecário do núcleo organizar esses encontros e suas atividades.

Durante um seminário de formação, em 2009, o professor Dr. Edmir Perrotti estabeleceu dez habilidades que os profissionais que trabalham em bibliotecas precisam ter: “acolhimento, projeção, cooperação, sinergia, políticas públicas, memórias coletivas, dialogia, saber redesenhar-se, estação do conhecimento, e infoeducação”. Conforme Perrotti, a biblioteca escolar é um espaço educativo e cultural que acolhe e reconhece as comunidades e seus membros em suas diferenças e singularidades, além de articular saberes de diferentes naturezas, superando com isso dicotomias que congelam o conhecimento.

Ao promover conexões entre experiências e repertórios criativos e criadores, de direções e dimensões inesperadas, a biblioteca escolar deve projetar estudantes e as comunidades rumo ao conhecimento, estimulando-os a entrar em contato e a participar de diferentes redes e instituições culturais. Ainda de acordo com Perrotti, no seminário de 2009, a biblioteca Farol do Saber é um local de parcerias e trocas, atuando como elemento integrado e integrador da comunidade educativa, constituída por estudantes, educadores, famílias e grupos culturais diversos.

⁶⁵ Foi realizada uma entrevista com Margareth Fuchs em dezembro de 2011, na cidade de Curitiba.

O avanço das bibliotecas depende, em todos os seus aspectos, de políticas públicas de educação e cultura comprometidas com a construção de sujeitos autônomos e o protagonismo cultural. Assim, a biblioteca escolar precisa disponibilizar acervos diversificados que possibilitem interlocução e trocas simbólicas, através de diálogos e saberes múltiplos. Dessa maneira, se permite a redefinição das práticas educativas, apresentando-se como instância de reconstrução profissional. Na confluência entre informação e educação, um novo perfil de educador se desenha, em um mundo em mutação acelerada.

Na concepção desse projeto, a biblioteca escolar possibilita viagens excepcionais nas malhas do conhecimento e da cultura. Nela, os saberes estão em constante rotação e reelaboração, vivos e abertos a destinos surpreendentes e às inquietações que se renovam incessantemente. É um local de acesso, que deve realizar permanentemente projetos de infoeducação, isto é, programas educativos incluídos nos currículos escolares, visando à apropriação sistemática e gradual de saberes (habilidades, competências, atitudes) informacionais, inerentes e compatíveis com os processos de construção de conhecimento e participação na cultura⁶⁶.

De acordo com a coordenadora da Rede de Bibliotecas Escolares, o objetivo maior dos Faróis seria a formação de leitores nas múltiplas linguagens. Para isso, se torna necessário formar os mediadores para serem leitores, pois “você não encanta alguém se não for encantado”. Nessa perspectiva, para que façam um bom trabalho, os profissionais que atuam nesses espaços precisam possuir algumas habilidades: serem leitores; realizarem um trabalho dinâmico; integrarem biblioteca, escola e comunidade; criarem projetos e articularem os espaços.

Apesar de algumas dificuldades enfrentadas pela coordenadora no funcionamento dos Faróis – como possuir leitores à frente das bibliotecas; ter a estrutura metálica dos Faróis que é de difícil manutenção; não possuir acessibilidade; ter a verba dos Faróis destinada aos diretores das escolas, ocasionando diferenças de investimento; não possuir professores fixos lotados como agentes de leitura, podendo ser alterados anualmente pelo diretor da escola –, o trabalho realizado pela Rede de Bibliotecas de Curitiba é considerado um modelo a ser seguido pelos outros estados, pois os índices da cidade demonstram que o projeto está atingindo o seu objetivo de formar leitores.

Portanto, os Faróis da Educação do Maranhão precisam se apoiar no projeto Farol do Saber, não só com relação à sua estrutura física, mas também no que diz respeito ao seu

⁶⁶ Seminário de formação realizado pelo professor doutor Edmir Perrotti.

projeto político-pedagógico, pois estão enfrentando problemas de implantação e funcionamento das suas bibliotecas no interior do estado. Quando questionada sobre a relação entre o Farol do Saber e o Farol da Educação, a coordenadora Cynthia Fernanda confirmou essa posição:

A estrutura é muito parecida, mas pra mim, no meu entender, o que deveria ser parecido é o funcionamento dele, é fazer acontecer. Desde que cheguei aqui, fico muito ansiosa para que os gestores maiores entendam que a gente precisa não só trazer um exemplo bom, mas fazer esse exemplo acontecer; não é só existir, não é só fazer um prédio bonitinho, não. Dentro dele, tudo tem que estar funcionando perfeitamente. Então, a gente se desdobra aqui, das mais variadas formas que você possa imaginar, para fazer isso acontecer⁶⁷.

Curitiba foi designada pela revista norte-americana *Reader's Digest* como a cidade com melhor qualidade de vida no Brasil, em 2007. A capital do Paraná apresenta altos índices de educação, ou seja, tem o menor índice de analfabetismo e a melhor qualidade na educação básica entre as capitais⁶⁸. Esses bons índices podem ser relacionados ao investimento que se tem feito nos espaços públicos de leitura da cidade e, quando comparados aos índices do estado do Maranhão, nos fazem refletir sobre o papel dos Faróis da Educação e o apoio/investimento que tem sido oferecido a eles.

Para todos nós – bibliotecárias, auxiliares e estagiários –, o objetivo maior dos Faróis e das nossas bibliotecas escolares é fazer o aluno, com o índice de analfabetismo imenso que existe no estado, conhecer, se apaixonar e ter uma qualidade de leitura boa. O que se quer é que este aluno, desde pequeno lá na comunidade, frequente o Farol, achando que aquele espaço de educação é um espaço que ele pode ter, além de uma atividade cultural, de brincadeiras, um lugar para pesquisar, ler e escrever. Porque eu vejo assim, a gente só vai conseguir ter índices melhores se esses alunos nossos, pequenos, tiverem acesso à leitura e à escrita. E é para isso que os Faróis da Educação se mantêm. A gente consegue manter esses faróis a duras penas, para que essas crianças tenham um lugar para isso, pois os pais de muitas dessas crianças, quando a gente tem que fechar por algum motivo – falta luz, falta energia, alguma coisa assim que acontece, a gente não quer, mas acontece –, eles cobram da gente, eles pedem o espaço, pois às vezes numa casa não tem um lugar onde a criança possa assentar para estudar. Então o que se quer dessa criança é que daqui a dez anos a criança tenha notas boas na provinha Brasil, que tenha um índice bom no Enem. Como vai ter índice bom no Enem, se a criança não sabe ler a prova do Enem, que é uma prova imensa e difícilíssima para os nossos padrões; nós estamos falando de ensino público, não estamos falando de ensino particular. Então, eu acho que hoje os Faróis da Educação e

⁶⁷ FERNANDA, Cynthia. Entrevista citada.

⁶⁸ Curitiba apresenta um Índice de Desenvolvimento Humano (IDH) municipal em torno de 0,856, que se situa acima da média nacional; o Índice de Desenvolvimento da Educação Básica (IDEB) de 2009, aferido a partir da Prova Brasil e do Censo Escolar, é de 5,6 para as séries iniciais e 4,1 para os anos finais do Ensino Fundamental.

as bibliotecas escolares, e nós aqui da sub, a gente bate de frente com a Secretaria de Educação, pedindo que isto seja visto⁶⁹.

Diante da grande relevância do projeto Farol da Educação para o Maranhão, é importante verificar o andamento das práticas de leitura que acontecem nos Faróis do interior. Assim, no primeiro momento, foi feito um trabalho de cunho mais quantitativo, para buscar identificar quem são os mediadores e os leitores desses espaços, quais são as práticas de leitura realizadas, e como se encontram os Faróis em relação à sua infraestrutura.

⁶⁹ FERNANDA, Cynthia. Entrevista citada.

CAPÍTULO 3 – PRÁTICAS DE LEITURA OU LEITURA DAS PRÁTICAS?

Neste capítulo serão apresentadas as práticas de leitura/a leitura das práticas realizadas nas bibliotecas Farol da Educação. Foi observado que, apesar das dificuldades enfrentadas pelos Faróis (acervo, capacitação, planejamento e monitoramento), eles são, na sua grande maioria, espaços de leitura conhecidos pela comunidade e, em alguns casos, os únicos da cidade. Com efeito, alguns entrevistados veem o Farol como a biblioteca pública da cidade; outros reconhecem o espaço como um lugar privilegiado para a formação de leitores, e outros, ainda, o consideram uma alternativa promissora, mas muito aquém do esperado.

3.1 FARÓIS DA EDUCAÇÃO

As bibliotecas Farol da Educação foram concebidas no governo de Roseana Sarney, tendo Gastão Vieira como secretário de educação. De acordo com o secretário, a ideia de trazer o projeto Farol do Saber para o Maranhão surgiu com a sua participação em um seminário internacional de educação que aconteceu em Curitiba. Diante dos resultados obtidos pelo projeto Farol do Saber, ele resolveu implantar o mesmo projeto, com suas devidas adaptações, no estado do Maranhão. A primeira biblioteca Farol da Educação implantada no estado foi a "Josué Montello", localizada no bairro do Maiobão, e datada de 19 de agosto de 1997. São hoje encontradas, não só na grande ilha de São Luís, como se pensava a princípio, mas também em muitos locais no interior do Estado, 117 bibliotecas Farol da Educação.

No caso dos Faróis de São Luís, as bibliotecas funcionam de segunda a sexta-feira, das 8 às 21 horas, e aos sábados, das 8 às 13 horas, e oferecem os serviços de empréstimo local e domiciliar, mediante cadastro do usuário. Seu público, na sua grande maioria, é proveniente de escolas, públicas ou particulares. Segundo informações obtidas na página do Governo do Maranhão na internet, o projeto Farol da Educação tem as seguintes metas:

O Projeto de dinamização das bibliotecas Farol da Educação tem como meta tornar a biblioteca ativa e dinâmica, por meio de atividades lúdicas, educativas e culturais, voltadas para o incentivo à leitura. Este projeto também objetiva propiciar a seus usuários um ambiente acolhedor e estimulante à prática de leitura, contribuindo, assim, para a eficácia do aprendizado. Essas atividades são direcionadas a alunos da Educação Infantil e do Ensino Fundamental (1ª a

4ª série) das escolas públicas localizadas no entorno dos Faróis. Atendem, também, à comunidade em geral, mediante trabalhos de leitura e pesquisa⁷⁰.

De acordo com a Secretaria de Estado de Educação do Maranhão, a “nova política” seria transformar as bibliotecas em efetivas instituições de apoio à educação formal e à educação informal, tornando-as espaços atraentes, bonitos, modernos, como boa estrutura para melhor funcionamento e, conseqüentemente, aumentando sua frequência e utilização. Em outras palavras, democratizar o acesso ao livro, servir à comunidade ou município onde estão inseridas, enfim, fazer das bibliotecas Farol da Educação instituições de educação, cultura, informação e lazer (FURTADO, 1999).

Observando os seis Faróis da URE de Codó, verificou-se que apesar de possuírem a mesma estrutura física, os espaços se apresentam em condições de funcionamento bastante diferentes, tanto no aspecto relacionado aos recursos humanos, quanto no aspecto da infraestrutura geral. Assim, considerando que o Farol, no seu processo de constituição, depende de atribuições tanto do governo do estado como do município, percebeu-se que o seu bom funcionamento depende do apoio do prefeito local e da importância dada ao Farol pelo supervisor e seus auxiliares, como relatam a coordenadora geral dos Faróis e o supervisor do Farol de Coroatá.

Depois que o Farol é entregue, existem atribuições – o que vai ficar por conta do estado e o que vai ficar por conta do município. No caso de estrutura física e pessoal, é da prefeitura, e se muda o prefeito de quatro em quatro anos, o secretário não tem aquela visão da necessidade daquele Farol, o Farol logicamente irá fechar⁷¹.

A prova disso é que você vê Faróis que estão aparentemente bem, e você vê outros com a aparência de fechados, porque não existe acompanhamento, uma preocupação, uma coisa de estar ali acompanhando. Depende muito de você cobrar, eu sou educador há muito tempo, tenho umas duas décadas na educação... Então eu sei da necessidade de ter uma biblioteca, eu tenho um compromisso que vai além da envergadura que me deram aqui, por isso eu corro atrás. E já tem Farol que bota uma pessoa que não tem a ver com a educação; aí...⁷².

Diante dos dados levantados, foi realizado um breve mapeamento da infraestrutura dos Faróis pesquisados; buscou-se identificar os leitores existentes e, também, os mediadores

⁷⁰Informações obtidas no site: <http://www.educacao.ma.gov.br/ExibirPagina.aspx?id=307>. Acesso em: 26/5/2013.

⁷¹FERNANDA, Cynthia. Entrevista concedida a Cristiane Dias Martins da Costa. São Luís. Nov. 2011.

⁷²FERNANDA, Cynthia. Entrevista citada

nesses espaços. Entretanto, vale ressaltar que as dificuldades em relação aos recursos disponíveis aos Faróis são as mesmas, uma vez que o estado não lhes destina acervos e capacitações desde 2008. Sendo assim, o apoio da prefeitura local e, até mesmo, a disponibilidade do supervisor em angariar verbas e patrocínios para realizar alguma atividade têm se tornado um diferencial. Os dados presentes nos próximos itens foram coletados a partir das entrevistas com os supervisores e, também, através do preenchimento de um formulário pelos auxiliares dos seis Faróis.

3.2 INFRAESTRUTURA

A diferenciação dos Faróis se inicia na implantação dos mesmos nos municípios. A professora responsável pelo acompanhamento dos Faróis do interior do estado informou que existem três maneiras diferentes de se consolidar a construção dos Faróis: através da Secretaria de Estado de Educação (SEDUC), com o recurso da caixa escolar, quando o Farol é localizado no terreno da escola e o responsável por prestar contas é o diretor⁷³; através da SEDUC, em parceria com as prefeituras – a verba é repassada e o prefeito se responsabiliza por fazer a prestação de contas⁷⁴; e apenas por meio da SEDUC⁷⁵.

Apesar de o espaço físico dos Faróis ser o mesmo para todas as bibliotecas do projeto, existem condições de funcionamento bastante variadas. Somente dois Faróis pesquisados passaram por uma reforma recentemente. Apenas um Farol está utilizando o seu segundo andar para realizar atividades; três supervisores disseram que não utilizam esse espaço por falta de segurança; assim, enquanto não houver uma reforma, o segundo andar funcionará apenas como depósito. A maioria dos entrevistados considera o espaço do Farol suficiente para armazenar os livros, mas não o considera adequado para receber turmas de alunos. Por isso, algumas atividades são realizadas do lado de fora do prédio e outras são realizadas no ambiente escolar. A professora que utiliza o espaço do Farol de Codó confirma isso:

O espaço físico do Farol é pequeno, inclusive eu tenho uma turma de 40 alunos que eu nunca consigo levar, só se eu dividir. Um dia vou só com as meninas e outro só com os meninos, e ainda não cabe porque eles têm 17

⁷³Existem 14 Faróis nessa condição. Dentre os pesquisados, somente o município de Peritoró está contemplado por essa estrutura.

⁷⁴Até o momento, 149 Faróis foram contemplados com esse modelo administrativo. Alto Alegre e Timbiras fazem parte dos que possuem esse formato organizativo da SEDUC.

⁷⁵Nesse caso, é o setor de engenharia da secretaria que é responsável pela estrutura e manutenção dos faróis. Há 54 unidades nessa condição, entre elas as dos municípios de Codó, Coroatá e São Mateus.

cadeiras, eu acho. Se bem que isso não é problema, até porque eu também assento no chão, não tem problema não⁷⁶.

Observando os Faróis por diversos ângulos, pode-se afirmar que a diferença se encontra na organização do material e nas suas condições de conservação, como demonstrado nas fotos abaixo.

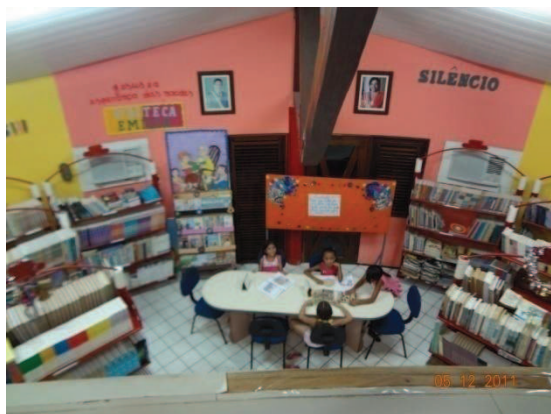


Foto 60 - Farol de Coroatá



Foto 61 - Farol de Peritoró



Foto 62 - Farol de Timbiras



Foto 63 - Farol de Codó



Foto 64 - Farol de São Mateus (1º piso)



Foto 65 - Farol de São Mateus (2º piso)

⁷⁶ CARVALHO, Ana Cláudia Ferreira. Conversa informal no Farol de Educação de Codó em 22/2/2013.

Notadamente, as dificuldades apontadas pelos entrevistados são a falta de material e de manutenção e a não aquisição de materiais de leitura atualizados. A maior parte dos Faróis possui ar-condicionado e bebedouro, mas existem alguns que não possuem nem um nem outro. Há Faróis que necessitam de mais cadeiras, consertos, equipamentos como DVD, televisão e computador. A falta de acesso à internet foi uma reclamação unânime, dada a importância desse instrumento nas pesquisas escolares. A falta de recursos, em alguns casos, se torna justificativa para o fato de não serem realizadas atividades de leitura dentro do Farol.

No momento não está tendo nenhuma atividade aqui porque há muito tempo a internet está cortada, entendeu? Só o que realizamos aqui é a pesquisa manual mesmo, nos livros. Os alunos chegam, aí a gente dá os livros pra fazer pesquisa, aí ficam à vontade aqui. Às vezes, vem muita gente visitar, mas tem muita gente que não conhece. A gente não tem como trabalhar assim, com os alunos na internet, porque está cortada há muito tempo. Não tem nada aqui, minha irmã, é uma dificuldade danada. Aqui nem água tem para os alunos. Tem que ficar trazendo água no litrinho; coloca na garrafa para trazer. Até porque o dinheiro daqui é do estado, aí fica difícil porque a diretora (a escola recebe a verba para ser repassada para o Farol) não me procura, eu tenho que estar cobrando material de limpeza, essas coisas⁷⁷.

A seleção do material que compõe o acervo das bibliotecas é de responsabilidade da Secretaria do Estado de Educação do Maranhão (SEDUC)/Projeto Biblioteca Escolar, tendo como indicador a comunidade onde a biblioteca será implantada. A Secretaria de Educação compromete-se a adquirir, para a formação inicial do acervo, 3.000 (três mil) títulos, compostos por: Coleção de Literatura Infanto-Juvenil Geral e Maranhense, 35%; Coleção Didática e Paradidática, 25%; Coleção Profissionalizante e Técnica, 25% e Coleção de Referência, 15%. De acordo com o Manual do Auxiliar, a coleção de literatura deve ser o ponto forte do acervo, pelo fato de haver uma grande carência da comunidade estudantil nessa área. Existe um destaque especial à Seção Literatura Maranhense, onde se concentram documentos de autores do estado; não só a sua produção literária, mas toda a produção intelectual. Entretanto, como afirma a coordenadora, desde 2008 não existem recursos disponíveis para atualização do acervo dos Faróis.

A gente não tem tido compra [para os Faróis] desde 2008; existem milhões de processos com pedidos da supervisão, mas infelizmente a gente ainda não conseguiu sensibilizar para que fosse feita uma compra. Agora estamos tentando o apoio do FNDE, através do PNBE, para ver se esses livros que vão para as bibliotecas escolares vão pra gente nos Faróis da Educação. Parcerias e doações: o Farol está vivendo nessa situação⁷⁸.

⁷⁷ Entrevista realizada com um auxiliar de um Farol em 09/12/2011.

⁷⁸ FERNANDA, Cynthia. Entrevista citada

De acordo com o projeto, na coleção de literatura infantil encontram-se livros para crianças desde a Educação Infantil até a quarta série do Ensino Fundamental, na faixa etária de 0 a 11 anos, com estágio de desenvolvimento de leitura do não leitor até o leitor em iniciação. Com relação ao material bibliográfico, foi observado o seu aspecto gráfico, como tipo de letra, tipo e extensão do texto, quantidade de ilustrações etc. Ou seja, entende-se por coleção de literatura infantil desde livros sem texto, com grande apoio na imagem, até livros com porções completas de textos de fácil leitura, já abandonando o apoio da ilustração.

A coleção de literatura juvenil inclui livros para estudantes da quinta série do Ensino Fundamental até as primeiras séries do Ensino Médio, com faixa etária acima dos 12 anos e com estágio de leitura desde o leitor em desenvolvimento até o leitor crítico, ou seja, estabelece-se que a coleção de literatura juvenil é formada por livros com maior extensão e complexidade de texto, especialmente no que se refere à ideia, à estrutura e à linguagem.

Ainda com relação à literatura infantil e juvenil, para sua melhor organização o acervo foi dividido por gênero literário em dez classes, atribuindo cores distintas a cada uma, como se pode verificar na tabela abaixo. A utilização do sistema de cores tem como objetivo levar a criança e o jovem a se orientarem na biblioteca sem a ajuda do auxiliar, pois facilmente o usuário poderá identificar o gênero literário que mais gosta de ler e os livros recomendados para o seu nível de leitura.

ASSUNTO	COR
Realidade / Cotidiano	AZUL
Romance de Mistério / Terror / Ficção Científica / Aventura / Viagens / Suspense / Policial	VERMELHO
Folclore / Costumes / Lendas / Mitologia / Fábulas / Provérbios / Adivinhações / Rimas / Parlendas / Brinquedos e Brincadeiras / Cantigas de Roda / Quadras /	LARANJA
Romance / Crônica / Poesia / Novela / Teatro / Drama	CINZA
Contos de Fadas / Fantasia	VERDE
Fatos Históricos	MARROM
Animais	AMARELO
Religião	VINHO

Tabela 8 – Relação de cores com os gêneros textuais.

Segundo Furtado (1999), a iniciativa de usar o sistema de chamada em etiquetas coloridas foi fundamentada em experiências vividas por ocasião de um estágio realizado na

França pela coordenadora do projeto. Durante o estágio, foram visitadas várias bibliotecas escolares das cidades de Paris, Douai e Lille, de diferentes níveis de ensino, e o que foi observado coincidiu com o que estava sendo planejado pelos bibliotecários da SEDUC. Entretanto, o sistema de cores não é utilizado pela maioria dos Faróis pesquisados.

De acordo com o projeto inicial, as bibliotecas Farol da Educação deveriam ter dois funcionários por turno, tendo como perfil básico os seguintes critérios: ser profissional ou estudante dos cursos de Biblioteconomia, Letras ou Pedagogia; ter a prática e a paixão pela leitura, pois acredita-se que a socialização do livro realizada por alguém que não goste de ler é impossível.

Outra característica que deveria ser observada é a facilidade de relacionamento com o público, incluindo o público infantil, já que esse fator é decisivo para a imagem da biblioteca perante a comunidade. Em relação à capacitação, deveria ser realizado, na ocasião da implantação do Farol, um treinamento de “Auxiliar de Biblioteca”, com carga horária de 40 horas. Levando em consideração todos os quesitos acima, pode-se dizer, segundo a coordenadora atual do projeto, que 70% dos Faróis não estão funcionando como o projeto inicial propõe.

Por fim, foi observada durante as entrevistas a necessidade de capacitação para os auxiliares de biblioteca. Os próprios entrevistados demonstraram interesse em participar de encontros de capacitação e de socialização dos trabalhos realizados pelos Faróis. Durante as entrevistas, vários deles informaram que jamais tiveram treinamento na capital junto à coordenação geral dos Faróis. Ao ser questionado sobre a participação em capacitações, um supervisor afirmou já ter feito alguns treinamentos que foram incentivadas/divulgadas pela gestão dos Faróis em São Luís; porém, os interessados tiveram que pagar pelo curso.

Sim, já tivemos em São Luís. A Paulinas é a editora que tem esses cursos em São Luís. Eu mesmo tenho três cursos. Pelo Farol não; interessante, a nossa coordenação peca muito em termos disso. Nós não temos um *encontrão*, a gente não tem uma capacitação. Eles nos incentivam a buscar as instituições que oferecem essas capacitações. Eu cobro isso, eu já desafiei: “vamos fazer o *encontrão* com os gestores de Faróis para trocar experiências?” Mas pecam muito neste aspecto⁷⁹.

Na fala de alguns entrevistados, foi percebida certa descrença no trabalho realizado no Farol quanto à formação de leitores, devido às dificuldades existentes em relação à infraestrutura e à falta de apoio. Foram identificadas pessoas que tentaram fazer um trabalho

⁷⁹ Entrevista com um supervisor de Farol em 5/12/2011.

mais significativo, mas cansaram de “lutar sozinhas”. Há outras que, apesar dos desafios, continuam realizando atividades por meio de buscas particulares de patrocínio e de colaboradores. É possível afirmar, com base nas observações durante o trabalho de campo, que algumas pessoas que atuam nos Faróis gostam do seu trabalho, valorizam e acreditam na leitura, como se percebe no relato abaixo.

Estou aqui há quatro anos, no horário das sete às dez horas... À noite, a gente traz autores, é mais Ensino Médio, faz rodas de leitura, traz autores da própria cidade, poetas, tem palestras, incentivando, assim, a leitura. Esse ano veio o Jorge Bilson, que é de Coroa, é poeta e cantor. A gente divulgou na rádio e filmou também; a gente tem DVD com tudo que acontece no Farol. A gente também auxilia na pesquisa, faz a carteirinha de quem não tem, para empréstimo do livro ou tirar xerox. Eu vim para cá, pois estavam precisando de alguém da área da educação; o tempo todo, eles remanejamos. Mas eu gosto de trabalhar aqui no Farol, modéstia à parte, pra mim, na minha concepção, é o melhor do Maranhão. Eu acho que o trabalho que a gente tem aqui, até hoje, em todo Farol que eu vou... eu viajo muito... o que eu já vi no Maranhão, não é porque eu trabalho aqui não, mas o trabalho daqui é diferenciado. Inclusive, há dois anos, ele foi considerado o melhor Farol do Maranhão, teve uma festa, uma comemoração aqui com o secretário de educação⁸⁰

Uma atividade realizada em todos os Faróis pelos auxiliares é o preenchimento da planilha de estatísticas de frequência e consultas, que tem de ser enviada à gerência até o dia dez de cada mês. No primeiro caso, verifica-se quem são os frequentadores do espaço, sendo que as opções são: Educação Infantil, Ensino Fundamental, Ensino Médio e Outros. No caso das consultas, os itens apresentados são: referência, literatura e didática/técnica. Diante desses dados, procurou-se analisar quem são os leitores e o que buscam no Farol da Educação.

3.3 LEITORES

O principal público-alvo dos Faróis são os alunos do Ensino Fundamental. O fato foi apontado pelos entrevistados e confirmado pela estatística mensal de frequência. Como já foi mencionado, é necessário anotar mensalmente quem são os visitantes do Farol (Educação Infantil, Ensino Fundamental, Ensino Médio e Outros), para diferenciar as pessoas. Caso tenham dúvidas, os auxiliares perguntam aos estudantes em qual série se encontram. No item “outros” se enquadram as pessoas que já terminaram o Ensino Médio.

Como demonstrado na tabela mais adiante, mais de 50% das visitas aos Faróis são feitas por alunos do Ensino Fundamental. A soma da porcentagem de alunos do Ensino

⁸⁰ Entrevista com um auxiliar do Farol de Coroa em 5/12/2011.

Fundamental e alunos do Ensino Médio que procuram os Faróis, ou seja, a porcentagem de visitantes escolares chega a 88% da totalidade. Em menor quantidade, 6% cada, estão as crianças (Educação Infantil) e os outros visitantes.

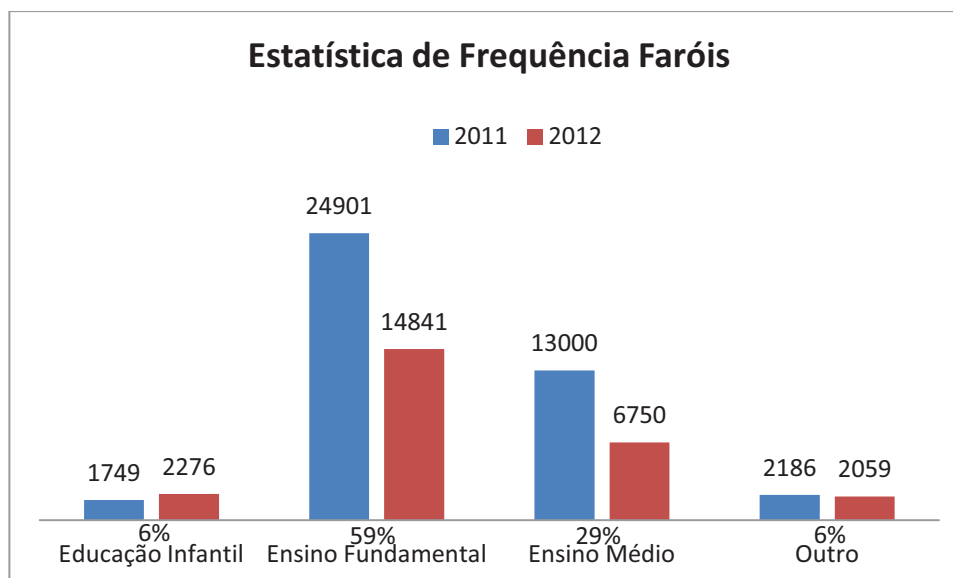


Gráfico 11 – Estatísticas de frequência dos Faróis

Considerando que muitas escolas dos municípios pesquisados não possuem bibliotecas, o Farol se torna um importante recurso de acesso aos livros. Para muitos estudantes, os únicos contatos com os livros são aqueles feitos na escola; assim, torna-se necessário que a escola se envolva no processo de leitura, através da biblioteca e/ou do Farol da Educação. Nessa perspectiva, os Faróis precisam se organizar e dinamizar um conjunto de ações que envolvam experiências de leitura para serem reconhecidos e valorizados pela comunidade em geral.

Ressalta-se que o número de visitantes por Farol é bastante diferenciado. No levantamento anual, observa-se que existe um Farol (Timbiras) com 20.408 visitantes ao ano e outro (São Mateus) com apenas 1.301, de acordo com dados obtidos no ano de 2011. Entretanto, essa diferença tão grande nos números não é mais tão perceptível em 2012, quando a média anual de visitantes está entre 2.561 (Peritoró) e 8.852 (Timbiras).

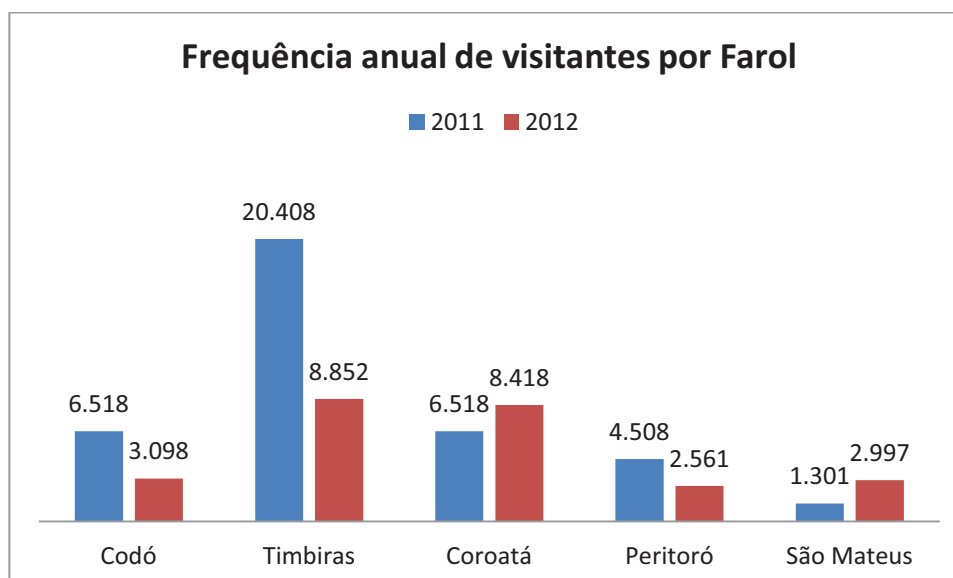


Gráfico 12 – Frequência anual de visitantes por Farol

Se observarmos os percentuais das visitas referentes aos anos de 2011 e 2012, veremos a disparidade entre eles. Também há diferença significativa na comparação dos números relativos ao mesmo Farol nos últimos dois anos. Entretanto, a porcentagem em relação às pessoas que visitam os Faróis e sua escolaridade é semelhante: Ensino Fundamental, Ensino Médio e, em terceiro lugar, Educação Infantil e outros.

É necessário levar em consideração que os Faróis possuem condições diferenciadas, como já foi dito, principalmente quanto ao número de funcionários. Não obstante, existe um esforço pessoal de alguns supervisores para conseguir apoio da prefeitura e/ou patrocínio para realizar atividades nos Faróis e nas escolas. Afinal, o único recurso que recebem é de dois mil reais ao ano para comprar material de limpeza e efetuar pequenos reparos.

Quem mantém isso aqui sou eu, com influências que tenho. Não tem dinheiro, vai do meu bolso, mas eu não vou deixar, eu teria vergonha de apresentar o Farol... É aquela história: ou eu tenho condição mínima de trabalhar ou então eu não assumo⁸¹.

Como já foi mencionado, as consultas realizadas pelas pessoas que frequentam os Faróis são classificadas pelos auxiliares em três categorias: “Referência”, “Literatura”, “Didático e Técnico”. Na análise da maneira como os profissionais dos Faróis identificam as ações realizadas pelos visitantes para preencher a estatística de consultas, foi percebido que alguns Faróis utilizam a seguinte estratégia: “quando os alunos buscam livros para ler”,

⁸¹ Entrevista realizada com um supervisor de um Farol da Educação em 5/12/2011

marcam “literatura”. Essa ação é realizada independentemente de se verificar se a leitura é de um livro didático ou de referência; e quando os visitantes vão fazer pesquisa, os profissionais identificam “referência” e/ou “didático e técnico”, dependendo da obra escolhida. É importante notar que, para saberem se os alunos estão fazendo pesquisa, os mediadores de alguns Faróis observam apenas se estão anotando informações no caderno.

Um funcionário de um Farol específico explicou que a marcação do item “literatura” como atividade realizada seria feita apenas se o livro fosse realmente de literatura. Tal atividade torna-se difícil de ser verificada, já que não existe uma clareza para os funcionários dos Faróis do que seja, ou não, literatura. A dúvida em relação à escolha desse item pode não ser mais considerada a partir de 2013, uma vez que a grande maioria dos funcionários foram trocados e os atuais supervisores indicaram que a escolha do item literário se dá pela opção do livro de literatura.

A análise dos dados coletados mostra que 43% das tarefas realizadas nos Faróis são pesquisas por meio de livros didáticos e técnicos e 40% são atividades de leitura. Em relação às obras de referência, tem-se 17% de pesquisas em Enciclopédias – como a Barsa – e alguns livros de áreas específicas (saúde, educação, ciências sociais, etc), conforme o gráfico abaixo. Nesse aspecto pode-se afirmar que a leitura direcionada, ou melhor, a leitura com um objetivo específico, totaliza 60% (referência, didático e técnico) das consultas dos Faróis; porém, não é possível afirmar que os 40% indicados como leitura literária são realmente leituras de livros de literatura.

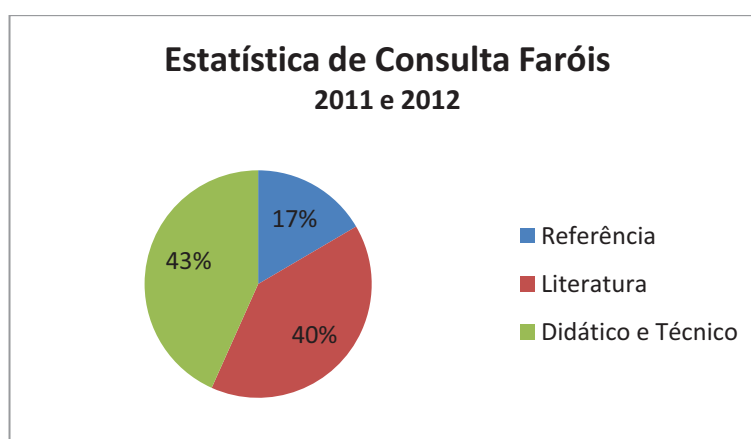


Gráfico 13 – Estatísticas de consulta dos Faróis nos anos de 2011 e 2012

Quanto à quantidade de consultas por Farol, foram selecionados os dados de 2012 para a observação da diferença entre eles; por exemplo, o número de usuários de “literatura” varia de 4.254 (Timbiras) para 569 (Peritoró) naquele ano. No caso do item “didático e técnico”, há

uma variação de 3.885 (Coroatá) a 1.040 (São Mateus) visitantes; no item “referência”, os valores se aproximam mais, variando entre 1.171 (Timbiras) e 706 (Peritoró), como se verifica na tabela a seguir.

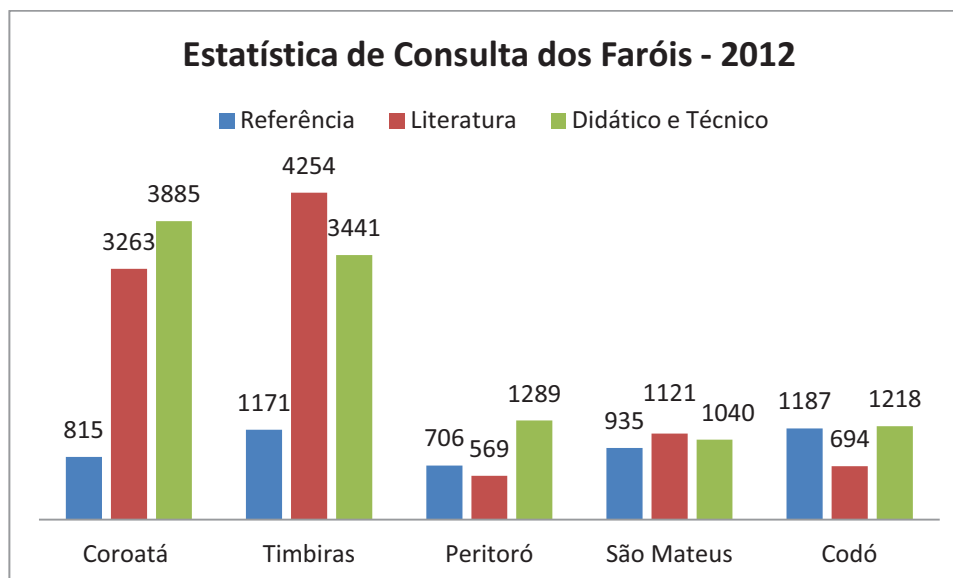


Gráfico 14 – Estatísticas de consulta dos Faróis em 2012

É interessante observar que a maioria dos Faróis mantém a mesma ordem de escolha das atividades pelos seus visitantes: didáticos, literatura e referência. A exceção é o Farol de Timbiras que possui o maior número de consultas no item literatura (11.678) do que de didático e técnico (5.311) em 2011; 4.254 e 3441 respectivamente no ano seguinte. Neste Farol, segundo alguns auxiliares a literatura foi considerada qualquer tipo de leitura, independentemente do livro escolhido.

As estatísticas dos Faróis mostraram também que praticamente 80% das consultas realizadas estão relacionadas a tarefas escolares. São poucos os visitantes que procuram a biblioteca para ler literatura, e são poucas as atividades realizadas nessa área com os alunos. Alguns Faróis estão funcionando como bibliotecas públicas da cidade que auxiliam os estudantes nas suas tarefas e pesquisas escolares. As atividades são realizadas no próprio espaço dos Faróis, uma vez que não são feitos empréstimos das obras. Apenas dois Faróis fazem empréstimos de livros (Coroatá e Timbiras).

Considerando as dificuldades do estado no que concerne às bibliotecas públicas, realizar empréstimos de livros torna-se uma importante ferramenta para incentivar a leitura literária, além de compartilhar com a escola a responsabilidade de promover o contato dos

alunos com os livros e contribuir para que se tornem leitores autônomos e capazes de fazer leituras voluntárias.

3.4 MEDIADORES

O processo de formação de mediadores de leitura pressupõe a formação de professores, bibliotecários e agentes de leitura enquanto sujeitos leitores, pois “somente um leitor efetivo, entusiasmado e convicto pode assumir o grande desafio de formar outros leitores emancipados, críticos, sensíveis, envolvendo toda uma comunidade e contribuindo para mudar a realidade deste país” (LÁZARO, 2009, p.10).

Não bastam espaços, livros, materiais videográficos e documentos guardados para caracterizar a existência de uma biblioteca, pois não são os objetos físicos que dão vida a ela. Não é somente com eles que se pode afirmar a existência de bibliotecas, mas com as relações entre alunos, livros, bibliotecários, professores e profissionais que atuam nesses espaços (ARENA, 2011). O desenvolvimento do ato de ler não é garantido apenas pelo acesso aos materiais diversificados de leitura, é imprescindível que haja a convivência com pessoas que possam significá-los.

Segundo Grotta (2002), são de fundamental importância o papel do outro como mediador nas interações vivenciadas entre os sujeitos e a escrita – ou seja, os livros e os autores lidos – bem como a qualidade das mediações proporcionadas pelo outro. Esses fatores foram reconhecidos pelos sujeitos da pesquisa do autor como os principais determinantes de seus processos de constituição de leitores autônomos.

A pesquisa de Souza (2005) confirma a investigação de Grotta em relação à importância do “outro” no processo de mediação da leitura. Além disso, detecta o enorme potencial do ambiente familiar no processo de constituição do leitor. Entretanto, vale ressaltar que os sujeitos pesquisados por Souza tinham acesso aos livros desde a sua infância e uma forte presença da família como mediadora, fato que foi considerado pelos entrevistados motivo maior para se tornarem leitores autônomos.

Uma terceira pesquisa, descrita por Leite (2011), é sobre a constituição do leitor escolar. O pesquisador Silva (2005) buscou identificar as experiências vivenciadas por alunos no ambiente escolar. Os sujeitos identificaram a escola como lugar de aprendizagem e diversão, como espaço de diferentes mediações; ressaltaram a importância dos projetos literários, do espaço para produção de sentidos e da avaliação das práticas de leitura. Ressalta-

se que o grupo pesquisado foi de alunos de uma escola particular que já haviam concluído o Ensino Fundamental. A escola era bem estruturada, organizada, e dispunha de um projeto político-pedagógico definido e de uma rotina que garantia espaços para reuniões semanais dos educadores, que possuíam formação universitária.

Considerando os resultados das pesquisas elencadas, pode-se afirmar que a constituição do leitor é um processo socialmente construído, determinado basicamente pela história de mediações sociais vivenciadas pelo sujeito, incluindo desde o ambiente familiar, e passando pelas diversas situações sociais, como a escola.

A pesquisa Retratos da Leitura no Brasil, feita pelo Instituto Pró-Livro (2011), mostrou que os professores são os maiores influenciadores na constituição do hábito da leitura. Entre as cinco mil pessoas ouvidas em todo o Brasil, 45% apontaram os mestres como tal. Importante mencionar que foi a primeira vez que os docentes apareceram no topo da lista; no levantamento anterior, feito em 2007, as mães eram a figura mais lembrada nesse item. Elas apareciam com 49% das indicações, e os professores com 33%. Dessa vez, elas tiveram dois pontos percentuais a menos que eles: 43%. "Isso mostra a crescente importância da escola frente ao papel dos pais, que muitas vezes não conseguem dar esse exemplo", afirma Karine Pansa, presidente do Instituto Pró-Livro. "Logo, se tem esse *status* de influenciador, o professor precisa ser letrado, gostar de ler."

Segundo Santos *et al.* (2009), a escola brasileira tem sido depositária de um acervo de qualidade aceitável para uso de professores, de alunos e, quem sabe, da comunidade próxima. O que se constata, no entanto, é que grande parte desses acervos não são utilizados por professores e alunos. Os livros permanecem em caixas, abandonados em cantos, em prateleiras empoeiradas, e jamais são manuseados.

Esse cenário, pode-se dizer, se deve, em grande parte, ao fato de professores, dirigentes de escolas, responsáveis por bibliotecas escolares e municipais em número não definido, mas amplo, não estarem preparados para reconhecer a riqueza que esses materiais representam, nem para avaliar o quanto podem contribuir para a construção da interioridade daqueles que tiverem a oportunidade de manuseá-los. Não consideram o ato de ler como um processo de significação de textos representativos de distintos gêneros textuais, entre os quais assumem importância ímpar os literários. (SANTOS, *et al.* 2009, p. 14)

É importante, aqui, levantar a seguinte questão: Que tipo de leitores está sendo formado, se as escolas públicas do Maranhão não possuem, na sua grande maioria, espaços destinados à leitura, e muito menos mediadores do processo da formação de leitores preparados para perceber as riquezas de que trata Santos?

Diante dessa reflexão, é importante apresentar os dados dos cinco Faróis da Educação que funcionam na Unidade Regional de Educação de Codó relacionados à mediação da leitura. Um fato relevante percebido na pesquisa é a autonomia dos Faróis. Isso fez com que não fosse identificado um padrão de funcionamento entre eles, nem mesmo na denominação dos cargos ocupados pelos funcionários, que estão distribuídos da seguinte forma: supervisor e/ou diretor⁸², auxiliar de biblioteca e/ou assistente administrativo, auxiliar de serviços gerais e/ou zelador e vigia.

Segue abaixo um quadro de funções e horários dos funcionários dos Faróis pesquisados, criado a partir das informações colhidas no trabalho de campo.

2011	CODÓ	TIMBIRAS	COROATÁ	PERITORÓ	SÃO MATEUS
Manhã	7h às 13h	8h às 12h	8h às 12h	8h às 12h	8h às 12h
Auxiliares	1	2	3 (apenas 1 em 2013)	5 (2 em 2013)	1
Tarde	13h às 19h	14h às 18h	13h30 às 17h30	13h30 às 17h30	14h às 18h
Auxiliares	2 (1 em 2013)	2	3 (apenas 1 em 2013)	2	Apenas a supervisora
Noite	X	X	19h às 22h (Fechado temporariamente no ano de 2013, por falta de funcionários)	18h às 21h (Fechado a partir do ano de 2012)	X
Auxiliares	X	X	3	X	X

Tabela 9 – Horário de funcionamento e relação dos funcionários dos Faróis

Todos os funcionários que atuam nos Faróis são do município onde estão situados, pois a prefeitura é responsável por indicar as pessoas para trabalharem nos Faróis, embora existam exceções em relação à presença de algumas poucas pessoas lotadas pelo estado do Maranhão, as quais exercem atividades de serviços gerais em dois Faróis específicos. Diante dos dados da tabela acima, pode-se verificar uma disparidade em relação ao número de funcionários existentes. No Farol de Coroatá, por exemplo, constavam nove funcionários, além do supervisor, para realizar o trabalho de atendimento e orientar as pesquisas escolares; por outro lado, o Farol de São Mateus possuía apenas uma auxiliar e a supervisora, que dividiam o turno matutino e vespertino no ano de 2011. Em relação a Coroatá, o quadro de funcionários foi alterado pelo novo prefeito; foi verificado, em meados do mês de maio de

⁸² Os supervisores dão suporte aos Faróis em todos os turnos de funcionamento; não possuem, necessariamente, um horário fixo.

2013, que o Farol ainda não havia conseguido a quantidade suficiente de pessoas para trabalhar nos três turnos, apresentando-se apenas com dois auxiliares e uma supervisora.

Em relação à formação dos supervisores, quatro possuem Graduação em Pedagogia; dois deles têm também a formação em História e Ciências Agrárias, e um deles possui especialização em Gestão e Supervisão Escolar. Há um supervisor com Ensino Médio completo. De acordo com esse funcionário, sua atividade anterior era de auxiliar, mas teve que ocupar o cargo da direção, em 2010, quando o ex-supervisor deixou de trabalhar no estabelecimento. Em 2013, essa funcionária foi substituída por uma professora formada em Pedagogia.

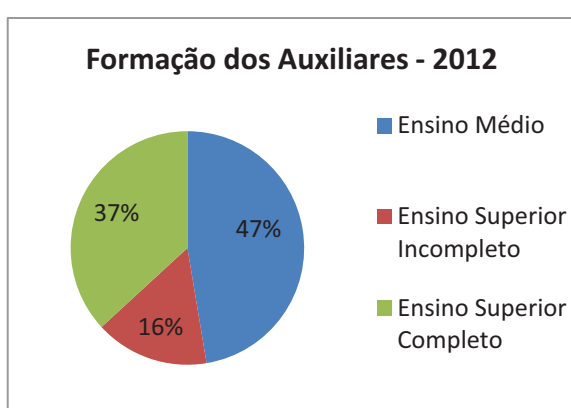
O tempo de atividade dos supervisores dos Faróis investigados até 2012 variava de 2 a 6 anos. Porém, devido à alteração de quatro dos cinco supervisores, pode-se afirmar que a maioria dos supervisores possui apenas meses de experiência nos Faróis. As mudanças ocorridas no ano de 2013 são fruto das alterações nas prefeituras de cada município. Quando perguntados sobre o interesse em continuar desenvolvendo atividades no Farol, alguns entrevistados levantaram a questão política como decisória, pois ao fim do mandato o novo prefeito poderá manter ou alterar o quadro de pessoas que estão trabalhando nos Faróis. Na maioria dos casos, os supervisores gostariam de continuar atuando nos Faróis, mas apontaram dificuldades em realizar um trabalho mais significativo no município.

Sinceramente, eu vou ser bem sincera, eu estou perdendo um pouco a vontade de trabalhar no Farol. Quando cheguei aqui, pensei: vou fazer isso, vou fazer aquilo. Ave Maria, estava motivada demais, ia nas escolas fazer isso aqui, tal dia. Aí fui vendo a realidade, fui batendo nas portas e as portas não se abriam. Hoje estou desmotivada, sinceramente, eu estou desmotivada. Aí você fez a pergunta, se eu ainda quero trabalhar aqui, eu gostaria de continuar se fosse para fazer alguma mudança. Agora, se for para continuar do jeito que está, eu sinto muito⁸³.

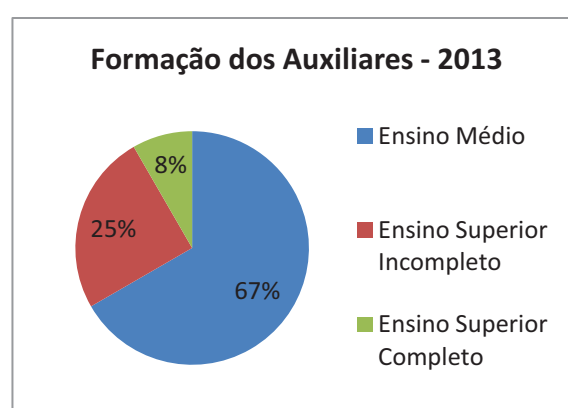
Os auxiliares dos Faróis ou, como considerados em alguns municípios, assistentes administrativos, realizam duas atividades que foram identificadas nos Faróis pesquisados: ajudam os estudantes na pesquisa/tarefa escolar e realizam a estatística diária de controle de frequência e de consultas (referências, didáticos / teóricos e literatura). Como demonstrou a pesquisa de Moraes (2009) realizada nas bibliotecas escolares do município de Belo Horizonte, os auxiliares realizam mais atividades de cunho administrativo, e muito poucas são as práticas de leitura com o intuito de formar leitores.

⁸³ Entrevista realizada com um auxiliar de um Farol em 12/12/2011.

A formação dos auxiliares de biblioteca dos Faróis é variável. Dos vinte entrevistados, sete possuem Graduação nas mais variadas áreas (Filosofia, Geografia, História, Letras, Pedagogia e Técnico em Contabilidade); três estão com o curso em andamento (Licenciatura em Informática, Pedagogia e Tecnologia de Alimentos); nove possuem o Ensino Médio⁸⁴. No ano de 2013, após as mudanças políticas, o quadro de funcionários dos Faróis pesquisados sofreu algumas alterações, pois se constituiu de 67% dos funcionários com Ensino Médio, 25% com Ensino Superior incompleto e apenas uma auxiliar com curso de Pedagogia concluído, como pode ser observado nos gráficos abaixo.



Gráficos 15– Formação dos auxiliares dos Faróis em 2012



Gráficos 16– Formação dos auxiliares dos Faróis em 2013

No Brasil, a formação aligeirada de muitos profissionais, as condições de trabalho, o salário minguado e as poucas políticas de leitura existentes fazem com que os sujeitos exerçam a profissão de mediador de leitura sem serem preparados e, o mais grave, sem serem leitores. O resultado desse quadro é a realização de um trabalho puramente técnico e organizacional dos acervos.

Sabe-se que a formação do leitor envolve múltiplas instituições sociais: família, escola, biblioteca, amigos, entre outras. Entretanto, a maioria das pessoas só vai ter acesso ao mundo da leitura tardiamente, no ambiente escolar, local em que os profissionais atuantes possuem uma grande dependência de livros didáticos, receitas prontas e muitas vezes desatualizadas pela ausência de habilidades e competências de leitura e estagnação intelectual (SILVA, 2009b).

Em relação à carga horária, os professores trabalham quatro horas por dia e os assistentes administrativos, seis horas, como é o caso de Codó. Diferentemente do Farol do Saber, que realiza concurso para os Agentes de Leitura, nos Faróis pesquisados no Maranhão

⁸⁴ Dados referentes aos funcionários dos Faróis durante o ano letivo de 2012.

as pessoas são convidadas a trabalhar lá e, em alguns casos, estão diretamente ligados à política local. Tal fato dificulta a continuidade do ainda frágil trabalho desenvolvido, pois, a cada quatro anos, existe a probabilidade de se alterar o quadro dos funcionários, o que, além de acarretar prejuízos educacionais, provoca insegurança dos funcionários quanto à sua própria subsistência.

Considerando a formação diversificada dos auxiliares das bibliotecas Farol da Educação, seria necessária uma capacitação para serem orientados a realizar um trabalho voltado ao incentivo da leitura. Entretanto, apenas 31% dos entrevistados disseram ter tido uma capacitação, conforme o gráfico abaixo. Devo mencionar, que a capacitação mencionada não passa de encontros de apenas um dia e reuniões rápidas que aconteceram há mais de dois anos. Foi relatado por quatro funcionários do Farol de Coroa a participação em uma capacitação de “Atendimento ao Público”, oferecido pela prefeitura da cidade. Não foi mencionado em nenhum momento qualquer treinamento com bibliotecários ou algum outro profissional com experiência nessa área, proposto pela coordenação do projeto.

Segundo os relatos, os encontros existentes tiveram o intuito de mostrar como o Farol deve funcionar nas suas tarefas administrativas. Alguns auxiliares relataram que, ao iniciarem o trabalho, o supervisor explicou como deveriam proceder. Entretanto, nenhuma capacitação citada teve o objetivo maior de formá-los para atuarem como mediadores de leitura.

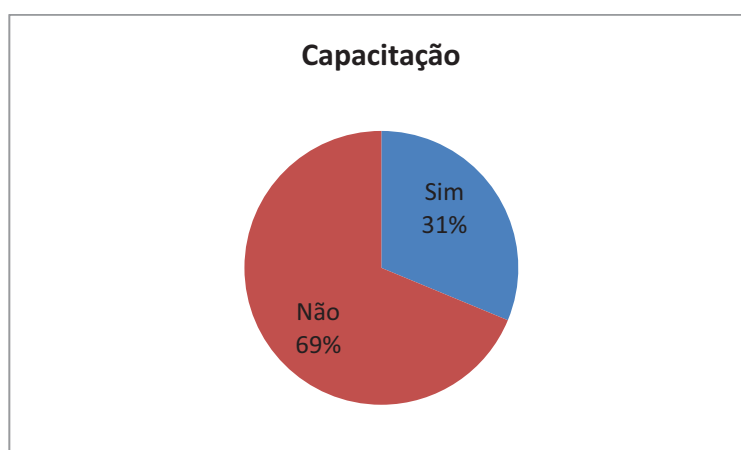


Gráfico 17 – Participação pelos funcionários dos Faróis em atividades de capacitação

Considerando que mais de 50% dos entrevistados não tiveram capacitação, torna-se inevitável verificar o tempo de serviço dos auxiliares nos Faróis. Nesse levantamento, percebe-se uma grande disparidade entre os Faróis, pois há auxiliares recém-chegados (2 meses) e pessoas com uma vasta experiência (12 anos). Conforme o gráfico abaixo, pode-se

afirmar que 68% dos auxiliares possuem no máximo quatro anos de atuação nos Faróis. Entretanto, vale ressaltar que, com exceção do Farol de Codó, onde o prefeito foi reeleito, todos os outros Faróis tiveram mudanças dos funcionários no ano de 2013. Um fato comum nas cidades localizadas no interior do estado, pois os cargos nas esferas municipal e estadual servem para acomodar os aliados políticos mesmo que eles não tenham experiência e tampouco competência para exercer a função.

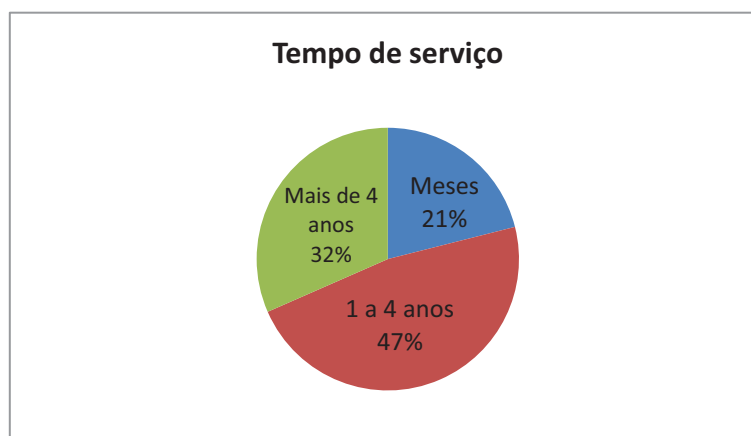


Gráfico 18 – Tempo de serviço dos auxiliares dos Faróis

Independentemente da formação e da atuação, a responsabilidade de incentivar a leitura é de todos os docentes, bibliotecários e profissionais que atuam diretamente nos Faróis, nas bibliotecas e/ou nas salas de leitura. O ideal seria que os mediadores de leitura – professores, bibliotecários, entre outros – tivessem a possibilidade de escolher os livros, além da competência para fazer escolhas capazes de possibilitar, não só uma leitura de entretenimento e/ou informação que conquistasse leitores, mas também uma leitura literária que os introduzisse na apreciação e recepção estéticas (SOARES, 2009, p. 25). Assim, os mediadores de leitura necessitam oferecer melhores condições para que essa descoberta seja realizada.

No caso dos Faróis da Educação do Maranhão, percebe-se que a maior parte daqueles que devem agir como mediadores também precisam descobrir o prazer da leitura para, então, despertar nos estudantes as mesmas sensações. Foi verificado que as práticas de leitura desenvolvidas nos Faróis pesquisados são, na sua maioria, constituídas de atividades escolares, principalmente a realização de pesquisa escolar.

3.5 LEITURA DAS PRÁTICAS

A leitura que verificamos, durante as visitas aos Faróis, pode ser considerada no seu plural, ou seja, encontramos “leituras”: de obras de referência, de livros didáticos e de literatura. Nesse sentido, a leitura é considerada uma prática social, construída historicamente e dependente dos seus interlocutores; o seu significado depende do autor, do leitor, da mediação e do contexto pelo qual a obra circula. Assim, verificamos por meio dos dados da pesquisa, que a escolha por determinada leitura está direcionada ao objetivo do leitor e tem a influência do mediador, seja ela realizada por professores, bibliotecários, familiares, amigos, colegas ou outros.

Partindo da premissa de que a leitura é uma prática sociocultural inserida nas relações de poder da sociedade, ela é considerada por diversas áreas das Ciências Sociais como um interessante instrumento para compreender como diferentes grupos sociais representam diferentemente o mundo, compartilham significados e lutam para construir através da leitura um sentido da realidade que mais lhes convém. Assim, diante da diversidade de interesses em relação à leitura e dos vários pontos de vista pelos quais é estudada, a expressão “práticas de leitura”, ainda que de modo difuso, tende a marcar os atuais contornos de interesse das Ciências Sociais em relação ao ato de ler (BATISTA e GALVÃO, 2002).

Durante a pesquisa nos cinco Faróis da Educação do Maranhão, foram constatados três tipos de leitura – *escolarizada*, *informativa* e *literária* –, que podem ser obrigatórias e/ou espontâneas. Os dados obtidos acerca dos tipos de leitura foram adquiridos a partir das respostas dos supervisores, auxiliares e leitores dos Faróis. A leitura *escolarizada* se refere, aqui, às práticas de leitura para a escola; a leitura *informativa* é a realizada para se buscar a informação e o conhecimento; e por fim, a leitura *literária* é considerada apreciativa, isto é, para o prazer e a fruição.

Assim, neste item trataremos dos três tipos fundamentais de leitura⁸⁵ observados nos Faróis da Educação: leitura *Escolarizada*, leitura *Informativa* e leitura *Literária*. No primeiro caso, será considerada a leitura de livros didáticos e obras de referência, com o intuito de se informar. O objetivo dessa leitura é aprender algo específico para realizar alguma tarefa

⁸⁵ Soares (2009) apresenta três tipos de leitura: leitura funcional, leitura de entretenimento e leitura necessária e ou leitura dos clássicos. Cosson (2009) sugere três possíveis modos de leitura: leitura como distração ou entretenimento; leitura como investigação e, por fim, o terceiro é a ação do leitor como produtor de sentidos. Medeiros (2005) sugere: leitura de estudo, leitura crítica e leitura do significado. Geraldi (1991) distingue quatro tipos de leitura: leitura em busca de informações, leitura de estudo de texto, leitura do texto como pretexto e leitura de fruição.

escolar. No segundo caso, consideram-se principalmente os livros técnicos e ou de áreas específicas, sendo que o leitor busca através da leitura adquirir determinado conhecimento. Por fim, a leitura de livros de literatura, onde não há um objetivo pragmático; o leitor não realiza a leitura com o intuito de responder determinada questão. O que não quer dizer que a leitura literária não ensine; pelo contrário, a literatura permite aos leitores visualizar diversas possibilidades de se ver uma questão, ou seja, ela não oferece apenas uma resposta como certa. Ela orienta o seu leitor a questionar, pensar, interpretar, argumentar, para se posicionar diante de uma situação.

3.5.1 LEITURA ESCOLARIZADA

O objetivo do Farol da Educação, segundo o Manual do Auxiliar de Biblioteca, é socializar o livro nas comunidades carentes, destacando-se a comunidade estudantil de toda a Educação Básica. Como objetivos específicos, o projeto prevê:

- Estimular a leitura, o prazer pelo texto, através de obras literárias.
- Contribuir para a melhoria do processo ensino/aprendizagem nas escolas do bairro ou município envolvido.
- Fornecer material para as pesquisas, em especial no Ensino Fundamental e Médio.
- Servir de Centro de Informação para a comunidade do bairro ou município beneficiado.
- Mudar o aspecto físico das bibliotecas para criar um ambiente atraente, bonito, moderno, com infraestrutura adequada.
- Dotar a comunidade de um espaço destinado ao encontro com as artes, com os bens culturais, enfim, fazer das bibliotecas Farol da Educação um Centro Cultural.
- Permitir acesso à Internet aos seus usuários. (MANUAL DO AUXILIAR DE BIBLIOTECA, 2008, s/n)

O Manual dos Faróis da Educação do Maranhão prevê diversas práticas de leitura com o intuito de formação de leitores, algumas já mencionadas anteriormente: Hora do Conto, Farol Folia, Colônia de Férias, Clube de Leitura, Encontro Mágico, Quinzena do Livro Infantil e Juvenil, Arraial da Leitura, Semana da Criança, Feira do Conhecimento, Ação Social, Concursos, Exposições, Mural de Notícias, Bazar de Trocas, Sessão de Vídeos, Gincana Cultural, Palestras e Debates. Entretanto, se analisarmos a função do auxiliar de biblioteca, dos onze itens elencados no Manual do projeto, apenas três estão destinados ao trabalho de formação de leitores; todos os outros são tarefas administrativas, como pode ser observado a seguir:

- Auxiliar na pesquisa e na consulta local, possibilitando a recuperação da informação.
- Fornecer ao usuário várias fontes bibliográficas, de acordo com o assunto solicitado, estimulando a sua própria produção textual.
- Auxiliar a pesquisa na Internet, quando disponível esse tipo de serviço na biblioteca.
- Realizar o controle de frequência diária de usuários na biblioteca.
- **Realizar intercâmbio com escolas e entidades da comunidade para utilização efetiva do espaço da biblioteca como centro de cultura.**
- Realizar o cadastro para retirada da carteira de usuário da biblioteca, caso esta disponibilize o serviço de empréstimo domiciliar.
- Efetuar os serviços de empréstimo domiciliar, renovação e devolução dos materiais emprestados, caso a biblioteca disponibilize esse tipo de serviço.
- **Planejar periodicamente, com o supervisor, atividades para a dinamização da biblioteca.**
- **Realizar dinâmicas de leitura na biblioteca.**
- Elaborar as estatísticas de consulta, frequência e empréstimos, para serem enviadas à Supervisão de Bibliotecas Escolares.
- Elaborar relatório das atividades realizadas na biblioteca. (MANUAL DO AUXILIAR DE BIBLIOTECA, 2008, s/n). [Grifos meus]

Nessa dicotomia de objetivos e tarefas presente nos Faróis da Educação, pode-se realizar uma analogia, título do capítulo, já que 80% das práticas existentes são direcionadas às tarefas escolares, sendo possível apenas realizar a leitura dessas práticas. De fato, foi mencionado por todos os entrevistados que a principal atividade dos Faróis é a pesquisa escolar. Durante as visitas a eles, havia vários estudantes fazendo pesquisas escolares. Possivelmente, o fato de muitos não terem acesso à internet os leva a buscar os livros de referência e os didáticos para realizarem suas pesquisas.

No caso da leitura direcionada a tarefas escolares, foi mencionada por um auxiliar do Farol a facilidade de ajudar os alunos na pesquisa que está diretamente relacionada às datas comemorativas trabalhadas no espaço escolar. Dessa maneira, já sabem quais livros e revistas serão mais procurados mensalmente pelos estudantes. As obras de referência são bastante utilizadas no auxílio da pesquisa escolar. É possível inferir que a busca por datas comemorativas demonstra ainda um conservadorismo implícito.

Segundo os entrevistados, o aumento da frequência de visitantes nos Faróis está diretamente relacionado às tarefas escolares. Eles buscam informações relacionadas às datas comemorativas, informações sobre a cidade e/ou personagens da história, entre outras. Por exemplo, no mês de abril, os estudantes codoenses pesquisaram sobre os índios e sobre a cidade de Codó, que completava 117 anos no dia 16 de abril. Nota-se, a partir das

informações obtidas que a procura por livros de literatura, na maioria das vezes, é advinda de tarefas escolares, como pesquisar sobre um autor, entre outras afins.

As atividades são relacionadas ao momento que a cidade está passando: aniversário da cidade, festa junina... Muitos alunos usam para fazer trabalho, cartazes, usam as mesas. Quando eles vêm fazer trabalho, já vem pra cá fazer a pesquisa, copiam nos cartazes e levam. Os trabalhos estão associados ao que o professor passa ou então, como por exemplo, pesquisar classe de palavras, inglês... Recentemente veio um pessoal de inglês fazer um trabalho todo aqui, desde o início até o fim, desde pesquisar as palavras, preparar o cartaz para apresentar na sala⁸⁶.

Assim, as práticas de leitura realizadas nos Faróis apontam para uma concepção de livro, de leitura e de literatura conforme a qual é preciso haver finalidade prática, aplicada e imediata. O pragmatismo está no bojo do conceito de livro e de leitura; o leitor buscaria o que lhe traz vantagem, mesmo que essa tome a forma de consolação. Há uma aprendizagem explícita, que o termo “lição” antecipa, mas que se espraia nas demais promessas contidas nos diversos livros. Nessa perspectiva, a imaginação é relegada a um plano secundário, pois mesmo um sonho precisa se converter em realidade (ZILBERMAN, 2009, p. 123).

Vale ressaltar que o Farol da Educação é considerado por alguns frequentadores como uma biblioteca escolar, uma vez que esse espaço que se localizam as informações necessárias para as suas pesquisas. Soares (1999) aponta que a escolarização da literatura é um processo necessário e inevitável, que visa os fins especificamente educativos. Em sua opinião, a literatura pode ser apropriada pela escola e se transformar em instrumento educativo. A questão que se coloca para o professor é estabelecer a distinção (...) entre uma escolarização adequada da literatura – aquela que conduza mais eficazmente às práticas de leitura que ocorrem no contexto social e às atitudes e valores que correspondem ao ideal de leitor que se quer formar – e uma escolarização inadequada, errônea, prejudicial da literatura – aquela que antes afasta que aproxima de práticas sociais de leitura, aquela que desenvolve resistência ou aversão à leitura (SOARES, 1999, p. 25).

Contemporaneamente, tem crescido o volume dos questionamentos e críticas quanto ao processo inadequado de escolarização da literatura que, ao ser utilizado de forma puramente utilitária, conduz ao afastamento do leitor. Para evitar este desencontro, pretende-se inscrever o seu ensino como experiência estética, oferecendo aos alunos condições para que possam usufruir desta produção cultural, numa perspectiva não-imediatista.

⁸⁶ LIMA, Antônio Francisco Silva Lima. Entrevista concedida a Cristiane Dias Martins da Costa. Codó. Abril.

Diante dessa realidade ou desafio cotidiano, percebe-se a dificuldade dos auxiliares em relação à mediação da leitura, com o intuito de despertar o interesse e o gosto dos estudantes de uma maneira crítica e inventiva. As atividades de dinamização dos acervos, programações culturais, como rodas de leitura, oficinas literárias e projetos de incentivo à leitura, voltados para a comunidade escolar, foram consideradas raras exceções no espaço designado Farol da Educação.

Para ser um “agente de leitura”, a pessoa tem primeiro que gostar de ler, ter a vontade e o compromisso social de compartilhar esse gosto e sua experiência de leitura com outras pessoas, formando leitores em diversos ambientes. Porém, não basta gostar de ler; é necessário uma capacitação inicial e contínua, que possibilite que esses profissionais atuem de maneira a realizar um trabalho de formação de leitores. Assim, a preparação de mediadores deveria acontecer a partir de um processo de imersão na leitura, em manifestações culturais e no envolvimento com práticas leitoras de naturezas diversas (SANTOS , 2009).

No entanto, não se pode condenar os poucos mediadores que atuam nos Faróis da Educação do Maranhão, pois não faltam à maioria deles a vontade e a disposição, mas sim a preparação, a capacitação e a valorização, para atuarem de forma adequada como mediadores literários.

3.5.2 LEITURA INFORMATIVA

Da mesma forma que a leitura *escolarizada*, a leitura *informativa* tem um objetivo explícito: o indivíduo irá ler o texto para se informar sobre algum assunto que precisa conhecer melhor ou que lhe atrai. Se lhe perguntarem “para que está lendo”, o leitor saberá responder prontamente. A diferença em relação à leitura escolar é que, nesse caso, a leitura não é uma tarefa da escola e sim uma tarefa pessoal. Esse tipo de leitor já tem a consciência de que precisa da leitura por algum motivo que o faz buscar o Farol, como, por exemplo, o interesse em passar em um concurso público. O leitor escolar, na maioria das vezes, ainda não tem a consciência da necessidade daquela leitura; lê para cumprir a tarefa e/ou passar de ano. Faz porque é obrigado e cobrado pelo professor.

A leitura informativa, também denominada de estudo, tem por objetivo a coleta de elementos, dados e informações. Conforme as autoras Lakatos e Marconi (1986) existem três objetivos predominantes na leitura informativa: certificar-se do conteúdo do texto, constatando o que o autor afirma, os dados que apresenta, e as informações que oferece;

correlacionar os dados coletados a partir das informações do autor com o problema em pauta e verificar a validade dessas mesmas informações.

Da mesma forma, Cervo e Bervian (2002, p. 96) expõem fases cronológica e lógica, ao mesmo tempo, da leitura informativa, que devem "suceder-se uma após a outra, e nessa sucessão temporal, o pensamento reflexivo percorre as etapas no termo das quais surge o conhecimento científico: visão global, visão analítica, visão sintética”.

A leitura de reconhecimento possibilitará ao estudante uma visão global do assunto a ser tratado, além de permitir-lhe selecionar documentos que apresentam dados ou informações importantes que poderão ser aproveitadas na fundamentação teórica de seu trabalho. A pré-leitura ou leitura de reconhecimento pode ser feita, no caso de livros, através de um exame prévio da folha de rosto, dos índices, da bibliografia, do prefácio, da introdução e da conclusão. Artigos científicos exigem uma leitura integral para que haja compreensão do assunto.

A leitura seletiva se dá no momento em que se separa efetivamente o que é essencial do que é dispensável. Não se trata ainda de uma leitura minuciosa, mas já é o primeiro passo. Para que haja uma seleção correta do material coletado é importante estabelecer alguns critérios vinculados aos propósitos do trabalho: problema, questões investigativas, enfim, os objetivos do estudo que se propõe realizar. Somente deverão ser selecionados os dados que efetivamente poderão lançar luz sobre o tema proposto.

A leitura crítica ou reflexiva é a fase de estudos mais profundos, que inclui processos de reflexão (aprendizagem) e percepção deliberada dos significados (apreensão). Envolve operações complexas, como: análise, comparação, diferenciação, síntese e julgamento. Ao estudar um texto, passa-se pelas mesmas fases do pensamento reflexivo: visão global e análise das partes, para chegar à síntese.

Por fim, a leitura interpretativa implica um tríplice julgamento, pois o leitor procura saber o que o autor realmente afirma, que informações ele transmite, qual é o problema abordado, quais as suas hipóteses, suas conclusões. Nesse caso, o pesquisador deve cuidar para não incorporar conclusões que não possam ser comprovadas.

A leitura informativa ou de estudo foi claramente visualizada nos Faróis através dos relatos dos auxiliares. Acrescento que para alguns entrevistados o apoio a este tipo de leitura seria o objetivo maior do Farol, uma vez que suas tarefas eram restritas aos seguintes objetivos do Manual do auxiliar:

- Auxiliar na pesquisa e na consulta local, possibilitando a recuperação da informação.
- Fornecer ao usuário várias fontes bibliográficas, de acordo com o assunto solicitado, estimulando a sua própria produção textual.
- Auxiliar a pesquisa na Internet, quando disponível esse tipo de serviço na biblioteca (MANUAL DO AUXILIAR DE BIBLIOTECA, 2008, s/n).

Segundo alguns auxiliares, as pessoas adultas (no caso da planilha de estatística de frequência seria a opção outros) que buscam os Faróis, na maioria das vezes, utilizam do espaço para estudar, sendo que em alguns casos, os próprios frequentadores levam os seus livros. Entretanto, quando solicitam algum tipo de livro são geralmente associados a alguma área específica de estudo, como pontuado por um auxiliar.

As pessoas vêm ler livros geralmente associados ao curso que estão fazendo ou então buscando mais fonte. Aqui gosta de vim uma professora da educação infantil, que ela sempre lê os livros de artes, porque ela acha melhor do que ler na tela do computador. Ela gosta mesmo é de achar fonte que ela possa pegar é o livro mesmo. Aqui tem livros de pedagogia, nesta parte aqui, tem muitos livros bons que é bastante procurado. Os livros procurados por eles não são as enciclopédias, são mais específicos mesmo⁸⁷.

Durante as visitas aos Faróis, percebeu-se também a predominância da leitura informativa, através de leituras para se preparar para um concurso ou algum tipo de avaliação – por exemplo, preparar-se para o teste para obtenção de carteira de habilitação de motorista – ou leituras de livros de áreas específicas. Dessa maneira, dependendo do objetivo do leitor – se pretende ter visão global, analítica ou sintética –, ele determina o tipo de leitura que realiza. Importa dizer que, independentemente da leitura escolhida, existe um objetivo específico, o que distancia a leitura informativa da leitura literária.

3.5.3 LEITURA LITERÁRIA

As práticas de leitura *literária* foram destinadas aos livros que não possuem o pragmatismo como objetivo maior. Como afirma Queirós (2011)⁸⁸, “a literatura trabalha com as incertezas e dúvidas, caso contrário não seria literatura, e sim uma obra didática”. Essa leitura permite escolhas, é uma leitura vista como construção de subjetividades, na qual estão

⁸⁷ LIMA, Antônio Francisco Silva Lima. Entrevista concedida a Cristiane Dias Martins da Costa. Codó. Abril. 2012.

⁸⁸ Participação do escritor Bartolomeu Campos de Queirós no evento Jogo do Livro, da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais, em Belo Horizonte, em 2011.

envolvidas preferências, escolhas e, de acordo com Pennac (1997), direitos, ou seja, direito de pular páginas, de ler primeiro o final, de escolher qual livro ler, e até mesmo de não ler. Esse tipo de leitura não deve ser uma leitura obrigatória, apesar de sabermos que alguns alunos leem livros de literatura para realizar uma tarefa escolar, ou para passar no vestibular. Nesses casos, dependendo da maneira como o professor/mediador conduz a atividade, corre-se o risco de tornar a literatura uma tarefa pragmática, direcionada demais, o que a faz perder o seu sentido maior: a fruição. Entretanto, é necessário considerar a importância dos professores como mediadores desse processo, pois uma tarefa escolar bem desenvolvida, respeitando o *status* da literatura, pode despertar o interesse do aluno por ela.

A leitura literária considerada nesta pesquisa é aquela que representa uma forma de lazer ao horizonte pessoal, para outros mundos e outros seres humanos, e também a leitura que “questiona a significação, que busca sentido, que persegue o valor mutante e mutável da palavra, que é dirigida pelo estético, que despreza o literal e valoriza o subjacente, o implícito, que surpreende com a originalidade e a força criativa, que identifica no texto a condição humana” (SOARES, 2009, p. 22). A leitura de lazer é considerada por Soares (2009) como “leitura de entretenimento” e a leitura que questiona a significação seria a “leitura necessária”.

O fato de considerar os dois tipos de leitura como “leituras literárias” se justifica por existirem níveis de letramento literário, ou seja, o primeiro passo de um leitor em busca da leitura literária pode ser dado pelo prazer ao ler um best-seller; isso não quer dizer que não seja necessário incentivar o leitor à leitura dos clássicos da literatura. Afinal, o gosto e a apreciação estética não são universais, mas dependem do universo cultural, social e econômico no qual se inserem os sujeitos.

Best-seller constitui uma categoria da indústria do livro que mede as obras adquiridas em livrarias brasileiras (incluídos recentemente os pontos de venda virtuais, acessíveis por meio da Internet), independentemente da autoria, procedência e editora. Por sua vez, as pesquisas que indicam as listas de mais vendidos são, via de regra, e semanalmente, realizadas por jornais e revistas de circulação nacional, e divulgadas em seus suplementos ou seções destinadas à cultura e à literatura. (ZILBERMAN, 2009, p. 120)

Conforme Soares (2004), o letramento é um *continuum* e, por isso, é difícil medi-lo, principalmente porque envolve dois fenômenos bastante diferenciados e muito complexos: a leitura e a escrita. Uma pessoa pode ser capaz de ler um bilhete ou uma história em quadrinhos e não ser capaz de ler um romance ou um artigo de jornal; ou ser capaz de escrever uma carta e não ser capaz de escrever uma argumentação defendendo um ponto de

vista. A autora conclui que há diferentes tipos e níveis de letramento, dependendo das necessidades, das demandas do indivíduo e de seu meio, do contexto social e cultural (SOARES, 2004).

A expressão letramento literário é utilizada para designar parte do letramento como um todo, fato social caracterizado por Soares (1998) como inserção do sujeito no universo da escrita, através de práticas de recepção/produção dos diversos tipos de textos escritos que circulam em sociedades letradas como a nossa. Sendo um desses tipos de textos o literário, relacionado ao trabalho estético da língua, à proposta de pacto ficcional e à recepção não-pragmática, um cidadão literariamente letrado seria aquele que cultivasse e assumisse como parte de sua vida a leitura desses textos, preservando seu caráter estético, aceitando o pacto proposto e resgatando objetivos culturais em sentido mais amplo, e não objetivos funcionais ou imediatos para seu ato de ler.

O conceito de letramento pensado em relação à literatura é definido por Paulino (2001, p. 116): “como outros tipos de letramento, continua sendo uma apropriação pessoal de práticas de leitura/escrita que não se reduzem à escola, embora passem por ela”. Desse modo, podemos pensar em níveis de letramento literário: o leitor consegue ler a saga *Crepúsculo*, mas não consegue ler uma obra do Machado de Assis até o final.

Trazendo o exemplo para a nossa realidade e as nossas preocupações com a formação de crianças e jovens para que se tornem leitores: lamentar que deixem de ler a saga do Sítio do Picapau Amarelo para ler a saga de Harry Potter seria uma ingenuidade; se não existisse Harry Potter, não leriam Monteiro Lobato, simplesmente não leriam nada... (SOARES, 2009, p. 24)

Assim, o leitor iniciante pode se interessar pelo universo literário através da literatura de massa e/ou popular; esse caminho poderá ser o primeiro passo para ele desenvolver o interesse pela leitura, o que permitirá que se aproxime, posteriormente, dos clássicos literários. Nesse momento, se destaca a importância dos mediadores para ampliar o repertório de leituras dos leitores, para que se tornem autônomos e se interessem pelos clássicos da literatura.

Como afirma Abreu (2003), ao se atribuir o rótulo de *literatura* a algumas obras específicas, desconsidera-se um trabalho de seleção e de exclusão de textos construído historicamente por um grupo muito particular de intelectuais.

Os textos que os alunos leem e gostam (que em geral são os da literatura de massa ou da literatura popular) deverão continuar a ser apresentados na escola como literatura de segunda linha, como textos de má qualidade.

Desqualificando os textos, prosseguiremos desqualificando seus produtores e as leituras que deles se faz. Manteremos a ideia de que as pessoas – aí incluídos alunos e professores – devem se envergonhar daquilo de que gostam; devem envergonhar-se de ser como são. Agradeceremos o fato de a elite intelectual ser composta por gente de melhor estirpe, gente capaz de produzir e apreciar obras de valor. Assim, continuaremos a disseminar socialmente a ideia de que a obra literária é algo para poucos e bons. (ABREU, 2003, p. 132)

Ao considerar os argumentos de Abreu (2003), quero sublinhar que não pretendo diminuir a importância das obras clássicas na formação do leitor; trata-se, apenas, de questionar o fato de as obras presentes nas vidas dos estudantes serem avaliadas somente pelos critérios pertinentes à criação erudita. Dificilmente se localizará um livro que seja bom para todos, pois as leituras são diferentes. Assim, para comparar obras distintas, deveriam ser levados em consideração critérios internos ao universo em que foram produzidas. A partir disso, “podemos começar a apresentar a literatura erudita como um conjunto de produções realizadas por um determinado grupo cultural, e não como a literatura” (ABREU, 2003, p. 133).

Sabemos a importância do contato dos alunos com as denominadas obras clássicas, como afirma Soares (2009):

A criança ou o jovem não podem deixar de saber a que nos referimos quando dizemos que alguém é um Dom Quixote, ou que uma atitude é quixotesca; quando ameaçamos um nariz de crescer, ao desconfiar de uma mentira, aludindo a Pinóquio, sem o mencionar; quando solicitamos que alguém feche a torneirinha de asneiras que Emília abre com tanta frequência; quando dizemos que uma viagem foi uma odisseia; quando, diante de uma dúvida, repetimos ser ou não ser, eis a questão; ou quando chamamos aquele vírus que nos ataca o computador de cavalo de Troia... quando caracterizamos uma situação de Kafkiana... os exemplos são numerosos de metáforas literárias que passam a fazer parte do discurso coletivo, em um quase infinito jogo de intertextualidade. (SOARES, 2009, p. 29)

Durante esta investigação, foram identificados alguns eventos de práticas de leitura literária em dois Faróis específicos (Coroatá e Timbiras), nos anos de 2011 e 2012. Apesar do “Manual do Auxiliar de Biblioteca” sugerir dezenas de atividades para dinamizar a biblioteca, como já foi mencionado, a maioria dos Faróis realizou apenas tarefas de auxílio na pesquisa escolar, entre outras atividades administrativas. Foi observada, durante os anos de 2011 e 2012, a realização de apenas três atividades constantes do Manual.

- **ENCONTRO MÁGICO**

Segundo o Manual, o Encontro Mágico é uma atividade educativa de contar histórias para alunos da Educação Infantil e das séries iniciais do Ensino Fundamental. Deveria acontecer semanalmente nas bibliotecas, com a participação livre e sem inscrição. O objetivo seria estimular a prática de leitura. “É o momento de a criança ter contato com livros, com a literatura, de suscitar o imaginário e sentir emoções” (MANUAL DO FAROL, 2008, p. 30).

Para a realização do Encontro, deve-se entrar em contato com a escola para convidá-la a participar da atividade, planejar a atividade a ser realizada, tendo como base a série da turma convidada, e selecionar o livro de literatura para realizar uma leitura prévia. O Encontro Mágico pode acontecer fora do ambiente da biblioteca.

É importante que, antes de dar início ao Encontro Mágico, o Auxiliar de Biblioteca percorra junto com as crianças todo o espaço físico da biblioteca para mostrar o ambiente agradável e acolhedor, chamando a atenção dos mesmos para o formato do telhado, que parece um livro aberto, para demonstrar a importância da leitura neste lugar. É importante também observar os equipamentos, a decoração e todo o espaço reservado para a Literatura Infantil e Juvenil, que possui etiquetas coloridas para facilitar o acesso rápido ao gênero desejado, assim como a variedade de histórias que podem ser lidas quando as crianças retornarem à biblioteca. (MANUAL DO FAROL, 2008, p. 31)

Apesar de todas as orientações do Manual sobre os procedimentos, as datas e horários para a realização das atividades, o que se observou é que os Faróis se adaptam à suas próprias condições. É importante ressaltar que o Encontro Mágico foi descrito poucas vezes nos Faróis pesquisados.

- **QUINZENA DO LIVRO INFANTIL E JUVENIL**

No mês de abril, em razão da concentração de datas comemorativas alusivas aos livros de literatura, é realizada a Quinzena do Livro Infantil e Juvenil. O Manual sugere que os Faróis planejem suas atividades a partir da mensagem estabelecida, anualmente, pela Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil (FNLIJ) para ser trabalhada pelas bibliotecas. No ano de 2006, por exemplo, a temática foi “O destino dos livros está escrito nas estrelas”.

O Farol de Timbiras realizou a Quinzena do Livro em apenas dois dias, com a participação das escolas. Nesse evento, contam-se histórias e são feitas brincadeiras, com a

colaboração dos professores. Já o Farol de Coroatá informou que realizou a atividade em duas semanas, juntamente com as escolas. Ressalta-se que, ao solicitar fotos de tais atividades, foi obtida a informação de que os computadores dos Faróis estavam estragados, o que impossibilitou o acesso às imagens.

- **ARRAIAL DA LEITURA**

Durante a época dos festejos juninos, as bibliotecas realizam ou deveriam realizar eventos com o objetivo de discutir o folclore maranhense, aliado à leitura. Todos os Faróis possuem um espaço reservado para os autores maranhenses.

O procedimento para realizar a atividade, segundo o Manual, é inicialmente fazer o planejamento, convidar as escolas e preparar o material de divulgação. Vale destacar que os supervisores não têm verba para produzir panfletos e faixas para a divulgação. O que eles costumam fazer é visitar algumas escolas; em alguns casos, são as escolas que procuram os Faróis. Nessa jornada para realizar o Arraial da Leitura, um supervisor específico (Coroatá) tem conseguido apoio para a divulgação do evento, através de patrocínios.

É interessante observar que apesar das bibliotecas não realizarem as atividades propostas no Manual, elas decoram os Faróis nos períodos que correspondem às datas comemorativas. Assim, no mês de junho encontram-se bandeirolas, textos e fotos relacionados às comemorações juninas.

A leitura literária depende, em grande medida, não só da compreensão das práticas que a conformam, como também da capacidade de interferir em formas cristalizadas de difusão dos bens culturais e, assim, possibilitar o surgimento e a renovação de disposição de alunos, professores, bibliotecários, editores, escritores, entre outros mediadores, todos eles escolhedores (MACHADO; MARTINS, 2009, p. 9).

Nota-se, que apesar da existência ínfima ou inexistência de práticas de leitura nos Faróis pesquisados com o intuito de formar leitores na concepção do projeto, existem pessoas que buscam o Farol para ler literatura. É verdade, que se trata de uma minoria e no caso do Farol de Codó são as crianças que mais buscam a literatura infantil, segundo os auxiliares entrevistados.

Durante uma visita ao Farol de Codó em 2013, com o intuito de atualizar dados, conversei informalmente com o auxiliar sobre os leitores que se interessavam pela literatura, assim fui surpreendida com o seguinte relato do mesmo, “A grande maioria é mais literatura

infantil, inclusive tem um rapaz, olha ele ali, já chegou. Acho que ele já deve ter lido os livros quase todos, ele pega três livros e lê direto...”.

Imediatamente, me interessei pelo garoto, observei que a sua frente havia uma pilha de livros de literatura, fora o que estava lendo. Diante do acontecimento, me aproximei do leitor e perguntei se poderia assentar ao seu lado, e ele com dificuldade de me olhar, pois o livro o atraía imensamente, mexeu a cabeça confirmando positivamente. Depois, perguntei se poderia fazer algumas perguntas e o mesmo, sem tirar os olhos do papel, respondeu que sim. Senti que estava atrapalhando a sua leitura, mas insisti, pois gostaria de saber como aquele garoto havia sido encantado pela literatura, para poder encantar tantos outros.

Gosto muito de ler. Venho aqui sempre, tem dia que eu venho, mas tem dia que não dá. Eu folheio o livro para escolher, gosto de tudo no livro. Esse livro [A ilha do tesouro], eu escolhi porque ele é muito interessante, tem os piratas mais violentos e o menino chamado Jim. Eu termino hoje mesmo, fico três, quatro horas. [Ao questionar sobre a pilha de livros a sua frente] Eu também escolhi, mas se não der tempo, volto amanhã. [Ao buscar saber quem o incentivará] Sei lá, vendo os outros lerem, minha mãe. Ela lê Augusto Cury. Na minha casa tem muitos livros, minha mãe que comprou, tem uns que é para eu ler e outros para ela.

Passei a frequentar o Farol neste ano [2013]. Ano passado estudava aqui [Escola Municipal Governador Archer, localizada ao lado do Farol de Codó], mas não sabia de nada, não. Foi minha mãe que disse, “olha ali tem uma biblioteca”. Aí eu fiquei aqui porque é mais perto, a outra é lá no centro⁸⁹.

Analisando a participação deste aluno no Farol em relação ao seu interesse pela literatura, foi pontuada por um auxiliar a importância da formação de leitores. De acordo com suas observações a maioria das pessoas que frequentam o Farol em busca da literatura são crianças que fazem esta opção por interesses próprios, ou seja, não buscam a leitura literária porque alguém mandou. Nesse sentido, ele questiona o papel dos professores nesta mediação.

Eu acredito que o que dificulta o aluno do Ensino Fundamental maior, no caso 5º ao 9º ano, é justamente não trabalhar no infantil a leitura literária. E quando ele vai chegando nos anos seguintes, como não foi trabalhado, não há o interesse, não há o despertar.

Eu acredito que a leitura literária só não é maior porque os professores não trabalham como está estipulado. Se tivesse um professor que é formado em letras que trabalhasse mais a questão da literatura. Eles trabalham mais a gramática, do 1º ao 9º ano, eles trabalham a gramática, sendo que eles precisariam dosar⁹⁰.

⁸⁹ Conversa informal com um leitor do Farol de Codó em 24/6/2013.

⁹⁰ Conversa informal com um auxiliar do Farol de Codó em 24/6/2013

Diante destes relatos, acrescento a importância do acesso ao livro de literatura para a formação de um leitor. Ressalto que é uma minoria de estudantes que possuem livros em casa, muitos irão ter seu primeiro contato com esse suporte na escola. Entretanto, não basta o acesso aos livros é necessária uma interlocução entre o leitor e o livro, sendo de extrema importância o papel do mediador da leitura na formação de leitores.

3.6 FORMAÇÃO DE LEITORES

A formação do leitor literário se apresenta como uma das grandes preocupações dos professores, tanto os de Português, quanto aqueles que irão mediar os contatos dos alunos com os livros de literatura nos primeiros anos de escolaridade. Ao discorrer sobre a escolarização adequada da literatura, Soares (1999) ressalta o papel da escola na condução eficaz do aluno às práticas de leitura literária que ocorrem no contexto social.

Para Soares (1998), existe ainda uma escolarização inadequada da literatura, que vem ocorrendo na escola. Dessa forma, a escolarização acaba adquirindo um sentido negativo. É importante enfatizar ainda que o letramento, entendido sob o ponto de vista social revolucionário, nem sempre terá consequências desejáveis, benéficas. Ele também pode ser utilizado com o objetivo de manter as práticas e relações sociais correntes e, portanto, não deve ser tratado como algo “autônomo”. É necessário levar em conta o que está sendo lido e, principalmente, a forma como a leitura está sendo feita (SOARES, 1998).

A seleção dos textos advém da aplicação de critérios de discriminação. Há mediadores que se valem do livro para a veiculação de regras gramaticais ou normas de obediência e bom comportamento. Todavia, é necessário que o valor por excelência a guiar essa seleção se relacione à qualidade estética. Respeitada essa natureza da obra literária na sua inserção, sem esquecer o interesse do aluno na escolha dos textos e que as projeções interferem em todo e qualquer ato de leitura, o processo de comunicação literária estimula o rompimento das limitações do ensino tradicional e a aproximação deste com a realidade do aluno.

Não obstante, o processo de comunicação literária não pode se dar em uma perspectiva eminentemente pragmática e utilitarista da literatura, sobretudo porque essa visão contraria o conceito de literatura como criação autônoma e perene e, também, porque é fundamental a formação de um leitor com aptidão crescente para a compreensão de obras das literaturas vernáculas e das literaturas modernas. Um leitor, portanto, que responda ao constante pedido

feito pela atividade de leitura de expansão de seus limites culturais. Entretanto, Abreu (2003) faz uma ressalva na atuação da escola ao selecionar as obras ali trabalhadas.

A escola – seguindo os passos da história literária – seleciona algumas obras dentre todos os textos narrativos, poéticos ou dramáticos já escritos e as apresenta aos alunos como a literatura, desqualificando todos os demais como subprodutos ou como formas imperfeitas. Raramente explica-se aos alunos o processo pelo qual estas obras chegaram a representar o cânone literário, fazendo supor – ou mesmo dizendo explicitamente – que elas possuem uma literariedade e uma qualidade intrínsecas, portanto a-históricas e a-culturais. Ou seja, qualquer leitor deve ser capaz de reconhecê-las; os que não as apreciam são ingênuos, mal formados, despreparados. (ABREU, 2003, p. 124 e 125)

Os argumentos de Abreu (2009) merecem apreço, pois não desconsideram a importância dos textos literários tidos como canônicos na esfera escolar; mas os consideram como uma das leituras possíveis, e não a leitura certa, pois não há leituras certas ou erradas, e sim diferentes leituras. Assim, como afirma Abreu (2003), podemos começar a apresentar a literatura erudita como um conjunto de produções realizadas por um determinado grupo cultural, e não como *a* literatura.

Nessa perspectiva, a formação do leitor literário deveria ser uma das preocupações dos profissionais que atuam como mediadores da leitura, ou melhor, deveria ser a preocupação das secretarias e instituições de Ensino, antes de selecionar pessoas para atuar nas bibliotecas, pois seria de grande relevância ter profissionais habilitados para atuar como mediadores da leitura. Conforme Soares (1999), é através da escolarização adequada da literatura que é possível conduzir eficazmente o aluno às práticas de leitura literária que ocorrem no contexto social. Ou seja, uma escolarização adequada da literatura conduz ao letramento literário, uma vez que deve conduzir a uma prática de leitura literária efetiva, que ultrapasse os muros da escola.

O leitor de/da literatura será aquele que tem a oportunidade de vir a saber que ler textos literários é aprender a negociar a leitura e adequá-la a contextos e finalidades, tomando, dessa forma, verdadeira posse do vasto patrimônio (de textos e de práticas de leitura) que lhe pertence – para caminhar de mãos dadas com o leitor cosmopolita⁹¹. (BRANCO, 2005, p.107)

⁹¹ Antônio Branco se refere à categoria apresentada por Maria de Lourdes Dionísio (2005). Segundo a autora, leitor cosmopolita é aquele que tem consciência de que as práticas de leitura e escrita envolvem relações sociais, que o contexto, a história e o poder lhes acrescentam significado e que os textos são, por isso, construtos histórico-sociais complexos.

A experiência literária nos permite, não só saber da vida por meio da experiência do outro, como também vivenciar essa experiência. É na leitura e na escritura do texto literário que encontramos o senso de nós mesmos e da comunidade a que pertencemos. A literatura nos diz o que somos e nos incentiva a desejar e a expressar o mundo por nós mesmos. Isso acontece porque a literatura é uma experiência que permite a incorporação do outro em mim, sem a renúncia da minha própria identidade.

De acordo com Cosson (2006), é no exercício da leitura e da escrita de textos literários que se desvela a arbitrariedade das regras impostas pelos discursos padronizados da sociedade letrada e se constrói um modo próprio de se fazer dono da linguagem.

Tendo em vista a mediação uma prática de extrema importância para a formação de leitores, não se deve desconsiderar o contexto em que os profissionais que atuam no Farol estão inseridos. Uma vez que essa relação influencia de forma significativa a relação entre o livro e o leitor. Nesse sentido o modelo de circuito de Darnton (1990) permite visualizar os vários pontos que o livro percorre desde o momento de sua elaboração até chegar as mãos dos leitores. Esse circuito permite construir uma visão holística da história do livro, tendo em vista a possibilidade de análise dos diferentes segmentos (autoria, edição, impressão, distribuição, venda, leitura) que compõem o seu ciclo de vida. Para esse autor, estudar qualquer relação com o livro, sendo ele utilizado nas escolas ou não, nos remete ao que conceitua como “circuito de comunicação” ou “circuito do livro”, um modelo que busca “enxergar o objeto como um todo” para “analisar como os livros surgem e se difundem entre a sociedade” (1990, p. 112).

Para maior visibilidade na dinâmica que ocorreu nos Faróis, julguei interessante realizar uma adaptação do esquema de “A conjuntura socioeconômica como um todo” de Thomas R. Adams e Nicholas Barker (1993) que foi construído a partir do “Circuito de Comunicação” de Robert Darton (1982) para o “Circuito do Livro dos Faróis da Educação”, pois percebe-se diversas influências no processo entre o livro e o leitor, como se observa na imagem adiante. Segundo Darton, a proposta de Adams e Barker possibilita o alargamento do escopo do seu diagrama o tornando mais adaptável às condições que prevaleceram após as primeiras décadas do século dezenove.



Figura 1 – Circuito do livro nos Faróis da Educação

Acrescento que para o funcionamento deste circuito em que se encontra o livro como parte central é necessário o mediador, esteja ele relacionado à escola ou à comunidade, podendo-se obter, a partir disso, diferentes tipos de leitura (escolarizada, informativa e literária). Nesse esquema apresento as responsabilidades tanto do estado, como do município em relação à compra de livros, infraestrutura e recursos humanos. Saliento que toda essa dinâmica em relação ao livro e suas leituras estão envolvidas pelo comportamento social e pelas influências políticas que cercam o leitor.

CAPÍTULO 4 – LUZES NO FAROL

Este capítulo apresenta os dados da verticalização realizada no Farol da Educação de Codó “Professora Carmem Palácio Lago” e está subdividido em três tópicos: uma breve trajetória da educadora homenageada pelo Farol; o perfil dos seis leitores assíduos desse espaço e, por fim, a prática docente de uma educadora, mediadora de leituras e autêntica “luz” no Farol e na vida de seus alunos.

4.1. O FAROL PROFESSORA CARMEM PALÁCIO LAGO

O Farol da Educação de Codó foi inaugurado em 2006, pelo governador José Reinaldo Tavares (2002-2006), durante o mandato do prefeito Benedito Francisco da Silveira Figueiredo (2005-2008). A Secretaria de Estado da Educação (SEDUC), que é a unidade gestora do Farol da Educação, representada pelo secretário Edson Nascimento, mantém parceria com a prefeitura do município para que esta participe do projeto com a cessão de recursos humanos para atender os usuários.

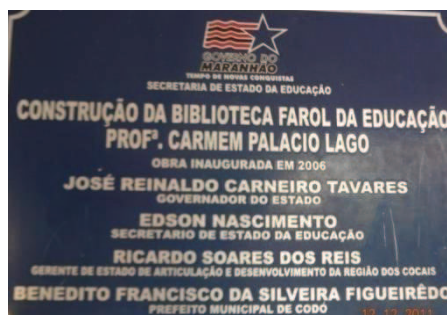


Foto 66 - Placa da inauguração do Farol

Conforme o ex-governador José Reinaldo, a meta prioritária do governo na sua gestão era construir pelo menos uma biblioteca Farol da Educação em cada município maranhense. Na época da inauguração do Farol de Codó, já estavam prontos e funcionando 62 Faróis da Educação em todo o Maranhão; desse total, oito situados na Região Metropolitana da Grande São Luís e 54 no interior do estado. Foram construídos na sua administração 33 Faróis, e havia outros 26 em fase de construção, em vários municípios. De acordo com o ex-governador, o Farol é um projeto muito importante, porque facilita o acesso dos alunos a uma biblioteca, lugar que a maioria dos municípios não possui. São espaços com um grande acervo, e têm contribuído para melhorar o aprendizado dos alunos.

O Farol da Educação de Codó homenageou em seu nome a professora Carmem Palácio Lago⁹², que tem uma trajetória de luta pelo acesso à escola para a população codoense. Ela nasceu em outubro de 1912, no povoado Bonfim, município de Codó. Iniciou os seus estudos aos sete anos, na antiga Escola Estadual Singular, mais tarde Escola Ferreira Bayma, e atualmente Unidade Escolar “Colares Moreira”. Interrompeu os estudos por algum tempo, por não existir Curso Ginásial em Codó. Entretanto, lecionou como “professora leiga” na Escola Gomes de Sousa, criada na gestão do prefeito Ramos Pires⁹³.

Em 1935, Carmem Palácio Lago foi para São Luís reiniciar os estudos; preparou-se para o Exame de Admissão, tendo sido aprovada. Em apenas dois anos, cumpriu toda a carga horária correspondente ao antigo Ginásio. Em 1941, concluiu, com destaque, o Curso Normal. Já diplomada em 1942, retornou a Codó, passando a lecionar em várias escolas, inclusive na zona rural (Povoado Cocos). Em abril de 1947, a Escola Luis Rêgo passou a se chamar Grupo Escolar João Ribeiro, onde ela lecionou por algum tempo, até ser designada diretora da mesma escola.

Em 1952, Carmem fundou o antigo Ginásio Codoense e se tornou membro do Conselho local. Além de professora de História do Ginásio até a década de 1970, ela teve uma participação muito significativa na criação da Escola Normal Ginásial de Codó, da qual se tornou diretora em 1965. Em 1984, a Escola Normal Ginásial de Codó passou a se chamar Colégio Imaculada Conceição de Maria. As mudanças não atingiram Carmem Palácio, que continuou na sua direção por muito tempo.

Filha de político, ela foi vereadora na legislatura de 1965 a 1970, e foi candidata a vice-prefeita em 1982, na chapa encabeçada por José Inácio Guimarães Rodrigues. Foi também homenageada pela Câmara Municipal de Codó, que lhe outorgou a Comenda do Mérito Codoense, através da Lei n. 410, de 24/09/71. Além dessa homenagem, na administração do Prefeito Antonio Joaquim a professora teve seu nome escolhido para uma escola.

Carmita, como era chamada carinhosamente, continuou falando sempre em Educação, mesmo depois de aposentada. Em sua caminhada, enfrentou inúmeras dificuldades inerentes à própria época, quando os meios de comunicação eram quase inexistentes e o acesso aos livros didáticos dependia de recursos financeiros, pois eram adquiridos em outras cidades. Predominaram na professora a perseverança e o idealismo na defesa dos interesses da

⁹² Informações extraídas do livro “Escritos Avulsos”, do Autor Carlos Gomes da Silva. Disponível em: <http://www.blogdoacelio.com.br/01/educacao/paginas-de-codo-iii-professor-carmem-palacio-lago-carmita/>. Acesso em: 5/2/2013.

⁹³ Informações extraídas do livro “Escritos Avulsos”, do Autor Carlos Gomes da Silva.

Educação, o que fez com que ela representasse para a história da educação codoense um exemplo vivo a ser seguido por muitos que se identificam com a causa do ensino. A educadora morreu no dia 18 de setembro de 1998, aos 86 anos de idade. Vale salientar que, apesar da homenagem, o nome do Farol (Farol da Educação de Codó “Professora Carmem Palácio Lago”) não consta na fachada do prédio.



Foto 67 – Fachada do Farol de Codó



Foto 68 – Fachada do Farol de São Mateus

Ao observar as fotos acima, pode-se identificar ainda, através das cores, o Farol que obteve reforma e o que continua como está desde a sua inauguração, pois esses espaços estão nas cores vermelho e branco na sua pintura original e, quando reformados, passam para as cores amarela e laranja. Conforme Francisco, diretor do Farol de Codó, o pedido da reforma já foi feito, mas até agora não houve nenhum retorno da gerência de São Luís. Ressalta-se que isso não justifica o fato de o Farol não ter, até os dias de hoje, o nome da professora gravado em sua fachada.

Em sua concepção, o projeto Farol da Educação propõe que o espaço, além de funcionar como biblioteca convencional no interior e na capital, deve servir como centro para a realização de eventos educativos, culturais e de lazer. Assim, o Farol visaria também contribuir, de forma mais efetiva, para o desenvolvimento do gosto pela leitura, sendo que o ponto forte do acervo seria a coleção de literatura, por proporcionar facilidade de acesso ao texto. E, para efetivar a utilização do mesmo, a equipe de bibliotecários deveria realizar atividades de dinamização – já citadas anteriormente – com vários segmentos da comunidade.

Entretanto, observa-se que o Farol da Educação de Codó funciona apenas como uma biblioteca que permite aos visitantes o acesso ao livro dentro das suas dependências, uma vez que não realiza empréstimos. Além disso, não foi observada, e nem comentada por nenhum

dos entrevistados, a existência de atividades que fomentem o gosto pela leitura. A principal atividade praticada pelos funcionários é a orientação na pesquisa escolar; além disso, quando solicitados por algum professor, eles agendam o espaço para a realização de atividades com turmas de alunos. Houve apenas um único relato – de um ex-funcionário – que mencionou uma atividade realizada pela diretora da gestão anterior do Farol com a comunidade, sobre as datas comemorativas.

Apesar disso, não se pode negar a importância do Farol, uma vez que é um dos poucos espaços de leitura da cidade e o único do bairro Trizidela. É importante ressaltar que a Biblioteca Pública e a Indústria do Conhecimento de Codó estão localizadas em bairros distantes do Farol da Educação. Além disso, o Farol da Educação de Codó possui um espaço agradável e alegre, que atrai seus visitantes, apesar de ser considerado pequeno pela maioria dos entrevistados.



Foto 69 - Espaço interno do Farol de Codó (1º piso)



Foto 70 – Visão geral do Farol de Codó (2º piso)

O Farol de Codó possui dois pisos, porém apenas o térreo é utilizado pelos visitantes, pois o outro funciona apenas como depósito. O seguinte aviso pode ser visto na porta de entrada do Farol: “Só podem usar o banheiro ou tomar água os alunos que irão pesquisar. Agradece a compreensão”. Passando da porta, há uma mesa de atendimento do lado esquerdo e duas mesas no canto direito, como se pode observar na foto acima. Na parede do lado direito, que possui pastilhas brancas, se encontram o banheiro e o bebedouro. Após a mesa de atendimento, estão treze estantes de livros – na parede do fundo e no centro do Farol, como se vê na planta abaixo.

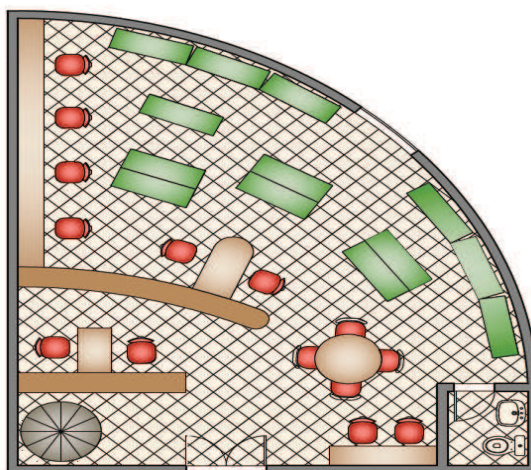


Figura 2 - Planta baixa do Farol de Educação de Codó

O Farol possui ar-condicionado, TV, DVD e um computador, disponível apenas para o funcionário desse espaço. O computador possui acesso à internet, pois a escola situada ao lado do Farol, a Governador Archer⁹⁴, disponibiliza conexão, através de rede, ao Farol. Uma queixa generalizada dos entrevistados em relação aos Faróis é o fato de não possuírem computadores disponíveis para a pesquisa. Segundo Cássia Furtado, ex-coordenadora da equipe de implantação e gestora do projeto Farol da Educação, em 2004 os Faróis disponibilizavam computadores com acesso à internet.

De acordo com informações obtidas pelo *jornal pequeno*⁹⁵, a proposta do governo, ao implantar os Faróis é que por meio deles se fomente o hábito e o gosto pela leitura. Por isso, a qualidade do acervo é, segundo o secretário naquela época, prioridade para a Secretaria de Educação que, com esses livros, quer incentivar a leitura de livros didáticos, paradidáticos, e de literatura, em local agradável e próximo da residência dos alunos. As bibliotecas do Farol da Educação dispõem de um acervo de 600 títulos, entre coleções de literatura infanto-juvenil, geral e maranhense, didáticas e paradidáticas, além de coleções profissionalizantes e técnicas, e livros de referência. Contudo, a gestora do projeto de implantação do Farol, Cássia Furtado, declarou que o acervo inicial dos Faróis era de 2.000 títulos.

No Farol de Codó, há uma listagem na qual constam 431 volumes, levando em conta os exemplares repetidos; caso estes não sejam considerados, o número cai para 366 livros, com temáticas diversas. Os livros de literatura correspondem a apenas 13% dessa lista e são dos seguintes autores: José Paulo Paes, Maria Fernanda, William Shakespeare, Cora Coralina,

⁹⁴A Escola Municipal Governador Archer atende 831 estudantes nos três turnos, oferecendo as séries finais do Ensino Fundamental e Educação de Jovens e Adultos (EJA).

⁹⁵<http://jornalpequeno.com.br/edicao/2005/09/04/governo-prepara-entrega-de-farois-da-educacao-em-cidades-do-interior>. Acesso em: 01/05/2013.

Regina Sormani, Nelson Albissú, Tatiana Belinky, Almir Piedade, Thereza Chamello, Silvana Meneses, Márcio Sampaio, Heliana Gruoziem, Joel Rufino dos Santos, Regina Chamilian, Adriano Messias, Ana Cristina Massa, Sheila Alves, Levi Ciobotarice, Rubens Match, Maria de Lourdes Scottini, Ruth Rocha, Almir Correia, Lia Zats, Rubens Matuck, Bartolomeu Campos de Queirós, Almir Correia, Rogério Andrade Barbosa e Rosana Ramos. Ressalta-se que obras paradidáticas se encontram na seção de literatura infantil e juvenil, e que há obras de literatura nas prateleiras que não constam na listagem.

Posteriormente, foram apresentados dois cadernos de registro de livros, o primeiro com 3.080 livros, tendo sido o primeiro livro cadastrado no dia 9/6/2004 e o último no dia 10/11/2008. Chamou a atenção o fato de o primeiro volume ter a data anterior ao ano de inauguração do Farol, que foi em 2006. O segundo caderno possui 1.235 títulos, cadastrados do dia 10/11/2008 a 31/8/2012, totalizando, os dois cadernos, 4.315 livros, ou seja, nos quatros últimos anos o Farol recebeu uma média de apenas 300 livros por ano.

Do caderno de registro constam os seguintes dados: no ano de 2004, foram recebidas 1.173 obras, sendo que 25% desses livros foram doações; em 2005, o Farol recebeu 97 livros, somente por doações; em 2006, foram obtidos 1.067 livros, sendo que apenas 104 obras foram aquisições do Farol. No ano seguinte, foram adquiridas 307 obras e não houve doações; da mesma forma, no ano de 2008 o Farol adquiriu 1.750 livros, apenas através de compras. Foi verificado que desde 2009 o Farol não recebeu nenhuma obra por outra via a não ser por doações – naquele ano, foram doados 120 livros. No ano de 2010, o Farol ganhou dezoito obras; em 2011, foram 44 livros; e, por fim, no ano de 2012, foram recebidas 38 obras. Cabe informar aqui que até maio de 2013 ainda não havia sido cadastrada nenhuma obra nova, como se observa na tabela abaixo:

Ano	Total de livros	Aquisições	Porcentagem	Doações	Porcentagem
2004	1.173	880	75%	293	25%
2005	98	0	-	98	100%
2006	1.068	108	10%	960	90%
2007	308	308	100%	0	-
2008	1.444	1.444	100%	0	-
2009	121	0	-	121	100%
2010	19	0	-	19	100%
2011	45	0	-	45	100%
2012	39	0	-	39	100%
2013	0	0	-	0	-
TOTAL	4.315	2.740	63,5%	1575	36,5%

Tabela 10 - Dados sobre as aquisições do Farol, a partir dos cadernos de registros.

O acervo do Farol está distribuído pelas quatro prateleiras de cada uma das treze estantes existentes, sendo os livros organizados nas seguintes temáticas:

1. História do Brasil, Geografia do Brasil, Geografia Geral/Geografia do Brasil, Geografia do Maranhão/História do Maranhão.
2. Literatura Brasileira, Autores Maranhenses/Literatura Portuguesa, Filosofia/Religião, Referência.
3. Química, Biologia.
4. Literatura Infantil.
5. Literatura Infantil.
6. Literatura Juvenil.
7. Referência, Literatura Juvenil.
8. Obras de Referência.
9. Saúde/Biografia, Obras de Referência.
10. Obras de Referência, Ciências Sociais, Obras Específicas.
11. Educação.
12. Matemática, Ciências, Inglês/Espanhol.
13. Literatura, Português, Obras Específicas.



Fotos 71 e 72 - Estantes do Farol de Codó

O fato de o Farol possuir uma parcela maior de livros didáticos e técnicos do que de literatura nos faz questionar o seu papel na formação do gosto pela leitura literária. Afinal, o acervo de uma biblioteca revela muito a respeito do tipo de serviço que ela presta a seus usuários. De acordo com as estatísticas, em nenhum mês do ano de 2012 houve uma busca por literatura que fosse superior a 35% das consultas, como mostra a tabela a seguir. É importante mencionar que o preenchimento da tabela de estatística foi feito pelos três funcionários do Farol, a partir das suas observações⁹⁶. Assim, quando o visitante busca o livro nas prateleiras de literatura infantil e juvenil, os funcionários marcam o item “literatura”; se buscam informações nas enciclopédias, nos livros sobre Codó e/ou na *Coleção a Criança na*

⁹⁶ Atualmente, o Farol de Codó possui apenas dois auxiliares, que são funcionários efetivos do município.

Escola e na Sala de Aula, indicam referência; e, por fim, se buscam livros didáticos ou específicos de alguma área, eles marcam “didático/técnico”.

As informações da tabela que segue adiante confirmam os dados do Censo Nacional das Bibliotecas Públicas Municipais, que revelou que 65% dos frequentadores das bibliotecas públicas vão aos estabelecimentos para fazer pesquisas escolares. Apenas 8% dos frequentadores declararam ler como lazer, ou seja, buscar a biblioteca para ler romances, contos, poemas etc.

De acordo com a tabela a seguir, e considerando as informações coletadas pelos funcionários do Farol, percebe-se que os meses com alto índice de escolha por obras de referência estão relacionados a datas comemorativas; por exemplo, no mês de abril, os alunos buscam muitas informações sobre a cidade de Codó (a cidade fez 117 anos no dia 16 abril de 2013) e sobre o Dia do Índio; em maio, comemoram o Dia do Trabalho e o Dia das Mães; em junho, há comemoração das festas juninas – com comidas típicas – e dias dos santos, entre outras datas. Em alguns meses que apresentam uma maior porcentagem por busca de livros de literatura, isso coincide com a presença de alguma turma de alunos no Farol. Durante as férias escolares, há uma queda no movimento do Farol, mas a busca por livros didáticos e técnicos aumenta, por conta dos visitantes considerados “outros”, que são pessoas adultas que vão estudar para concursos e/ou fazer alguma pesquisa específica. Situações atípicas podem mudar as estatísticas, como ocorreu no ano de 2012, quando a escola ficou o mês de março em greve e teve as férias transferidas para o mês de agosto.

CONSULTAS	Referência	Literatura	Didático e técnico
Janeiro	5,5%	5,5%	89%
Fevereiro	13%	5,5%	81,5%
Março	22,5%	21%	56,5
Abril	59,5%	24%	16,5%
Maio	60,5%	19%	20,5%
Junho	45,5%	26%	28,5%
Julho	52%	11%	37%
Agosto	15%	35%	50%
Setembro	12,5%	31%	56,5%
Outubro	33%	25%	42%
Novembro	37,5%	16%	46,5%
Dezembro	30,5%	27%	42,5%

Tabela 11 - Estatística de consultas do Farol de Codó

A escola próxima ao Farol, e mais atendida por ele, é a Governador Archer. Ela atende, na sua totalidade, 731 alunos das séries finais do Ensino Fundamental (6º ao 9º anos), nos períodos matutino e vespertino, e 100 estudantes da Educação de Jovens e Adultos (EJA) à noite. No ano de 2013, a escola está desenvolvendo o projeto de leitura “Ler, criar, contar uma eterna magia”, que envolve todos os seus professores. O projeto aproveita as datas comemorativas para trabalhar temáticas como: folclore, minha cidade, valores, a partir do trabalho com a leitura. Neste ano, foi organizada uma sala de leitura que também serve como sala de aula para as atividades do Programa Mais Educação. Segundo a diretora, que tomou posse há poucos meses, a sala é muito quente e tem poucos livros, mas, apesar dos desafios, a gestora está aguardando a verba da escola para investir nesse espaço.



Foto 73 - Sala de leitura da escola Municipal Governador Archer



Foto 74 - Espaço interno da sala de leitura da escola Municipal Governador Archer

Considerando os dados levantados, percebe-se que as práticas de leitura realizadas no Farol reforçam a importância da pesquisa escolar, pois não foi mencionada por nenhum entrevistado, seja funcionário ou visitante, qualquer atividade realizada pelo Farol com o intuito de formar leitores. Conclui-se, assim, que as atividades propostas pelo Manual do Auxiliar, já mencionadas anteriormente, não estão acontecendo nesse Farol. Entretanto, algumas atividades de leitura pontuais são realizadas por professores que reservam o espaço para levarem seus alunos até o local.

Outro dado relevante é o fato de que, embora o Farol não ofereça atividades de incentivo à leitura, a maioria dos entrevistados considera o atendimento muito bom; apenas duas pessoas disseram que o serviço deveria melhorar. Os problemas mencionados foram em relação às conversas paralelas e à falta de gentileza na abordagem por alguns funcionários

que, quando se aproximam, a única pergunta que fazem é: “Que pesquisa você vai fazer hoje?”. De fato, nota-se que não há uma compreensão de que as atividades de incentivo à leitura também fazem parte do bom atendimento do Farol.

Apesar disso, todos os funcionários do Farol contribuíram para a identificação dos seis leitores que participaram deste estudo; indicaram treze leitores assíduos do Farol, dos quais seis foram selecionados.

4.2 – LEITORES ASSÍDUOS: OS PIOLHOS DE FAROL

[...] tanto o professor que encomenda a redação quanto o público que deve consumir o romance, ambos precisam encontrar no texto que leem o que nele foram buscar: se encontrarem mais do que esperavam, melhor para eles; se encontrarem menos, pior para o autor, que pode ter perdido, no desencanto do desencontro, seu precioso leitor. (LAJOLO, 2006, p. 33-34)

As práticas de leitura realizadas no Farol de Codó estão diretamente relacionadas ao objetivo dos leitores, ou seja, as pessoas vão ali principalmente pelos seguintes motivos: realizar pesquisa escolar, ler algum livro para a escola, e se preparar para concursos públicos. Em outras palavras, as pessoas buscam o Farol para obter boas notas na escola e/ou para passar em concursos públicos.

Assim, diante da ausência de práticas de leitura efetuadas pelo Farol, sentiu-se a necessidade de buscar as práticas de leitura realizadas pelos indivíduos que frequentam esse espaço. Para se chegar aos seis leitores participantes desta pesquisa, foi feito um levantamento dos leitores assíduos durante o ano letivo de 2012, de acordo com os funcionários do Farol. Em relação aos leitores selecionados, foi possível distribuí-los em três grupos, de acordo com seus objetivos ao procurar o Farol da Educação.

- Foram indicadas duas ex-alunas da Escola Municipal Governador Archer: Ana Vitória⁹⁷ e Jan Cleide⁹⁸. Porém, no ano de 2013 já não estavam mais frequentando o Farol; haviam terminado o 9º ano na escola e estavam estudando no Instituto Federal do Maranhão - IFMA/Campus Codó, que fica na zona rural da cidade. O local de leitura delas passou a ser a biblioteca do IFMA.

⁹⁷ FERREIRA, Ana Vitória Rodrigues. Entrevista concedida a Cristiane Dias Martins da Costa. Abril, 2013.

⁹⁸ CONCEIÇÃO, Jan Cleide Fontes da. Entrevista concedida a Cristiane Dias Martins da Costa. Maio, 2013.

- Também foram indicados os estudantes Adson⁹⁹ e Franciele¹⁰⁰ – na época alunos da Escola Municipal Governador Archer – que, no ano de 2013, realizavam no Farol atividades periódicas de pesquisa escolar e, também, atividades de leitura de livros de literatura (poemas e contos) com a professora de Português, que utilizava o espaço do Farol para desenvolver essas atividades com suas turmas de 8º e 9º anos do Ensino Fundamental.
- Adiel¹⁰¹ e Helis Augusto¹⁰² foram indicados como leitores assíduos do Farol, pois costumavam frequentá-lo para estudar para concursos públicos. Entretanto, naquele momento os dois jovens já estavam trabalhando/estudando nos turnos matutino e vespertino e, como o farol não abre à noite, estavam impossibilitados de frequentá-lo.

Os primeiros leitores a serem entrevistados foram os que visitavam o Farol para se prepararem para concursos, pela facilidade encontrada para conseguir informações sobre o local de trabalho de ambos: Adiel, na biblioteca pública de Codó, e Helis Augusto, na biblioteca do IFMA/Campus Codó. Porém, foi verificado no dia da entrevista que o leitor Helis havia mudado de setor, estava trabalhando no Núcleo de Atendimento ao Estudante do Instituto. No intuito de contextualizar esses leitores, segue um breve relato de suas trajetórias.

O leitor Adiel é codoense e começou a frequentar o Farol aos 14 anos de idade, realizando atividades de pesquisa escolar e leituras espontâneas. Hoje, com 25 anos, é funcionário público do município. Ele cursou as séries iniciais do Ensino Fundamental na escola Santa Filomena, e as séries finais na escola Colares Moreira, tendo finalizado o Ensino Médio na escola Mata Roma. Adiel iniciou o curso de Química no IFMA, mas abandonou. No dia da entrevista, estava matriculado no curso de Ciências Humanas da UFMA, mas não estava mais frequentando as aulas.

Em relação ao gosto pela leitura, o rapaz afirmou que sua família e os amigos foram os seus maiores incentivadores. Sobre a família, mencionou o fato de o irmão ser professor no IFMA. Acrescentou que os “amigos mais velhos” também o motivaram. Durante a entrevista, o professor também aparece como um incentivador à leitura.

Desde que assumiu o trabalho na biblioteca pública, Adiel parou de frequentar o Farol, uma vez que não tem mais horário disponível nos turnos da manhã e da tarde. Ele demonstrou

⁹⁹ ANDRADE, Adson André dos Santos de. Entrevista concedida a Cristiane Dias Martins da Costa. Março, 2013.

¹⁰⁰ COSTA, Franciele Sousa. Entrevista concedida a Cristiane Dias Martins da Costa. Março, 2013.

¹⁰¹ RIBEIRO, Adiel Tavares. Entrevista concedida a Cristiane Dias Martins da Costa. Dezembro, 2012.

¹⁰² SILVA, Helis Augusto da. Entrevista concedida a Cristiane Dias Martins da Costa. Março, 2013.

o seu interesse em trabalhar no Farol, pois havia feito o pedido de transferência para o espaço, mas até o momento da entrevista ainda não havia obtido retorno. Segundo Adiel, o Farol é um espaço propício para a leitura, sendo o seu acervo maior, mais novo e mais rico do que o da biblioteca pública. O leitor mencionou como aspectos negativos as conversas paralelas e a falta de acesso à internet.

Com base na entrevista, pode-se afirmar que, para Adiel, a leitura está diretamente relacionada ao estudo, uma vez que possibilita uma ascensão na pirâmide social; em suas próprias palavras: “Você precisa estudar para melhorar de vida”. Isso reitera os dados da pesquisa "Retratos da Leitura no Brasil¹⁰³" – realizada pelo IBOPE Inteligência, com a coordenação do Observatório do Livro e da Leitura –, que constatou que 35% dos brasileiros conhecem alguém que "venceu na vida" por meio da leitura.

Conforme Abreu (1995), a leitura tem sido historicamente um privilégio das classes dominantes e, quando apropriada pelas classes populares, significa a conquista de um instrumento imprescindível, não só à elaboração de sua própria cultura, mas também à transformação de suas condições sociais.

Helis Augusto também acredita na importância da leitura como instrumento de ascensão social. Durante a entrevista, o leitor disse que foi a necessidade que o incentivou a ler e que, através desse exercício, acabou desenvolvendo o gosto pela leitura. Atualmente, está cursando licenciatura em Matemática na UEMA e licenciatura em Informática na UFMA. Helis cursou todo o Ensino Fundamental em escolas públicas municipais e, posteriormente, conseguiu, através dos seus professores, uma bolsa de estudos para frequentar uma escola particular.

Helis trabalhou no Farol da Educação de Codó durante um ano e meio, depois ficou um ano e oito meses na biblioteca do IFMA. Atualmente, é chefe do Núcleo de Atendimento ao Educando do IFMA. Ressalta-se que, antes de ser funcionário público, o leitor trabalhou na empresa de materiais de limpeza do município, a FC Oliveira. Considera que as conquistas que está obtendo são frutos da leitura e da vontade de vencer na vida. Quando foi perguntado sobre quem o incentivou a ler, Helis relatou:

¹⁰³ A terceira edição da Pesquisa foi promovida pelo Instituto Pró-Livro (IPL) e contou com o apoio da Abrelivros, da Câmara Brasileira de Livros (CBL) e do Sindicato dos Editores de Livros (SNEL). O IPL contratou o IBOPE Inteligência para a sua aplicação e preparação dos resultados, em 2011. A coordenação da pesquisa coube ao Pró-Livro e a uma comissão formada por representantes das quatro entidades: IPL, Abrelivros, CBL e SNEL. Foi utilizada uma amostra de 5.012 entrevistas domiciliares, em 315 municípios de todos os estados brasileiros.

Quem me incentivou a ler foi a necessidade mesmo, professora. A gente, desde pequeno, vindo da roça, sentia a necessidade e acabou desenvolvendo o gosto pela leitura; e é através disso que a gente vem conseguindo. Minha mãe sempre me deu muita força, devido à necessidade que a gente passava; ela sempre mostrou que para o pobre não existe outra saída, o negócio é estudar. Eu resolvi seguir os conselhos dela e onde estou, e tudo que estou conseguindo, agradeço tudo a ela¹⁰⁴.

O leitor também mencionou a importância de muitos professores no incentivo à leitura, porém não conseguiu citar nenhum nome específico. Nesse ponto, há uma semelhança em relação aos outros leitores, que afirmaram que os professores são grandes incentivadores da leitura em sua vida. A pesquisa Retratos do Brasil confirma esses dados, ao apresentar o professor, pela primeira vez, como o principal responsável pelo incentivo à leitura, com 45% das indicações, diferindo do resultado da edição anterior, que apresentou a mãe com 49% das indicações, e os professores com 33% dos votos, como mostra o gráfico abaixo.

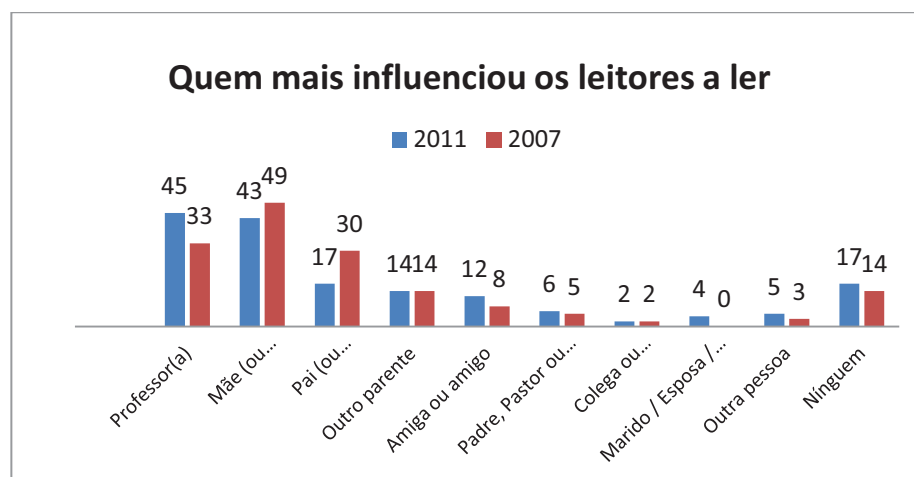


Gráfico 19 – Quem mais influenciou os leitores a ler (%)¹⁰⁵
PESQUISA RETRATOS DA LEITURA NO BRASIL

É um dado relevante o fato de o professor ter ultrapassado a figura da mãe como quem mais motivou os leitores. Contudo, faz-se necessário destacar que a mãe e o pai estão na segunda (33%) e terceira (17%) posições, respectivamente, e 93% dos entrevistados optam por ler em casa, o que faz dos pais exemplos de extrema importância para os filhos.

Confirmando o que diz a pesquisa Retratos do Brasil, a aluna Ana Vitória destacou a importância dos professores na sua vida escolar. Ressaltou também a relevância de três

¹⁰⁴ SILVA, Helis Augusto da. Entrevista citada.

¹⁰⁵ Base: Leitor que gosta de ler 2007/2011 (77,2 milhões).

professoras, em especial – Luiza, Rita e Ana Cláudia –, como se pode observar em trechos da sua fala/escrita:

[...] com ela aprendi o que considero um dos focos primordiais de um ser: a leitura.

Rita Frota era professora de Língua Portuguesa e lembro-me muito bem de seus pedidos em sala de aula. Pedia a seus alunos que trouxessem livros literários para que pudéssemos ler, compreender e explicar o que tivéssemos entendido. Era muito bom, maravilhoso até. Suas rodas de leitura eram uma espécie de “diversão”, onde todos os alunos da classe se interagiam.

[...] a professora Ana Cláudia, por exemplo, usa diferentes maneiras de dar aula, como nunca tinha visto antes; foi uma experiência maravilhosa que nunca vou esquecer¹⁰⁶.

A aluna citou algumas atividades que considerou marcantes com relação à leitura, como produções e dinâmicas variadas realizadas pela professora Janeide, além da criação de um livro, pela professora Ana Cláudia. Também mencionou que a professora havia emprestado a ela alguns livros¹⁰⁷.

A estudante tem quatorze anos de idade e vive com seus avós maternos desde muito pequena, quando sua mãe foi para São Paulo em busca de melhores condições de emprego; seu pai morava em Minas Gerais. Sua mãe voltou para o Maranhão, casou-se novamente e tem uma filha pequena, mas Ana Vitória continua morando com os avós. Segundo o relato de sua avó, ela permitiu a permanência da neta em sua casa sob a condição de ela continuar os estudos, de nunca parar de estudar. Em relação ao significado do termo leitura, Ana Vitória escreveu:

A leitura para mim é como se fosse penetrar em um universo distinto, no universo da imaginação, onde podemos imaginar os desfechos da história. Ler um livro é algo prazeroso. A leitura tem grandes benefícios na vida dos cidadãos e precisa ser incentivada no dia a dia, pois desenvolve a autocrítica, desenvolve o olhar crítico, as competências, e amplia o vocabulário; faz dos leitores pessoas mais capacitadas e competentes, e resgata a cidadania. A leitura também nos faz conhecer mais do mundo em que vivemos, e também sobre nós mesmos, já que ela nos leva à reflexão. Muitas pessoas dizem não ter paciência para ler um livro, no entanto isso acontece por falta de hábito, pois se a leitura fosse um hábito rotineiro as pessoas saberiam apreciar uma boa obra literária, por exemplo¹⁰⁸.

¹⁰⁶ FERREIRA, Ana Vitória Rodrigues. Alguns trechos mencionados pela estudante foram extraídos do livro *Histórias para contar* produzido por ela na disciplina de Português ministrada pela professora Ana Cláudia em 2012.

¹⁰⁷ Capitães de Areia (Jorge Amado) e Filhos brilhantes, professores fascinantes (Augusto Cury).

¹⁰⁸ Trecho do livro produzido pela estudante Ana Vitória Rodrigues Ferreira no 9º ano.

Da mesma forma que os leitores citados anteriormente, Ana Vitória também não está frequentando o Farol atualmente, pois terminou os estudos na escola Governador Archer e faz o curso “Técnico em Meio Ambiente” no IFMA. Entretanto, enquanto era estudante costumava ir semanalmente ao Farol durante o período do dia (manhã ou tarde) em que não tinha aulas e sempre que as aulas terminavam mais cedo. Apesar de considerar o Farol importante para a formação de leitores, ela ressaltou como pontos negativos o fato de: o espaço físico é pequeno, existe carência de livros e não há acesso à internet, o que dificulta as pesquisas. Relatou que já houve momentos em que não entrou no Farol, pelo fato de não caber mais pessoas no ambiente, e que também já procurou ali e não encontrou livros indicados por professores.

A aluna Jan Cleide, coincidentemente, é da mesma turma de Ana Vitória no IFMA e ambas foram, anteriormente, estudantes da escola Governador Archer. Quando questionada sobre quem a havia incentivado à leitura, ela respondeu: “muitos professores, desde a infância”. Citou alguns deles, entre os quais a professora Sandra (São Paulo) e a Ana Cláudia (Codó).

Jan Cleide é codoense, mas residiu por oito anos em São Paulo com sua mãe, tendo retornado em 2008 para o município de origem. Sobre as ações realizadas pelas professoras que a incentivaram a entrar no mundo da leitura, relatou que “o próprio gosto deles, o modo que falavam da leitura me incentivaram, de certa forma; a maneira que falavam, toda a empolgação deles me deixava curiosa para ler”. O relato dessa leitora reafirma a colocação de Silva (2005, p. 22):

Sem professores que leiam, que gostem de livros, que sintam prazer na leitura, muito dificilmente modificaremos a paisagem atual da leitura escolar. Mesmo com o preenchimento de todos os quesitos ideais para efetivação da leitura na escola, sem a presença de professores devidamente instrumentalizados em comunicação escrita, não existirá a mínima possibilidade de transformação e avanço.

Durante a entrevista com Jan Cleide, foi possível detectar distinções em relação ao objetivo da leitura, para ela: leitura para conhecimento, que seria obtido através dos livros didáticos; e leitura para ampliar o vocabulário e para entretenimento, através dos livros de literatura. Esse raciocínio remete ao que disse Umberto Eco, em conferência apresentada na *The Italian Academy for Advanced Studies in America*, em 1996, quando o autor defendeu a existência de dois tipos de livros – aqueles para serem lidos e aqueles para serem consultados. **Livros para ler** (podendo ser romances, tratados filosóficos, análises sociológicas, entre

outros) usam a forma considerada normal de leitura, ou seja, o leitor começa na página um e vai linearmente até a última página. É o objetivo do livro e o objetivo de sua experiência de leitura [...]. **Livros para serem consultados**, como manuais e enciclopédias. As enciclopédias são concebidas para serem sempre consultadas, e nunca para serem lidas da primeira à última página. Geralmente, se busca um dado volume de uma enciclopédia para saber, ou lembrar-se de alguma informação pontual (ECO, 1996).

Complementando essa ideia, Ana Vitória, ao responder sobre as razões para ir ao Farol, mencionou três objetivos com os quais se busca um livro: leitura, pesquisa e conhecimento. Investigando essa lógica, e relacionando-a com os três itens da estatística de consultas do Farol, foi possível concluir que a *leitura* seria feita a partir dos livros literários, a *pesquisa* estaria relacionada a tarefas escolares que são realizadas a partir dos livros de referência, e a leitura por *conhecimento* seria encontrada nos livros específicos das áreas. Os livros didáticos estariam incluídos nas opções *pesquisa* e *conhecimento*. Como afirmou Jan Cleide, “a leitura permite um vocabulário muito amplo, permite conhecer palavras novas. A leitura de livros didáticos aumenta o meu conhecimento, aumenta o rendimento do aluno no dia a dia, tanto na vida escolar, como pessoal”¹⁰⁹.

A partir das entrevistas realizadas com os seis leitores, foi possível estabelecer três tipos de leitura: “*leitura literária*”, “*leitura informativa*” e “*leitura escolarizada*”. A primeira leitura não tem um objetivo claro para os leitores e é realizada a partir dos livros de literatura. É definida também por eles como “leitura à toa” “leitura de entretenimento”, “leitura para distração”. A segunda é feita com o objetivo claro de se aprender alguma coisa, a partir de livros de referência e técnicos. Foi caracterizada pelos leitores como “leitura para aprender algo”, ou “leitura para adquirir conhecimento”. Por fim, o terceiro tipo foi a leitura escolarizada e obrigatória, realizada principalmente a partir dos livros didáticos, sendo assim considerada “leitura para pesquisa escolar”. Deve-se informar aqui que o terceiro tipo de leitura constituiu a maioria dos motivos das visitas ao espaço em questão.

Em relação à estrutura física do Farol, Jan Cleide classificou o espaço físico, o atendimento e os livros como bons; entretanto, declarou que nem sempre encontrava o livro que buscava e disse, ainda, que também não havia encontrado alguns livros de literatura indicados pelos professores. A leitora afirmou que ter mais livros é sempre bom e comentou a falta de organização dos livros, pois, ao voltar para continuar a leitura de um livro, às vezes

¹⁰⁹ CONCEIÇÃO, Jan Cleide Fontes da. Entrevista citada.

demorava a encontrá-lo, como exemplifica o trecho abaixo. Isso remete à questão do não empréstimo dos livros nesse espaço.

Sugiro uma melhor organização dos livros, porque muitas vezes a gente encontra o livro num lugar e no outro dia já está em outro, e aí fica meio confuso a gente encontrar de novo.

Às vezes a gente acaba que quando a gente ler em casa assim em mais longo tempo, a gente consegue um rendimento maior, consegue compreender melhor. Aí você lê um pouquinho hoje, um pouquinho amanhã, e aí às vezes esquece um pouquinho de ontem¹¹⁰.

Essa questão também foi mencionada por Helis Augusto, leitor que foi funcionário do Farol. Ele mencionou a importância do empréstimo e disse ser necessária uma política que o possibilite. Contou que se colocou no lugar dos leitores e chegou a fazer alguns empréstimos, pedindo um documento como garantia. Na realidade, Helis estava de certa forma retribuindo o que haviam feito com ele: facilitar, em alguns momentos, o empréstimo de livros.

Acontecia muito quando eu ia para a biblioteca central e não podiam emprestar o livro; eu chegava lá e dizia que sabia que não podiam emprestar, mas eu deixava a identidade, documentos como CPF, com o compromisso que eu ia devolver. Alguns servidores deixavam, só que não podia falar para ninguém, pois a questão era me ajudar, e aí a gente assumiu esse compromisso. Aí, quando eu estava no Farol, eu me via no lugar deles. Aí a pessoa chegava para mim, queria fazer uma pesquisa e não tinha tempo, estava em cima da hora; eu acabava liberando e falava para a pessoa: “Você pode me entregar o livro amanhã”, eu acabava fazendo isso. Eu acho que aí a gente percebe a falta dessa política de empréstimo, que é necessária¹¹¹.

O empréstimo de livros se torna uma questão central, uma vez que não há espaços de leitura que permitam que o leitor leve o livro para a sua casa, pois nem a Biblioteca Central, o Farol da Educação, e tampouco a Indústria do Conhecimento emprestam livros para a comunidade. Algumas bibliotecas escolares, a UFMA e o IFMA realizam o empréstimo apenas para os seus alunos; sendo assim, a comunidade codoense, em geral, necessita de disponibilidade de tempo para conseguir ler um livro integralmente. Afinal, precisam comparecer e permanecer várias vezes nos espaços públicos de leitura para realizarem algum tipo de leitura. Cabe informar que a pesquisa Retratos do Brasil divulgou que 93% das pessoas leem livros em casa, possibilidade essa não disponível para os codoenses.

¹¹⁰ CONCEIÇÃO, Jan Cleide Fontes da. Entrevista citada.

¹¹¹ SILVA, Helis Augusto da. Entrevista citada.

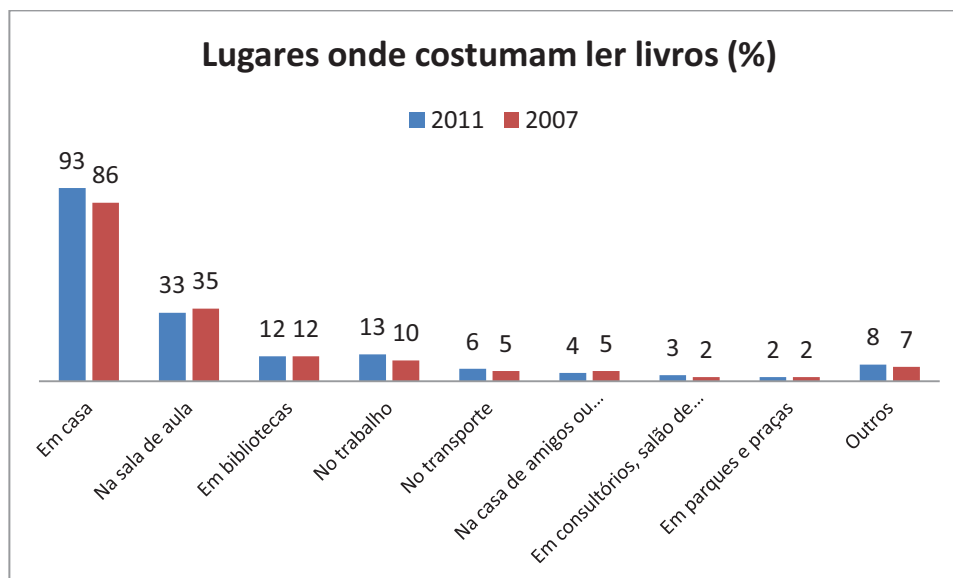


Gráfico 20 - Lugares onde costumam ler livros (%)¹¹²
PESQUISA RETRATOS DA LEITURA NO BRASIL

Os leitores Adson e Franciele, quando perguntados sobre o lugar que preferem ler, indicaram o quarto e o Farol da Educação. Ressalta-se que os dois jovens são estudantes da escola que fica ao lado do Farol, cujos alunos são o principal público do espaço. E, como já foi mencionado, os alunos da escola frequentam o Farol quando a aula termina mais cedo e, também, no turno em que não têm aulas. De fato, para cinco dos seis leitores pesquisados, o Farol é o local de leitura mais próximo da sua residência. A única exceção é Helis, que frequentou o Farol quando era funcionário do mesmo.

Adson e Franciele indicaram os pais e a mãe, respectivamente, além dos professores, como pessoas que os incentivaram a ler. Os dois citaram a professora Ana Cláudia como exemplo. Adson mora com seus pais e quatro irmãos e informou que sua mãe o ensinara a ler, pois ela gostava de fazer isso, já havia dado aulas de reforço. Ele acredita que a leitura é uma espécie de passaporte para o conhecimento: “para mim, a leitura é um passaporte para adquirir conhecimento. Porque é através da leitura que podemos desvendar novos conhecimentos e, sendo assim, o universo se abre”¹¹³.

Adson considera pequeno o espaço do Farol. Relatou que já assentou no chão porque não tinha cadeira para todo mundo. Além disso, declarou que gosta de lugares silenciosos para ler e acha que algumas vezes há muito barulho no Farol. Chegou a se deslocar para a Biblioteca Pública para fazer na internet uma pesquisa escolar sobre a cidade de Codó. A opção pelo Farol como espaço de leitura se faz pela proximidade da sua casa. Acrescentou

¹¹² Base: Leitor 2007 (95,6 milhões) / 2011 (88,2 milhões).

¹¹³ ANDRADE, Adson André dos Santos de. Entrevista citada.

ainda que o Farol é o único espaço de leitura no bairro Trizidela, área localizada à margem direita do rio Itapecuru e considerada zona periférica da cidade de Codó.

Perguntado sobre suas escolhas de leitura, Adson indicou a literatura infantil e, também, o estudo da gramática. Com efeito, verificam-se diferentes escolhas a partir dos objetivos dos leitores. Por exemplo, os estudantes para concursos citaram livros de Português, Gestão Pessoal, Direito Administrativo, ou seja, livros da área de concursos públicos. A aluna Jan Cleide citou a literatura em geral e disse que gosta de Monteiro Lobato. Ana Vitória, apesar de ter citado na entrevista os gêneros fábula, contos e romance, deixou bastante evidente em seu livro a importância da Bíblia, pois no item do sumário “Quantos livros já li?”, ela inicia o texto dizendo que irá abordar somente os livros religiosos que já havia lido e cita “Os insondáveis propósitos de Deus”, “Os amigos de Jesus”, “A grande esperança e testemunhos”, “Revelação no altar”, “Os dez mandamentos” e “Encontro com Jesus”. A discente também fez o seguinte alerta, “Nem todos os livros ditos ‘religiosos’ têm o mesmo valor. Importa saber escolher”. Da mesma forma, a leitora Franciele cita como suas escolhas: a Bíblia, a revista da EBD (Escola Bíblica Dominical) e a literatura infantil.

Como se pode observar no gráfico que se segue na próxima página, 42% das cinco mil pessoas entrevistadas na pesquisa Retratos do Brasil indicaram a Bíblia como o gênero que costumam ler. Se acrescentarmos os livros religiosos, os índices sobem para 72%, considerando que a média de gêneros é de 3,1 livros por entrevistado. Entre os livros mais marcantes, os escolhidos foram “Ágape”, do Padre Marcelo Rossi e “A Cabana”, de William Young, em segundo e terceiro lugar, respectivamente, sendo a Bíblia a campeã da escolha.

Acredita-se que esses leitores são constituídos de alguma forma a partir das suas “*comunidades de leitores*”, termo cunhado por Chartier (1994), que exemplifica a existência de várias comunidades, dentre elas: espirituais, intelectuais, profissionais, entre outras. Chartier (1994, p. 216) conceituou comunidade de leitores como “aquelas comunidades interpretativas, cujos membros compartilham os mesmos estilos de leitura e as mesmas estratégias de interpretação”. Os membros de uma comunidade compartilham experiências, estabelecem relações de identidade e confiança, uns com os outros, contribuindo para a partilha e a construção do conhecimento. Cada comunidade legitima e privilegia um texto ou vários textos, de acordo com o seu objetivo. No caso da comunidade leitora dos “cristãos”, privilegia-se a leitura de textos religiosos, principalmente a Bíblia.

O segundo item mais votado na pesquisa Retratos do Brasil foi o livro didático, com 31% das escolhas, seguido do romance com 30%, como pode ser observado no gráfico

abaixo. De certa forma, esses dados estão relacionados com as motivações dos leitores para a leitura de livros, pois nessa pesquisa o item “atualização cultural/conhecimentos gerais” foi considerado o principal motivo de escolha de livros, com 55% do total; em segundo, “prazer, gosto ou necessidade espontânea”, com 49%; seguido da “exigência escolar ou acadêmica”, com 36%.

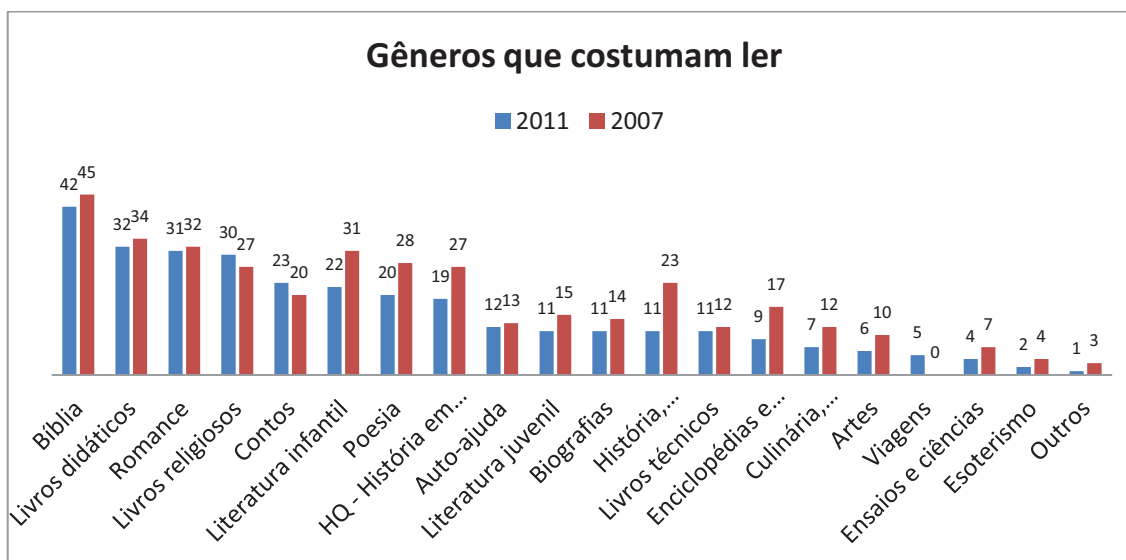


Gráfico 21 - Gêneros que costumam ler (%)¹¹⁴
PESQUISA RETRATOS DA LEITURA NO BRASIL

Foi possível perceber que a leitora Franciele frequenta semanalmente a igreja, em dias distintos da semana, pois na visita à sua casa, ela não estava presente devido às atividades religiosas. Possivelmente, a questão da sociabilidade fortalece a permanência dos fiéis na igreja, principalmente em uma cidade onde as atividades de lazer são bastante reduzidas, não havendo cinema, teatro ou quaisquer outras atividades culturais, com exceção de determinados períodos do ano, como o mês de junho em que ocorrem o bumba meu boi, a quadrilha e outras manifestações. Sendo assim, as possibilidades oferecidas são: bares, igrejas e banhos¹¹⁵. Em termos econômicos, a igreja se torna a opção mais acessível à população, sendo a Bíblia um dos poucos livros presentes nas casas.

O Farol da Educação não está sendo considerado um lugar de lazer, uma vez que mais de 80% das atividades realizadas nesse espaço são atividades obrigatórias, normalmente tarefas escolares. Esse fato é confirmado pelos dados da pesquisa Retratos do Brasil, que mostram que a biblioteca representa para 71% dos brasileiros um lugar para estudar; outros

¹¹⁴ Base: Leitor 2007 (95,6 milhões) / 2011 (88,2 milhões).

¹¹⁵ São áreas rurais que possuem piscina natural, sendo necessário um transporte para ir até eles. Em Codó, os principais banhos são: Pantanal, Sucuri e Rezinho.

61% dos entrevistados disse ser um lugar para pesquisar, e um terceiro grupo (28%), um lugar voltado para estudantes.

Franciele confirma esses dados, ao relatar que procura o Farol para fazer pesquisa escolar e/ou ler livros indicados pelos professores. Apesar de realizar atividades de leitura a partir de tarefas escolares obrigatórias, a estudante considera a leitura de extrema importância para o seu desenvolvimento, como pode ser observado no trecho abaixo.

Para mim, a leitura é algo muito importante, porque necessito dela todos os dias, e através dela me torno uma pessoa bem informada. É muito grande a importância da leitura na nossa vida, porque através da leitura podemos conhecer novas palavras, ou seja, aumentamos o nosso vocabulário, adquirimos novos conhecimentos¹¹⁶.

Em relação aos critérios de escolha de um livro, os leitores deram as seguintes informações: Adiel, pela capa; Franciele, por título, autor e sumário; Ana Vitória, por capa, título e autor; Jan Cleide, por introdução, folha de rosto e quarta capa; Adiel, por assuntos e autores reconhecidos; e Helis faz leitura selecionada pela academia. Diferentemente do resultado da pesquisa Retratos do Brasil, em que 65% dos brasileiros entrevistados indicaram o tema como o fator de escolha de um livro, as opções mais escolhidas pelos leitores desta pesquisa foram: a capa, o título e o autor, com a média de 30% das escolhas. Esses itens podem ser considerados pistas que vão sendo deixadas pelos autores que apontam importantes direções sobre as imagens de leitores e de leitura imaginados; vão transmitindo informações sobre o seu emprego, seu uso, finalidades, maneiras de ler e modos de manipulá-los. (BOURDIEU; CHARTIER, 2001).

Observando a localização dos três itens selecionados, percebe-se que, na grande maioria, se encontram na capa dos livros. Conforme Powers (2008), a princípio, a capa pode ser considerada a face mais significativa do livro e, em muitos casos, pode determinar a sua escolha. A aparência da capa é um aspecto significativo para o estabelecimento das primeiras relações entre o leitor e o livro. No que tange à parte comercial, a capa é a embalagem na qual se vende a ideia do livro e é onde estão “promessas” sobre o seu conteúdo, como prévia do deleite que virá adiante. De todas as partes do livro, a capa é a que possui maior chance de receber investimento de produção mais alto, por se configurar como elemento-chave da venda. Sua importância mercadológica é enorme, pelo fato de produzir impacto visual instantâneo e, conseqüentemente, gerar atração. A capa deve destacar o livro entre tantos

¹¹⁶ COSTA, Franciele Sousa. Entrevista citada.

outros, criar sua identidade e incitar à leitura; geralmente, é avaliada pelo editor quanto à sua capacidade de venda (NECKY, 2007).

Apesar de a capa ser um dos motivos de escolha de um livro, não se pode deixar de ressaltar a importância da indicação/mediação, uma vez que todos os leitores disseram que buscam no Farol os livros indicados pelos professores, pela academia ou de “autores reconhecidos” que, de alguma forma, são conhecidos através de pessoas que os divulgaram através da mídia, da escola, da universidade, dos cursinhos preparatórios, entre outros.

Na tentativa de reforçar a importância da mediação na formação de leitores, seguem alguns trechos da obra “Biblioteca escolar e práticas educativas: o mediador em formação”¹¹⁷ que abordam a reflexão acerca da formação do leitor, principalmente na biblioteca escolar. Apesar do objeto desse estudo ser a biblioteca escolar, considera-se a reflexão importante para esta investigação, devido à proximidade do Farol da Educação de Codó com a escola, uma vez que 80% do seu público são estudantes escolares.

A esse respeito, Silva (2009b) afirma que a biblioteca só pode cumprir sua função se o mediador que atua nesse espaço for um profissional dinâmico, pois cabe a ele estabelecer a interação entre a biblioteca e os alunos, entre a biblioteca e os professores, e entre a biblioteca e os conteúdos. Para tanto, esse mediador precisa ser leitor, relacionar-se bem com os alunos e com o corpo docente, e compreender a biblioteca da escola como local de trabalho que acumula ações pedagógicas promovedoras do conhecimento de sua comunidade.

Nessa mesma perspectiva, Rigoletto e Di Giorgi (2009) posicionaram o bibliotecário no centro de todo o processo da formação de leitores. Segundo os autores, esse educador, atuando como mediador, desenvolve ações que visam não só formar o hábito da leitura, como também propiciar às crianças e aos seus familiares, no âmbito escolar, interação, convívio e diálogo. Girotto e Souza (2009) definem o mediador de leitura como aquele que lê, discute, promove e facilita a compreensão, o diálogo entre o texto e o leitor.

Santos e Souza (2009) dizem que mais do que oferecer e conhecer diversos gêneros literários, o professor, o bibliotecário, o mediador de leitura deveria ser conhecedor dos diversos modos de ler, planejando momentos de leitura em voz alta, leitura silenciosa, leitura compartilhada, como parte das atividades do programa de leitura da biblioteca.

Segundo Bortolin e Almeida Júnior (2009), a biblioteca deve ser transformada, por aqueles que trabalham nesse espaço, em um local de práticas da vida cotidiana, seja no

¹¹⁷ A obra “Biblioteca escolar e práticas educativas: o mediador em formação”, organizada por Renata Junqueira de Souza consta de dez capítulos de autorias diferentes, mas que fazem a mesma reflexão sobre a formação do leitor no ambiente escolar e a importância do mediador nesse processo.

aspecto informativo, literário, cultural e/ou social. Só assim pode ser percebida como um ambiente de formação de leitores e pesquisadores. Além da mediação pedagógica, o bibliotecário é responsável pela mediação da leitura literária e da informação. Para que ele exerça com competência as suas atribuições, precisa ser um leitor atento e desprendido de preconceitos, empático e versátil, capaz de se colocar no lugar dos seus educandos, tornando-se também um aprendiz.

Silva, Ferreira e Scorsi (2009) alertam para o fato de que somente assegurar o acesso dos estudantes a uma boa quantidade e diversidade de livros não garante o êxito na formação do leitor. Faz-se necessário que haja um investimento em cursos de formação continuada de professores e agentes de leitura, buscando inseri-los em experiências de compartilhamento de leituras, de entusiasmo por essa atividade de produção de significados e de diálogos entre os textos, evidenciando, enfim, que na prática de ler há também um componente afetivo e coletivo que não deve ser ignorado. Da mesma forma, Paiva (2009), ao constatar que são escassas as ações governamentais que visam ir além da distribuição dos livros (no caso do PNBE), afirma ser necessário realizar investimentos em capacitação e em pesquisas sobre a utilização desses acervos, pois, do contrário, esvazia-se uma ação que poderia repercutir enormemente no processo de formação de leitores.

Considerando a importância da mediação e os relatos feitos sobre a relevância da professora Ana Cláudia como incentivadora da leitura pela maioria dos entrevistados, é importante voltar a atenção para essa mediadora, que realiza um trabalho solitário e exemplar na cidade de Codó. Na busca de informações sobre suas ações com os leitores, foram indicadas atividades que iam desde o pedido para se realizar a pesquisa sobre conceitos da Língua Portuguesa no Farol até leituras de poemas e contos nesse espaço, além da produção de um livro sobre as experiências relacionadas à leitura, como produto final da disciplina de Português no 9º ano da escola Governador Archer. Assim, quase no final da pesquisa de campo, surgiu a possibilidade de, finalmente, fazer contato com uma mediadora de leitura, na perspectiva ambicionada desde o início da investigação. Esse encontro revelou-se um verdadeiro “achado de pesquisa”, quando já pareciam frustradas todas as expectativas de apreensão, de forma tangível, de uma prática de mediação de leitura.

4.3 A PROFESSORA MEDIADORA

A professora Ana Cláudia influenciou as práticas de leitura de cinco dos seis entrevistados, incentivando-os a adentrar o mundo da leitura. A princípio, foram obtidas as seguintes informações sobre ela: era professora do 8º e do 9º anos da Escola Municipal Governador Archer, professora do Jardim São José e, também, da Escola Reitor. O primeiro contato com a docente aconteceu em um dos dias em que ela levou sua turma para fazer leituras dentro do Farol. Questionada sobre o trabalho realizado no Farol, ela declarou:

Cada vez que a gente vier [ao Farol], a gente vai trabalhar uma tipologia diferente; nós vamos começar com a poesia, depois nós vamos para os contos, aí nós vamos para os provérbios, nós vamos para as fábulas, aí, lá no segundo semestre, a gente vai para os clássicos. Você pode até ser convidada depois, quando a gente for estudar os clássicos; eles vão comentar os clássicos em sala, cada pessoa vai comentar o seu clássico, é muito interessante. As poesias também, a gente vai fazer uma roda de leitura. Hoje, eles vão só ler, a folha é para anotar as informações do livro, título, autor, editora, para fazer comentários depois e anotar a poesia que mais gostou, porque poesia é necessário que ele anote alguma coisa, que é diferente do clássico que você lê, introduz, e depois você fala. Agora, poesia não, você escolhe, lê e depois comenta¹¹⁸.

Considerando a importância da mediação da professora na formação de leitores, tornou-se necessário entrevistá-la. Houve dificuldade no agendamento do encontro, pois sua rotina de trabalho é bastante intensa. Pela manhã, ela ministra aulas de Português na escola ao lado do Farol, para as séries finais do Ensino Fundamental; no período vespertino, trabalha com a Educação Infantil, no Jardim São José e, por fim, à noite, é professora de artes na escola Reitor, na Educação de Jovens e Adultos. Tudo isso, além de fazer, nos finais de semana, o curso de Educação Física na UFMA, através da Plataforma Freire, e de ser formadora no programa Pró-Letramento.

De manhã, estou no Governador, à tarde no jardim São José, Educação Infantil; e, à noite, no Reitor; todo ano faço isso, e no sábado ainda tem formação de professores, letramento. Eu trabalho com os professores da Rede Municipal com o letramento, e eu faço isso (incentivo à leitura) com eles também. E eu ainda sou antiga, dou aula com caderno organizado, guardar caderno, tudo organizadinho. Até os alunos de lá, eles acham estranho. Estranham, pois acham que no Ensino Médio não se faz mais isso; lá na formação de professores, eu faço. Eu trabalho muito com seminário para que eles possam falar, para que eles possam melhorar.

¹¹⁸ CARVALHO, Ana Cláudia Ferreira. Conversa informal no Farol de Educação de Codó em 22/2/2013.

Esse ano eu vou tirar um dia; não, eu tenho que tirar dois dias para trabalhar a leitura; é que eu tenho quatro turmas aqui (Governador Archer). Eu trabalho Português, mas trabalho dividido: eu trabalho a gramática, duas vezes por dia, a fonética, uma vez por dia, uma vez a literatura e outra a produção de texto. No dia de literatura, nós vamos tirar cinquenta minutos para ler. Hoje, nós vamos ficar cem minutos, porque a gente vai ficar neste horário, vai para o intervalo, e volta para ler. A minha intenção era ficar a manhã toda, mas eles disseram que não seria muito interessante, porque as pessoas precisam fazer pesquisa. A ideia é que na semana eu traga todas as turmas. Mas eu vou trazer todos os alunos para ler, uma vez por semana, para vir para cá para ler, para se concentrar, porque aqui é legal, porque como é um ambiente de leitura, eles se concentram tranquilamente; olha aí, todo mundo lendo¹¹⁹.

Diante da sua rotina, só foi possível entrevistá-la no feriado do dia Primeiro de Maio. Vale ressaltar que naquele dia, embora fosse feriado, ela trabalhou na formação do Pró-Letramento durante a manhã. Assim, a entrevista teve início ao meio dia, e foi feita na casa dela. Havia uma biblioteca móvel no chão da garagem e, segundo Ana Cláudia, os livros estavam sendo usados no trabalho com seus docentes do Pró-Letramento. No interior da sua casa, diversos livros estavam organizados em estantes feitas com caixas de frutas.



Foto 75 - Biblioteca móvel no chão da garagem da profª Ana Cláudia



Fotos 76, 77 e 78 - Estantes e caixas de livros distribuídas pela casa da profª Ana Cláudia

¹¹⁹ CARVALHO, Ana Cláudia Ferreira. Conversa informal citada.

Para conhecer a trajetória da professora Ana Cláudia, surgiu a necessidade de fazer uma aproximação com o seu imaginário e os seus saberes. Através da sua história de vida, procurou-se conhecer como são instituídos os saberes constituídos da profissão docente e, principalmente, como se dá sua aproximação com a leitura. Ao ser questionada sobre quem é Ana Cláudia, ela relatou o seguinte:

Ana Cláudia é uma pessoa dedicada no trabalho, no que faz. Eu sempre digo aos meus alunos que tudo que a gente for fazer, deve fazer bem feito, nunca pode pensar no amanhã ou depois. Às vezes, eles fazem isso também. Sou timbirense, passei 30 e poucos anos em Timbiras. Agora resolvi vir para Codó e aqui estou. Adoro fazer o meu trabalho, faço com muita dedicação¹²⁰.

Durante a conversa com a professora, ela informou que o leitor Helis também havia sido seu aluno, em uma escola particular de Codó, a Pequeno Polegar. Por isso, pode-se afirmar que dos seis leitores selecionados, cinco foram seus alunos, tendo sido esse, como já mencionado, a importância de conhecer o trabalho realizado por Ana Cláudia como mediadora da leitura. Outra informação valiosa foi a de que durante o ano de 2009 a professora havia sido diretora do Farol de Timbiras, onde desenvolvia atividades de contação de histórias e emprestava livros para a comunidade.

Ana Cláudia mudou-se para Codó em 2010, quando passou no concurso público para a escola Governador Archer. Nascida em Timbiras, cidade próxima a Codó (cerca de 25 km), ela se dedica ao magistério desde 1989, e afirmou que sempre quis ser professora. Estudou em escolas públicas do município de Timbiras: o Ensino Fundamental foi na escola Médici e o Ensino Médio e o Magistério foram cursados na escola Alberto Abdala. Ana Cláudia fez o curso de Contabilidade em São Luís e, assim que terminou, voltou para Timbiras para fazer o adicional; nunca mais largou o magistério. Sempre quis cursar Pedagogia e declarou que ainda fará isso. O curso que fez pelo PROCAD da UEMA foi o de Letras, no município de Codó.

A gente fez educação geral e, depois, os estudos adicionais para o Magistério, pois eu sempre quis ser professora. Quando eu estava no Ensino Médio, quando fui fazer estágio, já fiquei logo, os meus professores pediam para eu acompanhá-los na sala de aula. Depois daí, eu já continuei. Na verdade, lá em Timbiras, na época, a profissão que mais aparecia era a de professor, pois Timbiras é uma cidade pequena que não tem muitas indústrias. Mas eu também fui para São Luís, fiz Contabilidade, mas depois voltei, porque eu queria continuar professora na cidade para ajudar as pessoas da minha cidade, aí eu não quis ficar em São Luís, e voltei. Fiz o Ensino Médio em Timbiras, aí

¹²⁰ CARVALHO, Ana Cláudia Ferreira. Entrevista concedida a Cristiane Dias Martins da Costa. Maio, 2013.

fui para São Luís fazer Contabilidade na Mirante Itacaré, voltei para Timbiras, fiz o adicional e comecei a ser professora¹²¹.

O gosto por Letras e pelo Português a acompanha desde pequena. Durante seu período estudantil, sempre se destacou. Em sua casa, havia livros, que ganhava de pessoas conhecidas. Ao tratarem sobre a leitura, Evangelista (1993) e Araújo (1999) especificam o papel da família e a forma como a leitura é vista e utilizada dentro dessa instituição. Perguntada sobre a importância dos seus pais no incentivo à leitura, Ana Cláudia respondeu:

Meus pais preferem ouvir, a gente lia para eles. Eles gostam. Papai é pedreiro, e pedreiro, você sabe, quando aprende a profissão está tudo bem, ele sabe fazer casas perfeitas. E mamãe foi cozinheira de um hospital por muito tempo, agora está aposentada. Eu tive dez irmãos, dois faleceram, três estão em Timbiras, dois em Coroatá e três em São Luís. Tenho uma irmã que gosta de ler mais do que eu, acredita? Só que a leitura dela é voltada para a área da saúde, porque é enfermeira. Tem uma que também trabalha no hospital e tem um salão. E a outra, que não gostava muito de estudar, trabalha com os serviços gerais e fica reclamando que não teve muita sorte, mas não gostava de estudar. Os irmãos também não gostavam muito de estudar; agora, depois que casaram... um é torneiro mecânico da Vale e outro também trabalha na Vale, mas com serviços mais pesados, porque que não gostavam muito de estudar¹²².

Verifica-se que em determinados casos a família percebe que a “leitura” é importante para os filhos, pois possibilita melhores condições de vida, ou seja, com “estudo” a situação socioeconômica de seus filhos será melhor que a deles (EVANGELISTA, 1993). No relato acima, assim como no que escreveu a professora Aracy Evangelista, percebe-se que nas famílias brasileiras das camadas populares, leitura é sinônimo de “estudo”, instrução, nível de aprendizado, e, portanto, quanto mais leitura a pessoa fizer, melhor será sua condição social.

Segundo Araújo (1999), o ambiente socioeconômico não é fator determinante para o gosto pela leitura, mas sim a convivência com os materiais e o estímulo dos pais, seja através do jornal que lê para encontrar emprego, ou do caderno de receitas da mãe contribuem e incentivam à leitura de alguma forma. De fato, todos os incentivos são válidos para a construção do gosto pela leitura. No caso da professora Ana Cláudia, o incentivo à leitura veio, explicitamente, através de professores, durante sua vida escolar e universitária. Vale ressaltar, mais uma vez, a importância que o docente vem adquirindo no incentivo à leitura,

¹²¹ CARVALHO, Ana Cláudia Ferreira. Entrevista citada.

¹²² CARVALHO, Ana Cláudia Ferreira. Entrevista citada.

uma vez que ele foi indicado pela Pesquisa Retratos do Brasil, pela primeira vez, como o maior responsável nesse processo.

Acho que descobri o gosto pela leitura com a professora Iratê. Eu sempre gostei muito de ler, na minha casa sempre teve muitos livros. Foi na quarta série que encontrei essa professora; foi muito bom nessa época. Eu sempre tive a ideia de trabalhar com a leitura, mas na Graduação eu tive uma professora muito boa que incentivava muito, a professora Lobão. E também a professora de Didática veio com muito gosto pela leitura, e eu comecei a pensar que a gente podia pegar as crianças e levar a leitura para elas¹²³.

Considerando que a maioria dos pais no estado do Maranhão, não se constitui de leitores, não foram incentivados na idade escolar, e que, em muitos casos, a leitura literária não se faz presente no ambiente familiar dada às condições socioeconômicas a que a população é submetida pela classe dominante, torna-se essencial a parceria da escola com a família. Nesse cenário, a escola e a biblioteca têm um papel reforçado, no sentido de não perpetuar a reprodução social de ausência de rotinas cognitivas e sociais associadas à leitura. Diante disso, entende-se a importância do mediador, que pode ser tanto o bibliotecário como o professor, uma vez que interesse também se cria, se suscita e se educa, e que em diversas ocasiões ele depende do entusiasmo e da apresentação que o professor faz de uma determinada leitura e das possibilidades que seja capaz de explorar (SOLÉ, 1998). Com base nessa afirmativa, compreende-se que “um professor precisa gostar de ler, precisa ler muito, precisa envolver-se com o que lê” (LAJOLO, 2006, p. 108), pois, só assim, fará com que seus alunos se tornem leitores.

Ao mencionar suas preferências de leitura, Ana Cláudia disse gostar de tudo, com exceção de piadas, mas salientou que adora ler livros de autoajuda, em especial os de Augusto Cury. O critério que utiliza para escolher um livro é o título. Ela afirmou que algumas professoras que teve foram fundamentais no incentivo à leitura. E que a pretensão com o seu trabalho na escola Governador Archer é fazer o aluno ter contato com o livro. A professora acredita que o livro é mais importante do que a internet e tenta mostrar a importância da leitura para os alunos, pois “a leitura norteia todo o trabalho, ninguém consegue viver sem leitura, e os alunos precisam descobrir o prazer pela leitura”¹²⁴.

¹²³ CARVALHO, Ana Cláudia Ferreira. Entrevista citada.

¹²⁴ CARVALHO, Ana Cláudia Ferreira. Entrevista citada.

Ana Cláudia trabalha com as tipologias textuais no 8º e 9º anos na escola Governador Archer. O trabalho desenvolvido no 9º ano tem como produto final a criação de um livro que apresenta o seguinte sumário:

Quem sou eu? (autobiografia)
 Minha vida escolar
 Autoavaliação estudantil
 Minha expectativa de vida
 O que é leitura?
 Contribuições da leitura
 Qual a importância da leitura?
 Concepções de leitura
 Fatores que atrapalham a leitura
 A formação de um bom leitor
 Quantos livros já li?
 Outros livros
 A escolha certa da profissão

(Caderno da aluna Ana Vitória Rodrigues Ferreira, 2012)

A professora possui cinco horários de Português por semana nas cinco turmas com as quais trabalha, sendo que divide os tempos da seguinte maneira: dois horários para gramática, um para fonologia, um para produção de texto e o outro para a literatura. Ela ressaltou que os alunos precisam ter quatro cadernos na sua disciplina, sendo um para cada área trabalhada. Disse ainda que, no início, alguns pais reclamam da quantidade de cadernos, mas depois “até gostam”, e que os alunos que gostam de estudar a adoram, enquanto que os preguiçosos não gostam dela. A professora afirmou que percebe uma crítica de alguns professores em relação ao seu trabalho, quando perguntam “se acha que alguém vai reconhecer o trabalho que está fazendo”. Diante disso, falou que não espera retorno de ninguém pelo tanto que trabalha, mas que se sente motivada e reconhecida quando seus alunos e ex-alunos a procuram para pedir orientação.

Percebo a repercussão do meu trabalho nos alunos; às vezes, a própria escola... teve uma pessoa que dizia assim “você acha que vai ser vista por causa disso?”; eu disse que não, pois não estou procurando isso, não. Outros reconhecem; os meus alunos do Pró-Letramento, por exemplo, reconhecem, eles se espelham em mim. Eles vêm na minha casa. Hoje mesmo, eles ficaram aqui um tempão. Eles pedem a minha ajuda. Tem alunos que já são professores e que me procuram o tempo inteiro; até para fazer planejamento eles vêm. Eu gosto! A minha satisfação é nesse momento¹²⁵.

¹²⁵ CARVALHO, Ana Cláudia Ferreira. Entrevista citada.

O trabalho de literatura que Ana Cláudia realiza em sala de aula está pautado na apresentação das tipologias textuais no primeiro momento, e, depois, fazem a leitura de livros no Farol. Por fim, apresentam produções relacionadas ao gênero trabalhado. Normalmente, ela trabalha com a poesia, os contos, as fábulas, os provérbios, até chegar aos clássicos. Assim, por exemplo, quando trabalhou com a poesia, fez uma introdução teórica em sala, com apoio do livro didático, e depois cada aluno escolheu um livro de poesia, no Farol, para ler. Vale lembrar que cada aluno foi para o Farol com uma folha de papel em branco, pois deveriam escolher o poema que mais gostaram, para em outro momento recitarem na sala de aula.



Fotos 79 e 80 - Atividade realizada com os livros de poesia, pela profª Ana Cláudia, no Farol.

Previamente, a professora entrou em contato com o funcionário do Farol, que deixou selecionados os livros de poesia para os alunos fazerem suas escolhas. É interessante observar que a maioria dos livros era do acervo do PNBE 2002, e que nenhum deles estava presente na lista do acervo do Farol. Os livros escolhidos pelos alunos foram:

- Um poema puxa outro (PNBE 2002)
- Tem gato na tuba e outros poemas (PNBE 2002)
- Varal da poesia (PNBE 2002)
- A bailarina (PNBE 2002)
- A poesia dos bichos (PNBE 2002)
- Palavras de encantamento (PNBE 2002)
- Simplesmente Drummond (PNBE 2002)
- Poemas que contam a história (PNBE 2002)
- Toda criança do mundo (PNBE 2002)
- Pé de poesia (PNBE 2002)
- Os telhados
- Antologia poética de Fernando Pessoa
- Cecília Meireles
- Castelo da poesia

O trabalho realizado pela professora Ana Cláudia tem como apoio o livro didático de Português “Diálogo”, de Eliana Santos Beltrão e Tereza Gordilho, que está organizado em sete módulos: “O amor está no ar...”, “Gente Brasileira”, “As mil faces do Brasil”, “Inventos e inventores”, “Depende de nós...”, “Projetos de vida” e “Versos & Universos”. Cada módulo apresenta dois textos que congregam atividades com objetivos diversos; são elas: “Ampliando o tema”, “Trabalhando a gramática”, “Dialogando com a imagem”, “Trabalhando a linguagem” e “Trabalhando a ortografia”. No item “Produzindo textos”, há uma diversidade de tarefas, como: “Coletânea: crônicas do cotidiano”; “Seminário: gente que faz a diferença!”; “Mostra: Brasil mostra a sua cara”; “Agenda Cultural”; “Debate ao vivo”; “Jovem empreendedor”; e “Poesia sem fronteiras”.

Ao analisar a importância atribuída ao livro didático pelos professores na preparação e no desenvolvimento de suas aulas, e suas contribuições na formação dos estudantes, percebe-se que ele se constitui em um dos materiais didáticos e, como tal, passa a ser um recurso facilitador da aprendizagem e instrumento de apoio à prática pedagógica. A professora Ana Cláudia declarou considerar o livro didático importante para o seu trabalho, mas ressaltou que o utiliza de uma forma não linear. Os momentos de leitura são realizados com seus alunos no Farol da Educação e, além disso, ela incentiva a realização de pesquisa escolar nesse ambiente.

O Farol é muito importante em relação à leitura, porque hoje em dia os alunos acham que tudo a internet resolve; aí, eu faço com que percebam que o livro é mais importante que isso. Eles vão para o Farol, eles pesquisam nos livros, eles leem os livros e, tendo este contato com os livros, eles ficam mais estimulados a ler livros; inclusive, eu tenho alunos que leem um livro por mês¹²⁶.

A professora comentou sobre o pequeno espaço do Farol, onde não há cadeiras suficientes para todos, sendo necessário que os alunos assentem no chão. Além disso, falou que o acervo do Farol é pequeno, uma vez que não pode levar sua turma de 40 alunos, pois não há livros suficientes de um mesmo gênero. A estratégia que realiza é levar meninas em um dia e meninos em outro. Vale ressaltar que, no primeiro dia em que a turma se apresentou, o supervisor do Farol pediu desculpas pelo fato de o espaço não comportar todos os estudantes.

¹²⁶ CARVALHO, Ana Cláudia Ferreira. Entrevista citada.

O Farol, para quem não tem conhecimento, é uma estrutura do governo do estado do Maranhão, só que é operacionalizado por pessoas do município. Eu, por exemplo, sou pedagogo, sou técnico do município e aqui estou à disposição do Farol durante este período. Os servidores, a Sâmila, Dona Raimundinha, outro colega que trabalha à tarde e mais outra colega ficam à disposição, e todos são servidores da prefeitura municipal. Então, nossa ação aqui é uma ação pedagógica, voltada para a educação, e o Farol também está à disposição... E a gente gostaria de pedir desculpas para vocês, porque o Farol foi inaugurado em 2006, e de lá para cá nunca houve nenhum tipo de reforma, pois é coisa pública e infelizmente foge da nossa alçada, mas a gente tenta ao máximo conduzir na melhor forma possível. E eu gostaria que vocês tivessem espaço com cadeiras suficientes para todos, mas vocês são jovens e entendem que a gente tem que se adequar às situações. Mas, no mais, fiquem à vontade. A professora está no comando, é como se ela estivesse na casa dela, na sala dela. Então, a partir desse momento ela tem o controle de vocês aqui dentro. Nós vamos apenas assistir, certo, professora?¹²⁷

Considerando a relevância do Farol da Educação para a comunidade codoense, através de trechos de entrevistas – “É muito importante, porque é o único espaço de leitura perto da minha casa”; “É um lugar que nos incentiva mais à leitura”; “Não só o Farol da Educação de Codó é importante, mas sim todos os Faróis, pois eles garantem, ou deveriam garantir, livros para auxiliarem a comunidade em suas pesquisas e leituras”; “É importante, me ajudou muito nas matérias escolares”; “Muito importante para a comunidade, toda Trizidela depende do Farol. O acervo é mais novo e mais rico do que a Biblioteca Pública, mas deveria ter acesso à internet”; “A importância é grande, mas tem muito que melhorar. Muito limitado, deveria complementar a Biblioteca Pública, que também é limitada. Deveria haver uma política de empréstimo de livro” –, e a partir dos dados levantados nesta pesquisa, conclui-se que é de extrema importância dar a esse espaço a atenção necessária, em relação ao suporte financeiro, em termos de estrutura física, constituição e atualização do acervo e, também, em relação à capacitação dos funcionários para que possam de fato ser mediadores da leitura.

Diante do contexto atual dos Faróis da Educação do Maranhão, reafirmo a importância da mediação para a formação dos leitores, uma vez que, os diversos relatos citados nesta pesquisa apontam os professores e/ou pais como pessoas decisivas no processo de incentivo à leitura. Acrescento ainda que para se pensar na formação de um leitor além de ser necessário um olhar atento para as bibliotecas, para a constituição de seus acervos, sua organização, suas condições de funcionamento e as práticas leitura existentes é de extrema importância

¹²⁷Apresentação do Farol da Educação de Codó pelo diretor, Francisco José Gomes Teixeira, para os alunos da professora Ana Cláudia em 22/2/2013.

viabilizar a formação de profissionais que possam atuar nesses espaços para o reconhecimento do potencial do material disponibilizado. Souza (2010) afirma que somente assegurar o acesso dos estudantes a uma boa quantidade e diversidade de livros não garante o êxito na formação do leitor, é necessária uma formação inicial e continuada para os “agentes de leitura”, termo também utilizado para os funcionários que trabalham no projeto Farol do Saber de Curitiba.

Nós chamamos de agentes de leitores, tem uma parcela muito pequena talvez de cinco por cento de educadores do segundo grau, ou que tem um curso de pedagogia, tem o curso magistério superior mais atua na Educação Infantil, mas, a grande maioria nossa tem o magistério superior, não a grande maioria são professores, temos um grupo hoje de seis bibliotecárias, e onze gestores da educação nós fizemos um concurso para gestor da educação que poderia ter habilitação em gestão da informação ou biblioteconomia¹²⁸.

De acordo com Margareth Fuchs, coordenadora do Farol do Saber, todo ano há formação para os agentes de leitura. Ela explicitou encontros de bibliotecas, que tiveram as seguintes temáticas: Mauro Quintana; Paulo Leminski: tecendo poesia; e agora um tema que trata a leitura de múltiplas imagens, “porque não adianta você ter biblioteca implantada e acervos, tem que ter pessoas lá dentro para dinamizar isso”. Além disso, afirmou a existência de um concurso público para se trabalhar nos Faróis do Saber.

Nesse sentido, acrescento que não só a estrutura física do Farol do Saber deveria ser pensada para o estado do Maranhão, mas também o seu funcionamento, principalmente no que se trata da formação dos mediadores de leitura. Afinal, para que um profissional que atua nas bibliotecas consiga ser um mediador, ou seja, desempenhar bem as atribuições que a ele compete, não basta ter o hábito da leitura, é necessária uma formação que possa dar suporte teórico para sua prática.

Assim, fica evidente a importância dos profissionais que atuam como mediadores no espaço de leitura legitimado que é a biblioteca. Além deles, não se pode deixar de citar os docentes como um dos principais mediadores da leitura na vida dos estudantes. Por outro lado, é necessário refletir sobre a realidade do professor, que se encontra no centro de uma luta de forças, sobre como deve caminhar a educação em face a tantas demandas sociais neste novo milênio, tendo ele próprio que descobrir qual o seu papel nesse processo. Não se pode esquecer também que o professor é escopo de diversos discursos que questionam sua prática, muitas

¹²⁸ FUCHS, Margareth. Entrevista concedida a Cristiane Dias Martins da Costa. Dez, 2011.

vezes, desqualificando direta e enfaticamente os saberes e práticas educacionais por eles acumulados ao longo de anos, todavia, sem apontar caminhos.

REVISITANTO A PAISAGEM

Contemplo agora, distanciada pelo olhar de pesquisadora, a paisagem que tanto me instigou. Os Faróis, ao longo da estrada, com suas cores fortes e estrutura destoante das moradias comuns de uma população carente e castigada pelas injustiças sociais, tornaram-se familiares ao meu olhar. Mas, paradoxalmente, essa aproximação e essa “familiaridade” aguçaram ainda mais minhas inquietações de pesquisadora e de profissional comprometida com a leitura e a formação de leitores.

O projeto Farol da Educação, como já mencionado, surgiu em 1997, com a intenção de ser uma alternativa para as bibliotecas escolares do estado do Maranhão. Hoje, passados quinze anos do início dessa experiência, e após este processo investigativo, desenvolvido em meio a inúmeras dificuldades de coleta de dados, resistência de gestores em fornecer documentos, insegurança dos profissionais responsáveis pelos Faróis em se posicionarem, submetidos que estão às instabilidades políticas, sem carreira própria e sem garantia de continuidade do seu trabalho, é quase impossível não questionar o sucesso dessa “alternativa”.

Os depoimentos dos poucos que ousaram romper o silêncio demonstram o contrário, em relação ao alcance do objetivo proposto pelo projeto Farol da Educação:

Sinceramente, não acredito que o Farol esteja atingindo seus objetivos, falta muito. Nesse momento, vou ser bem sincera, a gente está precisando de uma reforma urgente, os livros que a gente tem estão desgastados, são livros velhos. Geralmente, a criança gosta do novo, então para a gente estar proporcionando o que realmente eles querem, a gente tem que ter algo para oferecer, e no momento não temos¹²⁷.

Muitas escolas, às vezes, alegam que aqui é muito quente, não dá para trazer as crianças, tudo bem. Na realidade, aqui é quente, muito quente, o ventilador não aguenta e não tem ar-condicionado. Então, se o dinheiro viesse pelo município, seria melhor porque assim a gente poderia comprar alguma coisa. O município não dá nada para a gente não, filha. É difícil demais trabalhar aqui. Olha, aqui passam semanas, semanas, e a mulher só limpa com água. Aqui não tem nada, a zeladora aqui não deixa eu mentir. Olha só como está essa capina aí, precisa ficar pedindo dinheiro. Sinceramente, eu fico com vergonha de ficar toda hora pedindo¹²⁸.

Uma das razões da constituição do projeto Farol da Educação no Maranhão foi a constatação de que as bibliotecas escolares do estado, quando existiam, estavam esquecidas, apesar do projeto de implantação de bibliotecas escolares que ocorreu no ano de 1992.

¹²⁷ Entrevista realizada com o supervisor de um Farol em 12/12/2011.

¹²⁸ Entrevista realizada com um auxiliar de um Farol em 9/12/2011.

Conforme Furtado (1999), após dois anos de funcionamento desse projeto, foi verificado que ele não estava alcançando seus objetivos, pelos seguintes motivos: falta de compromisso de administrações anteriores com a continuidade das atividades desenvolvidas pelo projeto; ausência de infraestrutura (recursos materiais, humanos e financeiros), especialmente no interior do estado; e, por fim, falta de sensibilidade por parte dos auxiliares de bibliotecas, professores e diretores com relação à real importância da biblioteca escolar. Infelizmente, o que se pôde constatar na pesquisa é que o projeto Farol da Educação, após quinze anos de implantação, não superou as dificuldades apontadas, quando de sua criação, ou seja, depois de construídos, os Faróis dependem do apoio do município e da consciência da importância desses espaços pelos gestores, supervisores e auxiliares; não esquecendo claro, que o pai do projeto, o governo do estado, não pode se furtar da responsabilidade de mantê-lo. Algo que não tem sido feito, como constatou a pesquisa.

Conforme Cynthia Furtado, no momento atual a equipe gestora é composta por apenas nove bibliotecárias para acompanhar todos os 117 Faróis da Educação e as mais de duas mil bibliotecas escolares do Maranhão. Isso ocasiona a impossibilidade de acompanhamento/monitoramento de todos esses espaços de leitura. Diante dessa contingência, essa equipe está conseguindo realizar um trabalho mais pontual, apenas nas 192 bibliotecas escolares e nos sete Faróis da capital, São Luís.

A gente tem pouco pessoal (nove bibliotecárias), então a gente não tem como visitar todas essas bibliotecas escolares... Posso dizer que os Faróis da capital são muito mais assistidos do que os do interior. Depois que o Farol é entregue, existem assim atribuições, o que vai ficar por conta do estado e o que vai ficar por conta do município. No caso de estrutura física e pessoal, é da prefeitura, e se muda o prefeito de quatro em quatro anos, o secretário não tem aquela visão da necessidade daquele Farol, o Farol logicamente irá fechar. A gente costuma dizer que o Farol é como uma casa, você tem que ter água, luz, pessoas, aí vem a outra parte, que são acervos, são as atividades que acontecem dentro. Se não tiver um cuidado especial com aquilo, vai funcionar precariamente. E é o que está acontecendo, eu te digo, com 70% dos Faróis¹²⁹.

Ao reconhecer as dificuldades apontadas pela equipe, alguns secretários da educação demonstraram o interesse em municipalizar os Faróis da Educação. De acordo com a coordenadora, já é o segundo secretário que tem essa vontade, mas isso ainda não aconteceu; está em processo. A equipe ainda não sabe como é que isso vai ser feito, porque trata-se de patrimônio público. É preciso verificar se o prefeito vai aceitar o prédio público, e depois será

¹²⁹ Entrevista realizada com a coordenadora geral dos Faróis da Educação em 21/11/2011.

necessário fazer uma lei de sanção. A tentativa de transferência da responsabilidade pelos Faróis, do estado para o município, tem prejudicado, principalmente, os Faróis do interior do Maranhão, pois quando não têm o apoio da prefeitura, precisam sobreviver apenas com a verba, de dois mil reais ao ano, repassada através de uma escola.

O município só entra com o pessoal e com um pouco, assim, se precisar de uma construção para alguma coisa maior. E o estado também faz um repasse ínfimo, pois treze anos atrás eram quinhentos reais, quatro vezes ao ano, e continua a mesma coisa. Imagina dois mil reais por ano é muito pouco para se manter. Mas é assim, esses dois mil reais são para comprar material de expediente e de limpeza, só que como o estado e o município não têm condições de bancar, esses quinhentos reais precisam se multiplicar nas mãos dos supervisores. Daí eles tiram todo o trabalho com atividades que acontecem, tudo que eles precisam, infelizmente, tem de tirar daí. O ideal era conseguir aumentar¹³⁰.

Outra dificuldade torna a situação ainda mais contundente: a flutuação dos profissionais, que ficam à mercê das ingerências das políticas locais. A cada mandato, os funcionários são substituídos, sendo que a escolha dos novos não está devidamente ligada à formação/qualificação necessária. Assim, é oportuno e prudente questionar quais seriam os motivos de um segundo projeto direcionado às bibliotecas, se esse incorre nos mesmos erros, ou seja, não oferece as condições necessárias para a realização das atividades sugeridas pelo próprio Manual, para direcionar o trabalho dos funcionários. De fato, muda-se o projeto, mas se mantém as mesmas práticas.

Porque as formas como as pessoas são selecionadas para trabalhar aqui, geralmente são auxiliares administrativos e aí tem determinadas funções que eu acredito que por estar mudando, assim quando terminam aqueles quatro anos (mandato), aí chega novamente outra pessoa. Eu acho que deveria manter aquelas determinadas pessoas; realmente, a gente tem uma funcionária que é desde que fundou, ela tem bastante experiência, teve capacitação no início, aí quando muda assim, acaba prejudicando. Eu acredito que prejudica bastante a biblioteca. Devia ser uma pessoa que realmente tem competência, que esteja realmente atingindo os objetivos. Se ela estiver atingindo os objetivos, deveria continuar, independente de questões políticas¹³¹.

No caso específico dos Faróis de Educação investigados, constatou-se que os auxiliares das bibliotecas possuem formação diversificada, sendo 47% com Ensino Médio, 16% com Graduação incompleta (Licenciatura em Informática, Pedagogia e Tecnologia de Alimentos) e 37% graduados, entre os cursos de Filosofia, Geografia, História, Letras,

¹³⁰ Entrevista realizada com a coordenadora geral dos Faróis da Educação em 21/11/2011.

¹³¹ Entrevista realizada com o supervisor de um Farol em 12/12/2011.

Pedagogia e Técnico em Contabilidade. Agrava a situação o fato de que 31% dos entrevistados não passaram por nenhuma capacitação; os que disseram ter feito treinamento estavam se referindo a encontros de apenas um dia e reuniões rápidas que já haviam acontecido mais de dois anos atrás.

No ano de 2013, após as mudanças políticas, o quadro de funcionários dos Faróis pesquisados sofreu algumas alterações, pois se constituiu de 67% dos funcionários com Ensino Médio, 25% com Ensino Superior incompleto, e apenas uma auxiliar possui o curso de Pedagogia concluído. No caso das supervisoras, todas cursaram o Ensino Superior (três se graduaram em Pedagogia, uma possui licenciatura em Geografia e outra tem “Magistério Superior em Ciências da Religião”).

Considerando a rotatividade dos funcionários, seria necessário haver capacitações regulares, que fossem capazes de qualificar as pessoas, para que os Faróis realmente pudessem atingir os objetivos propostos pelo projeto. Entretanto, o que foi percebido é que há um encontro com a equipe gestora na inauguração do Farol e que as capacitações semestrais previstas não estão acontecendo desde 2008. No caso dos funcionários entrevistados, a grande maioria não havia participado de nenhuma capacitação oferecida pela equipe gestora do projeto. Algumas pessoas pontuaram capacitações divulgadas pela coordenação geral, mas sem qualquer apoio/suporte financeiro.

No caso específico do Farol de Coroatá, houve uma capacitação, que o município bancou para que os funcionários do Farol pudessem participar, em São Luís, dois anos atrás. Todavia de acordo com as informações obtidas junto do supervisor, o mesmo frequentemente participava de capacitações e repassava para os colegas. Devo acrescentar que, do grupo formado pelo supervisor e pelos nove auxiliares que frequentaram o curso, apenas uma pessoa permanece trabalhando no Farol (em 2013). Quando falam de capacitação as narrativas são as seguintes:

Minha irmã nunca, só uma vez, assim que foi inaugurado aqui, passou o dia todinho aqui, fomos até assim umas sete e meia até oito horas aqui, vieram três pessoas. Depois nunca mais vi ninguém, ninguém, ninguém¹³².

Eles [equipe gestora do projeto] nos incentivam a buscar as instituições que oferecem essas capacitações. Eu cobro isso, eu já desafiei eles. Vamos fazer o encontrão com os gestores de Faróis para trocar experiências, mas eles tem pecado muito nesse aspecto. Lá na coordenação a gente tem uma bibliotecária responsável pela Regional de Codó, só que ela não vem visitar a gente, e nem mesmo liga. Acho que mesmo não vindo pessoalmente, poderia usar o

¹³² Entrevista realizada com o auxiliar de um Farol em 9/12/2011.

mecanismo da internet, do telefone, para ter contato com a gente, ou seja, utilizar os recursos de comunicação que temos hoje para a gente estar conversando, trocando ideias¹³³.

A pesquisa constatou que as atividades realizadas nos Faróis da Educação se aproximam das de uma biblioteca escolar, uma vez que 61% estão direcionadas às pesquisas escolares, através de livros de referência e didáticos. A porcentagem de 39% de livros considerados de literatura refere-se, em muitos casos, a leituras destinadas às tarefas escolares. Além disso, o público destinado aos Faróis pesquisados é de 83% de estudantes (57% alunos do Ensino Fundamental e 26% do Ensino Médio)¹³⁴.

A gente já tem noção do que os alunos querem no Farol, eles buscam as datas comemorativas (apresentou a revista e a enciclopédia que utilizou para subsidiar a pesquisa sobre a páscoa). A cada mês, sabemos as pesquisas mais frequentes; por exemplo, no mês de abril, os alunos buscam principalmente sobre a cidade de Codó e também tem o Dia do Índio; tem outros também. Acho que a sociedade não despertou para a importância deste ambiente de leitura. A maioria da demanda são trabalhos escolares, muitos vêm aqui só para a pesquisa. O acervo é rico de literatura, mas a leitura espontânea é muito pouca¹³⁵.

Assim, é possível dizer que os Faróis pesquisados colaboram – já que faltam bibliotecas escolares nos municípios de Codó, Timbiras, Coroatá, Peritoró e São Mateus – com as pesquisas e as tarefas escolares. Entretanto, estão longe de atingir o objetivo proposto pelo projeto, que seria o de funcionar como um centro para a realização de eventos educativos, culturais e de lazer, em especial no interior do estado. Segundo a coordenadora geral do projeto, o objetivo do Farol seria possibilitar ao leitor “conhecer, se apaixonar e ter uma qualidade de leitura boa”.

Em sua concepção, o projeto Farol da Educação apresenta como objetivos os seguintes itens: socializar o livro nas comunidades carentes; estimular a leitura, o prazer pelo texto, através de obras literárias; contribuir para a melhoria do processo de ensino/aprendizado nas escolas do bairro ou município envolvido; fornecer material para favorecer as pesquisas, em especial para o Ensino Fundamental e o Médio; servir de centro de informações para o bairro ou município beneficiado; mudar o aspecto físico da biblioteca para um ambiente atraente, bonito, moderno, com infraestrutura adequada; dotar a comunidade de um espaço destinado

¹³³ Entrevista realizada com o supervisor de um Farol em 5/12/2011.

¹³⁴ Dados referentes ao ano letivo de 2012.

¹³⁵ Entrevista realizada com o auxiliar de um Farol em 10/12/2011

ao encontro com as artes, com os bens culturais etc; fazer das bibliotecas Farol da Educação um Centro Cultural (MARANHÃO, Secretaria de Estado da Educação, 2008).

Para facilitar o cumprimento desses objetivos, foi elaborado um Manual que, como já foi dito anteriormente, apresenta sugestões de atividades educativas e culturais, dentre as quais se destacam o *Encontro Mágico*, o *Clube de Leitura*, a *Quinzena do Livro Infantil e Juvenil*, o *Arraial da Leitura*, a *Colônia de Férias*, a *Feira do Conhecimento*, o *Cine Farol*, a *Roda de Leitura*, as *Campanhas Educativas*.

Entretanto, foi observada nesta investigação a quase total inexistência, nos Faróis pesquisados, das atividades acima relatadas, com algumas exceções: o Farol de Timbiras descreveu a realização do *Encontro Mágico* e o Farol de Coroatá afirmou realizar as atividades: *Encontro Mágico*, *Arraial da Leitura* e *Quinzena do Livro Infantil e Juvenil*. Vale ressaltar que essas são atividades pontuais que acontecem durante o ano, pois a ocorrência principal em todos os Faróis é a pesquisa escolar, como bem esclarece uma auxiliadora: “No momento não está tendo nenhuma atividade... só o que realizamos é a pesquisa, que é manual mesmo, nos livros. Os alunos chegam, aí a gente dá os livros para fazerem a pesquisa, aí ficam à vontade aqui”.

A respeito da realidade brasileira em relação às bibliotecas escolares hoje, o Ministério da Educação (MEC) constata que, a cada dez escolas, sete não têm um acervo de livros disponível para seus estudantes. Apenas 30,4% das escolas brasileiras que oferecem aulas nos anos iniciais do Ensino Fundamental possuem bibliotecas. A situação fica ainda mais alarmante, quando cruzamos esses dados com os do Censo Nacional das Bibliotecas Públicas Municipais 2009, que apontou que 445 municípios do Brasil não têm bibliotecas. No estado do Maranhão, o Censo de 2010 revela uma realidade dramática: a porcentagem de bibliotecas escolares é de apenas 8,9%.

Trata-se de um cenário preocupante, mas, ainda assim, no bojo de uma valorização generalizada da prática de ler, tanto por pesquisadores quanto por docentes. O problema é que, em parte significativa das escolas brasileiras, as bibliotecas escolares, quando existem, são consideradas anexos das escolas, espaços desprezados, cumprindo mais a função de depósito de livros e materiais do que de ambiente pedagógico para informação, letramento e fruição. Silva (2003) afirma que esses espaços geralmente não passam de depósitos de livros e de outros objetos, com horários de funcionamento breves e irregulares, ou, ainda, são convertidos em espaços de punição, onde os alunos ficam de castigo para copiar trechos de enciclopédias porque se comportaram de modo inadequado em outros espaços escolares. Em

geral, os atendentes são professores aposentados ou readaptados, enfadados da sala de aula e de alunos.

Desse modo, constata-se a carência e a falta de investimento material, de recursos humanos, e de uma política de longa duração para bibliotecas públicas, bibliotecas escolares, Faróis da Educação, enfim, para espaços públicos de leitura, já que estamos longe, muito longe da situação desejável – no país e, em especial, no estado do Maranhão.

Muitos jovens, inclusive os seis entrevistados nesta investigação, afirmam que o papel do mediador foi fundamental para despertar o gosto pela leitura. E, segundo Petit (2008, p. 166), não é a biblioteca ou a escola que desperta o gosto por ler, descobrir, imaginar, e sim “um professor, um bibliotecário que, levado por sua paixão, a transmite através de uma relação individual. Sobretudo no caso dos que não se sentem muito seguros a se aventurar por essa via, devido à sua origem social[...]”. Entretanto, vale ressaltar que boa parte dos educadores a quem cabe a tarefa de formar leitores certamente também não vivenciou as possibilidades que uma biblioteca pode representar na vida de uma pessoa e, portanto, na vida da comunidade. Noutros termos,

ainda que não seja a salvação da escola e da educação pública, a biblioteca escolar pode ser um lugar privilegiado, que contribua para a qualidade do ensino ao promover práticas de leitura e acesso à informação de qualidade, integrando equipe técnica, professores e alunos à sua comunidade. (MOLLO e NÓBREGA, 2011, p. 8)

No caso desta investigação, é importante salientar a importância do Farol da Educação, considerando que a maioria das escolas públicas do Maranhão não possui bibliotecas ou salas de leitura. Portanto, o fato de o Farol permitir ao leitor o acesso ao livro leva esse espaço a ser considerado de grande importância para a comunidade e para os leitores participantes desta pesquisa, apesar das suas limitações.

Não só o Farol da Educação de Codó é importante, mas sim todos os Faróis, pois eles garantem, ou deveriam garantir, livros para auxiliarem a comunidade em suas pesquisas e leituras¹³⁶.

Primeiramente, o Farol é importante porque tem alguns livros que o conteúdo é muito bom. Enfim, a pessoa se sente bem, porque o livro, ele abre a porta para o mundo, tem muitas coisas que a pessoa pode aprender com o livro. Enfim, o Farol é tudo isso, a biblioteca é muito importante em uma cidade, não só uma, mas várias¹³⁷.

¹³⁶ Entrevista realizada com um leitor do Farol em 9/12/2011.

¹³⁷ Entrevista realizada com um leitor do Farol em 12/12/2011.

Talvez a descoberta mais significativa desta investigação, do ponto de vista da leitura e da formação de leitores, tenha vindo do encontro com a professora e seus alunos-leitores no Farol de Codó. Mas aqui não importa muito o nome que designa o espaço. Trata-se de um espaço público de leitura apropriado por uma mediadora de leitura em sua prática docente; trata-se do uso escolar e extra-escolar que esses alunos-leitores fizeram/fazem dele. Enfim, uma “luz” no Farol! Enfim, uma “luz” dentro desse espaço, uma possibilidade real de exercício da cidadania.

Para Soares (2004), é necessário reconhecer que a distribuição equitativa da leitura é condição para uma plena democracia cultural; reconhecer também que os obstáculos a essa distribuição, isto é, à democratização da literatura, são fundamentalmente de natureza estrutural e econômica, ultrapassando, assim, os limites de nossas possibilidades como educadores, mas, por outro lado, obrigando-nos, como cidadãos, à luta contra a desigual distribuição dos bens simbólicos, entre eles, a leitura. Ainda segundo a autora,

A responsabilidade é que, reconhecendo que a leitura, particularmente a leitura literária, além de dever ser *democratizada*, é também *democratizante*; nós, os educadores comprometidos com a formação de leitores, devemos assumir essa formação não apenas como desenvolvimento de habilidades leitoras e de atitudes positivas em relação à leitura, mas também, talvez sobretudo, como possibilidade de democratização do ser humano, conscientes de que, em grande parte, somos o que lemos, e que não apenas lemos os livros, mas também somos lidos por eles. (SOARES, 2004, p.32)

Por fim, quero salientar que, para se pensar de forma consequente na formação de leitores no estado do Maranhão, a partir de espaços públicos de leitura, sejam eles bibliotecas públicas, bibliotecas escolares, Faróis da Educação, é necessário haver um olhar atento para as políticas públicas de constituição desses espaços e, principalmente, a elaboração, a implementação, o acompanhamento e o monitoramento dos projetos de formação de leitores, com foco na formação de mediadores de leitura. Além disso, e não menos fundamental, é necessária a garantia de um adequado funcionamento desses espaços, com acervos de qualidade e atualizados.

Finalizo este trabalho sublinhando que a experiência vivida me permitiu conhecer e aprender com pessoas que se dedicam e acreditam que é possível mudar o mundo através da leitura. Por isso, acabar aqui significa apenas terminar uma etapa deste trabalho de investigação acerca da formação de leitores no Maranhão, sendo necessárias inúmeras outras pesquisas para refletir/interpretar essa temática, considerando que a realidade dos espaços públicos de leitura, sejam bibliotecas públicas ou bibliotecas escolares, nessa região, ainda

estão aquém do esperado. Finalizar aqui, portanto, não significa por um fim às investigações, mas assumir o que diz a poetiza Cecília Meireles: “Tudo começa de novo, quando se acaba”.

O FAROL DA EDUCAÇÃO

Sabedoria é o que queremos
Mas como ela obter?
A você meu amigo dizemos
Vamos começar agora mesmo ler!

Estudantes vão e vem
Entra e saem
Procurando sempre alguém
Que um bom livro os trazem.

Ler é uma bela sensação
Que pode ser sentida e vivida
No Farol da Educação

Jan Cleide Fontes da Conceição
(aluna do IFMA de Codó)

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ABREU, Marcia (Org.). *Leitura no Brasil*. São Paulo: Mercado de Letras, 1995.
- _____. As variadas formas de ler. In PAIVA, Aparecida et al. (Orgs.). *No fim do século a diversidade: o jogo do livro infantil e juvenil*. Belo Horizonte: Autêntica, p. 121-132, 2003.
- ALBERTI, Verena. *Manual de História Oral*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2005.
- ALVES-MAZZOTTI, Alda Judith; GEWANDSZNAJDER, Fernando. *O método nas ciências naturais e sociais: pesquisa quantitativa e qualitativa*. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2004.
- ANDRADE, Ludimila Thomé de. *Professores Leitores e sua formação*. Belo Horizonte: Autêntica, 2007.
- ARAÚJO, Maria Jaqueline de Grammont Machado de. *Práticas de leitura na escola e nas famílias em meios populares*. Dissertação (Mestrado em Educação). Faculdade de Educação, Universidade Federal de Minas Gerais. Belo Horizonte: 1999.
- ARENA, Dagoberto Buim. Alunos, professores e bibliotecários: uma rede para ser construída. *Leitura: Teoria e Prática*, Campinas, n. 57, p. 10-17, ano 29, nov. 2011.
- BARTHES, Roland. *Elementos da Semiologia*. São Paulo: Cultrix, 1997.
- BATISTA, Aline Herbstrith. *Conceitos e critérios para a qualificação de Obras Raras da Biblioteca de Direito da Universidade Federal de Pelotas*. Dissertação (Memória Social e Patrimônio Cultural). Universidade Federal de Pelotas. Pelotas: 2012
- BATISTA, Antônio Augusto Gomes; GALVÃO, Ana Maria de Oliveira. *Leituras práticas, impressos, letramentos*. Belo Horizonte: Ática, 2002.
- BATTLES, Mathew. *A conturbada história das bibliotecas*. São Paulo: Planeta, 2003.
- BORTOLIN, Sueli; ALMEIDA JÚNIOR, Oswaldo Francisco de. Bibliotecário: um essencial mediador de leitura. In: SOUZA, Renata Junqueira de (Org.) *Biblioteca escolar e práticas educativas: o mediador em formação*. Campinas/São Paulo: Mercado de Letras, 2009.
- BOURDIEU, Pierre. *O poder simbólico*. Tradução: Fernando Tomaz. Rio de Janeiro: Bertrand do Brasil, 2007.
- BOURDIEU, Pierre; CHARTIER, Roger. A leitura: uma prática cultural. In: CHARTIER, Roger (Org.). *Práticas da leitura*. São Paulo: Estação liberdade, 2001.
- BRAGANÇA, Aníbal. *As políticas públicas para o livro e a leitura no Brasil: o Instituto Nacional do Livro (1937-1967)*. Disponível em:
<http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=143012791011>. Acesso em: 18/04/2013.

BRANCO, António. Da “leitura literária escolar” à “leitura escolar de/da literatura”: poder e participação. In: VERSIANI, Zélia et al. (Orgs.). *Leituras literárias: discursos transitivos*. Belo Horizonte: Autêntica, 2005.

CAMPELLO, Bernadete. *Biblioteca Escolar: conhecimentos que sustentam a prática*. Belo Horizonte: Autêntica, 2012.

CAMPELLO, Bernadete Santos; CALDEIRA, Paulo da Terra; ALVARENGA, Maura; SOARES, Laura Valadares de Oliveira. *Situação das bibliotecas escolares no Brasil: o que sabemos?* Ribeirão Preto, vol.1, p. 1-29, 2012.

CAMPELLO, Bernadete et al. (Orgs.). *Situação das bibliotecas escolares no Brasil: o que sabemos?*. Biblioteca. Escolar em Ribeirão, Ribeirão Preto, v. 1, n. 1, p. 1-29, 2012.

CÂNDIDO, Antônio. O direito à Literatura. In: *Vários escritos*. São Paulo: Duas cidades, 1995.

CASTRO, Cesar Augusto. *Leitura, impressos e cultura escolar*. São Luís: EDUFAMA, 2010.

CASTRO, Cesar Augusto; PINHEIRO, Ana Luiza Ferreira. Trajetória da biblioteca pública no Maranhão Provincial. *Revista Digital de Biblioteconomia e Ciência da Informação*, vol. 4, nº 1, 2006. Disponível em: <http://www.anped.org.br/reunioes/29ra/trabalhos/trabalho/GT05-2059--Int.pdf>. Acesso em: 13/4/2013

CASTRO, Cesar Augusto; SILVA, Diana Rocha da; CASTELLANOS, Samuel Luis Velázquez. A Biblioteca Pública do Maranhão como instituição educacional. *Perspectivas em Ciência da Informação*, vol.16, nº 3, p. 255-269, jul/set, 2011.

CERVO, Amado Luiz; BERVIAN, Pedro Alcino. *Metodologia científica*. São Paulo: Prentice Hall, 2002.

CÍCERO, Antônio. Guardar. In: MORICONI, Ítalo. *Os cem melhores poemas brasileiros do século*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

CHARTIER, Anne-Marie. *Leitura escolar: entre pedagogia e sociologia*. *Revista Brasileira de Educação*. Rio de Janeiro, n. 0, p. 17-52, set/out/nov/dez. 1995.

CHARTIER, Anne-Marie; HÉBRARD, Jean. *Discursos sobre a leitura: 1880-1980*. Tradução: Osvaldo Biato e Sérgio Bath. São Paulo: Ática, 1995.

CHARTIER, Roger. *A História Cultural: entre práticas e representações*. Tradução: Maria Manuela Galhardo. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1990b.

_____. *A ordem dos livros: leitores, autores e bibliotecas na Europa entre os séculos XIV e XVIII*. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1994.

_____. *A aventura do livro: do leitor ao navegador*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.

_____. *Práticas da Leitura*. Tradução: Cristiane Nascimento. São Paulo: Estação Liberdade, 2001.

_____. As revoluções da leitura no Ocidente. In: ABREU, Márcia (Org.). *Leitura, história e história da leitura*. Campinas, SP: Mercado das Letras: Associação da Leitura do Brasil; São Paulo: Fapesp, 2007.

_____. Uma trajetória intelectual: livros, leitura, literaturas. In: ROCHA, João Cezar de Castro (Org.). *Roger Chartier - A força das representações: história e ficção*. Chapecó, SC: Argos, 2011.

CHARTIER, Roger. As Práticas da Escrita. In: ARIÈS, Philippe; DUBY, Georges (Orgs.) *História da Vida Privada*. Porto: Afrontamento, v.3, 1990a, p.113-162.

CÍCERO, Antônio. Guardar. In: MORICONI, Ítalo. *Os cem melhores poemas brasileiros do século*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

COLOMBER, Teresa. *A formação do Leitor Literário*. São Paulo: Global, 2003.

_____. *Andar entre livros: a leitura literária na escola*. Tradução: Laura Sandroni. São Paulo: Global, 2007.

CONCEIÇÃO, Francisco Gonçalves. Impressos e cultura escolar: a formação dos leitores e a composição de espaços públicos. In: CASTRO, Cesar Augusto (Org.). *Leitura, Impressos e Cultura Escolar*. São Luís: EDUFMA, 2010.

COSSON, Rildo. *Letramento Literário: Teoria e Prática*. São Paulo: Contexto, 2006.

_____. A seleção de textos literários em três modos de ler. In: MACHADO, Maria Zélia Versiani et al. (Orgs.). *Escolhas (literárias) em jogo*. Belo Horizonte: Ceale; Autêntica, 2009.

COSTA, Cristiane Dias Martins. *Literatura premiada entra na escola? A presença dos livros premiados pela FNLIJ, na categoria criança, em bibliotecas escolares da Rede Municipal de Belo Horizonte*. Dissertação (Mestrado em Educação). Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais. Belo Horizonte: 2009.

COSTA, Keila Matida de Melo. *Espaços formais de leitura: histórias de bibliotecas*. Texto de qualificação (Doutorado em Educação). Faculdade de Educação da Universidade Federal de Goiás. Goiânia, 2012.

COSTA, Wagner Cabral da. *Sob o signo da morte: o poder oligárquico de Vitorino a Sarney*. São Luís: Edufma, 2006.

CRUZ NETO, Otávio. O trabalho de campo como descoberta e criação. In: MINAYO, Maria Cecília de Sousa (Org.). *Pesquisa social: teoria, método e criatividade*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994.

CRUZ, Vilma A. Gimenes da; WELFENS, Irma A. I. Lorenzo. Avaliação das bibliotecas escolares de 1º grau da cidade de Londrina. In: Congresso Brasileiro de Biblioteconomia e documentação. Associação Bibliotecária do Paraná, 1979. v. 2, p. 841-851.

DARNTON, Robert. *O beijo de Lamoriette: mídia, cultura e revolução*. Tradução: Denise Bottmann. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

_____. *O que é a história do livro?* Revisitado. *ArtCultura*, Uberlândia, v. 10, n. 16, p. 155-169, jan-jun. 2008. Disponível em: http://www.artcultura.inhis.ufu.br/PDF16/R_Darnton.pdf. Acesso em: 12/4/2013.

_____. *A questão dos livros: passado, presente e futuro*. Tradução: Daniel Pellizzari. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

DIAS, Maria de Fátima Semedo. *Bibliotecas escolares: história e actualidade*. Dissertação (Mestrado em Ciências da Educação). Universidade do Porto da Faculdade de Psicologia e de Ciência da Educação. Portugal: 2007.

DIONÍSIO, Maria de Lourdes. Literatura, leitura e escola. Uma hipótese de trabalho para a construção do leitor cosmopolita. In: VERSIANI, Zélia et al. (Orgs.). *Leituras literárias: discursos transitivos*. Belo Horizonte: Autêntica, 2005.

DUARTE, Emeide Nóbrega et al. Bibliotecas escolares no município de João Pessoa - Paraíba: diagnóstico. *Informação & Sociedade*, João Pessoa, v. 8, n. 1, p. 80-105, 1998. Disponível em: http://dci2.ccsa.ufpb.br:8080/jspui/bitstream/123456789/326/1/v8_n1_1998_8.pdf. Acesso em: 2/3/2013.

ECO, Umberto. *Não contem com o fim do livro*. Tradução: André Telles. Rio de Janeiro: Record, 2010.

_____. *A memória vegetal e outros escritos sobre bibliofilia*. Tradução: Joana Angélica D'Ávila. Rio de Janeiro: Record, 2011.

EVANGELISTA, Aracy Alves Martins. *Condições de construção de leitores alfabetizando: um estudo na escola e na família em meios populares*. Dissertação (Mestrado em Educação). Faculdade de Educação, Universidade Federal de Minas Gerais. Belo Horizonte: 1993.

FACHIN, Odília. *Fundamentos de Metodologia*. São Paulo: Saraiva, 2001.

FERNANDES, Carlos Renato. *Curitiba Brasil*. Curitiba: Peroxidos Brasil, 2007.

FURTADO, Cássia Cordeiro. *Farol da Educação: uma alternativa para bibliotecas escolares do Maranhão*, 1999. Disponível em: <http://www.gebe.eci.ufmg.br/downloads/109.pdf>. Acesso em: 7/6/2011.

GERALDI, J. W. *O texto na sala de aula: leitura e produção*. Cascavel: Assoeste, 1991.

GIROTTO, Cyntia Graziella Guizelim; SOUZA, Renata Junqueira de. A hora do conto na biblioteca escolar: o diálogo entre a leitura literária e outras linguagens. In: SOUZA, Renata Junqueira de (Orgs.). *Biblioteca escolar e práticas educativas: o mediador em formação*. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2009.

GOULEMOT, Jean Marie. *O amor às bibliotecas*. São Paulo: Editora Unesp, 2011.

GROTTA, E. C. B. *Processo de formação do leitor: relato e análise de quatro histórias de vida*. Dissertação (Mestrado em Educação). Faculdade de Educação, Unicamp, Campinas, 2002.

KOSELLECK, Reinhart. *Uma história dos conceitos: problemas teóricos e práticos*. Estudos Históricos. Rio de Janeiro, vol. 5, n° 10, 1992, p. 134-146

LAJOLO, Marisa. *Do mundo da Leitura para a leitura do mundo*. São Paulo: Ática, 2006.

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Maria de Andrade. *A metodologia científica*. São Paulo: Atlas, 1986.

LÁZARO, André. Prefácio. In: SANTOS, Fabiano dos; NETO, José Castilho Marques e ROSING, Tania M. K. (Orgs.). *Mediação de leitura: discussões e alternativas para a formação de leitores*. São Paulo: Global, p. 9-11, 2009.

LEITE, Sérgio Antonio da Silva. Afetividade e o processo de constituição do leitor. *Leitura: Teoria e Prática*, Campinas, n. 57, p. 38-47, ano 29, nov. 2011.

LÜDKE, Menga e ANDRÉ, Marli E. D. A. *Pesquisa em educação: abordagens qualitativas*. São Paulo: EPU, 1986.

MACHADO, Maria Zélia Versiani; MARTINS, Aracy Alves. Leitores “escolhedores” e práticas de seleção de livros da literatura. In: MACHADO, Maria Zélia Versiani *et al.* (Orgs.). *Escolhas (Literárias) em jogo*. Belo Horizonte: Autêntica, p. 7-18, 2009.

MACIEL, Francisca Izabel Pereira; MAIA, Soraia Gontijo. Bibliotecas comunitárias: espaço de mediação entre a criança e a cultura escrita. In: *Anais do 14º Congresso de Leitura do Brasil*, 2004. v. 1. Campinas: COLE, 2003.

MACIEL FILHO, Adalberto; AQUINO, Miriam Cunha. As bibliotecas escolares e públicas dos municípios mais industrializados de Pernambuco: uma visão comparativa. *Cadernos de Estudos Sociais*, Recife, v. 17, n. 2, p. 295-312, 2001. Disponível em: <<http://www.fundaj.gov.br/licitacao/bibliotecasescolares.pdf>>. Acesso em: 4/3/2013.

MADUREIRA, Maria Aparecida Ehlke. *A biblioteca escolar na rede estadual de ensino de 1º grau do Paraná: diagnóstico e avaliação*. 1985. 132 f. Dissertação (Mestrado em Biblioteconomia) – Departamento de Pós-Graduação em Biblioteconomia, PUC, Campinas, 1985.

MANGUEL, Alberto. *A biblioteca à noite*. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

MARANHÃO. SEDUC. SUBE. *Manual do auxiliar de biblioteca*. São Luís: SECUC, 2008.

MARINHO, Raimunda Ramos. *Luzes, leitura e biblioteca na Província do Maranhão*. In: IX Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação - ENANCIB. São Paulo: USP, vol. 1, 2008.

MARQUES, César Augusto. *Dicionário Histórico Geográfico da Província do Maranhão*. Rio de Janeiro. Companhia Editora Fon-Fon e Seleta, 1970.

MARTINS, Maria da Glória. *Bibliotecas escolares de João Pessoa: um estudo contrastivo a nível de escolas públicas e particulares*. 1983. 79 f. Dissertação (Mestrado em Biblioteconomia) – Curso de Mestrado em Biblioteconomia, UFPB, João Pessoa, 1983.

MARTINS, Wilson. *A palavra escrita: história do livro, da imprensa e da biblioteca*. São Paulo: Ática, 1996.

MATOS, Cristiane Rocha Farias. “*Farol da Educação*”: uma contribuição para o incentivo à leitura? 52 p. Monografia (Bacharel em Biblioteconomia). Departamento de Biblioteconomia, Universidade Federal do Maranhão, São Luís, 2010.

MEDEIROS, J. B. *Redação científica*. São Paulo: Atlas, 2005.

MEIHY, José Carlos Sebe Bom. *Manual de História Oral*. São Paulo: Edições Loyola, 2005.

MENDONÇA, Nadir Domingues. *O uso dos conceitos: uma questão de interdisciplinaridade*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994.

MILANESI, Luis. *Ordenar para desordenar: centros de cultura e bibliotecas públicas*. São Paulo: Brasiliense, 1986.

MOLLIER, Jean-Yves. *A leitura e seu público no mundo contemporâneo*. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

MOLLO, Gláucia; NÓBREGA, Maria José. Introdução. In: *Biblioteca escolar: que espaço é esse? Salto para o Futuro*. Ano XXI, Boletim 14, outubro de 2011.

MONTUANI, Daniela. Acervos de literatura chegam na escola? In: PAIVA, Aparecida (Org.). *Literatura fora da caixa: o PNBE na escola – distribuição, circulação e leitura*. São Paulo: Editora UNESP, 2012.

MORAES, Jomar. *Guia histórico da Biblioteca Benedito Leite*. São Luís: FUNC, 1970.

MORAES, Rubens Borba de. *Livros e bibliotecas no Brasil Colonial*. Rio de Janeiro: Livros Técnicos e científicos; São Paulo: Secretaria da Cultura, 1979.

MORAIS, Elaine da Cunha. *Biblioteca Escolar: práticas de leituras literárias e suas mediações*. Dissertação (Mestrado em Educação). Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte 2009.

NASCIMENTO, Aline Mendes; CASTRO FILHO, Cláudio Marcondes. Retrato das bibliotecas escolares da Rede Estadual de Ensino do Município de Ribeirão Preto - SP. *Biblionline*, João Pessoa, v. 3, n. 1, 2007. Disponível em: <<http://www.ies.ufpb.br/ojs2/index.php/biblio/article/viewFile/1496/1157>>. Acesso em: 3/4/2013

NECKY, Bárbara Jane. *Texto e imagem: um olhar sobre o livro infantil contemporâneo*. Dissertação (Mestrado em Design). Faculdade de Design do Departamento de Artes & Design do Centro de Teologia e Ciências Humanas, Pontifícia Universidade Católica. Rio de Janeiro: 2007.

PAIVA, Aparecida *et al.* (Orgs.). *A escolarização da leitura literária*. O Jogo do Livro Infantil e Juvenil. Belo Horizonte: Ceale; Autêntica, 1999.

_____. *Democratizando a leitura: pesquisas e práticas*. O Jogo do Livro Infantil e Juvenil. Belo Horizonte: Ceale; Autêntica, 2004.

_____. *Leituras Literárias: discursos transitivos*. O Jogo do Livro Infantil e Juvenil. Belo Horizonte: Ceale; Autêntica, 2005.

PAIVA, Jane; BERENBLUM, Andrea. *Programa Nacional Biblioteca da Escola (PNBE) - uma avaliação diagnóstica*. In: 30ª Reunião Anual da Anped: 30 anos de pesquisa e compromisso social, 2007, Caxambu/MG. 30ª Reunião Anual da Anped: 30 anos de pesquisa e compromisso social. Rio de Janeiro: Anped, 2007.

PAIVA, Aparecida; CORRÊA, Hércules Tolêdo; SOUZA, Renata Junqueira de. *Literatura e Ensino Médio: acervos, gêneros e práticas*. Campinas: Mercado das Letras, 2011.

PAIVA, Aparecida. A trama do acervo: a literatura nas bibliotecas escolares. In: SOUZA, Renata Junqueira de (Org.) *Biblioteca escolar e práticas educativas: o mediador em formação*. Campinas/São Paulo: Mercado de Letras, 2009.

PAIVA, Aparecida (Org.). *Literatura fora da caixa: o PNBE na escola: distribuição, circulação e leitura*. São Paulo: Editora UNESP, 2012.

PAULINO, Graça. Letramento literário: por vielas e alamedas. *Revista da FAGED*, Salvador, n.5, p. 117-125, 2001.

PENNAC, Daniel. *Como um romance*. Tradução: Leny Werneck. Rio de Janeiro: Rocco, 1997.

PERROTTI, Edmir. *Confinamento cultural, infância e leitura*. São Paulo: Summus, 1990.

PERUCCHI, Valmira. A importância da Biblioteca nas Escolas Públicas Municipais de Criciúma – Santa Catarina. *Revista ACB: Biblioteconomia em Santa Catarina*, Florianópolis, v. 4, n. 4, p. 80-97, 1999

PETIT, Michèle. *Os jovens e a leitura: uma nova perspectiva*. São Paulo: Editora 34, 2008.

POWERS, Alan. *Era uma vez uma capa: Alans Powers*. Trad. Otacílio Nunes. São Paulo: Cosac Naify, 2008.

QUEIROZ, Raimunda Augusta de. *Recursos de biblioteca das escolas de 1º e 2º graus da rede de ensino da região da Grande Vitória: diagnóstico da situação*. 1985. 134 f. Dissertação (Mestrado em Biblioteconomia)–Escola de Biblioteconomia, UFMG, Belo Horizonte, 1985.

QUEIRÓS, Bartolomeu Campos de. *Sobre ler, escrever e outros diálogos*. Júlio Abreu (org.) Belo Horizonte: Autêntica, 2012.

RAMOS, Flávia Brocchetto; PANOZZO, Neiva Senaide Petry. *Interação e mediação de leitura literária para a infância*. São Paulo: Global, 2011.

RIBEIRO, Vera Masagão (Org.). *Letramento no Brasil*. São Paulo: Global, 2004.

RIGOLETO, Ana Paula Cardoso; DI GIORGI, Cristiano Amaral Garboggini. Outros parceiros na biblioteca escolar: democratização e incentivo à leitura. In: SOUZA, Renata Junqueira de (Org.) *Biblioteca escolar e práticas educativas: o mediador em formação*. Campinas/São Paulo: Mercado de Letras, 2009.

RODRIGUEZ, Adalberto Diehl. *A biblioteca Pública no discurso científico: positividade ao longo da década (2001-2010)*. Dissertação (Mestrado em Comunicação e Informação). Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre: 2012.

SANTOS, Fabiano dos. Agentes de leitura: inclusão social e cidadania cultural. In: SANTOS, Fabiano dos; NETO, José Castilho Marques; ROSING, Tania M. K. (Orgs.). *Mediação de leitura: discussões e alternativas para a formação de leitores*. São Paulo: Global, 2009.

SANTOS, Fabiano dos; NETO, José Castilho Marques e ROSING, Tania M. K. (Org.). *Mediação de leitura: discussões e alternativas para a formação de leitores*. São Paulo: Global, 2009.

SANTOS, Caroline Cassiana Silva dos; SOUZA, Renata Junqueira de. Programas de leitura na biblioteca escolar: a literatura a serviço da formação de leitores. In: SOUZA, Renata Junqueira de (Org.) *Biblioteca escolar e práticas educativas: o mediador em formação*. Campinas/São Paulo: Mercado de Letras, 2009.

SANTOS, Machado Josiel. *Bibliotecas no Brasil: um olhar histórico*. Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação, Nova Série, São Paulo, v.6, n.1, p. 50-61, jan./jun. 2010.

SCHOLES, Robert. *Protocolos de leitura*. Lisboa: Edições 70, 1991.

SCHWARZ, Roberto. *Ao vencedor as batatas: forma literária e processo social nos inícios do romance brasileiro*. São Paulo: Duas Cidades; Editora 34, 2012.

SILVA, Ezequiel Theodoro da, O ato de ler: fundamentos psicológicos para uma nova pedagogia da leitura. 7. ed. São Paulo: Cortez, 1996.

_____. Elementos da pedagogia da leitura. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

SILVA, Santuza. *Práticas e possibilidades de leitura na escola*. Dissertação (Mestrado em Educação). Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais. Belo Horizonte: 1997.

SILVA, José Carlos Aragão. *Ser livre e ser escravo: memórias e identidades de trabalhadores maranhenses na região dos Cocais (1990-2008)*. Tese (Doutorado em História Cultural). Instituto de Ciências Humanas, Universidade de Brasília. Brasília: 2009a.

SILVA, Lílian Lopes Martin da; FERREIRA, Norma Sandra de Almeida; SCORSI, Rosalia de Ângelo. Formar leitores: desafios da sala de aula e da biblioteca escolar. In: SOUZA, Renata Junqueira de (Org.) *Biblioteca escolar e práticas educativas: o mediador em formação*. Campinas/São Paulo: Mercado de Letras, 2009.

SILVA, Rovilson José. Biblioteca escolar: organização e funcionamento. In: SOUZA, Renata Junqueira de (Org.) *Biblioteca escolar e práticas educativas: o mediador em formação*. Campinas/São Paulo: Mercado de Letras, 2009b.

SILVA, Waldeck Carneiro da. *Miséria da biblioteca escolar*. São Paulo: Cortez, 2003.

SILVEIRA, Marla de Ribamar Silva. *As novas bibliotecas públicas do Maranhão: diagnóstico das bibliotecas públicas municipais implantadas pelo Programa Livro*. Revista Digital Sapientia. v. 1, n° 1, agosto de 2010. Disponível em: <http://revistasapientia.inf.br/edicao1/arquivos/marla-09.pdf>. Acesso em: 10/4/2013.

SOARES, Magda Becker. *Letramento: um tema em três gêneros*. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 1998.

_____. A escolarização da Literatura Infantil e Juvenil. In: EVANGELISTA, Aracy et al. (Orgs.). *A escolarização da leitura literária: O Jogo do Livro Infantil e Juvenil*. Belo Horizonte: Autêntica, 1999, p. 17-48.

_____. *Linguagem e escola: uma perspectiva social*. São Paulo: Ática, 2002.

_____. *Letramento e escolarização*. In: RIBEIRO, Vera Masagão (Org.). *Letramento no Brasil: reflexões a partir do INAF 2001*. 2. ed. São Paulo: Global, 2003.

_____. As condições sociais da leitura: uma reflexão em contraponto. In: ZILBERMAN, Regina; SILVA, Ezequiel Theodoro da (Orgs.). *Leitura – Perspectivas interdisciplinares*. p. 18-29. São Paulo: Ática, 2005..

_____. O jogo das escolhas. In: MACHADO, Maria Zélia Versiani et al. (Orgs.). *Escolhas (literárias) em jogo*. Belo Horizonte: Ceale; Autêntica, 2009.

_____. Leitura e democracia cultural. In: Paiva et al (orgs.). *Democratizando a leitura: pesquisas e práticas*. Belo Horizonte: Ceale; Autêntica, 2004.

SOLÉ, Isabel. *Estratégias de leitura*. Tradução: Cláudia Schilling. Porto Alegre: Artmed, 1998.

SOUZA, Renata Junqueira (Org.). *Biblioteca escolar e práticas educativas*. Campinas, São Paulo: Mercado das Letras, 2009.

SOUZA, J. S. Z. *A mediação da família na constituição do leitor*. Trabalho de conclusão de curso (Pedagogia). Faculdade de Educação, Unicamp, Campinas, 2005.

SUAIDEN, Emir José. *Biblioteca Pública Brasileira: desempenho e perspectivas*. São Paulo: Lisa, Brasília: INL, 1980.

VIVEIROS, Jerônimo de. *Benedito Leite: um verdadeiro republicano*. São Paulo: Serviço de documentação, 1960.

VON SIMSON, Olga Rodriguez de Moraes (Org.). *Experimentos com História de vida (Itália-Brasil)*. São Paulo: Vértice, 1988.

ZAGO, Nadir; CARVALHO, Marília Pinto de; VILELA, Rita Amélia Teixeira (Orgs.). *Itinerários de Pesquisa: Perspectivas qualitativas em sociologia da educação*. Rio de Janeiro, DP&A editora, 2003.

ZATS, Lia. *Aventura da escrita: história do desenho que virou letra*. Belo Horizonte: Editora Moderna, 1991.

ZILBERMAN, Regina. O legado da literatura. In: SANTOS, Fabiano dos; NETO, José Castilho Marques e ROSING, Tania M. K. (Orgs.). *Mediação de leitura: discussões e alternativas para a formação de leitores*. São Paulo: Global, 2009.

ENTREVISTAS

ANDRADE, Adson André dos Santos de. Entrevista concedida a Cristiane Dias Martins da Costa. Codó – MA. Março, 2013.

CARVALHO, Ana Cláudia Ferreira. Entrevista concedida a Cristiane Dias Martins da Costa. Codó – MA. Maio, 2013.

CONCEIÇÃO, Jan Cleide Fontes da. Entrevista concedida a Cristiane Dias Martins da Costa. Codó – MA. Maio, 2013.

COSTA, Franciele Sousa. Entrevista concedida a Cristiane Dias Martins da Costa. Codó – MA. Março, 2013.

FERNANDA, Cynthia. Entrevista concedida a Cristiane Dias Martins da Costa. São Luís - MA. Novembro, 2011.

FERREIRA, Ana Vitória Rodrigues. Entrevista concedida a Cristiane Dias Martins da Costa. Codó – MA. Abril, 2013.

FUCHS, Margareth. Entrevista concedida a Cristiane Dias Martins da Costa. Curitiba – PN. Dezembro, 2011.

RIBEIRO, Adiel Tavares. Entrevista concedida a Cristiane Dias Martins da Costa. Codó – MA. Dezembro, 2012.

SILVA, Helis Augusto da. Entrevista concedida a Cristiane Dias Martins da Costa. Codó – MA. Março, 2013.

SITES

<http://bibliotecavirtual.sp.gov.br>. Acesso em: 10/4/2013; 12/3/2013 e 17/3/2013;

<http://www.loc.gov.br>. Acesso em: 14/4/2013.

<http://www.prefeitura.sp.gov.br/cidade/secretarias/cultura/bma/historico/index.php?p=7653>. Acesso em: 12/3/2013.

<http://www.bpp.pr.gov.br/modules/conteúdo/conteúdo.php?conteudo=3>. Acesso em: 12/3/2013

<http://www.abdl.com.br/noticias/index.php?noticia=272&titulo=Primeiro%20Censo%20Nacional%20Bibliotecas%20P%20FAblicas%20Municipais>. Acesso: 14/3/2012

http://www.artcultura.inhis.ufu.br/PDF16/R_Darnton.pdf. Acesso em: 12/4/2013.

<http://www.cultura.ma.gov.br/portal/bpbl>. Acesso em: 17/4/2013.

<http://www.cultura.ma.gov.br/portal/>. Acesso em: 17/4/2013.

<http://todospelaeducacao.org.br>. Acesso em: 23/04/2012.

<http://www.pnud.org.br/IDH/DH.aspx>. Acesso em 12/3/2013.

http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_content&id=210&Itemid=324. Acesso em 12/3/2013.

<http://www.rafaelgreca.org.br/blog1/?cat=5>. Acesso em: 25 de fev. 2012.

<http://www.rafaelgreca.org.br/blog1/?cat=20>. Acesso em: 13 de março de 2009.

<http://www.educacao.ma.gov.br/ExibirPagina.aspx?id=307>. Acesso em: 26/5/2013.

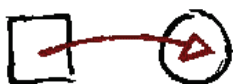
<http://www.blogdoacelio.com.br/01/educacao/paginas-de-codo-iii-professor-carmem-palacio-lago-carmita/>. Acesso em: 5/2/2013.

<http://educacao.ma.gov.br>. Acesso em: 25/9/2011.

<http://www.prolivro.org.br/ipl/publier4.0/dados/anexos/48.pdf>. Acesso em: 25/06/2012.

<http://www.pnud.org.br/IDH/DH.aspx>. Acesso em 12/3/2013.

<http://provabrasil.inep.gov.br/web/guest/basica-censo>. Acesso em 12/3/2014.



**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO:
Conhecimento e Inclusão Social da Faculdade de Educação da UFMG
Linha de Pesquisa: Educação e Linguagem**

ANEXO 1 - ROTEIRO ENTREVISTA SUPERVISORES FARÓIS

1 – DADOS PESSOAIS

1.1 Nome _____
E-mail _____ Telefone _____

1.2 Formação _____

1.3 Quanto tempo trabalha no Farol? _____

1.4 Carga horária de trabalho? _____

1.5 Atividades que você realiza? _____

1.6 Você já participou de algum tipo de capacitação para desenvolver o seu trabalho no Farol da Educação?
() Sim () Não () Não soube informar

Citar _____

1.7 Você pretende continuar trabalhando no Farol? () Sim () Não

2 FAROL DA EDUCAÇÃO

2.1 Horário de funcionamento?

() Manhã _____ () Tarde _____ () Noite _____
() Horário integral () Fecha nos intervalos

2.2 Você saberia relatar a construção do projeto Farol da Educação?

2.3 Qual o maior objetivo do projeto Farol da Educação, em sua opinião?

2.4 Você acredita que ele está atingindo os seus objetivos? () Sim () Não

Justifique sua resposta _____

2.5 Quais são os critérios para contratar as pessoas que trabalham nos faróis?

2.6 Quais são as atividades desenvolvidas pelos estagiários?

<input type="checkbox"/> Auxiliar na pesquisa e na consulta local
<input type="checkbox"/> Fornecer ao usuário várias fontes bibliográficas
<input type="checkbox"/> Auxiliar a pesquisa na internet
<input type="checkbox"/> Realizar o controle de frequência diária
<input type="checkbox"/> Realizar intercâmbio com escolas e entidades da comunidade
<input type="checkbox"/> Realizar o cadastro para retirada da carteira do usuário
<input type="checkbox"/> Efetuar os serviços de empréstimo domiciliar, renovação e devolução dos materiais emprestados
<input type="checkbox"/> Planejar periodicamente, com o supervisor, atividades para a dinamização da biblioteca
<input type="checkbox"/> Realizar dinâmicas de leitura na biblioteca
<input type="checkbox"/> Elaborar as estatísticas de consulta, frequência e empréstimos
<input type="checkbox"/> Elaborar relatório das atividades realizadas na biblioteca
<input type="checkbox"/> Outras: _____

2.7 Quais são as maiores dificuldades encontradas para a realização efetiva do projeto?

2.8 Como funcionam o atendimento dos faróis às escolas públicas, particulares e comunidade

2.9 Você considera que os faróis possuem estrutura física para armazenar todos os livros?

Sim Não

3.0 Em relação a estrutura física para receber alunos e professores, o espaço é suficiente?

Sim Não

3.1 Quais são as ações realizadas pelo Farol da Educação previstas pelo projeto?

ATIVIDADES	PERIODICIDADE	RESPONSÁVEL
<input type="checkbox"/> Hora do conto		
<input type="checkbox"/> Farol folia		
<input type="checkbox"/> Colônia de férias		
<input type="checkbox"/> Clube de leitura		
<input type="checkbox"/> Encontro Mágico		
<input type="checkbox"/> Quinzena do livro infantil e juvenil		
<input type="checkbox"/> Arraial da leitura		
<input type="checkbox"/> Semana da criança		
<input type="checkbox"/> Feira do conhecimento		
<input type="checkbox"/> Trenó da leitura		
<input type="checkbox"/> Ação Social		
<input type="checkbox"/> Concursos		
<input type="checkbox"/> Exposições		
<input type="checkbox"/> Mural de notícias		
<input type="checkbox"/> Bazar de trocas		
<input type="checkbox"/> Sessão de vídeos		
<input type="checkbox"/> Palestras e debates		
<input type="checkbox"/> Gincana cultural		
<input type="checkbox"/> Outras _____		

3.2 Como e quem realiza o monitoramento, ou seja, a supervisão das atividades?

3.3 Existem alguma divulgação das atividades do Farol nas escolas? () Sim () Não

Quem realiza esta atividade? _____

Periodicidade? _____

Como acontece este evento? _____

3.4 O Farol possui uma agenda pré-estabelecida de atividades? () Sim () Não

Se a resposta for afirmativa, descreva as atividades no quadro abaixo.

	Segunda	Terça	Quarta	Quinta	Sexta	Sábado	Domingo
Manhã							
Tarde							
Noite							

3.5 Quem realiza as atividades desenvolvidas pelo Farol da educação?

3.6 Qual a relação dos faróis com a comunidade?

3.7 Os faróis têm autonomia para realizar suas próprias atividades?

3.8 Qual acervo do Farol da Educação?

3.9 Quem se encarrega da tarefa de escolher e/ou comprar os livros que compõem este acervo?

4.0 Quais critérios de escolha são utilizados?

4.1 O Farol possui recursos próprios para a compra de livros?

4.2 Como funciona a tabela de classificação por cores dos livros?

4.3 Qual o número de acesso de visitantes por mês?

MÊS	ACESSO	ATIVIDADES
Janeiro		
Fevereiro		
Março		
Abril		
Maio		
Junho		
Julho		
Agosto		
Setembro		
Outubro		
Novembro		
Dezembro		

5.0 EXPECTATIVAS DO FAROL DA EDUCAÇÃO

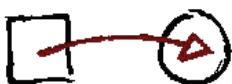
5.1 Qual a sua avaliação em relação ao funcionamento do Farol?

() ótimo () bom () regular () ruim

5.2 O Farol atinge seu objetivo de auxiliar as bibliotecas escolares? () Sim () Não

Se a resposta for negativa, explique o motivo _____

5.3 Você gostaria de acrescentar mais alguma informação que considere importante?



PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO:
Conhecimento e Inclusão Social da Faculdade de Educação da UFMG
Linha de Pesquisa: Educação e Linguagem

ANEXO 2 - ROTEIRO ENTREVISTA AUXILIARES FARÓIS

1 – DADOS PESSOAIS

1.1 Nome _____

E-mail _____ Telefone _____

1.2 Formação _____

1.3 Cargo que ocupa no Farol da Educação?

() Diretor () Bibliotecário () Estagiário

() Supervisor () Auxiliar de biblioteca () Outro

1.4 Quanto tempo trabalha no Farol? _____

1.5 Carga horária de trabalho? _____

1.6 Quais atividades você realiza?

() Auxiliar na pesquisa e na consulta local
() Fornecer ao usuário várias fontes bibliográficas
() Auxiliar a pesquisa na internet
() Realizar o controle de frequência diária
() Realizar intercâmbio com escolas e entidades da comunidade
() Realizar o cadastro para retirada da carteira do usuário
() Efetuar os serviços de empréstimo domiciliar, renovação e devolução dos materiais emprestados
() Planejar periodicamente, com o supervisor, atividades para a dinamização da biblioteca
() Realizar dinâmicas de leitura na biblioteca
() Elaborar as estatísticas de consulta, frequência e empréstimos
() Elaborar relatório das atividades realizadas na biblioteca
() Outras: _____

1.7 Como foi o processo de seleção para trabalhar no Farol?

1.8 Você já participou de algum tipo de capacitação oferecido pelo gerência dos faróis para desenvolver o seu trabalho no Farol da Educação?

() Sim () Não () Não soube informar

Citar _____

1.8.1 Quem arca com os recursos para a realização do curso?

() Gerência dos Faróis (São Luís) () Município () Próprio auxiliar

1.9 Você já leu o Manual do Auxiliar de Biblioteca? () Sim () Não

Como tomou conhecimento deste material? _____

2.0 Qual a periodicidade para reunir com o supervisor?

2.1 Você se considera capacitado para trabalhar no Farol da Educação? () Sim () Não

2.2 Você pretende continuar trabalhando no Farol da Educação? () Sim () Não

3 FAROL DA EDUCAÇÃO

3.1 Qual o maior objetivo do projeto Farol da Educação, em sua opinião?

3.2 Você acredita que ele está atingindo os seus objetivos? () Sim () Não

Justifique sua resposta _____

3.3 Quais são as dificuldades encontradas para a realização efetiva do funcionamento do Farol?

3.4 Como funcionam o atendimento dos faróis às escolas públicas, particulares e comunidade

3.5 Horário de funcionamento?

() Manhã _____ () Tarde _____ () Noite _____

() Horário integral () Fecha nos intervalos

3.6 Você considera que os faróis possuem estrutura física para armazenar todos os livros? () Sim () Não

3.7 Em relação a estrutura física para receber alunos e professores, o espaço é suficiente? () Sim () Não

3.8 Quais são as ações realizadas pelo Farol da Educação previstas pelo projeto

ATIVIDADES	PERIODICIDADE	RESPONSÁVEL
() Hora do conto		
() Farol folia		
() Colônia de férias		
() Clube de leitura		
() Encontro Mágico		
() Quinzena do livro infantil e juvenil		
() Arraial da leitura		
() Semana da criança		
() Feira do conhecimento		
() Trenó da leitura		
() Ação Social		
() Concursos		
() Exposições		
() Mural de notícias		
() Bazar de trocas		
() Sessão de vídeos		
() Palestras e debates		
() Gincana cultural		

() Outras _____

3.9 O Farol possui uma agenda pré-estabelecida de atividades? () Sim () Não

4.0 Existem alguma divulgação das atividades do Farol nas escolas? () Sim () Não

Quem realiza esta atividade _____

Periodicidade? _____

Como acontece este evento? _____

4.1 Qual a relação dos faróis com a comunidade?

4.2 Os faróis têm autonomia para realizar suas próprias atividades?

4.3 Qual acervo presente no Farol?

4.4 Quem se encarrega da tarefa de escolher e/ou comprar os livros que compõem este acervo?

4.6 Quais critérios de escolha são utilizados?

4.7 Como funciona a tabela de classificação por cores dos livros?

5.0 EXPECTATIVAS DO FAROL DA EDUCAÇÃO

5.1 Qual a sua avaliação em relação ao funcionamento do Farol?

() ótimo () bom () regular () ruim

5.2 O Farol continua a atingir seu objetivo de auxiliar as bibliotecas escolares?

() Sim () Não

Se a resposta for negativa, explique o motivo _____

5.3 Você gostaria de acrescentar mais alguma informação que considere importante?



PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO:
Conhecimento e Inclusão Social - Faculdade de Educação da UFMG
Linha de Pesquisa: Educação e Linguagem

**ANEXO 3 – FORMULÁRIO APLICADO AOS PROFISSIONAIS DAS ESCOLAS DE CODÓ
 COM BIBLIOTECA E/OU SALA DE ELEITURA**

1 – DADOS PESSOAIS

1.1 Nome: _____
 E-mail: _____ Telefone: _____

1.2 Formação:
 Ensino Médio _____ Graduação _____
 Especialização _____ Pós-graduação _____
 Curso em andamento _____ Concluído _____

1.3 Cargo que ocupa na escola: _____

1.4 Há quanto tempo trabalha na escola: _____

2 – DADOS DA ESCOLA

2.1 Nome da escola: _____
 Endereço: _____ Telefone: _____
 Dependência: estadual municipal federal
 Localização: rural urbana

2.2 A escola atende:
 Educação Infantil Ensino Fundamental 1° e 2° ciclos (1ª a 4ª série) EJA
 Ensino Médio Ensino Fundamental 3° ciclo (5ª a 8ª série)

2.3 Sua escola possui projeto político pedagógico: Sim Não Não soube informar

2.4 As quais turnos atende: Manhã Tarde Noite

3 – DADOS DA BIBLIOTECA E/OU SALA DE LEITURA

3.1 A escola possui biblioteca: Sim Não

3.2 A escola possui sala de leitura: Sim Não

3.3 Qual o número de livros que constitui o acervo da biblioteca ou sala de leitura: _____

3.4 Qual o ano da inauguração: biblioteca sala de leitura

3.5 Qual horário de funcionamento da biblioteca e/ou sala de leitura: _____

3.6 Qual o local da biblioteca e/ou sala de leitura:
 espaço próprio destinado adaptação de uma sala de aula
 outro _____

3.7 A escola possui algum profissional responsável pela biblioteca e/ou sala de leitura: () Sim () Não
Caso a resposta seja positiva, qual profissional?

() Bibliotecário(a) () Aux. de biblioteca () Professor(a) () Estagiário(a)
() Outro: _____

3.8 Existe algum curso, alguma formação para o trabalho na biblioteca/sala de leitura: () Sim () Não

3.9 Qual a participação da biblioteca nas atividades da escola?

4.0 Existem visitas dos alunos à biblioteca e/ou sala de leitura: () Sim () Não

Qual a periodicidade: () semanalmente () mensalmente () raramente () outro _____

4.1 Há empréstimos do livro para os alunos: () Sim () Não

Caso a resposta seja positiva, como se realiza os empréstimos: _____

4.1 Existe um sistema de catalogação dos livros: () Sim () Não

4.2 Quais tipos de materiais compõem o acervo da biblioteca e/o sala de leitura:

() literários () didáticos () referências () revistas () jornais () DVDs
() outros _____

Saberia dizer, mais ou menos, quantos exemplares compõem o acervo e a proporção de livros de literatura?

4.3 Em relação ao acervo existente na biblioteca, como foi constituído:

() livros distribuídos pelo Governo Federal () compra da escola () doação () outro _____

4.4 Conte-nos o que você sabe sobre a aquisição de livros para a biblioteca. Por exemplo: a escola possui recurso próprio para a compra: () Sim () Não

4.5 Quem se encarrega da tarefa e escolher e/ou comprar os livros que compõem o acervo da biblioteca?

4.6 Quais critérios de escolha são utilizados?

5 – DADOS SOBRE MEDIAÇÃO DE LEITURA

5.1 Quais as principais atividades desenvolvidas com os alunos na biblioteca escolar? Quem as desenvolve?

5.2 Você poderia relatar alguma experiência significativa de leitura literária que tenha ocorrido na escola? (em especial, na biblioteca ou sala de leitura)

5.3 Você ou algum profissional da biblioteca já participou ou participa de projeto integrado com outros professores da escola? Poderia citar algum?

5.4 Gostaria de acrescentar alguma informação sobre esse processo de constituição do acervo?

SOBRE O PROGRAMA NACIONAL DE BIBLIOTECA DA ESCOLA - PNBE

6.0 Você conhece o Programa Nacional Biblioteca da Escola (PNBE) e tem informações gerais sobre sua presença na biblioteca em que atua. () Sim () Não () Não soube informar
Em caso afirmativo, como tomou conhecimento? _____

6.1 Os livros das duas últimas edições do Programa (PNBE/20011 e PNBE/20012), chegaram à escola?

1º e 2º ciclos (PNBE/2012) () Sim () Não () Não soube informar

OBS.: _____

2º e 3º ciclos (PNBE/2011) () Sim () Não () Não soube informar

OBS.: _____

Atenção: Dependendo da resposta, vocês deverão identificar, na escola, o profissional que possua informações sobre PNBE

6.2 Existe algum trabalho realizado pelos professores e/ou profissionais que atuam na biblioteca com os livros recebidos pelo PNBE? () Sim () Não () Não soube informar

Em caso afirmativo, descreva a atividade realizada? _____

SOBRE O FAROL DA EDUCAÇÃO DE CODÓ

7. A escola utiliza o espaço do Farol da Educação? () Sim () Não

Caso a resposta seja positiva, qual a frequência? () semanalmente () mensalmente () anualmente
() outro _____

7.1 A escola conhece as atividades realizadas no Farol? () sim () não

Caso a resposta seja positiva, quais são as atividades?

7.2 Quais atividades gostaria que o Farol desenvolvesse?

7.3 Você considera o Farol importante para a escola? () Sim () Não

Explique o motivo da resposta

7.4 Você gostaria de acrescentar mais alguma informação que considere importante?

8. DADOS DO PESQUISADOR

Nome: _____ Email: _____

Telefone: _____ Data da entrevista: ____ / ____ / ____ Turno: _____

OBSERVAÇÃO IMPORTANTE

Faça uma breve descrição do espaço da biblioteca e/ ou sala de leitura (tamanho, equipamentos, acervo, número de mesas e estantes, organização dos livros e, fotografar o espaço). Todas as informações sobre a biblioteca e a sala de leitura são importantes: A biblioteca, sala ou canto de leitura conta com acervo organizado, ambiente agradável, arejado, iluminado e bonito? Qualquer pessoa (aluno, professor, funcionário, pai ou mãe) pode frequentar a biblioteca ou ter acesso aos livros da escola? Havia estudantes utilizando a biblioteca/sala de leitura durante a entrevista?



PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO:
Conhecimento e Inclusão Social - Faculdade de Educação da UFMG
Linha de Pesquisa: Educação e Linguagem

**ANEXO 4 – FORMULÁRIO APLICADO AOS PROFISSIONAIS DAS ESCOLAS DE CODÓ
SEM BIBLIOTECA E/OU SALA DE ELEITURA**

1 – DADOS PESSOAIS

1.1 Nome: _____
E-mail: _____ Telefone: _____

1.2 Formação:
 Ensino Médio _____ Graduação _____
 Especialização _____ Pós-graduação _____
 Curso em andamento _____ Concluído _____

1.3 Cargo que ocupa na escola: _____

1.4 Há quanto tempo trabalha na escola: _____

2 – DADOS DA ESCOLA

2.1 Nome da escola: _____
Endereço: _____ Telefone: _____
Dependência: estadual municipal federal
Localização: rural urbana

2.2 A escola atende:
 Educação Infantil Ensino Fundamental 1º e 2º ciclos (1ª a 4ª série) EJA
 Ensino Médio Ensino Fundamental 3º ciclo (5ª a 8ª série)

2.3 Sua escola possui projeto político pedagógico: Sim Não Não soube informar

2.4 As quais turnos atende: Manhã Tarde Noite

3 – DADOS DA LOCALIZAÇÃO DOS LIVROS

3.1 A escola possui biblioteca: Sim Não

3.2 A escola possui sala de leitura: Sim Não
Caso as respostas acima sejam negativas, existe algum espaço destinado aos livros Sim Não

3.3 Em relação aos livros existente na escola, como foi adquirido:
 livros distribuídos pelo Governo Federal compra da escola doação outro _____

3.4 Quais materiais compõem o acervo da escola:
 literários didáticos referências revistas jornais DVDs
 outros _____

3.5 Descreva o espaço destinado aos livros (FOTO):

3.6 A escola possui algum profissional responsável pelos livros da escola: () Sim () Não

Caso a resposta seja positiva, qual profissional?

() Bibliotecário(a) () Aux. de biblioteca () Professor(a) () Estagiário(a)

() Outro: _____

3.7 Há empréstimos de livros para os alunos: () Sim () Não

Caso a resposta seja positiva, como se realiza os empréstimos: _____

3.8 Conte-nos o que você sabe sobre a aquisição de livros para a escola. Por exemplo: a escola possui recurso próprio para a compra: () Sim () Não

3.9 Quem se encarrega da tarefa e escolher e/ou comprar os livros que compõem o acervo da escola?

4.0 Quais critérios de escolha são utilizados?

5 –MEDICAÇÃO DA LEITURA

5.1 Quais as principais atividades desenvolvidas com os alunos na biblioteca escolar? Quem as desenvolve?

5.2 Você poderia relatar alguma experiência significativa de leitura literária que tenha ocorrido na escola? (em especial, na biblioteca)

5.3 Você ou algum profissional da biblioteca já participou ou participa de projeto integrado com outros professores da escola? Poderia citar algum?

5.4 Gostaria de acrescentar alguma informação sobre esse processo de constituição do acervo?

PROGRAMA NACIONAL DE BIBLIOTECA DA ESCOLA - PNBE

6.0 Você conhece o Programa Nacional Biblioteca da Escola (PNBE) e tem informações gerais sobre sua presença na biblioteca em que atua.

Sim Não Não soube informar

Em caso afirmativo, como tomou conhecimento? _____

6.1 Os livros das duas últimas edições do Programa (PNBE/20011 e PNBE/20012), chegaram à escola?

1º e 2º ciclos (PNBE/2012) Sim Não Não soube informar

OBS.: _____

2º e 3º ciclos (PNBE/2011) Sim Não Não soube informar

OBS.: _____

ATENÇÃO: Dependendo da resposta, vocês deverão identificar, na escola, o profissional que possua informações sobre PNBE

6.2 Existe algum trabalho realizado pelos professores e/ou profissionais que atuam na biblioteca com os livros recebidos pelo PNBE? Sim Não Não soube informar

Em caso afirmativo, descreva a atividade realizada?

FAROL DA EDUCAÇÃO DO MARANHÃO

7.0 A escola utiliza o espaço do Farol da Educação?

Sim Não

Caso a resposta seja positiva, qual a frequência? semanalmente mensalmente anualmente

outro _____

7.1 A escola conhece as atividades realizadas no Farol? sim não

Caso a resposta seja positiva, quais são as atividades?

7.2 Quais atividades gostaria que o Farol desenvolvesse?

7.3 Você considera o Farol importante para a escola? Sim Não

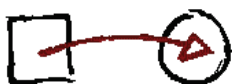
Caso a resposta seja positiva, explique o motivo _____

7.4 Você gostaria de acrescentar mais alguma informação que considere importante?

8. DADOS DO PESQUISADOR

Nome: _____ Email: _____
Telefone: _____ Data da entrevista: ____/____/____ Turno: _____

OBSERVAÇÃO IMPORTANTE - Faça uma breve descrição do espaço da biblioteca e/ ou sala de leitura (tamanho, equipamentos, acervo, número de mesas e estantes, organização dos livros e, se possível, fotografar o espaço). Todas as informações sobre a biblioteca e a sala de leitura são importantes: A biblioteca, sala ou canto de leitura conta com acervo organizado, ambiente agradável, arejado, iluminado e bonito? Qualquer pessoa (aluno, professor, funcionário, pai ou mãe) pode freqüentar a biblioteca ou ter acesso aos livros da escola? Havia estudantes utilizando a biblioteca/sala de leitura durante a entrevista?



**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO:
Conhecimento e Inclusão Social da Faculdade de Educação da UFMG
Linha de Pesquisa: Educação e Linguagem**

ANEXO 5 - ROTEIRO ENTREVISTA LEITORES

Nome: _____
Endereço: _____
Telefone: _____ E-mail: _____

Bloco 1 – Informações pessoais

Nome, endereço, idade, onde estuda, alguma forma de contato

Com quem mora, tem pais, irmãos, quem estuda/estudou

Quem incentivou a leitura, como aprendeu a ler

Bloco 2 – Interesse pela leitura

O que entende por leitura e qual a sua importância na sua vida

Onde e com quem o aluno/leitor aprendeu a gostar de ler. O que gosta de ler e quais livros procura no farol.

Fazer um mapeamento da procura (induzida ou espontânea)

Diferenciação entre leitura escolar e leitura espontânea

Crterios e motivo das escolhas de um livro

Bloco 3 – Dados relacionados ao farol

Como tomou conhecimento do farol, há quanto tempo o frequenta, em quais horários e com que frequência;

Identificar as razões pelas quais o aluno/leitor frequenta o farol e quais são as atividades que realiza no espaço;

Verificar se já participou de alguma atividade proporcionada pelo Farol, como ficou sabendo

O leitor está satisfeito com o farol (espaço físico, atendimento, acervo)

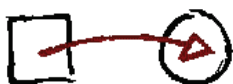
Verificar a importância do farol para o leitor

Bloco 4 – Dados relacionados à comunidade

Buscar saber se conhece outros espaços de leitura existem na cidade e se também utiliza

Quais os motivos da escolha pelo Farol

Verificar a importância do farol para a comunidade



**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO:
Conhecimento e Inclusão Social da Faculdade de Educação da UFMG
Linha de Pesquisa: Educação e Linguagem**

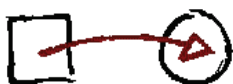
ANEXO 6 - ROTEIRO ENTREVISTA PROFESSORA

Nome: _____
Endereço: _____
Telefone: _____ E-mail: _____

ROTEIRO ENTREVISTA

1. Quem é a Ana Cláudia?
2. Apresente as lembranças marcantes da sua vida na Educação Infantil, Ensino Fundamental e Médio.
Cite o nome das escolas.
3. Qual a formação dos seus pais?
4. O que entende por leitura e qual a sua importância na sua vida?
5. Onde e com quem aprendeu a gostar de ler.
6. O que gosta de ler?
7. Cite alguns livros que leu?
8. Aponte critérios e motivos das escolhas de um livro.
9. Como foi a tua escolha profissional?
10. Por que escolheu ser professora?
11. Quais eram as suas expectativas em relação ao curso de pedagogia?
12. Quais foram os teus professores mais marcantes?
13. Como caracteriza a formação que recebeu na graduação?
14. Qual curso participa nos finais de semana?

15. Por que escolheu fazer o curso?
16. Qual a contribuição desse curso na sua vida profissional?
17. Quanto tempo está atuando no magistério?
18. Quais são as escolas que está ministrando aulas?
19. Apresente o trabalho que está realizando em cada uma das escola?
20. Em relação ao trabalho de leitura realizado na escola Governador Archer, gostaria de saber como surgiu a ideia?
21. Alguém te incentivou a realizar esse trabalho com a leitura?
22. Descreva o trabalho realizado com os alunos que têm como culminância a produção de um livro.
23. Qual a sua avaliação em relação ao seu trabalho?
24. Em sua opinião, quais são os efeitos do seu trabalho de incentivo à leitura nos seus alunos?
25. Como tomou conhecimento do Farol da Educação de Codó?
26. Há quanto tempo o frequenta o Farol, em quais horários e com que frequência?
27. Quais atividades vêm desenvolvendo com seus alunos no Farol?
28. Você já participou de alguma atividade proporcionada pelo Farol, como ficou sabendo?
29. Qual sua opinião em relação ao espaço físico, atendimento e acervo do Farol?
30. Qual a importância do farol para a comunidade
31. Diante de todas as atividades que têm realizado, como qualifica o seu tempo livre para ficar com sua família e para o lazer?
32. Gostaria de fazer alguma informação?



**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO:
Conhecimento e Inclusão Social da Faculdade de Educação da UFMG
Linha de Pesquisa: Educação e Linguagem**

ANEXO 7 - ROTEIRO ENTREVISTA COORDENAÇÃO FARÓIS

1 – DADOS PESSOAIS

1.1 Nome _____

E-mail _____ Telefone _____

1.2 Formação _____

1.3 Cargo que ocupa no Farol da Educação? _____

2.4 Quanto tempo trabalha no Farol? _____

2.5 Carga horária de trabalho? _____

2.6 Atividades que você realiza? _____

2.7 Você já participou de algum tipo de capacitação para desenvolver o seu trabalho no Farol da Educação?

() Sim () Não () Não soube informar

Citar _____

3 HISTÓRICO FAROL DA EDUCAÇÃO

3.1 Relate a construção do projeto Farol da Educação do Maranhão.

3.2 Qual a relação com o Farol do Saber de Curitiba?

3.3 Você poderia pontuar algumas diferenças dos dois projetos?

3.4 Qual o maior objetivo do projeto Farol da Educação, na sua opinião?

3.5 Você acredita que ele está atingindo os seus objetivos? () Sim () Não

Justifique sua resposta _____

3.6 Quais são os critérios para contratar as pessoas que trabalham nos faróis

3.7 Quais são as maiores dificuldades encontradas para a realização efetiva do projeto

3.8 Quantos faróis existem no Maranhão _____

3.9 Como funcionam o atendimento dos faróis às escolas públicas, particulares e comunidade

4.0 Todos os faróis possuem o mesmo horário de funcionamento? () Sim () Não

() Manhã _____ () Tarde _____ () Noite _____

() Horário integral () Fecha nos intervalos

4.1 Você considera que os faróis possuem estrutura física para armazenar todos os livros? () Sim () Não

4.2 Em relação a estrutura física para receber alunos e professores, o espaço é suficiente? () Sim () Não

4.3 Quais são as ações realizadas pelo Farol da Educação previstas pelo projeto

() O encontro mágico

() Colônia de férias

() Farol folia

() Natal com leitura

() Outras _____

4.4 O Farol possui uma agenda pré-estabelecida de atividades? () Sim () Não

Se a resposta for afirmativa, descreva as atividades no quadro abaixo.

	Segunda	Terça	Quarta	Quinta	Sexta	Sábado	Domingo
Manhã							
Tarde							
Noite							

4.5 Qual a relação dos faróis com a comunidade?

4.6 Os faróis têm autonomia para realizar suas próprias atividades

4.7 Qual acervo distribuído presentes nos faróis no ato da inauguração

4.8 Quem se encarrega da tarefa de escolher e/ou comprar os livros que compõem este acervo?

4.9 Quais critérios de escolha são utilizados?

5.0 O Farol possui recursos próprios para a compra de livros?

6.0 DADOS FAROÍIS DA EDUCAÇÃO

URE I - AÇAILÂNDIA	Farol	Ano	Esc. Municipais	Esc. Estaduais
1. Açailândia				
2. Itinga do Maranhão				
3. São Francisco do Brejão				
4. Bom Jesus das Selvas				
5. Cidelândia				
6. Vila Nova dos Martírios				
7. São Pedro da Água Branca				
8. Buriticupu				
URE II – BACABAL	Farol	Ano	Esc. Municipais	Esc. Estaduais
1. Bacabal				
2. São Luiz Gonzaga do MA				
3. Lago Verde				
4. Conceição do Lago Açu				
5. Bom Lugar				
6. Olho D'Água das Cunhas				
7. Vitorino Freire				
8. Altamira do Maranhão				
9. Brejo de Areia				
10. Paulo Ramos				
11. Marajá do Sena				
URE III – BALSAS	Farol	Ano	Esc. Municipais	Esc. Estaduais
1. Balsas				
2. São João dos Crentes				
3. Carolina				
4. Riachão				
5. Fortaleza dos Nogueiras				

6. Nova Colinas				
7. Alto Parnaíba				
8. Tasso Fragoso				
9. Feira Nova do Maranhão				
10. São Rdo das Mangabeiras				
11. Sambaíba				
12. Loreto				
13. São Félix de Balsas				
14. Formosa da Serra Negra				
URE IV – BARRA DO CORDA	Farol	Ano	Esc. Municipais	Esc. Estaduais
1. Barra do Corda				
2. Fernando Falcão				
3. Jenipapo dos Vieiras				
4. Grajaú				
5. Arame				
6. Itaipava do Grajaú				
7. Tuntum				
8. Sítio Novo				
URE V – CAXIAS	Farol	Ano	Esc. Municipais	Esc. Estaduais
1. Caxias				
2. Aldeias Altas				
3. Duque Bacelar				
4. Coelho Neto				
5. Afonso Cunha				
6. São João do Sóter				
URE VI - CHAPADINHA	Farol	Ano	Esc. Municipais	Esc. Estaduais
1. Chapadinha				
2. Mata Roma				
3. Anapurus				
4. Brejo				
5. Milagres do Maranhão				
6. Santa Quitéria do Maranhão				
7. São Bernardo				
8. Magalhães de Almeida				
9. Santana do Maranhão				
10. Araiases				

11. Água Doce				
12. Tutóia				
13. Paulino Neves				
14. Buriti				
URE VII – CODÓ	Farol	Ano	Esc. Municipais	Esc. Estaduais
1. Codó				
2. São Mateus				
3. Alto Alegre do Maranhão				
4. Peritoró				
5. Coroatá				
6. Timbiras				
URE VIII - IMPERATRIZ	Farol	Ano	Esc. Municipais	Esc. Estaduais
1. Imperatriz				
2. João Lisboa				
3. Senador La Rocque				
4. Buritirana				
5. Amarante do Maranhão				
6. Davinópolis				
7. Governador Edison Lobão				
8. Montes Altos				
9. Governador Ribamar Fiquene				
10. Porto Franco				
11. Campestre do Maranhão				
12. Lageado Novo				
13. São João do Paraíso				
14. Estreito				
URE IX – ITAPECURU-MIRIM	Farol	Ano	Esc. Municipais	Esc. Estaduais
1. Itapecuru-Mirim				
2. Anajatuba				
3. Miranda do Norte				
4. Vargem Grande				
5. Presidente Vargas				
6. Nina Rodrigues				
7. São Benedito do Rio Preto				
8. Belágua				
9. Urbano Santos				
10. Matões do Norte				
11. Cantanhede				

12. Pirapemas				
URE X – PEDREIRAS	Farol	Ano	Esc. Municipais	Esc. Estaduais
1. Pedreiras				
2. Lima Campos				
3. Trizidela do Vale				
4. Bernardo do Mearim				
5. Igarapé Grande				
6. Lago dos Rodrigues				
7. Lago do Junco				
8. Lago da Pedra				
9. Poção de Pedras				
10. Esperantinópolis				
11. São Raimundo Doca Bezerra				
12. São Roberto				
13. Lagoa Grande do Maranhão				
URE XI – PINHEIRO	Farol	Ano	Esc. Municipais	Esc. Estaduais
1. Pinheiro				
2. Cururupu				
3. Bacuri				
4. Apicum-Açu				
5. Mirinzal				
6. Serrano do Maranhão				
7. Porto Rico do Maranhão				
8. Cedral				
9. Guimarães				
10. Central do Maranhão				
11. Santa Helena				
12. Turilândia				
13. Turiaçu				
14. Bequimão				
15. Pedro do Rosário				
16. Presidente Sarney				
17. Peri-Mirim				
URE XII – PRESIDENTE DUTRA	Farol	Ano	Esc. Municipais	Esc. Estaduais
1. Presidente Dutra				
2. Senador Alexandre Costa				
3. Governador Eugênio Barros				

4. São José dos Basílios				
5. Dom Pedro				
6. Joselândia				
7. Governador Archer				
8. Gonçalves Dias				
9. Santo Antônio dos Lopes				
10. Capinzal do Norte				
11. Fortuna				
12. São Domingos				
13. Governador Luís Rocha				
14. Graça Aranha				
15. Santa Filomena				
URE XIII – ROSÁRIO	Farol	Ano	Esc. Municipais	Esc. Estaduais
1. Rosário				
2. Bacabeira				
3. Axixá				
4. Presidente Juscelino				
5. Cachoeira Grande				
6. Morros				
7. Icatu				
8. Humberto de Campos				
9. Primeira Cruz				
10. Santo Amaro				
11. Santa Rita				
12. Barreirinhas				
URE XIV – SÃO JOÃO DOS PATOS	Farol	Ano	Esc. Municipais	Esc. Estaduais
1. São João dos Patos				
2. Sucupira do Riachão				
3. Pastos Bons				
4. Nova Iorque				
5. Sucupira do Norte				
6. Paraibano				
7. Passagem Franca				
8. Colinas				
9. Mirador				
10. Buriti Bravo				

11. Jatobá				
12. São Domingos do Azeitão				
13. Benedito Leite				
URE XV – SANTA INÊS	Farol	Ano	Esc. Municipais	Esc. Estaduais
1. Santa Inês				
2. Igarapé do Meio				
3. Monção				
4. Bela Vista do Maranhão				
5. Pindaré				
6. Tufilândia				
7. Pio XII				
8. Satubinha				
9. Bom Jardim				
10. São João do Caru				
11. Santa Luzia				
12. Alto Alegre do Pindaré				
URE XVI – TIMON	Farol	Ano	Esc. Municipais	Esc. Estaduais
1. Barão de Grajaú				
2. Lagoa do Mato				
3. Matões				
4. São Francisco do Maranhão				
5. Parnarama				
6. Timon				
URE XVII – VIANA	Farol	Ano	Esc. Municipais	Esc. Estaduais
1. Arari				
2. Bacurituba				
3. Cajapió				
4. Cajari				
5. Matinha				
6. Olinda Nova do Maranhão				
7. Palmeirândia				
8. Penalva				
9. São Bento				
10. São João Batista				
11. São Vicente de Ferrer				
12. Viana				
URE XVIII – ZÉ DOCA	Farol	Ano	Esc. Municipais	Esc. Estaduais
1. Zé Doca				
2. Centro do Guilherme				
3. Presidente Médice				
4. Santa Luzia do Paruá				

5. Nova Olinda do Maranhão				
6. Araguaã				
7. Governador Newton Bello				
8. Carutapera				
9. Luís Domingues				
10. Godofredo Viana				
11. Cândido Mendes				
12. Amapá do Maranhão				
13. Boa Vista do Gurupi				
14. Junco do Maranhão				
15. Maracaçumé				
16. Centro Novo do Maranhão				
17. Governador Nunes Freire				
18. Maranhãozinho				
URE XIX – SÃO LUÍS	Farol	Ano	Esc. Municipais	Esc. Estaduais
1. Alcântara				
2. Paço do Lumiar				
3. Raposa				
4. São José de Ribamar				
5. São Luis				

7.0 EXPECTATIVAS DO FAROL DA EDUCAÇÃO

7.1 Qual a sua avaliação em relação ao funcionamento do Farol?

() ótimo () bom () regular () ruim

7.2 O Farol continua a atingir seu objetivo de auxiliar as bibliotecas escolares?

() Sim () Não

Se a resposta for negativa, explique o motivo _____

7.3 Você gostaria de acrescentar mais alguma informação que considere importante?

ANEXO 8 - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO DOS/AS PARTICIPANTES DA PESQUISA

Você está convidado(a) a participar da pesquisa de doutorado sobre as bibliotecas Farol da Educação da Unidade Regional de Codó/Maranhão, realizada pela pesquisadora Cristiane Dias Martins da Costa, aluna do Programa de Pós-Graduação em Educação Conhecimento e Inclusão Social da Faculdade de Educação da UFMG, orientanda da Prof.^a Dr.^a Maria Aparecida Paiva Soares dos Santos (e-mail: paiva.aparecida@gmail.com)

A pesquisa tem como tema central analisar o papel das bibliotecas Farol da Educação na formação de leitores. Desta forma, é objetivo mais amplo desta pesquisa buscar entender as práticas de leitura que acontecem nesses estabelecimentos e de que maneira podem interferir na relação dos usuários com a leitura.

Para realizar essa investigação, primeiramente foi feito um levantamento de todos os municípios do Maranhão que possuem os faróis para no segundo momento, analisar práticas de leitura que acontecem nos faróis da Unidade Regional de Educação de Codó. Esta investigação utilizará para coleta de dados entrevistas semi-estruturadas, visitas aos faróis (com o intuito de estabelecer conversas sobre o funcionamento geral do estabelecimento), observações e registros dos contatos ocorridos durante a pesquisa de campo. As entrevistas serão devidamente gravadas e transcritas.

Os dados coletados na pesquisa e as informações obtidas nas suas diferentes etapas, além de compor o texto do relatório da pesquisa a ser realizado, poderão ser utilizados pela pesquisadora para a escrita da tese de doutorado e para diferentes artigos e trabalhos científicos, assim como apresentação em seminários, palestras e conferências. Estes também poderão ser encaminhados para publicação em periódicos da área da educação e das ciências.

Os/as participantes da pesquisa o fazem por vontade espontânea, e são livres para, a qualquer momento que desejarem e em qualquer fase da pesquisa, recusarem a participar ou retirar seu consentimento de participação, sem qualquer prejuízo aos mesmos e à pesquisadora. Podem também requerer, em qualquer momento, as transcrições das entrevistas e os relatórios parcial e total do trabalho.

O sigilo e a privacidade dos nomes dos entrevistados e demais informações que possam vir a revelar a sua identidade serão preservados pela pesquisadora Cristiane Dias Martins da Costa. A pesquisa realizada não acarreta nenhum risco físico e nem dano moral àqueles que dela participarem.

Caso surjam quaisquer problemas, além de contactar a pesquisadora Cristiane Dias Martins da Costa, (tel. 98-81041313 e-mail: crisdmc@gmail.com), os participantes poderão também entrar em contato com o Comitê de Ética da UFMG: Av. Antônio Carlos, 6627, Unidade Administrativa II - 2º andar - Sala 2005- Campus Pampulha - Belo Horizonte, MG - Brasil – CEP: 31270-901 - telefax: 3409-4592, e-mail: coep@prpq.ufmg.br.

Eu, _____, Carteira de Identidade no _____, Telefone _____ declaro, que li esse documento e sinto-me esclarecido/a participar da pesquisa, dando o meu consentimento livre e esclarecido.

ASSINATURA: _____

DATA: _____